

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luzia Maria de Oliveira Sena

Dançando para Deus

Música e dança a serviço da fé nas cristotecas católicas

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo – SP

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luzia Maria de Oliveira Sena

Dançando para Deus

Música e dança a serviço da fé nas cristotecas católicas

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Doutor Silas Guerriero.

São Paulo – SP

2011

Banca Examinadora:

Para onde caminha essa humanidade
que se renova continuamente sobre a face da terra?

Tiago Alberione

Dedicatória

A Maria Regina e Luiz Bernardino de Sena,
meus pais (em memória).

Agradecimentos

À Pia Sociedade Filhas de São Paulo,
pela oportunidade oferecida para esse estudo e formação pessoal
e por todos os recursos dispensados para isso.

Às minhas irmãs, especialmente, da Comunidade Divino Mestre, da Comep
e da Equipe do Editorial Paulinas, aos colaboradores desta equipe,
pelo apoio, incentivo, compreensão e colaboração em suprir, algumas
vezes, as minhas ausências para que eu pudesse me dedicar a este trabalho.

A Flávia Jeane Vitorino, pela oportunidade que me deu
de participar de shows e eventos musicais, tão necessários à nossa
pesquisa, e a Albina Paludo, por ter me facilitado
o acesso a uma ampla bibliografia.

Ao DJ Léo Guimarães e aos membros da Comunidade Aliança de
Misericórdia, especialmente, Pedro, Júlio, Uiara, Jamile e Rafael, pela
disponibilidade com que se dispuseram em nos ajudar nas entrevistas, e pela
acolhida em sua comunidade, em Parada de Taipas, na capital paulistana.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião
desta Universidade, pela amizade e pelo interesse em colaborar
para o bom êxito desta pesquisa.

Um agradecimento especial ao professor Dr. Silas Guerriero, pela sua
orientação competente e segura, pelo estímulo, pela dedicação e pela amizade.

Resumo: Esta pesquisa tem como objeto de estudo as baladas católicas, denominadas cristotecas, promovidas desde 2003 pelo Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia, na cidade de São Paulo. Visa conhecer a origem, os objetivos, a estrutura organizativa das cristotecas, as motivações dos jovens que delas participam e a influência destas baladas na vida desses jovens. As cristotecas são analisadas a partir da sua inserção num contexto mais amplo, configurado pelas mudanças socioculturais por que passam as sociedades modernas contemporâneas, cujas transformações incidem sobre o campo religioso, suscitando novas formas de organização e expressões religiosas. O foco da investigação tem por objetivo verificar como a música e a dança – presentes no decorrer da história da humanidade com finalidade religiosa – são utilizadas nas cristotecas, não apenas como um meio de lazer e entretenimento para a juventude, mas, especialmente, como uma estratégia de evangelização: atrair os jovens, proporcionar-lhes uma experiência religiosa, um encontro com Deus, e trazê-los para o convívio da Igreja Católica.

Palavras-chave: catolicismo carismático, experiência religiosa, juventude, música e dança religiosas, novas comunidades e novos movimentos eclesiais.

Abstract: The subject of this research is to analyze the catholic parties called “crisotecas”, promoted since 2003 by the group “Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia”, in São Paulo city. It aims to know the origin, the objectives, the organizative structure of the “crisotecas”, as well as the intents of the young people who take part of them and the influence of these parties over the youth. The “crisotecas” are analysed from the point of view of their inclusion in a wider context, configured by social and cultural changes the modern contemporary societies are passing over, whose transformations fall over the religious field and rouse new forms of organization and religious expressions. The focus of the investigation aims to verify how the music and the dance – both coexisting along the human existence with religious purposes – are used by the “crisoteca” not only for youth’s leisure and entertainment, but specially as an strategy of evangelization: to attract the young people, to provide them a religious experience and an encounter with God, and to bring them to the Catholic Church communitarian convivial.

Keywords: Charismatic Catholicism, religious experience, youth, religious music and dance, new communities and new ecclesial movements.

Siglas

AA	Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o apostolado dos leigos
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CFCCCCF	Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONCCLAT	Conselho Carismático Católico Latino-Americano
DJ	Disk Jokey
ECCLA	Encontro Carismático Católico Latino-Americano
EDUC	Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
EN	Evangelii Nuntiandi . Exortação Apostólica sobre a Evangelização no mundo contemporâneo
GS	Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo contemporâneo
ICCRS	International Catholic Charismatic Renewal Services
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHU	Instituto Humanitas Unisinos
JAC	Juventude Agrária Católica
JAM	Jovens da Aliança de Misericórdia
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
ONU	Organização das Nações Unidas

PNAD	Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios
RCC	Renovação Carismática Católica
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SOTER	Sociedade de Teologia e Ciências da Religião
UR	Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo
TLC	Treinamento de Liderança Cristã

Sumário

Introdução	14
Capítulo I Experiência religiosa através da música e da dança	27
1.1. Música e dança na experiência religiosa	27
1.1.1. Tradições musicais da Mesopotâmia e do Egito	28
1.1.2. O deus dançante do hinduísmo	30
1.1.3. Música e dança religiosas dos hebreus	31
1.1.4. Dança e música: presentes dos deuses gregos	33
1.1.5. Música e dança no contexto cristão	34
1.1.6. Música e dança nos rituais dos povos indígenas	38
1.1.7. Música e dança nas religiões afro-brasileiras	40
1.1.8. A música gospel: no limiar de um novo tempo	41
1.2. Música e dança em novos tempos	46
1.2.1. Música e dança nas culturas juvenis	53
1.2.2. Da discoteca à cristoteca	56
1.2.3. Origem da cristoteca	58
1.2.4. O espaço da cristoteca: entre o sagrado e o profano	60
1.2.5. A estrutura organizacional da cristoteca	62
Capítulo II Novos movimentos e novas comunidades eclesiais	68
2.1. O cenário religioso no contexto da sociedade contemporânea	68
2.1.1. O cenário religioso brasileiro	73
2.1.2. A Igreja Católica: entre avanços e recuos	77
2.2. A Igreja Católica e os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais	87

2.2.1. A Renovação Carismática Católica	95
2.2.2. As novas Comunidades de Aliança e de Vida	107
2.2.3. O movimento Aliança de Misericórdia	112
Capítulo III Cristoteca: juventude, música, dança e experiência religiosa	125
3.1. Jovens: de quem estamos falando?	129
3.1.1. Os jovens participantes da cristoteca	134
3.1.2. Os jovens organizadores da cristoteca	138
3.2. O que buscam os jovens na cristoteca	145
3.3. Evangelizando através da música	152
3.3.1. Estratégias de evangelização	154
3.3.2. Experiência de Deus	161
3.3.3. Cristoteca itinerante	167
3.3.4. Dançarinos e coereógrafo	170
3.3.5. Bandas e grupos musicais	173
3.3.5.1. Banda Rosa de Saron	174
3.3.5.2. Ceremônia	176
3.3.5.3. Ministério Adoração e Vida	177
3.3.5.4. Electrocristo	180
3.3.6. Os festivais e eventos de música católica	182
3.3.6.1. Hallel	183
3.3.6.2. Summer Beats	186
3.3.6.3. Summer Night	187
3.3.6.4. Troféu Louvemos o Senhor	187
Considerações finais	190
Referências bibliográficas	197

Anexos	211
Letras de música	211
Imagens	221
Questionário da pesquisa	247

Introdução

Dançar ao som frenético de música eletrônica, no agitado ritmo de *rock*, *axé*, *funk*, *hip hop*, *forró*, em danceterias, discotecas e casas noturnas ou em grandes shows como as *raves*, tornou-se uma das expressões características das culturas juvenis nas sociedades contemporâneas. Entretanto, utilizar esses mesmos gêneros musicais, e a dança que os acompanha, em cultos e celebrações ou com objetivos declaradamente religiosos – como acontece na cristoteca – pode causar estranheza, pois, até há pouco tempo, tais gêneros musicais ou danças eram vistos pelas Igrejas – protestantes e católica – como algo do diabo ou, no mínimo, inadequado às pessoas religiosas e aos recintos considerados sagrados.

Mas os tempos mudaram. E a religião também. Na cristoteca católica – a balada santa – centenas de jovens dançam a noite inteira em uma balada que, aparentemente, não difere muito de uma discoteca convencional de um bairro popular da cidade. Porém, quando adentramos o recinto da cristoteca, começamos a perceber que algo diferente acontece ali.

Foi instigada pela curiosidade de conhecer o que é a cristoteca, quem são os jovens que dela participam e o que buscam nessa balada, que escolhemos a cristoteca como objeto desta pesquisa.

Mas como chegamos à opção pela cristoteca?

Nos últimos anos temos dedicado parte significativa da nossa vida à educação e formação de jovens, não trabalhando diretamente com esse segmento juvenil, porém tendo-o como foco das nossas atenções, como editora de publicações destinadas a esse público. Além disso, o nosso trabalho com a formação de professores que atuam na área da educação religiosa do ensino fundamental, cujo alvo são as crianças e os jovens, também nos colocaram em sintonia com esse público. Nessa linha de trabalho, por dez anos (1995-2005), a partir da sua criação, assumimos a direção e a diretoria de redação da **Diálogo** – Revista de Ensino Religioso, destinada à formação dos professores desta área e utilizada também como subsídio pedagógico nas aulas dessa disciplina escolar.

No intuito de manter uma maior aproximação com os jovens, de conhecer o seu universo, as suas expressões culturais e religiosas, suas formas de comunicação e lazer, em 2008, participamos de alguns shows e eventos musicais católicos. Foi então que tomamos conhecimento da cristoteca. A partir desses encontros com os jovens, em suas baladas de final de semana, se descortinou para nós um vasto e interessante campo de pesquisa.

Percebemos como, nesse cenário, juventude, música, dança e religião se inter-relacionam e apontam para novas formas e expressões de vivências religiosas, no seio da Igreja Católica e da sociedade contemporânea em acelerado processo de mudanças, que atingem, em dimensões globais, todos os âmbitos da vida individual e social.

Com o propósito de investigar as questões relacionadas à cristoteca, fizemos um levantamento dos trabalhos acadêmicos produzidos na última década sobre os temas: juventude(s), música, dança, religião e novos movimentos eclesiais católicos. Constatamos que foram realizadas várias pesquisas científicas significativas sobre a juventude brasileira, em âmbito regional e nacional, que resultaram em importantes publicações sobre tema.¹ Outro trabalho que merece destaque é a coletânea de ensaios, de pesquisadores das áreas da Comunicação e Ciências Sociais: **Culturas juvenis no século XXI**.² A obra analisa variados aspectos das multiformes culturas juvenis contemporâneas, retratando essa nova geração, os seus processos de sociabilidade, a questão da violência, do mercado de trabalho, as desigualdades sociais, as representações e práticas em torno da cultura *hip hop*, o consumo do luxo e do lixo cultural, dentre outros. Nessa obra há quatro textos que abordam questões relativas a alguns gêneros musicais

¹ O Instituto Cidadania, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, realizou uma pesquisa nacional intitulada Perfil da Juventude Brasileira, cujos resultados foram analisados na obra **Retratos da Juventude Brasileira**, organizada por Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco, e publicada pela editora Fundação Perseu Abramo, em 2005. Outra publicação dessas duas instituições parceiras é a obra **Juventude e Sociedade** – trabalho, educação, cultura e participação, organizada por Regina Novaes e Paulo Vannuchi, e publicada pela mesma editora, em 2004.

² A obra é organizada por Silvia H. S. Borelli e João Freire Filho e publicada pela EDUC (Editora da Universidade Católica de São Paulo), 2008.

contemporâneos, como o *hip hop*, a música eletrônica e o *rock*. Porém, no que se refere à religião, não existe nenhum aceno sequer nesta obra.

Dentre os poucos estudos acadêmicos sobre a juventude relacionada à religião ou às expressões e manifestações de religiosidade juvenis, temos as pesquisas do professor Jorge Cláudio Ribeiro, da PUC-SP. Entretanto, este professor trabalha com um público jovem bem específico, ou seja, jovens universitários. A antropóloga Regina Novaes é uma das poucas cientistas sociais que, ao estudar a juventude, têm dado atenção para a questão religiosa na vida dos jovens, ao lado de outros aspectos como classe social, gênero, raça ou cor, trabalho, lazer etc. Em seu texto: **Juventude, percepção e comportamentos: a religião faz diferença?** (NOVAES, 2008), no qual analisa dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”,³ Novaes chama a atenção para a relevância que, nessa pesquisa, os jovens dão à religião. Segundo esta autora, 15% dos jovens entrevistados – por meio de respostas espontâneas e múltiplas – declararam participar de grupos de jovens, sendo que a grande maioria deles participava de “grupos de Igreja”. Além disso, a pesquisa constatou também: “A religião ocupa um lugar surpreendente entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir não só com os seus pais mas também com os amigos e a sociedade” (NOVAES, 2008:263).

Sobre a relação do jovem com a música – especialmente a música eletrônica – e a dança, destacamos, dentre outros, três trabalhos acadêmicos: a pesquisa etnográfica⁴ do antropólogo Tiago Coutinho Cavalcante, sobre os festivais de música eletrônica, comumente conhecidos como *raves*. Estes festivais acontecem ao ar livre, geralmente longe dos centros urbanos. Através da combinação de fatores como estímulos sensoriais e consumo de substâncias psicoativas, os participantes experimentam fortes sensações e são induzidos a um estado particular de euforia e de êxtase comum. Sobre esse mesmo tema,

³ Esta pesquisa ouviu 3.501 jovens de 15 a 24 anos, considerando as diversidades geográficas e as diferenças de renda.

⁴ Dissertação de mestrado em Antropologia, intitulada **O êxtase urbano: símbolo e performances dos festivais de música eletrônica**, defendida em 2005, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ).

porém abordado sob outro enfoque, temos o trabalho de Ivan Paolo de Paris Fontanari, **A rave à margem do Guaíba**: identidade jovem na cena eletrônica de Porto Alegre.⁵ Nesse trabalho o pesquisador tem como foco a relação entre criação, difusão e recepção da música eletrônica e da cultura *rave* entre os jovens de classe média porto-alegrense.

Na área da educação, temos a obra de Juarez Dayrell, **A música entra em cena**: o *rap* e o *funk* na socialização da juventude.⁶ A partir dos grupos de *rap* e *funk* pesquisados na capital mineira, Dayrell discute os processos de socialização vivenciados pelos jovens pobres daquela cidade, analisa suas experiências e práticas culturais e os sentidos que tais práticas adquirem no conjunto dos processos sociais que os constituem como sujeitos sociais.

Nas três pesquisas mencionadas, os temas centrais são juventude, música e dança como expressão ou manifestação da cultural juvenil contemporânea. No trabalho desses autores, não há referências a questões relativas às experiências religiosas dos jovens. Procuramos, então, outras fontes que, na abordagem desses três temas – juventude, música e dança – incluíssem a dimensão religiosa. Nesse campo, tivemos certa dificuldade, pois a bibliografia com esse referencial religioso ainda é bem escassa.

Quanto ao contexto do nosso objeto de pesquisa, ou seja, o campo religioso dos movimentos pentecostais – protestantes e católicos – e dos novos movimentos eclesiais, no contexto da Modernidade contemporânea, o material é abundante, pois muito se têm pesquisado e escrito nas últimas décadas sobre isso. Nesse campo, também podemos encontrar uma produção acadêmica significativa sobre a Renovação Carismática Católica⁷ que, de algum modo, está

⁵ Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2003.

⁶ A obra publicada, em 2005, pela Editora UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), é a sua tese doutoral: **A música entra em cena**: o *rap* e o *funk* na socialização da juventude de Belo Horizonte, defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (SP), em 2001.

⁷ Destacamos as seguintes obras: de Brenda Carranza, **Renovação Carismática Católica** – origens, mudanças e tendências, Aparecida/SP: Santuário, 2000; organizada por esta autora e por Cecília Mariz e Marcelo Camurça, **Novas Comunidades Católicas**,

na base dos novos movimentos e novas comunidades eclesiais católicos nos quais se insere o movimento Aliança de Misericórdia, cujos membros promovem as baladas católicas ou cristotecas, objeto da nossa pesquisa. Porém, no que se refere especificamente a tais baladas e ao público jovem que as frequentam, não encontramos estudos ou publicações nessa área, apenas alguns acenos ou breves referências.⁸

No âmbito protestante, a jornalista e doutora em Ciências da Comunicação Magali do Nascimento Cunha,⁹ tem estudado o cenário evangélico no Brasil, abordando particularmente o lugar das culturas da mídia e do mercado na formação de uma nova expressão cultural religiosa que a autora denomina “cultura gospel”. Utilizando-se das ferramentas oferecidas pelos estudos culturais e pelas ciências da religião, Cunha analisa o lugar da música, do consumo e do entretenimento como mediações do sagrado. Este estudo da cultura *gospel* protestante oferece indicativos importantes para a compreensão de fenômenos similares que estão ocorrendo no meio católico, como por exemplo as baladas católicas chamadas de cristotecas.

No contexto católico, o sociólogo português Joaquim Costa,¹⁰ em sua tese de doutoramento, analisou, na cidade de Braga (Portugal), alguns grupos pertencentes a três movimentos eclesiais católicos de origem transnacional: focolares, carismáticos e neocatecumenais. Em sua pesquisa, Costa invoca a genealogia e as teses de “regresso do religioso” na virada do milênio e no contexto pós-moderno, os “supermercados da fé”, o individualismo religioso, e

Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009; e de Reginaldo Prandi, **Um sopro do Espírito**. São Paulo: EDUSP, 1998.

⁸ Eduardo Gabriel, em sua tese de doutoramento intitulada *Catolicismo carismático brasileiro em Portugal*, defendida na Universidade de São Paulo (SP), em 2010, trabalha a chegada da Canção Nova e do movimento Aliança de Misericórdia em Portugal. No primeiro capítulo da tese, Gabriel tece breves comentários sobre a cristoteca realizada na cidade de São Paulo.

⁹ Magali do Nascimento Cunha. **A Explosão Gospel** – Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil, Rio de Janeiro: Mauad Editora/ Instituto Mysterium, 2007.

¹⁰ Joaquim Costa. **Sociologia dos novos movimentos eclesiais**: focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga, Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 2006.

considera a secularização como um processo pelo qual os indivíduos podem permanecer crentes numa sociedade agnóstica, pois, ao secularizar-se, a sociedade moderna colocou em aberto todas as questões e descarregou na vida privada o problema espiritual do sentido último da existência. Segundo Costa, a religiosidade que emerge neste cenário é feita de soluções individuais de salvação, a partir de ofertas de conversão piedosa promovidas por comunidades de natureza transnacional, em um vai e vem entre a esfera comunitária e a individual, entre a austeridade de tom integrista e a exuberância do culto da comunicação.

A juventude brasileira também tem sido objeto das preocupações e tema de estudo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Numa perspectiva religiosa de cunho pastoral, essa instituição eclesial lançou em 2007 o documento **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**, no qual, a partir de pesquisas realizadas no país, traça de forma sucinta um perfil dos jovens brasileiros e do contexto cultural em que vivem e indica pistas pastorais de ação evangelizadora.

Não resta dúvida quanto à relevância da abordagem da religião como “um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (NOVAES, 2008:263), segundo evidencia Regina Novaes. Entretanto, essa abordagem carece ainda de uma maior atenção dos pesquisadores. O nosso trabalho pretende oferecer uma modesta contribuição nesse sentido, ao se propor estudar as cristotecas católicas, ou seja, a música e a dança como estratégia de evangelização da juventude e como mediação do encontro pessoal com Deus, num campo em que o estudo das expressões religiosas dos jovens ainda é escasso. Em nossa investigação, não conseguimos identificar trabalhos acadêmicos significativos, sobre a música e a dança, com tais objetivos, no âmbito juvenil católico.¹¹

¹¹ Valdevino Rodrigues dos Santos, doutor em Psicologia Social, em sua dissertação de mestrado – **Tempos de exaltação: um estudo sobre a música e a glossolalia na Igreja do Evangelho Quadrangular** –, defendida na Universidade de São Paulo (SP), em 1996 e publicada pela Editora Annablume, em 2002, trabalha a questão da música na experiência

O nosso estudo se justifica ainda mais quando nos colocamos diante do fenômeno dos novos movimentos religiosos – e aqui nos restringimos, propositalmente, aos novos movimentos e às novas comunidades de cunho carismático pentecostal – que surgiram no interior da Igreja Católica nas últimas décadas. Tais movimentos e comunidades têm conseguido congregar um contingente significativo de jovens e motivá-los para assumir, com certa radicalidade, as suas propostas de vida e de atuação na sociedade. Paradoxalmente, têm se apropriado, ressignificado e utilizado como meio de evangelização, determinadas práticas e expressões culturais juvenis consideradas pela Igreja, até recentemente, mundanas, pecaminosas e até diabólicas, como por exemplo certos gêneros musicais como o rock, o *funk*, o forró, dentre outros; como também a dança frenética ao som de música eletrônica nas discotecas.

É nesse contexto que se insere o objeto da nossa pesquisa, ou seja, as cristotecas – as baladas católicas, promovidas desde 2003 pelo movimento e Comunidade Aliança de Misericórdia, na cidade de São Paulo. Embora a cristoteca tenha surgido na capital paulista, nas dependências da “Casa Restaurame”, um dos centros de atividades da Aliança de Misericórdia, já extrapolou o seu ambiente de origem e se espalhou por várias cidades brasileiras, atingindo até mesmo cidades do exterior, como Seixal e Fátima, em Portugal (cf. Anexos, Imagens, 1-19).

Nossa pesquisa, no entanto, se restringe à cristoteca que se realiza na cidade de São Paulo, sob a coordenação da Comunidade Aliança de Misericórdia, pois esta é considerada a “cristoteca-mãe”, da qual emanam os objetivos, as orientações e normas para todas as baladas que usam a denominação de cristoteca, no Brasil e no exterior.

A nossa pesquisa procura responder algumas interrogações que podem ser resumidas basicamente nas seguintes questões: o que são de fato as cristotecas? Quem são os jovens que as frequentam e o que buscam eles nessas baladas religiosas?

religiosa, porém, no ambiente do culto e nos encontros de oração, incluindo aí, toda a comunidade de crentes, adultos e jovens.

Uma suposição preliminar nos leva a pensar que os jovens que participam da cristoteca, vindos das camadas populares da sociedade, buscam ali um espaço de lazer, um ponto de encontro com outros jovens. Entretanto, surge mais uma questão: no contexto de uma sociedade plural, laica e secularizada, por que esses jovens buscam um ambiente marcadamente religioso? É por falta de outras opções ou é a própria dimensão religiosa, que a cristoteca apresenta de forma tão explícita, o atrativo e o elemento motivador da participação dos jovens?

Norteando-nos por essas questões, procuramos desenvolver o nosso trabalho visando, por um lado, conhecer a história da cristoteca, a sua origem, os objetivos proposto pelos seus idealizadores, a estrutura organizativa e as estratégias de evangelização que são utilizadas no evento. E, por outro, buscamos identificar o perfil dos jovens que frequentam a cristoteca, e as motivações que os levam a participar desse tipo de balada.

Para melhor compreender o evento da cristoteca, procuramos situá-la no contexto mais amplo de mudanças que vêm ocorrendo no cenário religioso do Brasil e do mundo, provocadas pelas grandes transformações desencadeadas pela Modernidade em curso nas sociedades contemporâneas. Também procuramos entender a cristoteca inserida no filão histórico de exemplos milenares de utilização da música e da dança como mediação da experiência de Deus ou do sagrado. Para desenvolver esta pesquisa abrangendo esses vários aspectos, organizamos o nosso trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo abordamos a “Experiência religiosa através da música e da dança”, procurando evidenciar como, desde as suas mais remotas origens, o ser humano utiliza a música e a dança para expressar a sua religiosidade, o culto às divindades, as suas crenças em algo transcendente. Nesse sentido, apresentamos a música e a dança nas mais antigas tradições religiosas de povos e civilizações da Antiguidade,¹² como as tradições musicais das religiões da

¹² Este trabalho não visa estudar a música e a dança em toda a sua amplitude enquanto arte e expressão cultural. O foco do nosso trabalho é a música e a dança como expressão religiosa ou enquanto um recurso utilizado com objetivos religiosos. Limitamos o nosso foco de abordagem às religiões das civilizações mesopotâmica, egípcia, grega, e do povo hebreu, pela sua influência e vinculação com a religião cristã, que está intimamente

Mesopotâmia e do Egito, dos hindus, hebreus, gregos e cristãos. Nessa perspectiva, apresentamos também a música e a dança nos rituais de povos indígenas, das religiões afro-brasileiras e, chegando aos tempos atuais, a música *gospel* e o seu foco religioso. Nesse capítulo apontamos ainda para algumas mudanças ocorridas no campo da música. Com o desenvolvimento das civilizações, a música e a dança adquirem novos significados e funções, tornam-se arte, secularizam-se. E, na Modernidade contemporânea, a música e a dança se constituem em uma das mais significativas expressões das culturas juvenis. Surgem então as discotecas, animadas ao som de novos ritmos e instrumentos musicais. É nesse contexto, como uma alternativa às discotecas “profanas”, que surge a cristoteca, cuja origem e estrutura organizacional são descritas nesse capítulo.

Para situar a cristoteca no contexto mais amplo que lhe deu origem, abordamos, no segundo capítulo, “Os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais”, surgidos no interior da Igreja Católica, no contexto de profundas transformações socioculturais desencadeadas pela Modernidade em curso nas sociedades contemporâneas. Tais mudanças, que atingem todas as esferas da vida, individual e social, provocaram mudanças radicais que afetaram as representações e interpretações da realidade, as visões de mundo, o modo de vida das pessoas. Acrescente-se, ainda, a ênfase dada à subjetividade, ao indivíduo livre e autônomo que se afirma cada vez mais, em todos os âmbitos da vida, inclusive no religioso, em uma sociedade plural, laica e secular. Afetadas por essas mudanças, as religiões – e aqui nos referimos mais especificamente ao catolicismo – procuram se reorganizar e encontrar novas formas e estratégias de adaptação aos novos tempos para tentar responder aos desafios e às novas demandas dos seus adeptos. Nessa perspectiva, desenvolvemos neste capítulo as seguintes abordagens: o cenário religioso no contexto da sociedade contemporânea, o cenário religioso brasileiro, a Igreja Católica em seus embates

relacionada ao nosso objeto de estudo. Embora outras religiões possam ter exercido alguma influência, optamos por aquelas cuja incidência foi mais forte e marcante. Em se tratando de música e dança mais recentes, nos restringimos a algumas referências àquelas produzidas no Continente Europeu, devido os seus vínculos com o cristianismo e com o estilo de música ocidental, que estão na base da nossa civilização.

diante da Modernidade, o Concílio Vaticano II, como um passo significativo de aproximação e diálogo com o mundo moderno contemporâneo e as reações contrárias à implementação das propostas conciliares. É nesse contexto que surgem os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais, dentre os quais o movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), iniciado nos Estados Unidos da América, sob forte influência do pentecostalismo *avivalista*, daquele país, e o movimento Aliança de Misericórdia, de cunho carismático, fundado no Brasil. Esses dois movimentos – a RCC e a Aliança de Misericórdia – são o berço da cristoteca.

No terceiro capítulo, que constitui o núcleo da nossa pesquisa, o foco foi direcionado para as seguintes questões: “Cristoteca: juventude, música, dança e experiência religiosa”. Apontamos para o fato de os novos movimentos eclesiais, constituídos em sua maioria por jovens, conseguirem, com mais facilidade que outros segmentos tradicionais da Igreja, se apropriar e ressignificar elementos das culturas juvenis, como a música e a dança, e utilizá-los como instrumentos de evangelização e de mediação da experiência Deus. Através dos dados levantados pela pesquisa empírica, procuramos identificar quem são os jovens participantes da cristoteca e o que buscam nessas baladas. Apresentamos também, a partir dos dados da pesquisa, os jovens organizadores da cristoteca, as suas estratégias de evangelização, os meios que utilizam para atrair os jovens e proporcionar-lhes um encontro pessoal com Deus e, conseqüentemente, um itinerário de vida cristã. Nesse capítulo, recorreremos à fala dos jovens entrevistados – participantes e organizadores da cristoteca – para expressar as motivações de uns, em participar da cristoteca, e as intenções e objetivos de outros, em intermediar o encontro com Deus, através da música e da dança. Apresentamos ainda, nesse capítulo, algumas bandas e grupos musicais católicos cuja importância é fundamental para esses jovens, não apenas pelo fato de animar com suas músicas as baladas, mas sobretudo pelo testemunho que dão de sua experiência de Deus, tornando-se para os demais jovens um convite à mudança de vida. Além das bandas e grupos musicais, evidenciamos alguns festivais e eventos de música católica, como o *Hallel*, o *Summer Beats*, o *Summer Night*, o Troféu Louvemos o Senhor, que têm sido polos de atração de milhares de jovens em torno da música católica. Bandas, grupos musicais, festivais e

eventos de música católica, todos estão interligados em função de um objetivo comum, que é o mesmo da cristoteca: evangelizar através da música e da dança.

Autores de diferentes áreas do conhecimento, tais como, das Ciências Sociais, Ciências da Religião, História da Música, Comunicação Social e Teologia, deram o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento deste trabalho. No que se refere à música, utilizada para fins religiosos, em diferentes contextos socioculturais, especialmente, no período que vai da Antiguidade à Idade Moderna, contamos autores como Roland Candé, Ernest Ficher e Nabor Nunes Filho. Para nos situar no cenário da música moderna contemporânea – marcada por grandes inovações proporcionadas pelas novas tecnologias, que possibilitaram a criação de novos gêneros musicais –, e captar o seu significado para as culturas juvenis hodiernas, contamos com o apoio teórico do psicanalista Jorge Forbes e da cientista social Simone Pereira de Sá, além dos pesquisadores cujos trabalhos (dissertações e teses) foram nomeados no levantamento bibliográfico, nesta Introdução.

Para as questões relativas à juventude e às culturas juvenis, contamos com o apoio de autores que, nos últimos anos, têm se empenhado no estudo dessa temática como, por exemplo, Micael Herschmann, Miriam Abramovay, Luiz Carlos Gil Esteves, Silvia Borelli; e os participantes das análises dos resultados da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira: Regina Novaes, Helena Wendel Abramo, Maria Rita Kehl, Maria Victoria Benevides, Pedro Paulo Martoni Branco, Juarez Dayrell, Paul Singer, dentre outros. Estes autores nos ajudaram, entre outras coisas, a tomar conhecimento do complexo universo da juventude e a entender que, ao falarmos de jovens ou de juventude, estamos trabalhando com um conceito complexo e plural, construído historicamente e culturalmente, estamos nos referindo a uma parcela significativa da população brasileira, que não se define apenas pela faixa etária. Trata-se, antes de tudo, de sujeitos concretos, com posturas e maneiras singulares de expressar e vivenciar o ser jovem, a partir dos diferentes contextos socioculturais de origem ou nos quais vivem. Ao trabalharmos com o segmento jovem participante das cristotecas, os vemos inseridos nesse universo mais amplo da juventude brasileira.

Para compreender as profundas mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea e a sua influência sobre a religião, contamos com o embasamento teórico de autores de diferentes áreas, cada qual evidenciando aspectos específicos da complexa realidade em que vivemos. Dentre eles destacamos: Carlos Alberto Steil, Faustino Teixeira, Pedro Oro, Peter Berger, Wagner Lopez Sanchez (modernidade, pluralismo religioso, secularização); Carlos Rodrigues Brandão (cenário religioso brasileiro), Brenda Carranza, Hugo Assmann, Joaquim Costa, (Novos movimentos e novas comunidades eclesiais, RCC); Edênio Valle, Johannes Röser, João Batista Libanio, José Comblin, José Maria Vigil, Manoel Godoy (Igreja Católica no contexto do Concílio Vaticano II); Magali do Nascimento Cunha (cenário evangélico no Brasil, pentecostalismo, música e cultura *gospel*). Nesse âmbito, destacamos ainda a contribuição da socióloga francesa Daniele Hervieu-Léger, que oferece um instrumental teórico importante de análise da mobilidade e da recomposição religiosa que ocorrem nas sociedades modernas contemporâneas, utilizando para isso as figuras típicas do peregrino e do convertido. O peregrino representa a figura de alguém cuja identidade religiosa está em movimento, em meio à dispersão das crenças e à mobilidade e instabilidade das pertencças religiosas. O convertido é apresentado em tríplice figura: a do indivíduo que muda de religião; a do indivíduo sem nenhum pertencimento religioso que, na sua trajetória de vida, descobre uma religião com a qual se identifica; e a figura do “refiliado”, ou seja, do “convertido do interior”, daquele que descobre a sua identidade religiosa até então ignorada ou vivida minimante de modo puramente formal. Essa abordagem de Hervieu-Léger, sobre a figura do “refiliado”, nos ajudou especialmente na leitura e compreensão do fenômeno de “conversão” ou “avivamento” religioso vivido pelos participantes de grupos de oração e cristotecas, depois de uma experiência pessoal de Deus.

Como metodologia de trabalho, conjugamos o teórico e o empírico, combinando a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. No trabalho de campo optamos pela pesquisa qualitativa, aplicando alguns métodos, tais como o registro de observações, a partir das minhas participações nas cristotecas e nos eventos musicais; entrevistas abertas, individuais e grupais, feitas através de questionários respondidos por escrito, e de entrevistas gravadas em aparelho digital. Foram entrevistados 12 participantes da cristoteca (7 rapazes e 5 moças)

e 5 jovens membros da equipe de coordenação e animação do evento, e um *DJ*, num total de 18 entrevistados.

As entrevistas foram feitas em dias e lugares diferentes. Algumas entrevistas foram realizadas no sábado à noite, pouco antes do seu início da cristoteca, com jovens participantes da balada e também com os jovens – moças e rapazes – dançarinos e coreógrafos, membros da Comunidade Aliança de Misericórdia. Nas entrevistas com os jovens participantes da cristoteca, empregamos duas modalidades: para alguns jovens usamos um questionário que foi respondido individualmente, por escrito; para outros, fizemos entrevistas com gravação digital. Estas foram realizadas em duplas ou em grupo, porém as respostas foram dadas individualmente. As entrevistas com os organizadores da cristoteca, incluindo dançarinos e coreógrafos, e o *DJ* foram todas gravadas, inclusive em dias e lugares diferentes. A comunidade onde residem alguns dos jovens que organizam e coordenam a cristoteca foi um desses lugares. Para as entrevistas gravadas, embora tivéssemos um roteiro pré-estabelecido, outras questões eram incluídas, dado o clima informal e espontâneo em que elas ocorriam. A pesquisa qualitativa, com perguntas abertas, possibilitou aos entrevistados maior liberdade para se expressar e expor a sua opinião, motivações, percepções, vivências e sentimentos.

Sendo a internet um meio amplamente usado por esses jovens envolvidos com a cristoteca, não apenas para troca de informações e divulgação de eventos, mas principalmente como espaço de encontro, partilha e comunicação de experiências de fé e de vida, utilizamos também nesta pesquisa, além de algumas informações, depoimentos e testemunhos veiculados nesse espaço midiático, especialmente nos sites da Comunidade Aliança de Misericórdia e no da cristoteca.

Com os dados resultantes desta pesquisa, apresentados no terceiro capítulo deste trabalho, tentamos responder, ao menos de forma parcial e provisória, às questões que havíamos colocado: O que são as cristotecas? Quem são os jovens que as frequentam? E o que buscam eles nessas baladas religiosas?

Capítulo I

Experiência religiosa através da música e da dança

1.1. Música e dança na experiência religiosa

A música e a dança estão entre as mais antigas manifestações artísticas da humanidade. A sua história se confunde com a do desenvolvimento do ser humano e das civilizações. Contudo, a origem da música e da dança não pode ser estabelecida com exatidão, nem é possível precisar a época do seu aparecimento. Referindo-se à música, Candé (2001:45) afirma que “nenhum dado científico permite estabelecer, nem mesmo aproximadamente, a ordem dos fenômenos musicais. A própria origem do homem é incerta. Cada nova descoberta modifica as avaliações cronológicas”. Por exemplo, não é possível precisar se a música vocal surgiu antes ou depois da percussão corporal – produção de sons com batidas no próprio corpo –, ou das batidas com bastão. No entanto, podemos presumir que, desde muito cedo, o homem descobriu os sons do ambiente que o cercava: o rumorejar das ondas, das cascatas ou dos riachos sobre as pedras, o uivo do vento entre as vegetações, o reboar dos trovões; aprendeu a distinguir o timbre característico das vozes dos animais: o grito, o berro, o pio, o grasnar; aprendeu também a expressar suas emoções através de gestos e sons, a se comunicar através de sinais sonoros e movimentos ritmados. Mas apenas a partir do momento quando o homem começou a produzir sons intencionalmente, e com certa harmonia, e a criar instrumentos sonoros, é que se pode falar propriamente de música.

É somente através do estudo de sítios arqueológicos, de fragmentos e de vestígios de pinturas rupestres encontradas em cavernas, apresentando figuras que parecem cantar, dançar ou tocar instrumentos, que podemos ter uma ideia do desenvolvimento da música nos primeiros agrupamentos humanos.

Para Candé (2001), a música na Antiguidade só nos é conhecida pela iconografia e por vestígios de instrumentos, cuja datação nem sempre é fácil de estabelecer com precisão. Um dos primeiros testemunhos de atividade musical de que dispomos, segundo esse historiador, data do período Neolítico. Trata-se de

uma gravura rupestre representando um tocador de flauta ou de arco musical (gruta de Trois Frères, Ariège, cerca de 10.000 a.C.). Ainda conforme esse autor,

os testemunhos mais antigos de civilizações musicais refinadas remontam a mais de seis mil anos e temos de pensar que as origens da música são mais remotas. Pela iconografia, pelos vestígios de instrumentos, pelos relatos lendários ou pela tradição filosófica, sabemos quais eram as funções e as condições de seu desenvolvimento desde a mais alta Antiguidade, principalmente na Ásia Menor, no Egito, na China, e na Índia (2001:21).

Através desses testemunhos de que fala Candé, podem-se encontrar vestígios de que o homem utilizava a música, e também a dança, nas cerimônias e rituais de encorajamento para a caça e para a guerra, de evocação das forças da natureza, em rituais de cura, em jogos e celebrações festivas, no culto aos mortos. Portanto, associava de alguma forma a dança e a música com a magia, a religião, a terapêutica, a política, o jogo e o prazer.

Segundo Zimmermann (2007), desde a época mais remota, o canto foi empregado quase sempre unido à dança, não apenas como forma de divertimento, mas também como rito religioso, com o intuito de atrair a proteção divina ou de afastar os maus espíritos. Por isso, a música, unida à dança, era considerada pelos povos antigos como algo sagrado. E com o passar do tempo, da pré-história à atualidade, não perdeu o seu caráter mágico e místico:

Com a linguagem musical, ainda muito rude e primitiva, o homem pré-histórico acreditava que afastava os maus espíritos, as doenças e até a morte; vencia as tempestades, os raios; obtinha a chuva e a fertilidade da terra. Esta magia do som, porém, ainda não acabou. Conserva-se, em grande parte, até hoje. Os povos continuam a entoar cantos para pedir o aumento da produção da terra e a conservação da saúde; continuam a fazer procissões para implorar a chuva que não vem (ZIMMERMANN, 2007:8).

1.1.1. Tradições musicais da Mesopotâmia e do Egito

Estudando as grandes civilizações mundiais, na perspectiva da história da música, Candé (2001) traz uma contribuição significativa para o nosso trabalho ao apontar para a relação entre música e religião nas grandes civilizações da Antiguidade. As mais antigas tradições musicais, para este historiador, são

provavelmente as da Mesopotâmia, do Egito e da China, cujos primeiros testemunhos escritos, registros pictóricos e textos musicais que chegaram até nós datam do quarto milênio a.C. Lembramos que durante alguns milênios, a Ásia ocidental foi um importante foco de cultura, provavelmente o primeiro. Os habitantes dessa parte do planeta eram bastante desenvolvidos em várias dimensões do conhecimento e da atividade humana, dentre as quais destacamos: o surgimento precoce da pedra polida, a cultura de cereais, a criação de carneiros, a produção de cerâmica, a escrita, a metalurgia, o urbanismo, a canalização de água. Há seis mil anos, a região da Mesopotâmia já abrigava uma civilização bem desenvolvida e próspera. É nessa região, precisamente no vale do Eufrates, que encontramos os sumérios, um povo muito desenvolvido, possuidor de uma antiga e rica cultura, que foi assimilada pelos povos semitas quando das primeiras infiltrações destes povos na região mesopotâmica, por volta do ano 2900 a.C., quando fundam os impérios de Sumer e Akkar. Anos mais tarde, quando se constituem os dois grandes impérios rivais de Assur e Babilônia (aproximadamente no ano 2000 a.C.), será ainda a cultura suméria a base para a nova civilização.

Ainda segundo Candé,

a música desempenhava um papel capital nos ritos solenes ou familiares de Sumer [...]. A recente descoberta de três tábulas babilônicas (séculos XVIII a XV a.C.) atesta uma teoria elaboradíssima. Além disso, os instrumentos recolhidos nas escavações do cemitério real de Ur e as representações de cenas musicais revelam-nos uma arte refinada que fazia uso de flauta de prata e de cana, da harpa, da lira (de cinco a onze cordas), de um alaúde de braço comprido, [...] de címbalos (CANDÉ, 2001:55).

A iconografia dessas regiões é rica em representações de instrumentos musicais e de práticas relacionadas à música, associadas a aspectos religiosos da vida desses povos. A cultura sumeriana, que floresceu na bacia mesopotâmica há milênios antes da era cristã, incluía hinos e cantos salmodiados em seus ritos litúrgicos, cuja influência é perceptível nas sociedades babilônica, caldeia e judaica, que se assentaram posteriormente nas áreas geográficas circundantes.

Também o Egito atingiu alto grau de expressividade artística e musical. Supõe-se que a civilização musical egípcia seja contemporânea à da Mesopotâmia. De diferentes épocas da história, temos importantes obras de arte representando cenas, instrumentos ou atividades musicais: do quinto milênio, a estatueta de uma dançarina; do Antigo Império (2635 a 2060), um relevo mural retrata alguns cantores, um harpista, um tocador de flauta longa, que evoca uma música doce e refinada; e numerosas figurações coreográficas com inscrições sobre danças que eram executadas para os faraós. O mais antigo documento musical do período histórico é uma placa de xisto esculpida representando dançarinos mascarados tocando flauta (3500 a.C.). Graças à quantidade de esculturas, baixo-relevos, estelas e afrescos encontrados em templos e túmulos egípcios, podemos hoje reconstruir com relativa precisão o desenvolvimento dos instrumentos musicais e o uso da música e da dança na civilização egípcia.

1.1.2. O deus dançante do hinduísmo

Ao abordar a questão da música na primeira civilização sedentária capaz de promover uma tradição musical, no vale do Indo, cujo florescimento ocorre entre 2500 e 1500 a.C., Candé (2001) menciona os hinos védicos (a partir de 1300 a.C.), os quais fazem referência a um passado remoto e a uma lenda segundo a qual, seis mil anos antes da nossa era, o deus Shiva teria ensinado a música aos seres humanos. Por volta do ano 300 a.C., os historiadores de Alexandre Magno, em visita ao norte da Índia, se referem a essa lenda, porém, confundem o deus Shiva com Dioniso, o deus grego da festa, do vinho e do lazer.

Shiva – o terceiro deus da trindade hindu, ou *trimurti*, junto com Vishnu e Brahma – é representado como um dançarino. Na religião da Índia, o hinduísmo, Shiva é o deus da criação e da destruição, ou seja, dos ciclos da natureza. Sua dança simboliza os ciclos de vida e morte que regem o universo. É o Senhor da dança original, em sânscrito *Nataraja*. Cercado por um círculo de fogo, conforme ele dança reconcilia todas as forças opostas, transformando-as em uma unidade fundamental. Em uma das mãos, Shiva – o deus dançante – segura um tambor, em forma de ampulheta, que representa o som da criação do universo, pois no hinduísmo o universo emerge do som de uma sílaba: *om*. Com o som do tambor,

Shiva marca o compasso de sua dança, o ritmo cósmico e o fluir do tempo. Na outra mão segura a chama da destruição. A batida do tambor é a síntese de uma nova criação (BROWKER, 1997:8-23).

Em outras lendas sobre a expressiva e variada música da Índia, narra-se que os deuses teriam revelado a música aos antigos sábios e estes a teriam transmitido aos humanos. Krishna, encarnação do deus Vishnu, tocava flauta; e Shiva teria ensinado os seres humanos a dançar e tocar instrumentos musicais (CANDÉ, 2001:130).

Nesse campo da música, o mantra – formado por uma única sílaba ou por um breve verso em sânscrito – é muito importante na experiência religiosa dos povos da Índia. Para o hindu, o mantra é a divindade em forma de vibração sonora. Assim como as imagens são representações formais das divindades, os mantras são suas representações sonoras. Segundo as escrituras védicas, o *OM* ou *AUM* é o som mais sagrado, a vibração sonora cósmica primordial da qual toda a criação surgiu, é uma sílaba mística, o mantra original, a semente de todos os mantras e orações. A contínua repetição do mantra reforça os seus efeitos e benefícios, ou seja, age sobre o espírito do praticante suscitando nele um estado de profunda paz interior e de iluminação mística, principalmente se combinada com as *pranayamas* ou técnicas respiratórias.

Os mantras, nascidos na Índia, foram adotados por outras religiões, como o taoismo, o budismo, em suas várias linhagens, que usam essas frases rítmicas em suas meditações e orações. Na linguagem corrente, a palavra “mantra” é usada para designar a repetição de uma palavra ou frase breve que leva a um estado de meditação e interiorização. Nesta acepção, é utilizada também no cristianismo, pela Igreja Católica, como repetição de uma palavra ou de um breve texto bíblico, geralmente cantado.

1.1.3. Música e dança religiosas dos hebreus

Para o povo hebreu, posteriormente também chamado de Israel, a música exerceu um papel importante, especialmente como expressão da sua fé em um único Deus – Iahweh. A história desse povo tem início por volta do ano 1800 a.C. com Abraão, que parte da cidade de Ur, na Caldeia, em direção à terra de Canaã.

Provavelmente, as tribos nômades dos descendentes de Abraão foram fortemente marcadas pela civilização sumeriana, que lhes transmitiu as ricas culturas musicais da Mesopotâmia. Foi esse valioso patrimônio cultural, enriquecido pela influência egípcia, que o povo hebreu, liderado por Moisés, introduziu em Canaã depois da fuga do Egito, aproximadamente no ano 1200 a.C. Porém, uma tradição musical própria e original se constitui, provavelmente, a partir do reinado de Davi (1000 a 964 a.C.).

A Bíblia é uma importante fonte de documentação sobre a música, a dança e a variedade de instrumentos musicais utilizados em várias comemorações da vida familiar, nacional e religiosa do povo de Israel. Citaremos alguns exemplos, nos limitando mais especificamente ao aspecto religioso.

Depois de atravessar o Mar Vermelho, durante a fuga (êxodo) do Egito, Moisés e os israelitas entoam um canto a lahweh (Ex 15,1-17) que os fizera caminhar a pé enxuto pelo meio do mar, enquanto os cavalos e cavaleiros do Faraó afogaram-se no mar. Em sequência ao hino, o texto diz:

Maria, a profetisa, irmã de Aarão, tomou na mão um tamborim e todas as mulheres a seguiram com tamborins, formando coros de dança. E Maria lhes entoava: “Cantai a lahweh, pois de glória se vestiu; ele jogou no mar cavalo e cavaleiro” (Ex 15,20-21).

Outro texto significativo se refere ao translado da Arca da Aliança, “sobre a qual é invocado o nome de Deus”, para Jerusalém, a Cidade de Davi:

Davi e toda a casa de Israel dançavam diante de lahweh ao som de todos os instrumentos de madeira de ciprestes, das cítaras, das harpas, dos tamborins, dos pandeiros e dos címbalos.

[...] Davi rodopiava com todas as suas forças diante de lahweh; [...] Aconteceu que, entrando a Arca da Aliança na Cidade de Davi, a filha de Saul, Micol, olhava pela janela e viu o rei Davi saltando e dançando diante de lahweh (2Sm 6,5.14.16).

O livro dos Salmos – coletânea de 150 hinos religiosos, cantados e rezados em diferentes momentos da vida sócio-político-religiosa do povo – demonstra como a dança, o canto e os instrumentos musicais estiveram associados às celebrações religiosas e ao culto ao Deus de Israel:

Cantai a lahweh um cântico novo, [...]
 Louvem seu nome com danças,
 toquem para ele cítaras e tambor! (Sl 149,1.3).

Louvai a Deus em seu templo, [...]
 louvai-o com toque de trombetas,
 louvai-o com harpa;
 louvai-o com dança e tambor,
 louvai-o com cordas e flautas;
 louvai-o com címbalos sonoros,
 louvai-o com címbalos retumbantes! (Sl 150,1.3-5).

1.1.4. Dança e música: presentes dos deuses gregos

Os gregos, como outros povos antigos, atribuíam a sua música aos deuses. Para eles a música era um fenômeno de origem divina ligado à magia e a mitologia. A própria palavra música, etimologicamente, vem do grego *mousiké*, que significa a “arte das musas” – as deusas da música. Esta arte abrangia também, de algum modo, a dança e a poesia. Os poemas eram recitados ao som de instrumentos musicais, principalmente da lira, daí a denominação “lírica” para esse gênero poético. Associada ao universo divino, a música era usada nos rituais religiosos, nos jogos olímpicos, nas festas cívicas e em atividades de lazer. Os textos – *Ilíada* e *Odisseia* – do lendário poeta épico da Grécia Antiga Homero (cerca dos séculos VIII-VII a.C.), fazem numerosas alusões ao uso da música nas várias circunstâncias da vida do povo. As tragédias gregas, que eram inteiramente cantadas, marcaram o ápice da civilização helênica, aproximadamente entre o século VI e o século IV a.C.

Talvez o aspecto mais significativo seja o fato de que, com os gregos, a música adquire o estatuto de arte através de teorias filosóficas que visavam entender o efeito dos sons e suas combinações, da composição de escalas, notações, modos e noções de harmonia. Assim, na sua composição e execução, a música deveria fazer ecoar a beleza e a ordem perfeita que existe no universo:

É na Grécia que aparecerão pela primeira vez, no nível de uma consciência musical, a ambição de criar e o gosto de escutar. Há milênios, a música visava à eficácia; religiosa, mágica, terapêutica, lisonjeira, militar, ela se dirigia aos deuses

e aos reis, às forças invisíveis e visíveis. Entre os gregos ela se torna arte, maneira de ser e de pensar, revela sua beleza ao primeiro público socialmente consciente (CANDÉ, 2001:66).

A música passa também a ser pensada pelos filósofos (Lasos, Damon, Pitágoras, Platão, Aristóteles, dentre muitos outros) com fins éticos e educativos. Eles procuravam desvendar o significado e a importância da música, os efeitos dos sons e de suas combinações sobre o estado de alma, ou seja, sobre as emoções e a psique humana. Damon propõe a substituição punitiva das leis pela educação dos costumes, propondo o ensino da música como um meio para o crescimento moral. Para os pitagóricos, seria leviano considerar a música como uma simples diversão. “Sua importância exige que uma casta erudita, tendo aprofundado seus segredos, defina o ethos dos modos e dos ritmos, determinando o valor aritmético exato dos intervalos e das relações de duração” (CANDÉ, 2001:73). Para Aristóteles, nisto concordando com Damon, o prazer auditivo deve ser controlado por critérios éticos. O ensino deve formar o gosto, pois a música tem um poder efetivo de produzir nos ouvintes vários estados de espírito. A violação de suas regras poderá desencadear desordens tanto em âmbito pessoal quanto na sociedade como um todo.

A cultura musical grega influenciou todo o Mediterrâneo romano até os primeiros séculos da cristandade. O seu sistema musical tornou-se conhecido através dos escritos de filósofos e teóricos, num período de aproximadamente seis séculos, de Platão até século II da era cristã. Referindo-se a essa influência especificamente sobre a cultura grega, Candé afirma: “Sem dúvida, não houve música latina, mas uma maneira latina de fazer música grega! Com novos nomes, os mesmos instrumentos são dedicados à mesma função” (CANDÉ, 2001:80).

1.1.5. Música e dança no contexto cristão

O nascimento e expansão do cristianismo ocorreram no período e nos territórios sob a dominação do Império Romano (27 a.C.-395). Nascido no seio da religião e da cultura judaica, na Palestina, o cristianismo logo se difundiu por várias regiões do Império Romano, recebendo influências tanto do seu contexto de origem como da cultura greco-romana.

A música fez parte dos cultos cristãos desde os seus primórdios. Como os primeiros cristãos foram judeus, se mantiveram por algum tempo ainda ligados às sinagogas, presentes em várias cidades da Palestina, da Síria e da Ásia Menor, onde se reuniam para rezar e cantar os salmos. Posteriormente, passaram a se reunir nas casas dos próprios fiéis. E, assim, foram transmitindo aos povos evangelizados as suas recitações melódicas impregnadas dos elementos musicais típicos do judaísmo e do helenismo assimilados dessas regiões nas quais estavam inseridos. Esse tipo de música muito simples, utilizada pelos cristãos, recebeu o nome de cantochão. Consistia em orações recitadas com leves inflexões melódicas, sem acompanhamento de instrumentos, em sua primeira fase. Em sua evolução, o cantochão, que em sua origem era monofônico – constituído de única melodia cantada em uníssono –, apresentou algumas variantes com o surgimento de formas polifônicas, em que melodias simultâneas se entrelaçavam. Porém, pressões da Igreja, que exigia o claro entendimento das palavras litúrgicas cantadas pelos coros, levaram a uma simplificação das vozes. A compilação, organização e adaptação desses cantos, promovidas pelo Papa Gregório I, no século VI, deram origem ao chamado canto gregoriano, gênero que predominou no panorama musical da Idade Média europeia e se constituiu no canto oficial da liturgia romana, chegando até os nossos dias.

Nos séculos seguintes, a Igreja, com a sua supremacia cultural e o apoio da poder político, buscou manter a função essencial da música, que era o louvor a Deus, segundo a sua compreensão, e preservar a pureza desta arte considerada essencialmente religiosa. Preocupada com essas questões, todas as outras expressões e formas musicais profanas, criadas ou executadas fora do âmbito e das normas eclesiais, eram reiteradamente condenadas pela Igreja. Também era proibida qualquer iniciativa musical oriunda de pessoas leigas.¹ Com frequência, a Igreja alertava os cristãos sobre os perigos das músicas profanas de

¹ A partir do século IX na Europa medieval, há informações das atividades de trovadores – artistas da corte ou ambulantes – que declamavam ou cantavam poemas em versos, geralmente com o acompanhamento de instrumentos musicais. Como se tratava de um tipo de música mais voltado a temas populares ou à adaptação popular dos temas religiosos, estavam mais libertos das pressões eclesiásticas e por isso, mais propensos a inovações (NUNES FILHO, 1999:17).

entretenimento, sobretudo das canções de mimos, que consistiam em representações lúdicas de textos em prosa ou em verso, em que o ator, através da música, da dança e de mímicas, imitava gestos e comportamentos da vida cotidiana, provocando o riso do público. Essas apresentações faziam muito sucesso e eram muito apreciadas pela população. Contudo, a Igreja opunha-se à livre expressão artística, a tudo que fosse pulsional, gestual, lúdico. Nessas circunstâncias, “a música não é mais a alma da civilização, como na Antiguidade; deixou de ser um entretenimento. Tornou-se monopólio de Roma e dos mosteiros, que possuem sozinhos sua ciência” (CANDÉ, 2001:191). Nesse contexto,

os barulhos animados das músicas populares, de suas percussões, cantos, danças, ruídos e componentes de sensualidade eram tomados como oposição profanadora ao som ascético dos mosteiros. O canto litúrgico católico, na Idade Média, proscreeve como diabólico todo ruído, além de suprimir qualquer plano de manifestação que envolva pulsações e ritmos exteriorizados. A rítmica torna-se então puramente frásica, a serviço da pronúncia melódica do texto litúrgico (RODRIGUES, 2005:112).

Com o canto gregoriano, monofônico, executado por vozes em uníssono, a Igreja Católica procurou disciplinar os corpos e as mentes, reprimir os *demônios* da música enraizados nos ritmos dançantes e nos timbres múltiplos. Para isso,

era preciso evitar sons e intervalos que fossem absorvidos pelos sentidos e traduzidos na forma de excitação corpórea. Em virtude disso é que era proibida a participação de mulheres no canto, pois a voz feminina era de natureza sensual e excitante (NUNES FILHO, 1999:14).

Limitando-nos apenas ao âmbito da tradição cristã europeia, recordamos como a arte, durante séculos, foi cuidadosamente utilizada pela Igreja Católica com objetivo didático-religioso, com a finalidade de inspirar nas pessoas sentimentos e atitudes religiosas, de oração e contemplação. Em quase todo o longo período da Idade Média – num contexto de cristandade – a arte foi utilizada para honrar a Deus e conduzir a humanidade pelos caminhos propostos pela Igreja. Encontramos testemunhos valiosos dessa arte sacra, presentes na arquitetura, escultura, pintura, música. Todas trazem a marca, não apenas do gênio artístico de quem as produziu, mas também da época em que foram

produzidas. Expressam os valores, as contradições, as rupturas, as visões de mundo então vigentes.

No mundo europeu do século XIV, fora do âmbito eclesial, surge uma corrente estética que defende a autonomia da música. A sua beleza justifica-se por si mesma, pela maravilha da sua sonoridade. Assim sendo, a música tem por finalidade proporcionar o deleite, o prazer dos sentidos. Essa estética pleiteia maior liberdade de expressão, novos ritmos, total liberdade temática, não mais derivados do gregoriano.

Nessas circunstâncias, o surgimento de uma música profana totalmente livre provoca estremecimentos nos meios eclesiásticos e, conseqüentemente a condenação da nova música, que rompia com toda uma tradição musical que refreava o lúdico, o sensual, baseada na filosofia neoplatônica adaptada à cultura religiosa medieval.

No final da Idade Média, mais precisamente no período Renascentista (1400-1600), sob a influência do espírito científico da época e também da Reforma Protestante, se desenvolve a música polifônica – conjunto harmônico de instrumentos ou vozes diferentes que soam simultaneamente –, criada a partir das canções populares medievais:

Não tardou e a Igreja passou a queixar-se de que a polifonia tornava inteligíveis as orações cantadas e, o que era pior, que ameaçava incitar as congregações ao emocionalismo e ao prazer. O que se desejava prioritariamente era a canção simples, expressiva (RODRIGUES, 2005:112).

Contudo, a polifonia consagrou-se como a linguagem musical, não apenas do século XVI, mas chegou até os dias atuais como a linguagem mais usada pelos compositores do mundo inteiro. As comunidades cristãs nascidas da Reforma Protestante adotam a polifonia e criam novas formas de música sacra e corais. A Igreja Católica relutou em aceitar a linguagem polifônica, mas acabou por incorporá-la e, aos poucos, a polifonia tornou-se a música predominante nas celebrações litúrgicas.

Surgem, então, novas formas musicais como missas, cantatas e oratórios, culminando com as produções musicais de Johann Sebastian Bach (1685-1750),

Georg Friedrich Händel (1685-1759), Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791). A música religiosa, nos países católicos, chega a seu máximo esplendor.

Nos séculos XVIII e XIX, especialmente a Europa passa por um período econômico próspero, alavancado pelos avanços tecnológicos e pela expansão colonial. Paralelamente, vive sob a efervescência da nova filosofia, o Iluminismo e da Revolução Francesa, que exerceram influências significativas no âmbito político, social e religioso do Ocidente, nos diferentes domínios da vida dos indivíduos e das sociedades, nestes e nos séculos seguintes. Em relação à música e à dança, ocorreu – especialmente durante o século XX – uma acentuada diversificação, inclusive no campo religioso, possibilitando uma profusão de criações musicais, de novas formas, gêneros, técnicas e instrumentos.

1.1.6. Música e dança nos rituais dos povos indígenas

A configuração da matriz religiosa brasileira, além do cristianismo, na sua expressão católica, trazida pelos colonizadores provenientes da Península ibérica (Portugal e Espanha), é constituída pelas religiões oriundas de várias etnias africanas trazidas pelos escravos e as dos grupos indígenas autóctones que aqui já se encontravam.

Os povos indígenas,² nas suas diversificadas culturas, contribuíram em muitos aspectos para a constituição da identidade cultural-religiosa brasileira. Também para esses povos, a música e a dança aparecem como parte integrante e indispensável nos rituais religiosos e celebrações que compõem a cosmovisão indígena.

Embora seja impossível traçar uma visão geral da religião dos povos indígenas do Brasil, dada a grande diversidade cultural destes povos, podemos, entretanto, encontrar inúmeras características religiosas comuns entre eles. Para

² Segundo dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), existem atualmente no território nacional 215 sociedades indígenas diferentes com cerca de 358 mil pessoas, que falam 180 línguas distintas. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm>>. Acesso em: 17 de julho de 2010.

o antropólogo e etnólogo Benedito Prezia,³ os povos Tupi e Guarani foram os que mais marcaram nossa cultura brasileira e nossa religiosidade popular, por terem sido os povos com os quais convivemos por mais tempo. Segundo o antropólogo, no universo indígena não há separação entre o sagrado e o profano. Tudo é sagrado: a natureza, a vida e a morte. Essa cosmovisão em que tudo é sagrado faz com que todas as ações do cotidiano indígena sejam iniciadas com uma oração ou um ritual, pois tudo é visto com um olhar religioso.

Segundo Prezia, o povo Guarani tem uma relação muito estreita com a música e a dança. Corroborando com as afirmações deste antropólogo, o historiador Maurício Fonseca, em seu trabalho com os indígenas, faz a seguinte constatação:

O canto é praticado entre os Guarani desde a mais tenra idade. As mães e as irmãs mais velhas cantam acalanto para as crianças, e as letras destes cânticos referem-se às suas crenças religiosas. Quando as crianças crescem começam a aprender cânticos infantis ensinados pelos mais velhos e cantados em corais. De acordo com as tradições guaranis mais velhas, estes corais fazem parte de uma tradição mais antiga. Eles apresentavam-se nas grandes cerimônias religiosas realizadas durante o *Arapyau* – ano novo guarani –, ou quando uma aldeia visita a outra. Essa tradição se mantém até hoje (FONSECA, 2001:28).

Conforme Fonseca, a prática cotidiana de canto e de dança prepara as crianças para viver integralmente o *Ñande Reko*, ou seja, o modo de ser Guarani neste mundo. Os cantos infantis representam o primeiro contato das crianças com as crenças e valores próprios da religião guarani. A dança – acompanhada de instrumentos musicais, como a rabeca, o chocalho, o tambor – é praticamente cotidiana nas aldeias ao anoitecer. Nos dias de festa, a dança avança durante toda a madrugada até o amanhecer.

Deste modo, através do ritual religioso feito coletivamente com cantos e danças, os povos indígenas legitimam para si mesmos e transmitem para as gerações futuras o seu universo simbólico, a sua cosmovisão, enfim, a sua

³ Benedito Prezia. “O Sagrado nas culturas indígenas”. Disponível em:
<http://indigenouseoplesissues.com/attachments/4582_OSAGRADONASCULTURASINDGENAS.doc> Acesso em: 19 de julho de 2010

religião como expressão de uma sabedoria de vida, uma maneira de ser e de estar no mundo.

1.1.7. Música e dança nas religiões afro-brasileiras

Quanto às religiões de matriz africana, nos referimos, neste trabalho, às duas configurações mais expressivas das religiões afro-brasileiras: o candomblé e a umbanda. Não é nossa intenção tratar das suas peculiaridades e das diferenças entre elas. Interessa-nos constatar que a música e a dança também fazem parte do universo religioso dessas religiões.

A formação das religiões afro-brasileiras seu deu, segundo Berkenbrock, a partir de “sobrevivências religiosas”, ou seja, do que os escravos africanos conseguiram preservar das suas tradições religiosas de origens e com elas construir o seu universo religioso. Portanto, as religiões afro-brasileiras não foram organizadas no Brasil, repetindo a sua organização de origem. Elas são, em muitos aspectos, composições novas que começaram a ser tecidas no final do período de escravidão. Esses novos arranjos foram feitos com a inclusão de elementos das religiões aqui encontradas, como o catolicismo e as religiões dos povos indígenas. Para a umbanda, acrescente-se a inclusão de elementos do espiritismo kardecista.

Os escravos africanos trazidos para o Brasil eram de diferentes etnias, com religiões tribais e de clãs diferentes. Contudo, dentre as características comuns marcantes das religiões de matriz africana – aqui nos referimos especificamente ao candomblé e à umbanda – está o caráter alegre e festivo de suas cerimônias, expresso através do canto, dos toques dos atabaques, das roupas vistosas, da comida, da bebida e da dança.

A música e a dança constituem elementos fundamentais nos quais se apoiam todo o ritual das religiões afro-brasileiras. Como nessas religiões a transmissão do conhecimento e a garantia de autenticidade se dão pela oralidade, os rituais são cantados e dançados, pois os gestos e os sons se constituem em narrativas dos mitos de cada orixá. O canto e a dança trazem a presença do próprio orixá e de sua história.

Os ritmos e as músicas têm a função de abrir e fechar o ritual, além de expressar as características próprias de cada orixá. É neste contexto festivo, com música e dança, que ocorre a experiência religiosa central dessas religiões: o transe. A música tem um efeito desencadeador desse transe ritual, momento solene em que os humanos, em festa, recebem os orixás em sua própria casa, e mais ainda, em seu próprio corpo, pois os orixás precisam de festa, gostam de ser homenageados com música e dança:

É na festa que os orixás vêm à terra, no corpo de suas filhas, com a finalidade de dançar, de brincar no *xiré*, termo que em ioruba significa exatamente isso: “brincar”, “dançar”, “divertir-se”. É através dos gestos, sutis ou vigorosos, dos ritmos efervescentes ou cadenciados, das cantigas que “falam” das ações e dos atributos dos orixás, que o mito é revivido, que o orixá é vivido, como a soma das cores, brilhos, ritmos, cheiros, movimentos, gostos. A vida dos orixás é o principal tema (e a vinda dos orixás é o principal motivo) da festa. Os deuses incorporam seus eleitos e dançam majestosamente: usam roupas brilhantes, ricas, coroas e cetros, espadas e espelhos; são personagens principais do drama religioso (AMARAL, 2002:48).

E, assim, a música e a dança, no universo religioso afro-brasileiro, transcendem o fenômeno acústico e penetram no mundo da motricidade corpórea, tornam-se conhecimento, que não se restringe apenas ao intelecto, mas que passa pela experiência dos sentidos e das emoções, estabelecendo a comunicação entre o mundo dos vivos e o dos espíritos.

1.1.8. A música gospel: no limiar de um novo tempo

O termo *gospel* (“evangelho”, em inglês) tem sua origem nos Estados Unidos da América (EUA), onde é comumente usado para designar a “música religiosa moderna ou a música contemporânea de Igreja”, segundo a jornalista e cientista social Magali do Nascimento Cunha (2007). Sobre isso, e em consonância com o pensamento de Cunha, Márcia Leitão Pinheiro acrescenta:

O vocábulo *gospel* é utilizado, no meio religioso norte-americano, desde o final do século XIX, servindo para distinguir os hinos, cantados nos serviços religiosos dominicais, dos gêneros populares de canções com os quais a comunidade buscava alguma elevação espiritual e demarcação de certa relação comunitária.

Além do aspecto religioso, o *gospel* também possui por característica o entretenimento e faz parte de performances e repertórios de cantores populares. (PINHEIRO, 2009:62)

Nesse sentido, Cunha (2007) esclarece que, na sua origem, o *gospel* não se referia a toda e qualquer música religiosa, mas a um determinado tipo de música surgida em comunidades protestantes negras dos EUA. Ou seja, esse gênero de música tem suas raízes nos *negros spirituals*,⁴ nos quais se baseiam a música negra estadunidense (*blues*, *ragtime*) e as músicas populares do movimento urbano de avivamento⁵ religioso do século XIX. Uma das características desse movimento, dentre outras, é o acento na emoção. As composições das músicas, que eram utilizadas nas reuniões e manifestações religiosas dos grupos avivalistas, refletiam esse traço fortemente emocional.

Referindo-se à música *gospel* no contexto urbano, Cunha (2007) observa que a música *gospel* é resultante de uma mistura de elementos tradicionais protestantes com manifestações da modernidade presentes nas expressões do pentecostalismo reavivado. Nesse sentido, a música *gospel* se inspira mais no movimento *revival*, mais emocional e espontâneo, que na clássica hinologia protestante.

Embora o pioneiro desse gênero de música seja Charles Tindley (1856-1933), é a Thomas Dorsey (1899-1993) que é dada a atribuição de pai da música *gospel*. Filho de um pastor e amante do *blues*, o compositor e arranjador Dorsey, inspirado em Tindley, abandonou a música com letras seculares e começou a

⁴ Segundo Cunha (2007) os *negro spirituals* têm a sua origem na experiência de escravidão dos séculos XVII e XVIII, nos EUA, quando os escravos, nas poucas horas de descanso de que dispunham, ou mesmo ritmando o próprio trabalho na lavoura, dançavam e cantavam em sua língua materna. Os negros convertidos ao cristianismo começaram a adicionar conteúdos religiosos a esses cantos, inspirados nos hinos protestantes, elevando a Deus o seu lamento e as angústias da escravidão, na esperança de tempos melhores. Depois de aprenderem a língua dos seus senhores, passaram a cantar em inglês, o que possibilitou a popularização desse tipo de música.

⁵ Uma primeira etapa do movimento de avivamento ou *revival* ocorreu, nos EUA, no século XVIII, como uma reação ao processo de secularização desencadeado pelo Iluminismo. A segunda etapa que ocorreu no século seguinte foi um movimento urbano de cunho evangelista.

escrever música religiosa, porém em ritmo de *jazz* e *blues*. Segundo informa Cunha,

as lideranças religiosas tradicionalistas reagiram e consideraram esse mistura do sagrado (*spirituals* e hinos) e do secular (*blues* e *jazz*) como “música do demônio” e a rechaçaram. A insistência de Thomas Dorsey de romper as barreiras eclesiásticas e levar adiante a sua criação ganhou adesões e conseguiu propagar suas músicas, o que levou ao surgimento de outros compositores (CUNHA, 2007:28).

A partir da década de 1930, a música *gospel* ganha visibilidade no interior da cultura negra estadunidense e se populariza, especialmente, através das gravadoras comerciais e das estações de rádio, extrapolando assim os muros religiosos tradicionais e os espaços das Igrejas, tornando-se um gênero musical que combina ritmos modernos como, o *pop* e o *rock*, com conteúdos especificamente religiosos.

Mesmo assim, ainda persiste, por parte das Igrejas, certa reação negativa aos ritmos seculares e a utilização de instrumentos considerados profanos, como o violão, a guitarra, o teclado e a bateria, para fins religiosos, restringindo-os praticamente às reuniões ou encontros de jovens. Aos poucos essa realidade foi se modificando, especialmente influenciada pelo surgimento de vários conjuntos musicais e de trabalhos inovadores realizados por grupos e comunidades evangélicas nos EUA, como estratégias de evangelização da juventude, no final da década de 1960. Dentre essas inovadoras estratégias de evangelização, destacamos o surgimento, em várias cidades daquele país, de cafés ou *nightclubs*, denominados de *His Place* [“seu lugar”], abertos para a juventude durante 24 horas, recorrendo também, como forma de atrair os jovens, à música *pop* e o *rock* e toda a instrumentação musical própria à esse gênero de música. Essas iniciativas alcançaram resultados surpreendentes como, por exemplo, o de ter atingindo os integrantes do movimento *hippie*:

Muitos se converteram e foram batizados mas não queriam deixar de lado algumas bases de seu estilo de vida, que consideravam compatível com a fé cristã: a busca da paz, amor, realidade e vida, a rejeição do consumismo capitalista, da hipocrisia religiosa e da cultura norte-americana.

A ampla adesão dos jovens – grande parte oriunda desses movimentos – ao cristianismo protestante nos EUA no final dos anos 60 provocou algumas consequências para aquele campo religioso: igrejas tradicionais adotaram estilos mais informais nos cultos para incluir os novos convertidos e passaram a admitir até mesmo no seu *staff* pessoas provenientes do movimento *hippie* (CUNHA, 2007:72)

O surgimento do Movimento de Jesus e do *Jesus Music* [“Música de Jesus”], que combina *rock* e *gospel*, constituiu o suporte básico do desenvolvimento do avivamento religioso da juventude, incrementado pelos grandes festivais de “Jesus Rock” e pelo apoio das gravadoras que viam nisso uma boa oportunidade para a indústria fonográfica.

A partir desse período, a música *gospel* ganha cada vez mais espaços nas práticas das Igrejas, especialmente naquelas de cunho pentecostal, como mediação do encontro com Deus. Surgem então os inúmeros grupos ou ministérios de adoração e louvor, bandas e grupos musicais que utilizam esse gênero musical nos cultos e celebrações, acompanhados de danças e de efusivas expressões corporais. Além disso, a música *gospel* é usada, sobretudo, como forma de atrair e congregar os jovens através de shows e outros eventos similares. Entretanto, é bom lembrar que o desenvolvimento e a expansão da música *gospel* no Brasil têm suas origens na primeira fase do crescimento pentecostal, nas décadas de 1950 e 1960, período em que ocorre uma grande concentração populacional nas cidades, resultante do êxodo rural. É nessa época

que os pentecostais romperam com a tradição da hinologia protestante: introduziram ritmos e estilos mais populares nas canções, incluíram instrumentos de percussão e sopro no acompanhamento e compuseram pequenas canções com melodias e letras simples de serem cantadas nos cultos – algo mais próximo do que seria mais tarde popularizado entre os evangélicos como “corinho”. (CUNHA, 2007:69).

No Brasil, a consolidação e a popularização da música *gospel* ocorreram por volta dos anos de 1970 e 1980, impulsionadas pelo surgimento de bandas, gravadoras, programas e apresentações musicais criados ou promovidos pelas Igrejas. A partir dos anos 1990, a música *gospel* recebe um impulso, relacionado diretamente com a Igreja Renascer em Cristo, que transformou o termo *gospel* em

marca de sua propriedade, utilizando-a para vários produtos administrados pela Igreja, tais como: a gravadora *Gospel Records*⁶ a *Revista Show Gospel*, a *TV Gospel* (UHF-53), *WebTV Gospel*, curso pré-vestibular *Gospel*, na cidade de São Paulo, e o portal da internet *Gospel*, entre os principais (CUNHA, 2007). Segundo observa esta autora, todos esses fatos e o desencadear desse processo,

que criou os corinhos dos anos 50 e 60, o Movimento de Jesus e a revolução musical jovem dos anos 70 fazem parte da gênese do que é hoje denominado movimento *gospel*, cuja explosão acontece nos anos 1990, provocado principalmente pelas bandas de rock evangélico. As bandas, além do uso do rock e suas variações, como o *hard rock* e o *metal rock*, inauguram uma nova linha de desenvolvimento da música evangélica, com novos estilos de apresentação (por meio de espetáculos e não cultos ou programas evangelísticos) e de elaboração de letras mais “irreverentes” (como o uso de linguagem mais coloquial) e exploração de temas relacionados ao cotidiano da juventude (CUNHA, 2007:80-81).

Também a Igreja Católica, enfrentando oposições similares às aquelas sofridas pelos protestantes e evangélicos, tentou inovar no campo da música religiosa para atrair igualmente os jovens. Para isso, seguiu em muitos aspectos a trajetória e o exemplo dos evangélicos.

Como ocorreu em relação ao avivamento espiritual, em que a Igreja Católica foi fortemente influenciada pelo pentecostalismo estadunidense, conforme abordaremos no segundo capítulo deste trabalho ao tratarmos da origem da Renovação Carismática Católica, assim também no campo da música religiosa contemporânea, os movimentos eclesiais católicos seguiram um caminho, em vários aspectos, pautados pelo exemplo dos evangélicos, especialmente no que se refere à música *gospel*. Integrantes das mais famosas bandas de músicas religiosas católicas, como Rosa de Saron e Ministério Adoração e Vida, testemunham em depoimentos, no terceiro capítulo dessa dissertação, a influência recebida de pessoas, de estilos musicais e até mesmo de estratégias de evangelização do mundo evangélico.

⁶ Pioneira no segmento de música gospel no Brasil, a gravadora *Gospel Records*, fundada em 1990, por Estevam Hernandez e Antonio Carlos Abbud, encerrou oficialmente suas atividades em abril de 2010, embora a Igreja Renascer em Cristo ainda detenha a marca.

Através da música *gospel*, os cristãos evangélicos, primeiramente, e, em seguida, os católicos assumem um dos elementos mais expressivos das culturas juvenis hodiernas, ou seja, a música e a dança, como meio de evangelização, especialmente, desse segmento jovem da sociedade contemporânea.

1.2. Música e dança em novos tempos

A música e a dança, como produtos culturais e artísticos, estão vinculadas ao seu contexto de origem ou no qual estão inseridas, expressando-o de alguma forma. Referindo-se a diferentes criações artísticas, Ernest Fischer (1987) nos lembra:

Toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte sempre supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1987:17).

Para Fischer, a arte em sua origem foi magia combinada com a religião. E, através desse primitivo auxílio mágico, os humanos tentaram explicar e dominar um mundo real inexplorado e atemorizante. Afirma este autor que, com o passar do tempo, porém,

esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social. Uma sociedade altamente complexificada, com suas relações e contradições sociais multiplicadas, já não pode ser representada à maneira dos mitos (FISCHER, 1987:19).

Com o desenvolvimento das civilizações, a música e a dança adquirem novos significados e funções, tornam-se arte, secularizam-se. Contudo, não perdem por completo a sua magia e vinculação com a dimensão religiosa. Portadoras de significações que vão além do valor estético que elas expressam, a música e a dança ganham novas significações a partir dos novos contextos socioculturais.

No tocante à linguagem simbólica da arte, como veiculadora e como expressão da cosmovisão de uma determinada época ou contexto, Nunes Filho (1999) traz um exemplo elucidativo. Referindo-se à música sacra, especificamente à passagem do canto gregoriano – homofônico, executado por vozes em uníssono – para o gênero musical polifônico, o autor comenta as visões teológicas veiculadas nessas duas expressões musicais. E lembra que a polifonia desenvolveu-se simultaneamente com a arquitetura. Para que o canto gregoriano pudesse se expandir de maneira uniforme e ressonante, foram construídas as grandes catedrais góticas. Esses dois gêneros musicais expressam duas formas distintas de se relacionar com o mistério, duas visões teológicas diferentes:

O canto gregoriano nos dá a ideia de amplidão e distância, o que caracteriza a visão teológica de então a respeito de Deus. Deus – o Misterioso – era apresentado como algo distante, inacessível ao ser humano, descorporificado. A única forma de entrar numa relação com ele é pela renúncia total da corporeidade. Enquanto o canto gregoriano só permite uma única forma de linguagem para uma relação com o mistério, a música polifônica apresentava uma diversidade de alternativas para o mesmo fim [...]. Deus deixa de ser uma entidade confinada ao espaço limitado de um templo, para se distribuir em uma infinidade de espaços físicos e humanos. O contato com a divindade não é mais privilégio de alguns escolhidos, mas todos passam a ter acesso a uma relação com ela (NUNES FILHO, 1999:16,19).

A polifonia, que teve a sua origem nas canções populares de trovadores e menestrelis medievais – menos expostos ao controle e às pressões eclesiásticas e com melhores condições e liberdade para inovar –, só atinge a sua consagração como linguagem musical no século XVI, chegando até os dias atuais como a linguagem mais utilizada no campo da música.

Esse novo gênero musical se desenvolve e se afirma no contexto de mudança radical de época, a do surgimento da Era Moderna. Por isso, a música polifônica traz em si as características desse período histórico. No âmbito da música sacra, Nunes Filho (1999) aponta algumas destas ao afirmar que a música polifônica, cuja característica marcante é a mensuração do tempo, “expressa um Deus dentro de uma realidade mensurável, interpretável”, e argumenta que, de modo geral,

o canto gregoriano apresenta um caráter subjetivo do mistério, enquanto a polifonia expressa o seu lado objetivo. O mistério passa a ser uma entidade de convívio cultural, interpretável por mecanismos de precisão intelectual e, acima de tudo, palpável, ao alcance das nossas necessidades mais imediatas [...]. Outro aspecto interessante é a ênfase num Deus que atua diretamente sobre a individualidade da pessoa humana [...]. A música sacra polifônica está marcada pelo envolvimento emocional com o misterioso. Deus é apresentado como uma entidade que se envolve emocionalmente com os seres humanos – *Jesus, alegria dos homens*⁷ (NUNES FILHO, 1999:20-21).

A Modernidade que se instaura rompe com a homogeneidade, com a hegemonia de uma cosmovisão única e totalizante, desencadeando um longo processo de mudanças profundas e radicais em todas as esferas da vida dos indivíduos e das sociedades. Pontuaremos apenas alguns aspectos dessas mudanças que, de alguma forma, ajudam-nos a compreender melhor o nosso objeto de estudo.

Movimentos importantes ocorridos nas culturas ocidentais e no âmbito do pensamento – como o Humanismo Renascentista e o Iluminismo – foram fundamentais para o nascimento do sujeito moderno: sujeito individual, racional, científico, autônomo. Para Stuart Hall (2006), a Reforma e o protestantismo, que acontecem nesse período, libertam os indivíduos, a sua consciência individual, da

⁷ *Jesus alegria dos homens* (*Jesus bleibet meine Freude*, em alemão) é o movimento final da cantata BWV 147, escrita por Johann Sebastian Bach, em Leipzig, Alemanha, em 1716. O texto original em alemão e a tradução para o português encontram-se disponíveis em:

<<http://www.teuministerio.com.br/BRSPBPBRAIPD4/vsltemDisplay.dsp&objectID=319D1299-31BC-49A6-84610B77DBF591C9&method=display>>. Acesso em: 17 de setembro de 2010. Eis a tradução para o português:

Jesus continua sendo minha alegria,/ o conforto e a seiva do meu coração/ Jesus refreia a minha tristeza,/ Ele é a força da minha vida/ É o deleite e o sol dos meus olhos,/ O tesouro e a grande/ felicidade da minha alma,/ Por isso, eu não deixarei ir Jesus/ do meu coração e da minha presença.

Bem-aventurado sou, porque tenho Jesus./ Oh, quão firmemente eu o seguro,/ Para que traga refrigério ao meu coração,/ quando estou triste e abatido./ Eu tenho Jesus, que me ama/ e se confia a mim./ Ah! Por isso não o deixarei,/ Mesmo que meu coração se quebre.

mediação e tutela das instituições religiosas da Igreja e os expõem diretamente em contato com Deus.

Passa-se de uma concepção teocêntrica de mundo para uma concepção antropocêntrica, na qual o ser humano com sua racionalidade é colocado no centro, como medida de todas as coisas. A ciência, libertada da tutela da religião institucional, busca seus próprios métodos e caminhos, de forma autônoma e emancipada. A explicação do mundo e da realidade como um todo não mais é dada com base em parâmetros ou premissas sobrenaturais, religiosas. Toda explicação deve ser encontrada pelo ser humano na própria realidade das coisas, utilizando-se para isso dos recursos fornecidos pela razão e pela ciência. Segundo Stuart (2006), as transformações vinculadas à Modernidade libertaram os indivíduos de seus apoios estáveis, encontrados nas tradições e estruturas, considerados como divinamente estabelecidas e, portanto, inalteráveis, não suscetíveis a mudanças fundamentais.

As mudanças desencadeadas pela Modernidade em curso afetaram profundamente as representações e interpretações da realidade, as visões de mundo, o modo de vida das pessoas e das sociedades, em todos os âmbitos: social, econômico, político, cultural. Os avanços da ciência e da tecnologia deslocaram para o campo das ciências várias funções de interpretação e legitimação da realidade que foram, durante séculos, exercidas pela religião.

Os aspectos mais significativos dessas mudanças são sintetizados pelo teólogo Agenor Brighenti, nestes termos:

Modernidade, revolução cultural desencadeada pelo humanismo e pelo renascimento no século XVI, passando, depois, pelo racionalismo, a revolução científica, o empirismo e o Iluminismo, fez a passagem de uma consciência teocêntrica a uma antropocêntrica. Provocou o salto do “mundo das essências”, dos argumentos *a priori*, ao “mundo da existência”, da natureza, da física, dos fenômenos, dos argumentos *a posteriori* (BRIGHENTI, 2004:16).

Contudo, Brighenti chama a atenção para uma grande transformação no mundo atual, mas que ocorre em outro nível, uma transformação que está acontecendo no campo da consciência, das cosmovisões. E argumenta que, “passados cinco séculos, o princípio antropocêntrico evoluiu de tal forma –

egoísta e relativista –, que pôs em perigo a vida humana e seus ecossistemas”. A nova mudança aponta, segundo este autor, para a passagem de uma consciência antropocêntrica para uma consciência cosmocêntrica, em que tudo deve ser pensado e compreendido numa perspectiva de totalidade, ou seja, em relação ao todo, com o planeta, com o cosmo.

Além desta, outras questões sinalizam para o que se convencionou chamar de crise da Modernidade. Uma das pretensões da Modernidade referia-se à explicação do mundo e dos fenômenos naturais, sociais ou psíquicos. Tudo devia passar pelo crivo da razão, todos os enunciados explicativos deviam passar pelos critérios precisos do pensamento científico. Para Hervieu-Léger, as sociedades modernas estão longe de realizar este ideal, pois

a ciência, da qual se espera que dissipe as ignorâncias geradoras de crenças e comportamentos “irracionais”, faz surgir ao mesmo tempo novas interrogações, sempre susceptíveis de construir novos focos de irracionalidade [...]. Por outro lado, as sociedades modernas permanecem, de maneira inelutável, trabalhadas por conflitos entre vários tipos de racionalidade. Acontece, todavia, que elas fizeram dessa racionalidade altamente problemática o seu emblema e o seu horizonte: a ideia segundo a qual o desenvolvimento da ciência e da técnica é uma condição para o desenvolvimento humano global permanece uma ideia-chave, mesmo na hora da crítica das ilusões do cientismo e do positivismo (HERVIEU-LÉGER, 2005:36).

A Modernidade fez desaparecer as sociedades como sistemas integrados e portadores de sentido geral; expulsou, do lugar central que ocupavam, a referência a Deus e a expressão social das crenças religiosas, colocando em crise e no desamparo os indivíduos sobrecarregados de problemas para os quais as ciências não têm respostas, e para cuja solução já não encontram ajuda nas instituições civis nem nas religiosas. Sem os seus pontos de referências habituais, resta-lhes a inquietude e a angústia (TOURRAINE, 2006). Mas, por outro lado, como lembra Hervieu-Léger,

esta mesma Modernidade secularizada oferece, porque é geradora simultaneamente de utopia e de opacidades, as condições favoráveis à expansão da crença. Quanto maior é a incerteza quanto ao futuro, quanto mais intensa é a pressão da mudança, mais as crenças proliferam, diversificando-se e

disseminando-se até o infinito [...]. A secularização não é a perda da religião no mundo moderno. É o conjunto dos processos de recomposição das crenças que se produzem numa sociedade cujo motor é a insaciabilidade das expectativas que ela suscita e cuja condição cotidiana é a incerteza ligada à procura interminável dos meios de as satisfazer (HERVIEU-LÉGER, 2005:46).

O sujeito que surge desta Modernidade tardia, como a denomina Stuart Hall (2006), é um sujeito que foi descentrado, cujas identidades – pois é composto não de uma única, mas sim de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas – são abertas, inacabadas, fragmentadas, mutantes.

Pensando na música que nasce nessa época, trazemos um testemunho narrado pelo psicanalista Jorge Forbes, sobre um dos criadores da música eletrônica, Derrick May, da cidade industrial de Detroit (EUA), quando, em 1972, os habitantes dessa cidade sofrem um forte impacto com o fechamento da poderosa fábrica da General Motors, suporte da economia e da vida da sociedade local. O psicanalista descreve o relato feito por May

sobre o momento em que ele acorda e não vê mais, através da janela de sua casa, as chaminés da indústria automobilística que empregava seus pais, na qual esperava que ele e os outros jovens daquele bairro, seus amigos, fossem trabalhar. A demolição da fábrica o fez entender que perdera seu futuro. Teria que inventar outra via, viver de cacos. Daí a música que ele produziu, expressão do mundo *mix*: a mistura de pedaços de sons de uma indústria que ruiu e levou seu plano de futuro (FORBES, 2005:5).

Refletindo sobre esse fato, Forbes constata que ali ocorreu uma revolução. As máquinas que asseguravam o futuro daquela cidade não mais existiam. “Estava pronto o cenário para o surgimento de uma música representativa de uma nova era – o pós-industrial – a *Techno* – a música eletrônica”,⁸ conclui Forbes.

Os três pioneiros da música eletrônica – Juan Atkins, Serrick May e Kevin Saunderson – tiveram a ideia dessa nova arte, segundo Forbes, a partir dos restos que sobraram de uma cidade industrial em processo de mudança. Eles criaram seus próprios sons a partir do universo da mecânica, da eletrônica, da

⁸ Jorge Forbes. Geração mutante: palavra diz, palavra toca. Disponível em: <www.projetoanalise.com.br>. Acesso em: 22 de junho de 2010.

indústria, das máquinas. A música eletrônica produzida por eles nasceu do contexto em que viviam. A inspiração para a criação dos sons veio do barulho das máquinas, dos cacos da indústria que se desfazia. A música eletrônica é constituída, basicamente, por colagens e mixagens, por misturas de “pedaços” de sons de inúmeras outras músicas.

Um fator importante para surgimento da música eletrônica foi, sem dúvida, o desenvolvimento de novas tecnologias. Desde meados do século XX, a eletrônica e a informática vêm influenciando, de maneira crescente, dentre tantas outras, várias áreas relacionadas ao desempenho da cultura do entretenimento e lazer, como o cinema, a televisão, a música.

Todo o aparato tecnológico produzido desse período para cá possibilitou o extraordinário aperfeiçoamento do modo de fazer música eletrônica, tanto no que se refere à construção de aparelhos, quanto às inúmeras possibilidades de composição musical, pois a música eletrônica utiliza como elemento da sua composição sons produzidos ou modificados por aparelhos eletrônicos.

Especialmente a partir da década de 1970, acontece uma ampla diversificação de estilos e gêneros musicais proporcionado pela facilidade com que músicos, compositores e produtores independentes conseguem produzir música. Isto ocorre pela facilidade de acesso aos equipamentos eletrônicos surgidos no início da década de 1950 e que foram sendo aperfeiçoados, com os avanços tecnológicos na área da informática,⁹ na década de 1970; e, finalmente, com as tecnologias digitais, surgidas a partir da última década do século XX.

⁹ Dentre as ferramentas tecnológicas mais utilizadas por músicos e produtores estão o sintetizador, o sequenciador e o *sampler*. O sintetizador tem a função de produzir sons inexistentes através de um teclado, além de armazenar sons em uma memória digital para serem reproduzidos posteriormente; o sequenciador auxilia na composição da sequência musical; e o *sampler* permite a gravação, manipulação e reutilização de fontes sonoras gravadas previamente com a ajuda ou não de sintetizadores, ou seja, permite a mixagem e arranjos dos sons digitalizados. Atualmente, existem no mercado vários *softwares* com a função de *sampler* para serem usados no computador, e outros ainda que podem ser baixados gratuitamente da internet. Com isso, formam-se verdadeiros estúdios digitais, comandados apenas por um simples computador pessoal, equipado com alguns programas e *softwares*.

1.2.1. *Música e dança nas culturas juvenis*

A formação do que chamamos de culturas juvenis acontece a partir das condições criadas por alguns fatores como a expansão do consumo mediante a prosperidade econômica, o desenvolvimento do modelo de estado do bem-estar social, a expansão das indústrias culturais e dos meios de comunicação de massa, a maior oferta de bens de consumo e das atividades de lazer. Contudo, a consolidação da ideia de *juventude* ou de *cultura jovem* só ocorre a partir da década de 1950. Embora antes dessa data já se possa identificar algumas práticas de agrupamentos juvenis.¹⁰

Referindo-se especificamente à sociedade brasileira, e utilizando o conceito de condição juvenil, alguns autores nacionais apontam a década de 1960 como o período histórico em que

a juventude ganha inequívoca visibilidade social, aspecto que desde esse momento original corrobora o entrelaçamento da cultura e dos meios de comunicação massivos na construção de representações dominantes do que seria a condição juvenil em nosso país. Também a partir desse marco histórico começa a se engendrar a efetiva apropriação pelos jovens de discursos, produtos e espaços midiáticos, algo claramente associado à consolidação de uma sociedade de consumo (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009).

Nas últimas décadas, a música e a dança se constituíram em uma das mais expressivas manifestações das culturas juvenis, em diferentes países do mundo. Ao falarmos de culturas juvenis, assumimos aqui o conceito formulado por Raquel Pacheco:

No sentido lato, por cultura juvenil pode entender-se um sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais. Assim sendo, concluímos que não existe apenas uma cultura juvenil, mas sim várias culturas juvenis [...]. Quando percebemos que existem diversas

¹⁰

Sobre isso, ver artigo de Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa. Jovens em transe: grupos urbanos juvenis da contemporaneidade, conceitos e o 'underground'. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/jovens-em-transe-culturas-juvenis-urbanas-conceitos-e-o-underground>>. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

culturas juvenis, acreditamos na diversidade da juventude, abrimos possibilidades para a pluralidade que é a juventude.¹¹

As culturas juvenis expressam de múltiplas formas, através de comportamentos e atitudes, o jeito de ser e de viver das novas gerações, a sua maneira de entender e de se relacionar com o mundo. São expressões significativas as práticas de lazer e de sociabilidade, o vestuário e os adornos, a utilização das novas tecnologias e redes sociais de comunicação via internet, as expressões artísticas, como a música e a dança, dentre outra tantas formas.

A música e a dança têm sido amplamente utilizadas, inclusive pelas camadas menos favorecidas da sociedade, pelos moradores das periferias das grandes cidades, como expressões criativas das culturas juvenis. Basta lembrar os grupos e bandas de música que surgem dos subúrbios e que, de maneira criativa, produzem continuamente novos estilos e subgêneros musicais. E isso tem acontecido, há algumas décadas, especialmente nos Estados Unidos da América e em países da Europa, e, em pouco tempo, se espalhado pelos diferentes nações do mundo. Sobre isso, a cientista social Simone Pereira de Sá comenta que,

por volta de 1988, três gêneros consolidados na América – o *Techno* de Detroit, o *deep house/garage*, de Chicago e Nova York e o *acid house* – atravessam o Atlântico. São esses estilos que, ao cruzarem as fronteiras em direção ao continente europeu, vão dar origem à cultura da música eletrônica propriamente dita, entendida como uma matriz de estilo de vida, comportamento ritualizado e crenças, que tem sua mais fiel tradição na cultura *rave*.¹²

¹¹ Texto extraído da entrevista da autora sobre “A influência da mídia na formação da identidade de jovens e da importância da educação para e com as mídias”, em 9 de junho de 2010. Disponível em:

<http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6719>. Acesso em: 6 de setembro de 2010. Raquel Pacheco é autora do livro **Jovem, mídia e estereótipos**, publicado pela Livros Horizonte (Portugal), em 2009.

¹² Disponível em: <<http://textoslabcult.files.wordpress.com/2007/10/sa-simone-pereira-musica-eletronica-e-tecnologia-reconfigurando-a-discotecagem.PDF>>. Acesso em: 4 de agosto de 2010.

As *raves* de que fala Simone Pereira de Sá são festas que reúnem milhares de jovens para dançar, durante toda a noite, animadas ao som de música eletrônica. Geralmente acontecem ao ar livre, em lugares abertos, como parques, sítios, longe dos centros urbanos. Tais festas se popularizaram no mundo todo como uma das expressões das culturais juvenis. Segundo esta autora, no contexto inglês, as *raves* ganharam a conotação de contracultura por reunir uma grande quantidade de jovens, em lugares abertos e ilegais, como velhos galpões ou estações de trens abandonadas nos arredores de Londres. E acrescenta:

A utilização da droga chamada *ecstasy*, o sentido comunitário advindo da sensação de estarem compartilhando uma experiência única, transgressora, que remetia à cultura hippie-lisérgica dos anos 60 e o abandono físico dos participantes à música – descrita muitas vezes com expressões religiosas – são ingredientes importantes nas *raves*.¹³

Para maior aprofundamento da relação dos jovens com a música – especialmente a música eletrônicas – e a dança, destacamos dois trabalhos acadêmicos: a pesquisa etnográfica¹⁴ do antropólogo Tiago Coutinho Cavalcante, sobre os festivais de música eletrônica, as *raves*. Através da combinação de fatores como estímulos sensoriais e consumo de substâncias psicoativas, os participantes das *raves* experimentam fortes sensações e são induzidos a um estado particular de euforia e de êxtase comum. O antropólogo trabalha com o conceito de *corpo*, que se apresenta neste contexto como elemento central da estrutura dinâmica da festa. É através do uso do corpo que se atinge o estado esperado de êxtase. Sobre esse mesmo tema, porém abordado sob outro enfoque, temos o trabalho de Ivan Paolo de Paris Fontanari, *A rave à margem do*

¹³ Ibidem.

¹⁴ Dissertação de mestrado em antropologia, intitulada **O êxtase urbano: símbolo e performances dos festivais de música eletrônica**, defendida em 2005 na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Guaíba: identidade jovem na cena eletrônica de Porto Alegre,¹⁵ um estudo dessas festas na capital gaúcha.

Através das diferentes expressões culturais juvenis – e aqui nos referimos de modo especial à música – os jovens buscam descobrir um universo de sentido para suas vidas, construir suas identidades, demarcar seus espaços no mundo físico e social, optando por estilos de música e de pertencimento a determinados grupos que os distinguem e os individualizam. Isso se dá na relação entre os jovens e as práticas culturais globais – e a música é uma delas –, a partir das quais eles definem localmente as suas identidades sociais, o seu ser jovens, no contexto de possibilidades de experiência que a cultura contemporânea lhes oferece.

1.2.2. Da discoteca à cristoteca

A partir da década de 1980, há uma grande popularização da música eletrônica dançante, propiciando o surgimento de novas ramificações musicais como o *techno*, o *house* e o *trance*. A partir de então, a música eletrônica torna-se não apenas um estilo musical, mas um estilo de vida da juventude, nas várias partes do mundo. Com a música eletrônica cria-se um ambiente capaz de levar as pessoas a experimentar certo estado de transe, provocando estados alterados de consciência, inclusive causados por alterações corporais produzidas pelas batidas sequenciais dos instrumentos sonoros.

A *Música Disco* (em inglês *disco music*, em francês *discothèque*) é um gênero de música de dança. Tem sua origem nos clubes de dança frequentados por negros, latinos-americanos e gays, especialmente nas cidades de Nova York e Filadélfia (EUA), atingindo seu apogeu em meados da década de 1970. Pode ser definida como a forma mais comercial de música eletrônica, ou seja, é a música tocada em casas noturnas, festas, estações de rádios populares e shows. A palavra “discoteca” (do francês *discothèque*) tornou-se usual também para designar as danceterias, casas noturnas ou locais onde os jovens se reuniam para dançar ao som de discos, em ritmo frenético e sob efeitos de luzes coloridas.

¹⁵ Dissertação de mestrado em antropologia social, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

As discotecas tornaram-se mundialmente conhecidas e popularizadas através do filme *Saturday Night Fever*, conhecido no Brasil como “Os embalos de sábado à noite”, produzido pelos Estados Unidos, em 1977, dirigido por John Badham e estrelado por John Travolta, no papel de um dançarino de *disco music*, em uma discoteca.

No Brasil, a telenovela *Dancin' Days*,¹⁶ cujo título foi inspirado em uma famosa boate da Gávea, no Rio de Janeiro: a *Frenetic Dacing Days Discothèque*, mantida pelo produtor musical Nelson Motta, motivou a abertura de inúmeras discotecas, em várias cidades do país. A inclusão da discoteca no enredo da novela influenciou comportamentos, ditou modas, incitou os jovens a buscarem esses espaços onde dançavam ao som das músicas ouvidas na telenovela.

Com o nome de discoteca ou com outros nomes – casa noturna, boate, clube, *Pub Night Club* –, esses espaços onde milhares de jovens se reúnem para dançar, continuam tendo uma importância fundamental para os jovens de todas as classes sociais, tanto os das elites quanto os frequentadores dos bailes e baladas dos bairros populares.

Vinculado aos chamados anos rebeldes – da década de 1960 –, o *slogan* sexo, drogas e *rock'n'roll* ficou como uma marca de uma parcela da juventude desta época, considerada irreverente e transviada, em busca de liberdade total. De fato, muitos jovens, bem como os integrantes de famosas bandas de música, se envolveram com drogas e tiveram problemas com este e com outros tipos de ilegalidade. Até hoje, muitas casas noturnas ou danceterias são vistas como espaços onde “rola” sexo e drogas. É a partir dessa percepção que muitos grupos de movimentos religiosos, tanto evangélicos quanto católicos, restringem ou proíbem a participação de seus jovens adeptos em bailes nesses recintos. Evidentemente, a juventude pertencente a essas Igrejas precisa encontrar uma saída para essa questão, pois não consegue ficar excluída de uma forma cultural de lazer, entretenimento e sociabilidade tão significativa e envolvente como são as baladas, os bailes, os festivais de música.

¹⁶ A telenovela brasileira *Dancin' Days*, escrita por Gilberto Braga e dirigida por Daniel Filho, Gonzaga Blota, Dênis Carvalho e José Carlos Pieri, foi exibida pela Rede Globo, no período de 10 de julho de 1978 a 27 de janeiro de 1979, às 20hs.

Para responder a essa necessidade da juventude, sobretudo cristã, jovens de diferentes Igrejas criaram, em suas respectivas comunidades eclesiais, seus grupos e bandas musicais, suas festas e baladas. É nessa perspectiva que surge a cristoteca, como uma missão do recém-criado movimento Aliança de Misericórdia, visando proporcionar aos jovens, além de um meio de lazer e entretenimento “sadio”, um ambiente onde eles pudessem vivenciar uma experiência religiosa, um encontro íntimo e pessoal com Deus.

A ideia da cristoteca foi concebida pelo padre João Henrique, missionário italiano no Brasil, cofundador do Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia, ou simplesmente, Aliança de Misericórdia, como é popularmente chamado. O objetivo, segundo o sacerdote, era proporcionar aos jovens um espaço de diversão e lazer, em um ambiente atraente, alegre, semelhante ao das discotecas comuns, porém, sem aqueles aspectos “mundanos” presentes, não raramente, nessas casas de shows, tais como drogas, banalização do sexo, músicas vazias de valores humanos e morais.

1.2.3. Origem da cristoteca

A inspiração de criar a cristoteca, conta o padre João Henrique, nasceu em um momento de oração, no contexto de uma experiência religiosa inusitada, “quase uma sugestão do capetinha”. É assim que ele narra no DVD **Cristoteca**, produzido pela Aliança de Misericórdia, as circunstâncias em que tudo aconteceu:

A gente estava participando de um encontro na Itália, com um pregador internacional, e de repente aconteceu que uma mulher, aparentemente tinha caído no “Repouso do Espírito”¹⁷ e na verdade começou a ter alguma manifestação. Os

¹⁷

O “repouso no Espírito” é uma experiência religiosa que consiste em cair de costas no chão durante uma oração. Em geral, durante esses momentos de oração, há pessoas encarregadas de segurar aquelas que caem para que não se machuquem. A queda é involuntária e por alguns minutos as pessoas ficam de olhos fechados como que dormindo, porém conscientes. A maioria das pessoas que passa por essa experiência diz ter uma sensação de reavivamento espiritual, de leveza, de alegria e paz. Falam também de libertações e curas de problemas psíquicos, de feridas internas e de ressentimentos. Este fenômeno está relacionado com a Renovação Carismática Católica e é visto por esta como um dom do Espírito Santo. Para maiores informações sobre o assunto ver as

padres presentes no encontro tinham saído e eu me encontrava na sala sozinho e de repente ela começou a gritar. E comecei a rezar pela libertação desta mulher. Os gritos eram tão fortes que pessoas voltaram de fora, também outros sacerdotes se colocaram lá ao redor. Esta mulher, que era quase analfabeta e começou a falar com voz de homem, não vou descrever como para não assustar ninguém, foi falando várias línguas. Então foi falando em inglês, foi falando em latim, foi falando em alemão. De repente ela começou a desafiar a nós padres. Disse uma expressão muito forte. E disse assim: “Olha, vocês, padres, estão indo atrás daquele aí (porque não nomeava o nome de Jesus). Venham atrás de mim porque a maioria das pessoas me segue”. E disse assim: “Todos os jovens, eu os levo ao inferno através das discotecas”.

Comentando esse fato, o sacerdote admite não acreditar que todos os jovens que vão às discotecas se percam ou vão para o inferno. Mas, a partir de sua experiência de trabalhos com jovens, havia mais de vinte anos, percebeu que, não raro, os primeiros contatos dos jovens com drogas, álcool e prostituição acontecem nessas “discotecas do mundo”. O padre João Henrique recorda:

Naquele instante em que oravam pela libertação daquela mulher, em que a presença do inimigo era tão clara, o padre sentiu no coração que é por falta de uma opção melhor que muitos jovens frequentam esses lugares e trilham caminhos que os levam à morte. E surgiu o sonho de criar um espaço alternativo onde os jovens pudessem se encontrar com a vida, ter diversão saudável e com alegria verdadeira, santa, cristã. Surpreender o mundo e mostrar a todos uma beleza ainda desconhecida. Pela arte da dança e da música, levar muitas pessoas a Deus, o único que preenche a nossa vida (ALIANÇA DE MISERICÓRDIA).¹⁸

A cristoteca é concebida pelo seu idealizador, padre João Henrique, e pelos jovens que o ajudaram a torná-la realidade, como uma resposta a um chamado de Deus, uma “loucura santa”, uma estratégia que os torna “mais espertos que o mal”, pois a cristoteca se propõe a

publicações: **Repouso no Espírito**. 3 ed. Cardeal Suenens. São Paulo: Paulus, 1991; **Repouso no Espírito**. 3 ed. Pe. Antonello Cadeddu e Comunidade Aliança de Misericórdia. São Paulo: Editora Palavra & Prece, 2004.

18

Disponível em:

<http://www.misericordia.com.br/cristoteca/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=2> Acesso em: 8 de fevereiro de 2010.

oferecer um ambiente que é uma verdadeira danceteria, mas ali quem reina é Jesus. Então, não se oferece bebida alcoólica, nem drogas lícitas ou ilícitas, muito menos a promiscuidade, levantando a bandeira do namoro com seriedade e santidade. Resumindo, nosso objetivo é atrair o jovem com aquilo que o seduz no mundo – balada, danceteria, *vibe*, *rave* – e usar esse meio para levá-lo a conhecer Jesus, autor da vida e dessa obra! (ALIANÇA DE MISERICÓRDIA).¹⁹

1.2.4. O espaço da cristoteca: entre o sagrado e o profano

O local onde se realizam, atualmente, as cristotecas é um ambiente simples e despojado (cf. Anexos, Imagens, 20-22). Um grande salão nas dependências da “Casa Restaura-me”, onde funciona um centro de acolhida e atendimento a moradores de rua. Essa Casa é um dos centros de atividades do Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia e da Comunidade de Vida Imaculada do Espírito Santo, uma instituição católica inserida no amplo Movimento da Renovação Carismática Católica, situada à Rua Monsenhor Andrade, 745, no Brás,²⁰ na cidade de São Paulo.

As cristotecas ou baladas acontecem nos finais de semana, nos dias de sábado, desde 2003. São centenas de jovens reunidos para se divertir e dançar a noite inteira, em um ambiente que, à primeira vista, é semelhante ao de uma discoteca comum ou casa noturna de bairros populares da cidade. Muita gente jovem, música alta, feixes de luzes coloridas produzindo efeitos luminosos na penumbra do salão, gelo seco no ar envolvendo centenas de jovens em um agito geral. O diferencial está na proposta dos idealizadores da cristoteca e dos jovens *DJ's*²¹ dançarinos e coreógrafos que animam a festa.

¹⁹ Idem.

²⁰ O Brás, situado na região central da cidade, desenvolveu-se como bairro operário, habitado principalmente por imigrantes italianos e, posteriormente, por migrantes nordestinos. Hoje é conhecido como um dos principais centros do comércio popular na cidade.

²¹ *DJ* (abreviatura de *disc jockey*, em inglês), operador ou manobrador de discos, é o artista e técnico musical que mistura músicas diferentes, criando nesse processo de mixagem e de bricolagem músicas e sons novos, usando para isso suportes técnicos, discos de vinil, cds ou arquivos digitais. Os *DJ's* são os responsáveis pela animação das pistas de dança

Contíguo ao salão, há uma pequena livraria onde se vendem cds e livros religiosos, camisetas com estampas e mensagens cristãs, terços e outros objetos devocionais. Há também uma lanchonete, em um amplo corredor onde são servidos os cristolanches e os cristodrinks, dos quais falaremos adiante.

A festa tem início por volta das 22h30 com a celebração eucarística, no mesmo espaço onde se realizará a balada. O altar é preparado no palco de onde, após a missa, *DJs*, bandas, cantores, dançarinos e dançarinas, coreógrafos comandam a festa. As músicas executadas durante a missa já são tocadas e cantadas no ritmo da cristoteca, ou seja, com muita vibração, entusiasmo e acompanhadas por gestos, palmas e expressões corporais. O sacerdote que preside a celebração eucarística, durante a homilia (reflexão sobre o Evangelho, após sua leitura) desce do palco onde fica o altar e caminha por entre a multidão de jovem sentada no chão, em atitude de recolhimento e atenção, na penumbra do recinto. Um fecho de luz acompanha a movimentação do sacerdote, que caminha no ambiente (cf. Anexos, Imagens, 23-25).

A cristoteca é também um espaço de festa e lazer, de encontro e confraternização, de identificações individuais e grupais entre jovens que compartilham ideais e valores comuns, sobretudo, religiosos. Ali são consolidados os laços de amizade, de compromisso de fé. A partir da sua participação na cristoteca, os jovens que entram na dinâmica evangelizadora desse evento vão reelaborando seus valores e sentidos de vida, como demonstraremos, através dos depoimentos dos jovens, no terceiro capítulo deste trabalho.

Por volta das 5 horas da manhã, encerra-se a cristoteca com uma bênção ou prece dirigida por um dos animadores do baile e acompanhada devotamente por todos os participantes, que se mantêm ainda animados depois de uma noite inteira de agito, mas também de meditação e de interiorização. A cena da saída é impressionante: centenas de jovens – moças e rapazes – e alguns adultos caminham pelas ruas ainda escuras do Bairro do Brás em direção à estação de metrô e trens metropolitanos. Caminham rápido, geralmente em silêncio, como

em boates e danceterias, produzindo ao vivo a mixagem de músicas eletrônicas, com a criatividade e técnica que é peculiar a cada *DJ*.

que deixando ecoar dentro de si os sons vibrantes e as palavras carregadas de estímulos de fé e espiritualidade ouvidas há pouco na cristoteca.

Imagens similares dessa procissão, por essas mesmas ruas do Brás, pudemos observar, durante a semana, ao cair da tarde, quando multidões de jovens e adultos saem das fábricas de confecção de roupas e de outros artefatos, daquela região, e se dirigem apressadamente àquela mesma estação de transporte coletivo rumo aos seus lares ou a escolas e faculdades, depois de um fatigante dia de trabalho.

1.2.5. A estrutura organizacional da cristoteca

Como o objetivo da cristoteca é a evangelização dos jovens, num ambiente de festa, encontro e celebração, isso requer um trabalho de equipe cuidadosamente preparada e treinada para isto, com propósitos e funções bem definidas. Os componentes dessas equipes são, em geral, membros do Movimento da Aliança de Misericórdia e da Comunidade de Vida Imaculada do Espírito Santo, pertencente ao movimento. Como a cristoteca já se encontra presente em muitas outras cidades do país, a “cristoteca-mãe” – como é chamada esta que acontece no Brás, na cidade de São Paulo –, se preocupa em fornecer todas as orientações necessárias para que os objetivos da cristoteca sejam alcançados, onde quer que ela se realize. Na *homepage* ²² da instituição promotora do evento – a Aliança de Misericórdia – encontram-se as indicações para quem desejar promover tais baladas em suas comunidades usando o nome de cristoteca. Colocamos aqui a estrutura organizativa do evento, formada por equipes de trabalho, conforme é apresentada na sua *homepage*:

Liturgia – É a equipe responsável pela Santa Missa ou pelo momento de celebração da Palavra. Em algumas cidades onde não é possível ocorrer uma celebração no início da cristoteca, a sugestão é que se faça um momento de oração cuidadosamente preparado. É necessário também que se providencie um local especial e apropriado (capela) para que Nosso Senhor Jesus – na Eucaristia – possa ser adorado durante a madrugada.

²²

<www.misericordia.com.br/cristoteca>. Acesso em: 9 de agosto de 2010.

Palco, som e iluminação – Junto com o som, a iluminação deve criar um ambiente que transmita a intensidade do agito e a alegria do local, servindo também para enfatizar os momentos litúrgicos. Segundo os organizadores da cristoteca, movida pelo Espírito, e escondida da galera, essa equipe procura servir sendo luz para os jovens. É a equipe que cuida do som, dos mapas de palco, da acolhida dos padres e das bandas e, ainda, capricha na decoração, afinal de contas, dizem, a cristoteca é lugar do Senhor!

Cristolanche e cristodrink – Esta equipe de voluntários é responsável pela lanchonete. Ali se encontram lanches, sucos, refrigerantes, água, salgados e doces, uma pequena fonte de renda para a cristoteca, que não costuma cobrar ingressos. A cristoteca é 0% bebida alcoólica; por isso, em meio a tanta criatividade, inova também com os cristodrinks, saborosas bebidas sem álcool que dão uma energia a mais para embalar a madrugada e manter o clima da festa.

Intercessão – Com o terço nas mãos durante toda a madrugada, os componentes desta equipe oram pela cristoteca, garantindo a certeza de que os objetivos serão alcançados: proporcionar aos jovens um encontro pessoal com Deus.

Corpo a corpo – Verdadeiros “anjos da guarda”, essa equipe de evangelização aborda os jovens, dialoga e até ora por eles. Vigiam para que vícios e outros comportamentos inadequados e inconvenientes não venham atrapalhar a noite santa.

Lojinha – Contígua ao salão da cristoteca encontra-se a lojinha, onde uma equipe se encarrega de oferecer aos participantes a oportunidade de adquirir livros, CDs ou DVDs para aprofundar a sua espiritualidade, ou ainda objetos como: camisetas com *designers* modernos e voltadas para o público jovem e estampas com temas religiosos, chaveiros, adesivos, terços. A lojinha, segundo a equipe, possibilita ao jovem que frequenta a cristoteca levar para casa algo a mais para a sua evangelização e formação.

A respeito dos cristodrinks, apresentamos aqui o menu, conforme consta na *homepage* já mencionada:

Apocalipse: suco de uva, bala tipo Halls, energético e leite condensado.

Coquinho de Deus: leite de coco, soda, energético e leite condensado.

Davi: suco de uva, energético, pó de guaraná e leite condensado.

Docinho de Deus: suco de abacaxi, guaraná e leite condensado.

Exílio no Egito: suco de abacaxi, leite de coco, energético e leite condensado.

Groselha angelical: groselha, guaraná com açaí, energético, pó de guaraná e leite de coco.

Língua dos anjos: suco de uva, suco de limão, soda e leite condensado.

Madre Teresa: suco de uva, leite condensado, paçoca, guaraná com açaí, pó de guaraná e creme de leite.

Monte Horeb: suco de pêssago, laranja com acerola, energético e leite condensado.

Monte Tabor: suco de uva, guaraná com açaí, pó de guaraná, creme de leite e leite condensado.

Padre Pio: sucos de laranja com acerola, limão, abacaxi e pêssago e leite condensado.

Santo: suco de caju, frutas cítricas, pêssago e leite condensado.

Santa Terezinha: suco de caju, guaraná, pó de guaraná, energético e leite condensado.

São Francisco: suco de caju, leite de coco, guaraná com açaí, paçoca e leite condensado.

Esse menu é um exemplo eloquente do quanto os organizadores da cristoteca procuram imprimir ao ambiente da cristoteca, na sua totalidade, uma aura de sacralidade. Segundo eles, aquele não é um espaço profano. Ali tudo é sagrado: a casa, os instrumentos musicais, os objetos que são comercializados, os alimentos, as pessoas. O profano é, literalmente, o que “está fora” desse ambiente ou do espírito que impregna as pessoas e o espaço da cristoteca. Para Robbi Brito (2009), um traço fundamental da configuração social contemporânea

é a contradição. A configuração da realidade sociocultural, nas sociedades modernas contemporâneas, traz em si mesma, tensões e traços conflitantes de identidade: racionalidade/irracionalidade, integração/fragmentação, local/global, sujeito/sociedade. É nessa perspectiva de uma realidade contraditória e conflitante que podemos entender o texto de um dos organizadores da cristoteca:

Louvor, agito, animação, silêncio, concentração, oração. Alternando alegria e profundidade, a cristoteca quer dar ao jovens a oportunidade de uma verdadeira experiência com Deus. Por isso, a cristoteca se caracteriza por seu formato, digamos, incomum para uma balada. Logo de início encontramos a Santa Missa, que dá o tom da noite.²³

Assim, os jovens organizadores da cristoteca transformam espaços, ritmos, estilos musicais, antes considerados “mundanos” e “profanos”, em lugares e em instrumentos de evangelização e de experiência de Deus. No ambiente da cristoteca as músicas “profanas” são substituídas por músicas religiosas, cujas letras, impregnadas de mensagens de fé, de amor e esperança, são estímulos positivos para a vida e um convite para um encontro com Deus. Apenas o ritmo e os estilos musicais são os mesmos que o jovem poderia encontrar em uma casa noturna convencional. Nesse contexto da cristoteca, permeado pelo sagrado, a música religiosa adquire um significado todo especial: transforma músicos, cantores, DJs, dançarinos e coreógrafos, bandas e grupos musicais em instrumentos de Deus. O trecho da reflexão, dirigida aos participantes da cristoteca, preparada por um jovem missionário da Aliança de Misericórdia e integrante do Ministério de Dança da Cristoteca, é indicativo da autocompreensão que os jovens missionários dessa instituição têm do seu papel como “artistas de Deus”, incumbidos de uma missão sagrada:

O meu corpo é instrumento de Deus. Para o mundo, o corpo não passa de objeto de prazer. Nós, que somos chamados a evangelizar através da dança, recebemos de Deus o convite especial de sermos expressão de pureza, enfrentando assim o que é pregado no “mundo” [...]. Percebemos que 70% de nossa comunicação é feita através da expressão. Mesmo quando falamos, apresentamos gestos faciais e, às vezes, também corporais, que auxiliam a transmitir a mensagem com maior eficácia. Desta forma, podemos explorar os gestos e o nosso corpo como uma

²³

DVD: Cristoteca. Aliança de Misericórdia, 2009.

ferramenta, um “trampolim” para a evangelização. Temos a graça de viver num tempo em que a dança auxilia a levar as pessoas a viverem uma dinâmica de louvor e oração nas igrejas, e essas pessoas acabam descobrindo quão incrível é a experiência de dançar com e para Jesus!²⁴

Evangelizar através da música e da dança, proporcionando aos jovens, além de diversão e lazer, um espaço propício para o encontro com Deus é o objetivo primordial da cristoteca, como acabamos de apresentar. As questões relativas à identificação de quem são e o que buscam os jovens que frequentam essas cristotecas, e sobre as estratégias utilizadas nesse processo de evangelização juvenil serão objeto do terceiro capítulo desta dissertação.

Neste primeiro capítulo, portanto, abordamos o tema “Experiência religiosa através da música e da dança”. Partimos da constatação de que a utilização da música e da dança com finalidades religiosas não é algo recente. Desde as suas mais remotas origens, o ser humano utiliza a música e a dança como forma de expressar a sua religiosidade, o culto às divindades, as suas crenças em algo transcendente. Demonstramos, ainda, como a conjugação de música, dança e religião esteve presente em diferentes povos e culturas, no decorrer de toda a história da humanidade. Com o desenvolvimento das civilizações, a música e a dança ganham novos significados e funções, adquirem o *status* de arte, secularizam-se. A partir de meados do século XX, com o surgimento da música eletrônica, a música e a dança se constituíram em uma das mais expressivas manifestações das culturas juvenis contemporâneas. Considerados laicos e profanos pelas Igrejas, determinados gêneros musicais, como por exemplo, o *rock*, a música *pop* e os vários gêneros de música eletrônica, não podiam ser tocados nos eventos religiosos e recintos eclesiais. Até mesmo a utilização dessas músicas nos ambientes de lazer e diversão dos jovens dessas Igrejas era censurada e sofria sérias restrições.

No contexto da Modernidade contemporânea, as tradicionais instituições religiosas não conseguem mais impor aos seus fiéis, de forma totalizante, a sua

²⁴

Disponível

em: http://misericordia.com.br/cristoteca/index.php?option=com_content&view=article&id=5:danca&catid=6:danca&Itemid=5>. Acesso em 4 de junho de 2009.

visão de mundo, os seus valores e normas de conduta. Os indivíduos reivindicam, cada vez mais, o direito à sua autonomia e assumem com maior liberdade as decisões da sua vida, sem precisar recorrer a determinações e argumentos fundados em uma autoridade externa. Para responder às demandas desse novo sujeito social, as instituições religiosas precisam entrar em sintonia com os seus fiéis, repensar sua linguagem, conteúdos e estratégias de atuação, em um cenário religioso diversificado e plural, que oferece uma infinidade de opções religiosas adaptadas aos mais variados gostos e necessidades. Para enfrentar tal situação, “até mesmo as religiões tidas como tradicionais e consagradas tendem a se diferenciar bastante no interior de suas ortodoxias, de modo a oferecer, sobretudo aos leigos, uma multiplicidade de afiliações de significado e prática de fé”, observa Brandão (2004:278).

É nesse contexto de contínuas mudanças socioculturais, em que as tradições religiosas buscam se recompor e se reorganizar para atender às necessidades dos seus adeptos, que surgem, no interior da Igreja Católica, os “novos movimentos e as novas comunidades eclesiais”. Mais adaptados aos tempos atuais, tais movimentos e comunidades têm conseguido se apropriar, ressignificar e utilizar, como meio de evangelização, determinadas expressões das culturas juvenis, como é o caso da música e da dança na cristoteca. Portadoras de significações que vão além do valor estético que elas expressam, a música e a dança ganham novas significações nas cristotecas católicas, cuja origem, objetivos e estrutura organizacional foram apresentados neste primeiro capítulo do nosso trabalho.

No capítulo seguinte, abordaremos os “novos movimentos e as novas comunidades eclesiais”, no contexto da Modernidade contemporânea, focalizando a Renovação Carismática Católica. Em suas trilhas surgiram outros movimentos e inúmeras Comunidades de Aliança e de Vida, como o Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia, cujos membros são os idealizadores e promotores da cristoteca.

Capítulo II

Novos movimentos e novas comunidades eclesiais

As cristotecas, utilizadas pela Igreja Católica como forma de evangelização e de estratégia para atrair os jovens – através da música e da dança – e proporcionar-lhes uma experiência de Deus, se inserem num contexto mais amplo de mudanças socioculturais pelas quais passa a sociedade contemporânea, inclusive a própria Igreja. Nessa perspectiva, abordaremos neste segundo capítulo, os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais surgidos no interior da Igreja Católica, no século passado. Focalizaremos, entre os novos movimentos, a Renovação Carismática Católica, em cujas trilhas surgiram outros movimentos – como o Aliança de Misericórdia – e inúmeras Comunidades de Aliança e de Vida.

Neste capítulo, portanto, desenvolveremos os seguintes itens: o cenário religioso no contexto da sociedade contemporânea, o cenário religioso brasileiro, a Igreja Católica: entre avanços e recuos, a Igreja Católica e os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais: a Renovação Carismática Católica, as novas Comunidades de Vida e de Aliança, e finalmente, o movimento Aliança de Misericórdia, cujos membros são os idealizadores e promotores das cristotecas, que se utilizam da música e da dança como meios de evangelização da juventude.

2.1. O cenário religioso no contexto da sociedade contemporânea

O período histórico em que vivemos se caracteriza por um acelerado processo de mudanças que atingem, em dimensões globais, todos os âmbitos da vida, individual e social, afetando profundamente a nossa maneira de sentir, pensar e viver. Para usar uma expressão de Teixeira e Menezes (2005), estamos passando por uma profunda “mutação sociocultural”, que rompe com as representações e visões de mundo estruturadas em que as concepções religiosas permeavam a vida dos indivíduos em todas as suas dimensões.

A Modernidade¹ e seus desdobramentos provocaram mudanças radicais nas sociedades afetando as representações e interpretações da realidade, as visões de mundo, o modo de vida das pessoas. Criou as condições favoráveis para o surgimento da subjetividade, da crescente consciência da autonomia e da liberdade de pensamento e de expressão. No campo religioso, fez desaparecer uma visão monolítica que perpassou todo o período medieval e possibilitou uma multiplicidade de visões de mundo, obrigando a religião – e aqui queremos nos referir especialmente ao catolicismo romano – a reconhecer a legitimidade das diferentes formas de compreender, expressar e vivenciar o sagrado, ou seja, a se colocar como uma entre tantas outras explicações do mundo, convivendo em pé de igualdade com outras crenças e conhecimentos. Nesse contexto pluralista, a hegemonia ou o monopólio das grandes religiões tende, progressivamente, a extinguir-se.

Cada vez mais secularizadas e globalizadas, as sociedades contemporâneas se organizam de maneira secular e autônoma, sem necessidade de recorrer, para isso, à aprovação da religião ou a fundamentações religiosas baseadas em verdades universais e absolutas. Estas não possuem mais nenhuma pertinência para um mundo regido pelo progresso técnico-científico, pela autonomia do político-econômico e do social, num Estado democrático e laico. Nesse contexto, a religião perde o seu caráter fundante do social. As visões totalizantes e homogêneas de explicação da realidade se desfazem, dando lugar a uma multiplicidade de concepções e representações do mundo, que os

¹ Nos campos teóricos, políticos e filosóficos há divergências na tentativa de melhor definir e interpretar o período histórico em que vivemos. Deferentes palavras ou expressões são usadas para designar essa complexa realidade: Modernidade, Pós-Modernidade, Modernidade Tardia, Modernidade Líquida, condição pós-moderna etc., utilizadas respectivamente, por Hervieu-Léger, Maffesoli, Hall, Bauman, Harvey, dentre outros. Essa tentativa de definição “é uma operação teórica, um esforço de identificar os traços fundamentais que dão identidade à sociedade contemporânea. Ela deve servir como uma referência ao tempo histórico, não uma como substituição ou enquadramento da realidade” (BRITTO, 2009). Sem entrar no mérito da questão das diferentes definições e interpretações, usaremos neste trabalho o termo Modernidade contemporânea ou simplesmente Modernidade para identificar a configuração sociocultural da sociedade contemporânea.

indivíduos podem escolher e adotar livremente, de acordo com a sua consciência e seus interesses. Refletindo nessa perspectiva, Steil (2001:116) afirma que o pluralismo religioso é um fenômeno próprio da Modernidade, cuja origem encontra-se na quebra do monopólio de uma religião considerada até então como a oficial em uma determinada sociedade. Essa ruptura pode ocorrer, segundo esse autor, “tanto pelo avanço da ‘razão secular’, que se impõe através das ciências positivas, quanto pela diversificação do campo religioso, que resulta do rompimento da relação orgânica entre Estado e religião”. E acrescenta:

A pluralidade e a fragmentação religiosa, portanto, são frutos da própria dinâmica moderna. A secularização multiplica os universos religiosos, de forma que a sua diversidade pode ser vista como interna e estrutural ao processo da Modernidade. A secularização e a diversidade religiosa estão associadas diretamente a um mesmo processo histórico que possibilitou que as sociedades existissem e funcionassem sem precisar estar fundadas sobre um único princípio religioso organizador (STEIL, 2001:116).

A religião, entendida aqui como instituição tradicional que fundamenta, dá sentido e legitima o todo da sociedade e da vida das pessoas coletivamente, passa por um complexo e radical processo de transformação. O centro do qual emanam os sentidos, as normas, a coesão social e cultural não é mais o universo religioso regido pelas instituições religiosas. A Modernidade transfere esse centro da esfera religiosa para o indivíduo. O ser humano, na sua individualidade e racionalidade, percebe-se como sujeito capaz de reger a sua vida, de fazer suas opções, com liberdade e autonomia. Referindo-se a esse processo de emancipação, denominado também de laicização das sociedades modernas, Hervieu-Léger argumenta que, em decorrência dessa laicização,

a vida social já não está, ou está cada vez menos, submetida a regras ditadas por uma instituição religiosa. A religião cessa de fornecer aos indivíduos e aos grupos o conjunto das referências, das normas, dos valores e dos símbolos que lhes permitem dar um sentido à sua vida e às suas experiências. Na Modernidade, a religião deixa de constituir um código de sentido que se impõe a todos [...]. O que é especificamente moderno [...] é o fato de se ter tornado ilegítima, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis, a pretensão da religião de reger a sociedade inteira e governar toda a vida do indivíduo. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são “matéria de opção”: são assuntos privados,

que decorrem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política pode impor a ninguém (HERVIEU-LÉGER, 2005:38-39).

Segundo alguns autores (Berger, Hervieu-Léger, Maffesoli, Bingemer e outros) que nos ajudam a compreender o fenômeno religioso nas sociedades modernas contemporâneas, as religiões não desaparecem nesse mundo laicizado, global e secularizado. Embora em suas abordagens sobre esta questão haja algumas divergências, esses autores são concordes neste ponto: de formas diversas e originais, as religiões se recompõem e se reorganizam para responder às novas demandas e preferências dos seus adeptos:

A Modernidade não liquidou com a religião, pois esta ressurge com nova força e nova forma, não mais institucionalizada como antes, mas sim plural e multiforme, selvagem e mesmo anárquica, sem condições de voltar ao pré-moderno (BINGEMER, 2002:310).

Sobre isso, referindo-se mais especificamente à secularização nas sociedades modernas, Peter Berger constata que

a secularização no âmbito social não está necessariamente vinculada à secularização no âmbito individual. Algumas instituições religiosas perderam poder de influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso (BERGER, 2000:10).

Ainda nessa perspectiva, a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger oferece um instrumental teórico importante de análise dessa recomposição religiosa, utilizando para isso as figuras do peregrino e do convertido.² No nosso

² Hervieu-Léger (2005) utiliza duas figuras ideal-típicas – o peregrino e o convertido – como modelos teóricos de análise para compreender a mobilidade religiosa contemporânea. O peregrino representa a figura de alguém cuja identidade religiosa está em movimento, em meio à dispersão das crenças, à mobilidade e instabilidade das pertencas e reagrupamentos religiosos, em oposição à figura estável do “praticante”, cuja vida se adéqua às normas fixadas pela Igreja. A autora trabalha com a tríplice figura do convertido: a do indivíduo que muda de religião, ou seja, que abandona uma identidade religiosa herdada ou não assumida e a substitui por uma nova fé; a segunda figura é a do indivíduo sem nenhum pertencimento religioso que, no seu caminho pessoal, descobre em

trabalho, focaremos mais a figura do “convertido”, na modalidade do “refiliado”, ou seja, do “convertido do interior”, daquele que descobre a sua identidade religiosa até então ignorada ou vivida minimamente de modo puramente formal. Inúmeros exemplos dessa refiliação podem ser encontrados nos movimentos de reavivamento espiritual,³ de renovação de cunho carismático e pentecostal. Estes movimentos proporcionam aos seus membros uma experiência religiosa pessoal, intensa e de forte impacto emocional, correspondendo assim, segundo esta autora, à narrativa moderna da individualidade, pois o “convertido” é aquele que escolhe, que adere pessoalmente e que legitima o seu processo de identificação religiosa a partir da sua experiência de vida.

determinada tradição religiosa aquela com a qual se identifica e decide agregar-se a ela; e a terceira modalidade ou figura é a do convertido “refiliado”, que faz a experiência pessoal e intensiva de reapropriação da sua própria tradição religiosa.

³ Segundo Cunha (2007), o movimento de avivamento espiritual ou *revival* teve duas etapas nos EUA. A primeira ocorreu no século XVIII em vários pontos do país, como reação à onda de secularização resultante do Iluminismo, e teve no puritano Jonathan Edwards seu maior líder. A segunda etapa ocorreu no século XIX, e foi um movimento mais urbano, de caráter evangelista.

Os movimentos avivalistas ou revivalistas enfatizam a soberania de Deus e a necessidade de conversão instantânea e de reorganização da vida em busca da perfeição necessária à salvação. Influências desse *revival* se estenderam nos séculos que se seguiram, nos movimentos de cunho pentecostal. Também Carranza, em artigo publicado na revista **Mundo e missão**, abordando essa questão, no contexto norte-americano, afirma que “O século 20 começa com uma evolução no protestantismo tradicional, emergindo de suas Igrejas movimentos revivalistas (de reavivamento espiritual), que se caracterizavam pelo seu fervor missionário (proselitismo), alegria, entusiasmo e uma série de manifestações fundamentalistas. Ganhar o mundo para Cristo e viver segundo o Espírito Santo seriam as insígnias da incipiente proposta pentecostalista”. E lembra ainda, que o fenômeno pentecostal tem suas raízes no movimento metodista dos *holiness* (“santidade”) – que colocava a ênfase do ideal cristão na conversão (o nascer de novo) e na santificação, num clima de fervor, entusiasmo e êxtase –, e que o “seu surgimento localiza-se nos EUA, em 1905, caracterizando-se pela glossolalia (falar em línguas), a influência de vida no Espírito Santo e a clássica conversão pelo batismo no Espírito”. Disponível em:

<<http://www.pime.org.br/mundoemissao/religpentecostalismodados.htm>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2011.

Abordando a questão da religião no contexto contemporâneo, Oro (1997) lembra que, durante muito tempo, a relação entre religião e Modernidade foi tratada como duas realidades excludentes entre si. De fato, a Modernidade surge renunciando para um futuro próximo um mundo regido pela razão e pelo conhecimento científico e, portanto, isento de mistérios e misticismos. Nesse mundo secularizado, o sentido da vida humana seria garantido, não mais pela religião, mas pela razão e pela ciência. Porém, o que ocorre é isto:

Em vez de eclipsar ou expulsar a religião, a Modernidade fortaleceu-a, diversificou-a e contribuiu para a constituição de um pluralismo religioso [...]. Por isso mesmo, torna-se difícil falar em secularização no Brasil, sobretudo no seu sentido de [...] uma total conquista da autonomia das várias esferas sociais que pretendiam dotar-se de ideologias, referências e regras próprias separadas da religião. Se secularização houve, é no sentido que lhe dá Danièle Hervieu-Léger, enquanto transformação e reorganização do campo religioso (ORO, 1997:40-41).

2.1.1. O cenário religioso brasileiro

O campo religioso brasileiro apresenta um quadro cada vez mais complexo, diversificado e plural. Embora o catolicismo continue sendo a religião majoritária da população brasileira (73,8% segundo o Censo Demográfico de 2000, do IBGE),⁴ os dados do referido censo permitem constatar o crescimento expressivo dos evangélicos e dos “sem religião”, os quais atingiram, respectivamente, os índices de 15,4% e 7,35% da população brasileira. Este aumento no índice dos evangélicos é atribuído à expansão do pentecostalismo,

⁴ Ao concluirmos a nossa pesquisa, os dados do Censo Demográfico de 2010 não tinham sido ainda publicados pelo IBGE. Apresentamos dados mais recentes da Pesquisa Datafolha, realizada em 2007, sobre “Os brasileiros e a religião”, na qual essa tendência de diminuição no número de católicos e aumento dos evangélicos é confirmada. Dados desta pesquisa revelam que 64% dos entrevistados se declaram católicos (contra 70% em 2002, 72% em 1998) e que os evangélicos pentecostais somam 17% e os não pentecostais, 5%. Os que se declaram não ter religião ou ser ateus são 7%. A pesquisa do Datafolha é um levantamento por amostragem com abordagem em pontos de fluxo populacional com cotas de sexo e idade e sorteio aleatório dos entrevistados. Foram entrevistadas 44.642 pessoas das regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. In: Folha de São Paulo, Caderno Especial, 6 de maio de 2007. Também disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u91940.shtml>>

que corresponde a 10,4% dos evangélicos, segundo o censo. Esses dados demonstram uma diminuição da porcentagem de católicos (de 83,3% em 1991, para 73,8% em 2000); o aumento da porcentagem dos evangélicos (de 9% em 1991, para 15,4% em 2000) e o aumento dos que se declaram “sem religião” (4,8% em 1991, para 7,3% em 2000). Em relação ao crescimento dos “sem religião”, Teixeira (2005) considera que ele não representa, necessariamente, um fortalecimento do ateísmo, mas é mais a expressão do enfraquecimento das instituições tradicionais produtoras de sentido.

Devido à sua grande diversidade, torna-se extremamente complexo e difícil esboçar o desenho completo do cenário religioso brasileiro. Escrevendo sobre as religiões no Brasil hoje, Carlos Rodrigues Brandão (2004) apresenta uma extensa lista, acompanhada de alguns comentários, das religiões presentes no Brasil. Para termos uma ideia da complexidade desse quadro, citaremos apenas alguns dados do cenário apresentado por Brandão, pois nosso objetivo neste trabalho não é analisar essa questão tão ampla e complexa, mas sim tão somente apontar para a pluralidade e diversidade do universo religioso brasileiro. Em suas pesquisas, Brandão chega à seguinte constatação:

Afora as religiões, confissões e Igrejas tradicionais e mais visíveis, como o cristianismo católico e o evangélico (não pentecostal e pentecostal), o judaísmo, o espiritismo kardecista e outras, é a cada dia mais viva a presença de antigas religiões orientais revisitadas e recém-estabelecidas no Brasil (o budismo em suas diferentes variações seria o melhor exemplo) ao lado de neorreligiões de tradição oriental e, em menor número, ocidental (BRANDÃO, 2004:264).

Continuando a sua lista, Brandão distingue as religiões orientais antigas, como o budismo e o xintoísmo, de “outras religiões chegadas há pouco ‘de fora’ e que, ao contrário das primeiras, mesclam-se com a vida cotidiana e fazem inúmeros convertidos”, como a *Seicho-no-lê*, a *Perfect Liberty* e a Igreja Messiânica. Ainda no campo das religiões orientais, temos aquelas que chegaram até nós via Estados Unidos da América, dentre estas as mais conhecidas são: a *Fé Bahaí*, a *Hare Krishna*, o *Sufismo*, a *Ananda Marga* e a *Brahma Kumaris*. Esses nomes são indicadores da pluralidade de neotradições que, ao contrário das tradições antigas, preferem adeptos jovens e mais intelectualizados.

Compõem também esse cenário desenhado por Brandão as três religiões mediúnicas e de possessão mais conhecidas e difundidas no Brasil: o espiritismo kardecista, a umbanda e o candomblé. Mas existem outras, como a Casa De Minas, do Maranhão, e o Xangó do Nordeste. Com exceção do kardecismo, todas são de origem afro-brasileira. Lembramos ainda as religiões indígenas e aquelas influenciadas de alguma forma por estas, como o Santo Daime e a União do Vegetal, que têm encontrado seus adeptos entre as “classes mais altas” e culturalmente mais eruditas. Mencionamos ainda aquelas religiões que, embora se declarem confessionalmente cristãs, não se identificam nem com o catolicismo nem com as confissões protestantes e evangélicas: as Testemunhas de Jeová, os Mórmons, os Adventistas do Sétimo Dia.

Estas são apenas algumas das religiões – talvez as mais expressivas – apresentadas por Brandão na tentativa de mapear o campo religioso brasileiro. Existem, porém, inúmeras formas não institucionais de espiritualidade, de crenças e de expressões religiosas que se configuram nos chamados novos movimentos religiosos, como a Nova Era. Nesse contexto plural e de múltiplas alternativas de filiação religiosa, os processos de dupla filiação religiosa ou dupla pertença, de trânsito e de sincretismo, são comuns na sociedade brasileira.

Ainda segundo Brandão, especialmente nos últimos anos, ocorre no campo religioso brasileiro

uma quase explosiva polissemia religiosa. Ora, se ousarmos pensar as outras dimensões da criação institucional da cultura, como as do campo da política, da arte, ou da ciência, nenhum outro é tão democrática e escancaradamente aberto à adesão de tudo e de todos como a religião [...]. O universo religioso brasileiro acelera muito agora o que vinha já multiplicando desde antes, em termos de ofertas de tipos de agências de conversão, de afiliação, ou de usos de serviços de ajuda e salvação. Não apenas multiplicam-se unidades de crença partilhada com conteúdos de imaginários diversos, mas tipos, estilos e estratégias de afiliação, de presença e de vivência através de uma fé (BRANDÃO, 2004:278-279).

Esse quadro de diversidade, contudo, tem suscitado sérios debates, especialmente no meio cristão entre os estudiosos das ciências da religião e da teologia do pluralismo religioso. Cresce o número daqueles que defendem o pluralismo religioso de direito e de princípio, ou seja, defendem o valor, o direito

irredutível e irrevogável da alteridade de cada religião, contra o grupo majoritário daqueles que consideram o pluralismo religioso como uma deficiência a ser superada, ou, pelo menos, tolerada, até que se chegue a uma única religião, considerada como a verdadeira. E esta religião, segundo os adeptos dessa tendência, é o cristianismo. Sobre essa complexa questão, o teólogo e cientista da religião Faustino Teixeira, defensor do pluralismo religioso de direito e de princípio, afirma:

A diversidade religiosa deve ser reconhecida não como expressão da limitação humana ou fruto de uma realidade conjuntural passageira, mas como traço de riqueza e valor. A diferença deve suscitar não o temor, mas a alegria, pois desvela caminhos e horizontes inusitados para a afirmação e crescimento da identidade. A abertura ao pluralismo constitui um imperativo humano e religioso. Trata-se de uma das experiências mais enriquecedoras realizadas pela consciência humana: o reconhecimento do valor da diversidade como traço e riqueza da experiência humana (TEIXEIRA, 2005[b]:30).

O sociólogo Wagner Lopes Sanchez, referindo-se ao pluralismo religioso, lembra um dado importante, ou seja, que o pluralismo religioso é um conceito amplo que tem implicações que envolvem relações sociais entre Estado, sociedade civil e atores religiosos. E conclui:

Entendido dessa forma, o conceito de pluralismo religioso vai muito além da noção de diversidade religiosa. Ele refere-se àquelas condições que possibilitam o surgimento de uma estrutura político-legal que reconhece a legitimidade da existência de várias expressões e instituições religiosas e a existência de um Estado que se relaciona em igualdade de condições com todas elas (SANCHEZ, 2010:80).

Como se depreende do quadro aqui apresentado, o cenário religioso brasileiro, caracterizado pela diversidade e pelo pluralismo religioso, passa por vários processos de transformação e reconfiguração, em meio a rupturas e surgimento contínuo de novas expressões de religiosidades, de *bricolagens*, onde o antigo e o novo se fundem.

2.1.2. A Igreja Católica: entre avanços e recuos

Nesse contexto de crescente pluralismo religioso e de proliferação progressiva das Igrejas pentecostais, proporcionando às pessoas uma multiplicidade de opções religiosas, a Igreja Católica tem se manifestado preocupada com a diminuição de fiéis em seus quadros e com a perda da sua hegemonia na sociedade brasileira. Numa sociedade que se torna, cada vez mais, plural, laica e secularizada, as pessoas procuram aquelas religiões que melhor correspondem ou atendem às suas conveniências e gostos. Não se prendem nem dependem mais da tradição religiosa familiar. Com liberdade escolhem pessoalmente aquela que mais lhe apraz ou atende às suas necessidades imediatas.

Diante desse quadro, a Igreja Católica é desafiada a abrir-se para essa nova realidade e a encontrar respostas para as demandas e questões atuais que lhe são colocadas pelos homens e mulheres de hoje. Estes estão em busca mais de experiências religiosas, em que a subjetividade e as emoções contam, e menos de dogmas e verdades objetivas definidas há séculos e que pouco têm a dizer para elas nas complexas situações em que vivem.

Teólogos e cientistas sociais (Godoy, Libanio, Röser, Sanchez e outros) são unânimes ao considerar o Concílio Vaticano II (1962-1965) como um momento histórico de profundas e significativas mudanças na postura da Igreja Católica em face dos desafios colocados pelo mundo moderno, em processo acelerado de transformação. Por muito tempo a Igreja rejeitou e resistiu em aceitar o pensamento e as inovações advindas do mundo moderno e de dialogar com a nova cultura que dele emergia. O Concílio representou um passo importante na tentativa de aproximação, de abertura e de diálogo com a Modernidade. A partir desse evento, a Igreja começa a assumir uma atitude positiva em relação ao mundo moderno.

Para o teólogo João Batista Libanio (2000), é com o Concílio Vaticano II que a Igreja Católica, enquanto totalidade institucional, entra de fato na Idade Moderna e Contemporânea. Contudo, constata o teólogo,

desde o século XIX, e sobretudo na primeira metade do século XX, explodiu por diversos lados da Igreja Católica uma série de movimentos que carregavam dentro de si as demandas da Modernidade científica, da subjetividade, da história e da práxis. Infiltraram-se na Igreja tridentina da Contrarreforma [...].

Deixava-se para trás a concepção constantiniana da Igreja da Cristandade, na sua função de tutela da sociedade, do saber, da moral, do comportamento das pessoas [...]. Em resumo, dois movimentos atravessavam a Igreja nesse final da década de 1950. De um lado, a nítida resistência aos embates da Modernidade e, do outro, um penetrar dela na Igreja pela via especialmente dos movimentos (LIBANIO, 2005:11).

Segundo Libanio, vários movimentos eclesiais precederam e, de alguma forma, prepararam o Concílio Vaticano II, dentre eles o movimento dos leigos, o movimento das “novas teologias”, o movimento litúrgico e o ecumênico. Não é nosso objetivo neste trabalho discorrer sobre tais movimentos nem mesmo aprofundarmos questões relativas ao Concílio Vaticano II. Apontamos apenas alguns aspectos deste importante evento eclesial cuja incidência sobre o nosso objeto de estudo nos pareceram mais significativos, como, por exemplo, o movimento dos leigos, que está na base da preparação do Concílio Vaticano II e remonta à fundação e à evolução da Ação Católica, na segunda metade do século XIX em alguns países europeus como Bélgica, França e Itália.

Por iniciativa do sacerdote Joseph Cardijn, surgiu na Bélgica, em 1924, a partir de um grupo de trabalhadores jovens, o primeiro movimento da Ação Católica especializada.⁵ Seu objetivo era exercer a atividade eclesial e evangelizadora visando atingir um âmbito específico da vida social e determinado segmento de pessoas, como o mundo do trabalho e, posteriormente, o estudantil, dentre outros que se seguiram. Assim, nascia a Juventude Operária Católica (JOC), que logo se expandiu pela França e por outros países. No Brasil, a Ação Católica é criada em meados da década de 1930.

⁵ A Ação Católica contava com cinco organizações destinadas aos jovens: a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Independente Católica (JIC), formada por jovens que não eram abrangidos pelas organizações anteriores.

A partir da JOC, surgiram na França e em outros países do mundo cristão, movimentos especializados de estudantes, de jovens do mundo rural e, posteriormente, os movimentos especializados de adultos (Ação Católica Operária, Movimento de Profissionais Cristãos, Movimento Familiar Rural e outros). Os diversos movimentos se organizavam de maneira autônoma em cada país, desenvolvendo o modelo próprio de Ação Católica. A ideia era que os próprios sujeitos sociais se organizassem em movimentos especializados para serem apóstolos dos seus companheiros. Através do método Ver-Julgar-Agir, buscavam caminhos novos para a transformação cristã da sociedade, influenciando com a proposta cristã os seus locais de vida e trabalho, sob a orientação dos bispos católicos.

Nessa perspectiva, a Igreja Católica estimulava a participação dos leigos em suas fileiras, tentando assim recuperar o seu poder social ameaçado pelas mudanças empreendidas pela Modernidade. Desse modo, a Ação Católica se constituiu como um braço leigo na sociedade para defender os interesses da Igreja.

Segundo Libanio (2000), o movimento dos leigos na modalidade de Ação Católica produziu uma virada importante na perspectiva da relação da Igreja com a Modernidade. Partindo de uma intenção primeira de serem estes leigos a presença da hierarquia no mundo moderno hostil ou indiferente à Igreja, eles terminaram por trazer para dentro da Igreja as questões pertinentes ao mundo moderno. De fato, a Ação Católica trouxe para dentro da Igreja os colegiais (JEC), os universitários (JUC), os operários (JOC), o pessoal do campo (JAC) e as pessoas dos meios independentes (JIC), com seus dilemas e desafios próprios da Modernidade. Deste modo, a Ação Católica produziu resultados diferentes, não previstos pela hierarquia. Formou um laicato autônomo, crítico, criativo e impregnado pela Modernidade sociocultural. E assim, “quando se inicia o Concílio, a Modernidade já frequentava determinados ambientes leigos da Igreja e, por sua influência, também o clero”, conclui Libanio.

Por outro lado, surgem, fora da Ação Católica, novos movimentos de leigos, de cunho mais espiritualistas, dentre eles, a *Opus Dei* (Espanha, 1928), o Movimento Focolar (Itália, 1943), o *Cursilho de Cristianidade* (Espanha, 1944), o

Comunhão e Libertação (Itália, 1954), atraindo numerosos cristãos desejosos de unirem-se em associações que lhes proporcionassem uma vivência espiritual mais íntima e formas de encontrar e anunciar Jesus Cristo no ambiente de trabalho, na vida familiar e nas demais atividades cotidianas, em estreita comunhão com a hierarquia da Igreja.

Quando o Papa João XXIII anunciou a realização do Concílio Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, já existia um clima favorável para acolher este evento com suas propostas de *aggiornamento* (“atualização”, “modernização”), recebido com entusiasmo, sobretudo, nos meios mais progressivos da Igreja e também da Ação Católica.

Outro importante movimento que precedeu o Concílio Vaticano II foi o das “novas teologias”. Este movimento tentava dialogar com as ciências e com os princípios da Modernidade. Buscava fazer uma teologia para os tempos modernos, defendendo um retorno às fontes primeiras da fé, ou seja, à Escritura e à Tradição antiga dos Santos Padres e da Liturgia, utilizando-se dos novos métodos crítico-históricos para interpretar as Escrituras. Nesse contexto, as verdades da fé são compreendidas numa perspectiva histórica e processual.

Considerado o maior evento da Igreja Católica do século XX, o Concílio Vaticano II desencadeou um movimento de abertura e de atualização (*aggiornamento*) depois de um longo período de grandes dificuldades de diálogo da Igreja com o mundo moderno (GODOY, 2005). Os documentos conciliares sinalizam para as mudanças pretendidas pelo Concílio.

Na constituição conciliar *Lumen Gentium*, a Igreja se autodefine como povo de Deus, destacando a igualdade fundamental de todos os seus membros, colocando a hierarquia como servidora de todos os batizados. Deste modo, o Concílio desloca o foco de uma Igreja centrada e pensada a partir hierarquia – Papa, bispos e sacerdotes – para uma Igreja entendida e definida como povo de Deus, a serviço do qual a hierarquia deve colocar-se.

Essa nova concepção de Igreja proposta pelo Concílio possibilitou uma maior abertura da Igreja para o mundo moderno, para as outras Igrejas cristãs e

para as outras religiões, e reconheceu a autonomia da realidade terrestre, das ciências, da política, da sociedade como tal.

A constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, apresenta uma Igreja servidora do mundo, atenta aos sinais dos tempos, identificada com a realidade concreta da humanidade inteira:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (GS, n. 1).

Entretanto, segundo Godoy (2005) e Libanio (2000), no decorrer de todo o período conciliar, perpassou uma forte tensão entre duas mentalidades ou tendências conflitantes, constituídas por bispos de vários países: uma tradicionalista, ligada à burocracia eclesiástica conservadora, dogmática, e uma mentalidade inovadora, de cunho pastoral e ecumênica, que incorporava elementos fundamentais da Modernidade.

O Concílio enfrentou, portanto, desde o seu início, fortes resistências. Embora a votação tenha sido amplamente favorável aos seus 16 documentos, as reações às conclusões conciliares já começaram dentro mesmo do Concílio e se arrefeceram no imediato pós-concílio. Até sua excomunhão por Paulo VI, o bispo francês Marcel Lefebvre foi o articulador de ações contrárias às decisões conciliares e à sua implementação (GODOY, 2005).

Na América Latina, como em outras partes do mundo, a aplicação do Concílio Vaticano II não foi isenta de tensões. Passados pouco mais de dois anos do término do Concílio (1962-1965), o episcopado da América Latina realizou um encontro – a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano⁶ – com o

⁶ A primeira Conferência do Episcopado Latino-Americano, convocada pelo Papa Pio XII, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro (Brasil), em 1955, portanto, antes do Concílio

objetivo de interpretar os documentos conciliares à luz da problemática latino-americana e, nessa perspectiva, aplicar as renovações conciliares considerando a realidade, os anseios, as dores e esperanças dos homens e mulheres desse continente. A temática proposta para a conferência foi “A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II”, cuja abertura foi feita pelo Papa Paulo VI. Era a primeira vez que um pontífice visitava a América Latina. Nessa conferência, realizada na cidade de Medellín, Colômbia, em 1968, os bispos produziram um documento, que serviu de referência para a atuação dos católicos no continente. Recebido com entusiasmo pelos católicos chamados de progressistas, o documento suscitou temores e preocupações entre aqueles resistentes às mudanças propostas pelo Vaticano II.

Considerando a realidade de empobrecimento e miséria vivida por milhões de pessoas, especialmente do então chamado Terceiro Mundo, durante o Concílio, bispos de vários continentes tentaram, sem sucesso, colocar os pobres no centro das atenções da Igreja. Na Conferência de Medellín, a tentativa fracassada desses bispos alcançou plenamente esse objetivo. A opção pelos pobres, a Teologia da Libertação – enquanto reflexão à luz da fé sobre a práxis libertadora relativa à opressão dos pobres – e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) – como um novo jeito de ser Igreja – constituem características marcantes da caminhada eclesial, impulsionada pelas novas perspectivas apresentadas nas conclusões da Conferência de Medellín e continuadas e corroboradas pela conferência realizada em Puebla, México, em 1979. A práxis e a reflexão sobre pobreza e libertação são elementos característicos dessas duas conferências – Medellín e Puebla – e seus desdobramentos. É do texto oficial das Conclusões de Medellín o veemente apelo que emerge da realidade sofrida do nosso continente:

O Episcopado Latino-Americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria de nossos

Vaticano II. Medellín foi a segunda Conferência, e a primeira, depois do Vaticano II. Outras Conferências, reunindo o episcopado latino-americano e caribenho, foram realizadas em: Puebla (México, 1979), Santo Domingo (República Dominicana, 2002), Aparecida (Brasil, 2007). As Conferências são oficialmente convocadas pelo Papa e contam com a sua presença na abertura do evento.

povos numa dolorosa pobreza e que, em muitos casos, chega a ser miséria inumana.

Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de parte nenhuma (MEDELLÍN, 2004:14,1-2).

A Conferência de Puebla ocorre sob comando de um novo Papa, João Paulo II. Embora passando por várias restrições por parte do Vaticano e do forte apoio de setores conservadores do episcopado, os bispos reunidos em Puebla conseguiram produzir um documento crítico, no qual se afirma a célebre “opção preferencial pelos pobres”.

Contudo, a forte tensão existente no interior da Igreja, provocada pela oposição à chamada “Igreja da libertação” – cujas expressões mais fortes se configuravam nas CEBs, na opção pelos pobres, na inserção de leigos e religiosos nos meios populares, no engajamento pastoral comprometido com os movimentos sociais –, apoiada e alimentada pela Teologia da Libertação. Todas essas realidades, principalmente a Teologia da Libertação, por usar um instrumental teórico de análise da realidade de cunho marxista, foram vistas por uma parcela da Igreja oficial, inclusive do Vaticano, como uma politização da fé e ideologização do evangelho, sob a influência marxista. Diante das pressões e controles, esse segmento eclesial se enfraquece, e a outra tendência, alinhada com o Vaticano e com os setores mais conservadores da Igreja, representada pelos movimentos eclesiais de cunho mais espiritualistas, ganham cada vez mais espaço e apoio nos dois últimos pontificados. Não visamos nesse trabalho aprofundar estes embates eclesiais. O nosso foco se dirige a esta última tendência, ou melhor, aos novos movimentos eclesiais, objeto de estudo deste capítulo do nosso trabalho.

Fazendo um breve balanço do que ocorreu nas quatro décadas passadas após o Vaticano II, Edênio Valle afirma ter a impressão de que grande parte das mudanças, desejadas e necessárias para que a Igreja pudesse responder ao que ela precisa ser no mundo de hoje, não foram feitas, e observa:

Nos anos que se sucederam imediatamente ao Concílio, houve um ímpeto renovador bastante expressivo, que se fez sentir com especial força nos países de

tradição ibero-americana. Ele soprou durante certo de tempo, mas cedo se fizeram sentir os freios acionados pela central eclesiástica romana.

[...] Já nos anos 70 e 80 mudam os ânimos e as orientações dominantes. Começa um retrocesso em relação às esperanças suscitadas pelo Concílio. Acentua-se a tensão entre duas linhas de interpretação do legado conciliar: uma defendia como urgente pôr um freio ao processo desencadeado pelo Concílio, reafirmando a importância de se salvaguardar e manter a disciplina, bem como normas claras da instituição, para não se perder a unidade; a outra pensava que o mais conveniente seria acelerar as mudanças (VALLE, 2006:564).

Nessa avaliação da caminhada da Igreja pós-Vaticano II,⁷ constata-se que aconteceram avanços e recuos, que nem todas as proposições conciliares foram, de fato, implementadas. Contudo, Godoy é do parecer de que o Concílio Vaticano

⁷ Na avaliação do teólogo da libertação José Comblin (2007), o mundo para o qual o Vaticano II falou não existe mais. Com a ampla e profunda revolução da sociedade ocidental, em todos os âmbitos da ciência, economia, política, religião, a cristandade desmoronou, especialmente, a partir da década de 1970. Para o teólogo, diante da crise provocada por essa situação, o Papa João Paulo II respondeu voltando à grande disciplina. “A resposta dele foi restaurar tradições, usos, costumes, devoções anteriores ao Vaticano II e que tinham perdido prestígio ou caído em desuso”. Além disso, o Papa proclamou como agentes da nova evangelização os chamados movimentos, isto é: Opus Dei, Legionários de Cristo, Focolarinos, Comunhão e Libertação e outros semelhantes. Estes constituiriam uma tropa de choque, uma base muito estreita para fundar uma nova neocristandade, no parecer do teólogo. Na constituição pastoral *Gaudium et Spes* a Igreja havia renunciado ao projeto de cristandade. Porém, na prática, segundo Comblin, grande parte da Igreja age como se ainda houvesse ou como se se pudesse refazer uma nova cristandade semelhante àquela que havia na primeira metade do século XX.

Na mesma perspectiva de Comblin, o teólogo espanhol naturalizado na Nicarágua José María Vigil (2007), reconhece que acontecimentos importantes na vida eclesial, como são os concílios, sempre agregam algo mais, condicionando, de alguma forma, o devir eclesial posterior. Contudo, esses eventos que foram referências de uma época cedem lugar a outras referências históricas maiores e a novas urgências, que substituem as anteriores. Para Vigil, o Concílio Vaticano II está superado. A sua mensagem tornou-se irrelevante pelo fato de suas proposições e categorias terem se tornado obsoletas depois de quarenta anos. “A sua incumbência continua sendo em parte uma herança truncada e uma tarefa inacabada. Sua referência já não é mais a principal para a Igreja que transpõe um horizonte sócio-espiritual radicalmente diferente”, afirma o teólogo.

II continua sendo uma referência importante para a caminhada da Igreja, e completa:

Num olhar retrospectivo sobre as últimas décadas na Igreja, ficamos impressionados com as mudanças que aconteceram, apesar de tantas pressões contrárias. Isso prova que há um ritmo eclesial que transcende a vontade desse ou daquele grupo, pois tem seu tempo marcado por forças que atuam fora do domínio eclesiástico (GODOY, 2005:595).

Entretanto, o teólogo alemão Johannes Rösler, em entrevista ao IHU On-Line (Instituto Humanitas Unisinos),⁸ ressalta a persistente dificuldade da Igreja Católica contemporânea em lidar com a Modernidade. Referindo-se particularmente aos avanços e impulsos inovadores oportunizados pelo Concílio Vaticano II, faz a seguinte constatação:

Há mais tempo já se pode perceber que os acentos, colocados pelo Concílio Vaticano II, que apontavam para frente estão sendo minimizados, bagatelizados, que os impulsos para a renovação e a reforma estão sendo “inseridos” em noções pré-conciliares.

Nesse sentido, o teólogo cita alguns exemplos dessa tendência de retorno ao período pré-conciliar, considerando como um marco deste recuo o lançamento, em agosto de 2000, do documento *Dominus Iesus*⁹ da Congregação para a Doutrina da Fé, presidida então pelo cardeal Joseph Ratzinger, atual Bento XVI. Segundo a análise de Rösler, este documento interpreta de maneira unilateral e muito restritiva o Decreto do Vaticano II *Unitatis Redintegratio*¹⁰ sobre o ecumenismo, e nega às Igrejas protestantes o ser plenamente Igreja de Cristo.

⁸ Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=38610>. Acesso em: 26 de novembro de 2010.

⁹ A Declaração *Dominus Iesus* sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, afirma: “Existe portanto uma única Igreja de Cristo, que subsiste na Igreja Católica, governada pelo Sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele” (n. 17). Disponível em: <www.vatican.va>. Acesso em: 20 de novembro de 2010.

¹⁰ *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo, de 21 de novembro de 1964. Disponível em: <www.vatican.va>. Acesso em: 20 de novembro de 2010.

Este posicionamento, posteriormente, foi confirmado, uma vez mais, por um comunicado do Vaticano. Outro passo dado nesse recuo ou restauração foi

a readmissão geral da liturgia tridentina como forma extraordinária de celebração. Nesse sentido, deve-se levar em conta que a liturgia tridentina se baseia em um modelo de compreensão espiritual que não é mais compatível com a atual experiência do mundo marcada pelo Iluminismo e pela demitologização – desde a ideia do sacrifício expiatório até noções mágicas e apegadas a milagres (RÖSER, IHU On-Line).

Para Röser, a Igreja chegou a uma encruzilhada. E nesta situação

só há duas alternativas: ou continuar se isolando dos desdobramentos da Modernidade na ciência, na arte, na cultura, na sociedade, ou reconhecer as leis próprias da realidade, o mundo do devir, a mudança constante. A compreensão da fé também tem que enfrentar as mudanças de paradigma, a mudança dos modelos conceituais, para preservar o futuro do cristianismo. Nesse sentido, ele também precisa aprender de novo a ser modesto para com o mundo, para com as pessoas, para com Deus (RÖSER, IHU On-Line).

Ainda hoje, em algumas áreas, especialmente naquelas relacionadas à doutrina e à moral, a hierarquia da Igreja tem colocado sérias resistências às mudanças e inovações. Paradoxalmente, por outro lado, para acolher e conciliar em seu interior tanta diversidade, sem romper com a unidade eclesial, a Igreja abre espaço para uma infinidade de novos movimentos, de tendências e posicionamentos variados e até, aparentemente, antagônicos. Vista nessa perspectiva, embora seja a religião que mais “perde fiéis para as outras”, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão observa, no entanto, que

o catolicismo parece ser a religião com a mais aberta capacidade de ajustamento aos “novos tempos” [...]. Quando observada de perto, vemos como ela se abre e se permite diversificar, de modo a oferecer, em seu interior, quase todos os estilos de crenças e de práticas de fé existentes também fora do catolicismo (BRANDÃO, 2004:282).

Como constata Brandão, há uma grande diversidade no interior do catolicismo. A diversidade e a pluralidade são traços constitutivos da sua configuração desde as suas origens, embora tenha convivido – e ainda conviva –

com uma forte tendência, por parte da hierarquia, de impor limites, de controlar ou ordenar essa pluralidade. É o que confirma Mariz (2003:171) quando diz, referindo-se à Igreja Católica, que “uma das explicações para a sobrevivência dessa Igreja sob uma liderança unificada por tantos séculos se encontra em sua organização caracterizada pela capacidade de controlar os desvios e manter grupos divergentes juntos”.

Em meio ao pluralismo e diversidade que caracteriza o cenário religioso brasileiro, no que se refere à ação pastoral da Igreja, como observa Edênio Valle (2006), houve um recuo quanto às preocupações sociais e percebe-se “um surto pietista e conservador” apoiado e incentivado pelas autoridades eclesiais. É nesse contexto que se inserem os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais, alguns dos quais surgidos no período pós-conciliar, porém, recuperando algumas concepções, prática e crenças pré-conciliares.

2.2. A Igreja Católica e os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais

O surgimento de numerosos movimentos e comunidades eclesiais que caracterizam a vida da Igreja nas últimas décadas não é um fato inédito. No decorrer de toda a sua história, a Igreja acolheu no seu interior grupos de fiéis que, sentindo-se movidos pelo Espírito Santo, organizaram-se em comunidades e em movimentos, com finalidades específicas, ou seja, objetivando atender a determinados fins relacionados às necessidades emergentes e cruciais do seu tempo, como obras de caridade e de assistência aos pobres e necessitados, bem como em busca de experiências espirituais mais profundas com Deus.

Nessa perspectiva, o Conselho Pontifício para os Leigos ao tratar da Associação Internacional de Fiéis,¹¹ no prefácio de seu Diretório,¹² constata:

¹¹ O Conselho Pontifício para os Leigos apresenta no Diretório Internacional de Associações de Fiéis uma lista de 122 associações que receberam aprovação oficial da Santa Sé. Entre elas estão relacionadas associações tradicionais muito antigas (Milícia de Cristo, França, 1209), bem como outras mais recentes, algumas das quais surgidas no Brasil, como a Comunidade Católica Shalom (Fortaleza – CE, 1982); os Arautos do Evangelho

Nos últimos tempos, o Concílio Vaticano II, reconhecendo com renovado vigor a dignidade e a responsabilidade que caracterizam o cristão, em força do próprio batismo, não só tem dado um grande impulso a todas as formas de associação leiga, mas faz emergir novos carismas e novas formas de associações que são chamados de novos movimentos eclesiais e novas comunidades.

Em sua “Mensagem aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais”, reunidos em Roma, em 27 de maio de 1998, o Papa João Paulo II tenta definir o que são os novos movimentos eclesiais:

O que se entende, hoje, por “Movimentos”? O termo é com frequência referido a realidades diversas entre si, às vezes, até por configuração canônica. Se, por um lado, ela não pode certamente exaurir nem fixar a riqueza das formas suscitadas pela criatividade vivificante do Espírito de Cristo, por outro, porém, indica uma concreta realidade eclesial de participação predominantemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão, que assenta o próprio método pedagógico sobre um carisma preciso dado à pessoa do fundador, em circunstâncias e modos determinados.

E no texto da “Vigília de Oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades” o Papa acrescenta:

Cada movimento difere do outro, mas todos estão unidos na mesma comunhão e para a mesma missão. Alguns carismas suscitados pelo Espírito irrompem como vento impetuoso, que arrebatam e atraem as pessoas para novos caminhos de empenho missionário ao serviço radical do Evangelho, proclamando sem temor as verdades da fé, acolhendo como dom o fluxo vivo da tradição e suscitando em cada um o ardente desejo da santidade.

(São Paulo –1999); a Canção Nova (Cachoeira Paulista – SP, 1978). Esta última, embora não conste ainda da lista do Diretório (no site), recebeu a sua aprovação pontifícia em 3 de novembro de 2008. Constam também nesta lista outras associações de âmbito internacional atuantes na Igreja do Brasil: Milícia da Imaculada (Itália, 1917); Opus Dei (Espanha, 1928); Obra de Maria (movimento dos Focolares, Itália, 1943); Comunhão e Libertação (Itália, 1954); Cursilhos de Cristandade (Espanha, 1980); Serviço à Renovação Carismática Católica Internacional (1978), dentre outras. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_20051114_associazioni_sp.html>. Acesso em: 29 de julho de 2010.

Os movimentos, portanto, são formas associativas de participação na vida e na missão da Igreja. Os que surgiram nas últimas décadas, como por exemplo, a Obra de Maria ou Focolares, a Renovação Carismática Católica, a Canção Nova, são chamados de “novos movimentos”. Estes congregam, além de um grande número de leigos, pessoas consagradas e ministros ordenados e apresentam, segundo a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), um novo perfil em relação às antigas associações leigas:

Na atualidade, milhões de católicos vivem sua pertença à Igreja segundo novas formas associativas, diferentes daquelas tradicionais [...]. Respondem generosamente à necessidade de uma nova evangelização, com novos métodos e expressões, visando aos diversos ambientes da sociedade e aos católicos não praticantes. Acentuam a conversão e a vivência, demonstrada com gestos concretos de mudança de vida e de participação no movimento. Apresentam-se com identidade católica, pois nasceram, desenvolveram-se e atuam dentro da Igreja, sentindo-se, de modo especial, vinculados ao Papa e aos bispos (CNBB, 2005:18-19).

Os vários textos do magistério da Igreja relativos aos novos movimentos eclesiais que apresentamos aqui demonstram a relevância dada e esses movimentos, especialmente nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Tais movimentos foram apoiados e legitimados por Paulo VI, e amplamente ratificados, valorizados e incentivados durante todo o pontificado do Papa João Paulo II (1978-2005), que os proclamou como os agentes da nova evangelização, a “tropa de choque” para fundar uma nova neocristandade, segundo Comblin (2007).

Em maio de 1998, por ocasião do IV Congresso Mundial dos Movimentos e das Novas Comunidades, que reuniu, em Roma, cerca de 300 mil participantes de 60 movimentos e novas comunidades, o Papa os saudou afirmando que “no nosso mundo, com frequência dominado por uma cultura secularizada que fomenta e difunde modelos de vida sem Deus, a fé de muitos é posta à dura prova e, não raro, é sufocada e extinta”, tais movimentos e comunidades são uma resposta providencial do Espírito Santo aos desafios dramáticos do nosso tempo. O seu nascimento e difusão trouxeram vitalidade e “novidade inesperada” à vida da Igreja, segundo o pontífice (JOÃO PAULO II, 1998[b]).

Referindo-se ainda aos movimentos eclesiais, o Papa afirma seguir com atenção os seus trabalhos, acompanhá-los com oração e constante encorajamento, manifestando por eles o seu apreço:

Desde o início do meu Pontificado, atribuí especial importância ao caminho dos movimentos eclesiais e tive ocasião de apreciar os frutos da sua difundida e crescente presença no decurso das visitas pastorais às paróquias e das viagens apostólicas. Constatei com prazer a sua disponibilidade para pôr as próprias energias ao serviço da Sé de Pedro e das Igrejas locais. Pude indicá-los como novidade que ainda espera ser adequadamente acolhida e valorizada [...]. Eles representam um dos frutos mais significativos daquela primavera da Igreja já prenunciada pelo Concílio Vaticano II, mas infelizmente não raro obstaculizada pelo difundido processo de secularização. A sua presença é encorajadora, porque mostra que esta primavera progride, manifestando o vigor da experiência cristã no encontro pessoal com Cristo (JOÃO PAULO II, 1998[a]).

No pontificado do Papa Bento XVI, os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais continuam recebendo grande incentivo e apoio. As palavras do atual pontífice confirmam o reconhecimento e a importância, para a Igreja, dessas associações de fiéis:

Movimentos eclesiais e as novas comunidades, que floresceram depois do Concílio Vaticano II, constituem um singular dom do Senhor e um recurso precioso para a vida da Igreja. Eles devem ser acolhidos com confiança e valorizados nas suas diversas contribuições [...]. Os movimentos e as novas comunidades são como irrupções do Espírito Santo na Igreja e na sociedade contemporânea. Então podemos dizer que um dos elementos e dos aspectos positivos das comunidades da Renovação Carismática Católica é precisamente a importância que revestem nelas os carismas ou dons do Espírito Santo e mérito seu é ter evocado na Igreja a atualidade (BENTO XVI, 2008).¹³

¹³

Discurso do Papa Bento XVI aos representantes da Comunidade da Renovação Carismática Católica, por ocasião II Encontro Internacional dos Bispos que acompanham as novas Comunidades de Renovação Carismática Católica, do Conselho Internacional da Catholic Fraternity of Charismatics Covenant Communities and Fellowships e da XIII Conferência Internacional, reunidos em Assis (Itália), em 31 de outubro de 2008. Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081031_carismatici_po.html>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2009.

Um indicativo do apreço do Papa por esses movimentos e suas lideranças foi a recente premiação do padre Marcelo Rossi, um dos mais destacados representantes da ala carismática da Igreja Católica no Brasil. Em 22 de outubro de 2010, no Vaticano, o padre Marcelo Rossi recebeu das mãos do Papa o *Prêmio Van Thuan* – Solidariedade e Desenvolvimento.¹⁴ O religioso foi um dos cinco escolhidos pelo Vaticano para receber esse prêmio em reconhecimento à sua maneira moderna de divulgar a Palavra de Deus através da televisão, shows, discos, DVDs e filmes.¹⁵ Com este prêmio, o sacerdote brasileiro recebeu o título de o “Evangelizador Moderno”.

A premiação contou não apenas com o apreço do Vaticano, mas também com o apoio de membros do episcopado brasileiro. A iniciativa de indicar o nome do padre Marcelo ao prêmio foi do bispo da diocese de Caruaru (PE), Dom Dino (Dom Bernardino Marchiό, italiano), que encaminhou um projeto ao Vaticano chamado “Padre Marcelo Rossi: O Evangelizador Moderno”. No texto que dirigiu ao Vaticano, o bispo descreveu com detalhes a biografia de Padre Marcelo, a descrição de suas missas no Santuário do Terço Bizantino, apresentou os CDs, DVDs e filmes lançados em sua história religiosa, as missas de grandes proporções realizadas no Estádio do Morumbi e no Autódromo de Interlagos, na cidade de São Paulo, além de detalhes da construção de um novo santuário.¹⁶

Iniciamos a abordagem dos novos movimentos a partir de um olhar mais eclesiológico. Vimos até agora como eles são visto pela Igreja Católica. Considerando tais movimentos numa perspectiva sociológica, o português

¹⁴ Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1626067-15605,00-PADRE+MARCELO+ROSSI+GANHA+PREMIO+NO+VATICANO.html>>. Acesso em: 11 de novembro de 2010.

¹⁵ Filmes do padre Marcelo Rossi: 1. **Maria, Mãe do Filho de Deus** (2003). Drama. Estúdios: Diler & Associados / Columbia Pictures / Globo Filmes. Distribuição: Columbia TriStar do Brasil. 2. **Irmãos de Fé** (2004). Drama. Produção de Diler Trindade e Luiz Claudio Moreira. Distribuído pela Columbia Pictures do Brasil. Ambos os filmes foram dirigidos por Moacyr Góes e contaram com a participação do padre Marcelo Rossi no seu elenco, no papel de um sacerdote.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.cabecadecuia.com/noticias/82691/padre-marcelo-rossi-recebe-premio-van-thuan-das-maos-do-papa-bento-xvi.html>>. Acesso em: 11 de novembro de 2010.

Joaquim Costa (2006) observa que, embora se qualifiquem esses movimentos como novos, vários deles já têm mais de meio século de existência. Reconhece porém, que a notoriedade pública e eclesial dos mesmos dá-se sobretudo a partir da década de 1970. Para este autor, o que existe de inédito nos movimentos não é o fato de serem movimentos, pois estes se sucederam na história da Igreja desde os seus primórdios, algumas vezes até perturbando a tranquilidade dessa instituição. Para o autor português, o que é inédito nos novos movimentos é o fato de serem novos, serem dos nossos dias, ou seja, os novos movimentos são os que surgem no “quadro composto pela Modernidade tardia [...]”. São os que emergem da cultura secularizada [...] após a *saída da organização religiosa do mundo*”. Ainda segundo Costa, esses movimentos promovem uma espiritualidade que ele denomina de “pura” e mundana ao mesmo tempo, profundamente psicologizada, questionadora e ingênua diante da realidade social, “acossada e triunfalista no supermercado de fés urbano,¹⁷ mediático e global” (COSTA, 2006:76).

É deste contexto da Modernidade, no qual, segundo Hervieu-Léger, o conjunto das instituições religiosas se confronta com a perda da sua influência na sociedade e com o enfraquecimento da sua própria capacidade reguladora da vida de seus adeptos, que surge a grande diversidade dos novos movimentos e novas comunidades:

Enquanto os aparelhos das grandes instituições religiosas parecem cada vez menos capazes de regular a vida dos fiéis que reivindicam a sua autonomia de sujeitos crentes, assiste-se a uma florescência de grupos, redes e comunidades

¹⁷ Ao trazer a ideia de “supermercado de fés” – forjada pelo professor de Religião Comparada, na Western Michigan University, Brian Wilson –, Costa comenta, concordando com este professor, que ideia de “supermercado de fés” é com frequência confrontada como uma prova dos limites da secularização ou, até da sua inexistência pura e simples. Na sua percepção, o “mundo moderno tem, de fato, um supermercado de fés (autóctones, importadas, exóticas, inovadoras, restauracionistas, pessoais etc.) precisamente porque sua cultura é secularizada. Numa sociedade *religiosa*, os inúmeros movimentos que corporizam tal leque de crenças dificilmente surgiriam e, se surgissem, dificilmente sobreviveriam. Pelo contrário, podem disseminar-se onde a religião perde pertinência coletiva mas, em paralelo, pode assumir enorme significado individual” [Grifo do autor] (COSTA, 2006:36).

no seio dos quais os indivíduos trocam e validam mutuamente as suas experiências espirituais. As formas desse aparato associativo, que se manifesta tanto no interior quanto no exterior das grandes confissões religiosas, são extremamente variadas (HERVIEU-LÉGER, 2005:32).

Um traço característico da identidade desses novos movimentos e novas comunidades eclesiais é que eles são laicos, mesmo que alguns deles tenham sido fundados por sacerdotes, como é o caso do movimento Aliança de Misericórdia, fundado no Brasil, pelos padres italianos Antonello Cadeddu e João Henrique, e da Comunidade Canção Nova, criada também no Brasil, pelo sacerdote salesiano Jonas Abib. Outro exemplo é a Renovação Carismática Católica, surgida nos Estados Unidos e trazida para o Brasil por dois jesuítas, os padres Eduardo Drougherty e Haroldo Rahm.

A qualificação laical significa, portanto, que esses movimentos e comunidades não são extensões de ordens e congregações religiosas tradicionais na Igreja; nem como as Ordens Terceiras, que são “vocacionadas para enquadrar os leigos encarados como um estado de menoridade eclesial, fora da via de perfeição – aqueles que o direito canônico, mesmo nas novas codificações, aborda depois do clérigos”. Os padres e religiosos que participam dos novos movimentos e das novas comunidades o fazem num modelo de integração com os leigos, forjando uma identidade nova: a do movimento. “O padre é um operador ritual indispensável e uma garantia de catolicidade. Para além disso, é um membro como os outros [...]. Entram no ritmo criado e orientado pelos leigos” (COSTA, 2006:76-77).

Os novos movimentos – e conseqüentemente os seus desdobramentos em novas comunidades – “constituem um modelo histórico novo na Igreja, sem comparação com tudo o que existiu e se desenvolveu até agora na Igreja Católica”. Eles nasceram e se formaram em outro contexto, ou seja, no contexto de uma sociedade moderna, secularizada, laica, plural. Surgiram, portanto, a partir de outras necessidades e sensibilidades. Cada um deles parte de uma experiência espiritual específica e original, gerando assim um modelo novo de vivência eclesial (COMBLIN, 1983).

Uma das características identitárias fundamentais dos novos movimentos e das novas comunidades eclesiais é a espiritualidade. Nascidos de uma experiência espiritual pessoal e comunitária,¹⁸ a espiritualidade se torna para eles uma finalidade muito mais destacada e importante do que a sua missão no mundo, uma vez que é parte inquestionável da missão proporcionar às pessoas um encontro íntimo e pessoal com Deus. E aqui, na espiritualidade, encontramos um outro dado novo. Estamos vivendo “em uma época histórica em que a espiritualidade procede, pelo menos prioritariamente, não dos institutos religiosos e sim dos movimentos feitos e concebidos por leigos e para leigos”. E a espiritualidade dos movimentos é uma espiritualidade leiga (COMBLIN, 1983:234-235).¹⁹

¹⁸ Em vários desses movimentos e comunidades a experiência espiritual acontece em grupo de pessoas reunidas na mesma busca interior. É o caso, por exemplo, da Renovação Carismática Católica, que não tem um fundador individual, único, mas um grupo de professores e estudantes universitários; como também o movimento Aliança de Misericórdia, fundado na cidade de São Paulo por dois sacerdotes italianos e alguns leigos. Este último movimento citado será abordado ainda neste capítulo do nosso trabalho.

¹⁹ A espiritualidade do leigo é a mesma espiritualidade cristã, que assume, porém, na vida do cristão leigo características especiais, segundo o decreto do Concílio Vaticano II *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos “a fonte e origem de todo o apostolado da Igreja é Cristo, enviado pelo Pai. Sendo assim, é evidente que a fecundidade do apostolado dos leigos depende da sua união vital com Cristo. [...] Esta vida de íntima união com Cristo na Igreja é alimentada pelos auxílios espirituais comuns a todos os fiéis e, de modo especial, pela participação ativa na sagrada Liturgia; e os leigos devem servir-se deles de tal modo que, desempenhando corretamente as diversas tarefas terrenas nas condições ordinárias da existência, não separem da própria vida a união com Cristo, mas antes, realizando a própria atividade segundo a vontade de Deus, nela cresçam. É por este caminho que os leigos devem avançar na santidade com entusiasmo e alegria. [...] Esta espiritualidade dos leigos deverá assumir características especiais, conforme o estado de matrimônio e familiar, de celibato ou viuvez, situação de enfermidade, atividade profissional e social [...] Além disso, aqueles leigos que, seguindo a própria vocação, se alistaram em alguma das associações ou institutos aprovados pela Igreja, devem de igual modo esforçar-se por assimilar as características da espiritualidade que lhes é própria” (AA, n. 4).

Dentre os inúmeros novos movimentos atuantes na Igreja do Brasil, atualmente, abordaremos neste trabalho apenas o da Renovação Carismática Católica e o movimento Aliança de Misericórdia – também este de matriz carismática – devido à sua relação com a nossa pesquisa, pois as cristotecas foram idealizadas e são promovidas pela Aliança de Misericórdia como uma forma nova de evangelização da juventude no mundo hodierno.

2.2.1. A Renovação Carismática Católica

Toda religião ou movimento religioso nasce e se desenvolve num determinado contexto, “em estreita inter-relação com seu espaço geográfico, seu momento histórico e o meio ambiente social concreto” (SOTER, 2007:5) onde está situado e, portanto, é influenciado pelo seu contexto e sobre ele também exerce algum tipo de influência.

Nesse sentido, numa perspectiva mais religiosa e teológica, vemos na origem da Renovação Carismática Católica (RCC) uma forte influência tanto do pentecostalismo norte-americano do século passado, quanto das repercussões de todo um clima de *aggiornamento* que fervilha no meio católico, chamado de progressista ou mais propenso a mudanças, no período pré-conciliar. Em relação à influência católica, já abordamos brevemente essa questão ao apresentarmos os movimentos que precederam e que, de alguma forma, prepararam o Vaticano II. Sobre isto, acrescentaremos aqui apenas alguns textos ilustrativos do momento de expectativa e de busca de renovação vivido pela igreja no período que antecedeu e se seguiu ao Concílio e ao surgimento do movimento carismático católico.

Surgida próxima ao término do Concílio Vaticano II, a RCC vê a si mesma como obra do Espírito Santo, como uma resposta às necessidades espirituais de nosso tempo. Percebe-se como um acontecimento estreitamente vinculado ao Concílio Vaticano II. Na sua percepção, o seu surgimento ocorre no momento em que a Igreja Católica procurava caminhos para pôr em prática a renovação da

Igreja desejada, proposta e desencadeada pelo Concílio Vaticano II.²⁰ A RCC vê confirmada essa sua percepção nas palavras do Papa João XXIII, expressas na Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, de 25 de dezembro de 1961, com a qual convocava o Concílio Vaticano II:

Repita-se, pois, agora, na família cristã, o espetáculo dos apóstolos reunidos em Jerusalém depois da ascensão de Jesus ao céu, quando a Igreja nascente se encontrou toda reunida em comunhão de pensamento e oração, com Pedro e ao redor de Pedro, Pastor dos cordeiros e das ovelhas. Digne-se o Espírito divino escutar, de maneira mais consoladora, a oração que todos os dias sobe até ele de todos os recantos da terra: Renova em nossos dias os prodígios como em um novo Pentecostes e concede que a Santa Igreja, reunida em unânime e mais intensa oração em torno de Maria, Mãe de Jesus e guiada por Pedro, propague o reino do divino Salvador, que é reino de verdade, de justiça, de amor e de paz. Assim seja.

Antes mesmo que a Renovação Carismática Católica surgisse no cenário eclesial, ouviu-se repetidas vezes o chamado para um novo Pentecostes.²¹ Além deste pedido do Papa João XXIII para que todos rezassem por um novo “derramamento do Espírito” pentecostal, em preparação para o Concílio Vaticano II, outros textos pontifícios lançaram o mesmo apelo. Anos mais tarde, ao refletir sobre a experiência do Concílio, o Papa Paulo VI, na Audiência Geral de 29 de novembro de 1972, pronunciou estas palavras, consideradas pela RCC como uma magnífica e profética exortação:

²⁰ Essa autoconsciência da Renovação Carismática Católica está explicitada no Portal Oficial da RCC do Brasil. Disponível em: <<http://www.rcc.org.br>>. Acesso em: 11 de novembro de 2010.

²¹ *Pentecostes* é uma palavra de origem grega que significa “cinquenta”, “quinquagésimo”. Foi adotada para denominar a festa comemorativa da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos no quinquagésimo dia da ressurreição de Jesus. De acordo com o relato bíblico dos Atos dos Apóstolos, passados cinquenta dias da ressurreição de Jesus “os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar [no Cenáculo, em Jerusalém]. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa onde se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se” (At 2,1-4).

Já nos perguntamos muitas vezes quais são as maiores necessidades da Igreja [...]. Que necessidades julgamos ser a primeira e a última para nossa abençoada e dileta Igreja? [...] Devemos dizer com a alma quase saltitante e suplicante que a Igreja tem necessidade do Espírito Santo, que é seu mistério, sua vida [...]. A Igreja tem necessidade de seu perene Pentecostes, tem necessidade de fogo no coração, de palavras nos lábios, de profecia no olhar. [Tradução nossa].²²

É nessa perspectiva que a RCC quer ser entendida. Não como um movimento, “mas como um ‘mover do Espírito Santo’, que resgata valores da própria Igreja em nossos dias, antes esquecidos ou desvalorizados. É a própria ação da Misericórdia de Deus sobre o seu povo, ação esta que não é inédita, mas acontece hoje como nunca antes”.²³

Os inícios da RCC remontam ao ano de 1966, quando um grupo de professores leigos católicos da universidade de Duquesne, em Pittsburg, Pensilvânia (EUA), começaram a se reunir para orar juntos com outras pessoas de denominações religiosas diferentes, ou seja, com evangélicos pentecostais reavivados, pedindo ao Espírito Santo a graça de uma vida cristã mais plena e profunda. E, segundo eles, começaram de fato a ter a experiência de uma vida inteiramente renovada no Espírito. No ano seguinte,

em fevereiro de 1967, uma pessoa desse grupo estava entre os organizadores de um retiro para um grupo de estudantes universitários [da universidade de Duquesne]. Neste retiro os estudantes experimentaram de uma maneira nova a presença e o amor de Deus nas suas vidas. Voltando para o campus, sem o saberem, formaram o primeiro grupo de oração carismática na Igreja Católica. [COHEN, 1976:100]

Nas descrições sobre suas origens, apresentadas também no seu portal oficial e em seus *sites* na internet, a RCC mostra a sua estreita relação com pessoas e grupos pentecostais reavivados. Relata como os professores e alunos católicos da universidade de Pittsburg buscavam uma vida nova no Espírito e que

²²

Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721129_it.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2010.

²³

Disponível em: <<http://deusvivorj.sites.uol.com.br/renovacao.htm>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2011.

esta, segundo eles, não dependia simplesmente de seus esforços humanos. Esses professores começaram a pedir em oração que o Espírito Santo lhes concedesse uma renovação e que o vazio que seus esforços humanos havia deixado fosse plenificado com a vida poderosa do Senhor Ressuscitado. Cada dia os homens rezavam uns pelos outros, pedindo “Vem, Espírito Santo!”. O processo de busca dessas pessoas é descrito nestes termos:

Desejosos de entrar em contato com alguma pessoa conhecedora das experiências do Espírito, entrevistam William Lewis, sacerdote episcopal, que os põe em contato com a Sra. Betty de Schomaker, que dirigia em sua casa uma reunião de oração pentecostal. A reunião tem lugar na casa do Sr. Lewis, no dia 6 de janeiro de 1967, Festividade da Epifania do Senhor.

Em 20 de janeiro, Ralph Keiner e Patrick Bourgeois assistem à segunda reunião de oração e suplicam que se ore por eles pedindo o Batismo no Espírito Santo. Nessa ocasião Ralph recebe o dom das línguas. Na semana seguinte Ralph impõe as mãos sobre seus outros companheiros para receberem o Batismo no Espírito Santo. Em fevereiro de 1967 os quatro católicos de Pittsburgh haviam recebido o Batismo no Espírito Santo.²⁴

Prosseguindo na sua busca por uma experiência mais profunda e radical de vida no Espírito, o grupo de professores e alunos da universidade de Duquesne se reúne para um retiro espiritual, considerado pela RCC como o seu marco fundante, e que é descrito nos seguintes termos:

De sexta-feira 17 ao domingo 19 de fevereiro [de 1967], mais de 30 pessoas fazem um retiro de fim de semana, “o retiro de Duquesne”. Passam todo o dia 18, sábado, em oração e estudo. À noite oram para pedir o Batismo no Espírito Santo e muitos deles têm a certeza espiritual, confirmada pela transformação interior e pela manifestação de dons do Espírito Santo, de que sua oração havia sido atendida. Gozam a experiência de um pentecostes pessoal e em comunidade. Foi para eles uma verdadeira “atualização de Pentecostes”.²⁵

A expressão “Batismo no Espírito” ou “Derramamento do Espírito”, utilizada pelos carismáticos, condensa e sintetiza uma dupla experiência: a renovação

²⁴ Disponível em: <<http://deusvivorj.sites.uol.com.br/renovacao.htm>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2011; outros dados também são encontrados em:

<<http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=42>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2011.

²⁵ Ibidem.

interior – conversão e mudança de mentalidade – que se verifica no íntimo da pessoa, e a efusão do dom do Espírito, que desencadeia as suas energias espirituais, descortinando para o fiel novos horizontes e dimensões mais elevadas para a sua vida (DeGRANDIS, 1975). É uma reativação da graça e da força divina recebidas no batismo, é uma experiência espiritual que suscita na pessoa o desejo de conversão de vida, de maior intimidade com Deus, de busca da vontade divina. Também representa uma experiência de libertação interior, segundo o arcebispo Paul Josef Cordes:

O “Batismo no Espírito Santo” é a experiência concreta da “graça de Pentecostes” na qual a ação do Espírito Santo torna-se realidade experimentada na vida do indivíduo e da comunidade de fé [...]. É a percepção incontestável e às vezes avassaladora da amorosa proximidade de Deus [...]. Essa revelação de Deus atrai, abre novas categorias de pensamento, revela novos propósitos e desejos, esclarece a importância da vontade divina, bem como da pecaminosidade humana e da necessidade de arrependimento (CORDES, 1999:23-24).

Para o arcebispo, essa experiência é frequentemente acompanhada do dom das línguas ou glossolalia (cf. 1Cor 14) e, às vezes, envolve muita emoção e lágrimas, pois esta é uma “experiência que não excluiu as emoções humanas na descoberta da bondade e das misericórdias divinas”.

Foi isso – o “Batismo no Espírito Santo” – que ocorreu com o grupo da universidade de Duquesne, segundo o relato de participantes do grupo. A experiência vivida naquele “Fim de Semana de Duquesne”, como ficou mundialmente conhecido aquele retiro, caracterizou-se por um reavivamento espiritual por meio da oração, da vida nova no Espírito, com a manifestação dos seus dons, incluindo o dom de línguas. As notícias sobre o ocorrido causaram impacto no meio religioso universitário e se propagaram rapidamente para além deste ambiente. Tinha nascido “da efusão do Espírito Santo” a Renovação Carismática Católica (RCC) que, em curto espaço de tempo se estendeu por inúmeros países nos vários continentes. Sobre essa expansão da RCC, Carranza informa:

Hoje, a RCC está presente em 258 países e afirma ter estabelecido contato com 100 milhões de fiéis católicos; organiza-se em milhões de grupos de oração, e é

representada perante a Cúria Romana pela *International Catholic Charismatic Revewal Services* (ICCRS); acolhe dezenas de experiências de vida comunitária denominadas de Novas Comunidades de Aliança e de Vida; estimula a adesão a sua espiritualidade de centenas de bispos, sacerdotes, seminaristas; impulsiona inúmeros projetos que se utilizam da mídia como canal privilegiado de evangelização, agrega em torno de si as mais variadas propostas de produtos de consumo religioso [...], promove incontáveis iniciativas musicais que congregam a juventude carismática; [...] e, finalmente, mesmo que com algumas ressalvas, a presença da RCC nas paróquias e dioceses se constitui numa força pastoral não desprezível (CARRANZA, 2009:35).

Várias características que vão marcar a RCC, como o avivamento espiritual, o Batismo no Espírito, as formas espontâneas de oração, o clima emotivo que envolve os momentos de encontro e oração, dentre outras, foram adotadas dos cursilhos de cristandade e dos movimentos pentecostais reavivados de outras denominações cristãs com os quais os católicos se relacionavam ou dos quais tinham conhecimento, no seu contexto de origem, na sociedade norte-americana. Para Carranza (2009:36), “a RCC corresponde a uma expressão particular do movimento de pentecostalização mais amplo, cujas raízes encontram-se no protestantismo norte-americano do século XIX e início do século XX, os denominados *holiness revival*”.

Além da aproximação com esses movimentos, através de grupos de oração orientados ou com a participação dessas pessoas, o grupo de universitários de Duquesne também entrou em contato com a literatura pentecostal relativa ao Espírito Santo. Esses contatos, tanto pessoais quanto literários, foram sumamente importantes para esses católicos na sua busca de um cristianismo mais vital e renovado. No tocante à literatura, destacamos a importância que teve então a publicação do livro **A cruz e o punhal**²⁶ (1963), de

²⁶ Uma das jovens universitárias que participaram do “retiro de Duquesne”, considerado como o marco fundante da RCC, relata em carta a um de seus professores a experiência vivida naquele retiro: “Tivemos um fim de semana de estudos nos dias de 17 a 19 de fevereiro. Preparamo-nos para este encontro, lemos os Atos dos Apóstolos e um livrinho intitulado **A cruz e o punhal**, de autoria de David Wilkerson. Eu fiquei particularmente impressionada pelo conhecimento do poder do Espírito Santo e, pelo vigor e a coragem com que os apóstolos foram capazes de espalhar a Boa-Nova, após o Pentecostes. Eu

autoria do pastor norte-americano David Wilkerson, que também foi o pregador num dos primeiros Congressos da RCC nos Estados Unidos.

O livro, publicado no Brasil pela editora Betânia, retrata a história do ministério de David Wilkerson junto aos adolescentes e jovens marginalizados que viviam no submundo do crime, da prostituição, das gangues e das drogas nas periferias e guetos de Nova York. Nessas circunstâncias extremamente adversas, o pastor pregava o evangelho e testemunhava o amor de Deus para com esses jovens, até que um dia o milagre aconteceu. Líderes de quadrilhas começaram a se converter. Rapazes deixavam uma vida de crimes e violência para também se tornarem pregadores da Palavra de Deus junto a seus companheiros. Começou aí o movimento “Desafio Jovem”, que levou muitas pessoas a um encontro pessoal com Jesus. Essa história de David Wilkerson influenciou muitos cristãos brasileiros, inclusive católicos, no início da década de 1970, a iniciarem um trabalho de recuperação de jovens viciados em droga. Hoje, este livro – que também virou filme – continua, para muitos, como um testemunho vivo da transformação que Deus pode fazer na vida de homens e mulheres que se entregam inteiramente a ele.

Comentando sobre o grupo de universitários que deram início à RCC, nos Estados Unidos, Edênio Valle (2004) trás outro dado importante. Lembra que alguns desses universitários tinham participação nos Cursilhos de Cristandade²⁷ – movimento surgido na Espanha em meados da década de 1940 – e que tal movimento havia introduzido na Igreja Católica “o uso de técnicas fortes que mexem com o emocional do grupo e desestabilizam os arranjos psicorreligiosos do cotidiano das pessoas”. Referindo-se ainda à RCC, este autor acrescenta:

supunha, naturalmente, que o fim de semana me seria proveitoso, mas devo admitir que nunca poderia supor que viria a transformar a minha vida!”. Disponível em: <<http://www.rcc.org.br>>. Acesso em: 10 de novembro de 2010.

²⁷ Sobre isto, Costa (2006:122) também informa que, em 1964, a Universidade do Espírito Santo de Duquesne, Pittsburg, de confissão católica, tinha introduzido nas suas atividades religiosas o Cursilho de Cristandade. Dois anos mais tarde acolheu um congresso deste movimento em que participaram também professores de outra universidade católica norte-americana (a *Notre Dame*, Indiana). Aí foi divulgado o livro de um pastor metodista, **A cruz e o punhal**.

Foram esses universitários que “inventaram” o pentecostalismo católico. Ao buscarem novas vias para a renovação pedida pelo Concílio, passaram a copiar os reavivamentos (*revivals*) que, àquela altura, eram um apanágio das Igrejas pentecostais, que o usavam com o fito de reconquistar cristãos que haviam se desgarrado de suas Igrejas de origem porque perdidos no anonimato das “multidões solitárias” das grandes cidades (VALLE, 2004:100).

O pentecostalismo nos Estados Unidos, em meados do século XX, aparece como um meio eficaz de revitalização do protestantismo daquele país. Refletindo nessa perspectiva, Edênio Valle apresenta a seguinte suposição:

Os primeiros grupos de católicos carismáticos talvez tenham experimentado o mesmo que os crentes com quem conviviam nos aglomerados urbanos de classe média e puderam, assim, perceber que o “batismo do Espírito” não só reanimava a fé individual como liberava energias para uma poderosa ação evangelizadora (VALLE, 2004:100).

Entretanto, o grupo de católicos foi suficientemente criativo para imprimir ao movimento nascente a identidade católica, recorrendo para isso a símbolos que expressam essa identidade e que para o movimento é extremamente relevante. Conforme observa Edênio Valle,

não sem grande habilidade, os pioneiros do catolicismo reavivalista souberam se diferenciar dos protestantes, não obstante a vizinhança antropológica entre eles e os protestantes. E o fizeram através do que alguém chamou de “as três brancuras”: Nossa Senhora, a Eucaristia e o Papa.

Com isso, sua identidade católica foi garantida, reforçada agora, por três armas de extraordinário poder de fogo: a centralidade da Bíblia e de Jesus Cristo, a manifestação livre de carismas no seio da comunidade em festa e as curas e exorcismos, vistos como comprovação do poder de Deus (VALLE, 2004:100).

Um dado importante para a constituição identitária da RCC nesse contexto pentecostal foi a “reaprendizagem da oração pessoal através de uma abertura ao Espírito Santo, esse grande esquecido da teologia católica no século em que o catolicismo se implantou nos Estados Unidos” (VALLE, 2004:100).

No Brasil, a RCC chega em 1969, trazida por dois sacerdotes norte-americanos, da Companhia de Jesus (jesuítas), os padres Eduardo Dougherty e Haroldo Rahm. Nos inícios da década de 1970, estes e outros sacerdotes e leigos

adeptos da RCC começam a pregar os retiros chamados de Experiência do Espírito Santo, Experiência de Oração, em todo o Brasil, disseminando o movimento, em curto espaço de tempo, por todo o território nacional.

No começo da sua implantação no Brasil, a RCC atingiu as lideranças engajadas em movimentos como os Cursilhos de Cristandade, os Encontros de Juventude, os participantes de TLC (Treinamento de Lideranças Cristãs). A adesão do padre Jonas Abib, que posteriormente fundará a Canção Nova, e com o apoio da Associação do Senhor Jesus, criada pelo padre Eduardo Dougherty, a RCC ganha um forte impulso para a sua expansão.

Inicialmente, a RCC causou certa inquietação pastoral e encontrou resistências de parte do clero e do episcopado brasileiro,²⁸ especialmente daqueles ligados à Teologia da Libertação e às CEBs. Porém, especialmente nas duas últimas décadas, tem recebido o apoio e o reconhecimento de um número significativo de sacerdotes e bispos do Brasil.

Um fator relevante que contribuiu para a ampla difusão e consolidação da RCC em solo brasileiro foi, sem dúvida, a utilização massiva dos meios de comunicação social, como instrumento de divulgação de suas ideias, especialmente através dos três canais de televisão: Rede Vida, Canção Nova e Século XXI, e sobretudo da sua presença massiva na internet com portais, *sites*, *chats* de paróquias, dioceses e comunidades. Acrescente-se a isso a vasta produção no campo editorial, fonográfico, radiofônico e discográfico.

É significativa também a sua influência na constituição de inúmeras bandas católicas de *rock* e na criação de artistas, sobretudo leigos e jovens – compositores, cantores, DJs –, destacando-se também, entre estes artistas, os

²⁸ O relacionamento entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e os líderes carismáticos nem sempre foi isento de tensão. Em 1994 a CNBB lançou um documento (**Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. Doc. 53. São Paulo: Paulinas) no qual fez várias advertências e orientações ao movimento, tanto no que diz respeito à sua relação com a Igreja, quanto em relação a alguns termos e procedimentos utilizados pelos carismáticos que poderiam gerar ambiguidades confundindo os fiéis católicos no que tange às práticas litúrgicas próprias do catolicismo. No Documento, a CNBB estabelece, entre outras coisas, que “os manuais de oração, livros de estudo bíblicos e de formação doutrinal, tenham aprovação eclesial” (n. 32, p.19).

chamados padres cantores.²⁹ Os grandes eventos musicais promovidos no país inteiro com a participação desses artistas têm reunido milhares de pessoas, especialmente jovens, em seus mega-shows, festivais de música religiosa como os *Hallel*, *Summer Beats*, *raves* e *cristotecas*.

A música é, sem dúvida, um recurso utilizado amplamente pela RCC – e pelos movimentos que tiveram nela a sua origem –, como meio de evangelização e como uma estratégia eficaz para atrair os jovens para o movimento, especialmente através das inúmeras bandas de *rock* espalhadas por todo o país, das baladas santas ou *cristotecas*, realizadas nos finais de semana, dos shows que reúnem milhares de jovens, embalados ao som dos mais variados ritmos da música eletrônica contemporânea e sob o comando de talentosos *DJs* católicos. Tudo isso, porém, com um objetivo: para além do entretenimento e do lazer, proporcionar aos jovens uma experiência íntima e pessoal de Deus.

Desse modo, a RCC é um dos movimentos que, na Igreja Católica, mais utiliza os meios de comunicação social, as modernas tecnologias de comunicação, como instrumento de formação dos seus adeptos, de divulgação e de realização da sua missão evangelizadora.

A base estrutural³⁰ da RCC é formada pelos Grupos de Oração, que se organizam geralmente nas paróquias, e se reúnem semanalmente sob a liderança

²⁹ Dentre eles: Agnaldo José, Antonio Maria, Cleidimar Moreira, Ewaldo Trevisan, Fábio de Mello, Jonas Abib, Joãozinho (João Carlos Almeida), Juarez de Castro, Marcelo Rossi, Reginaldo Carreira, Reginaldo Manzotti, Robson de Oliveira.

³⁰ A RCC apresenta uma estrutura bem organizada em âmbito local, regional, nacional e internacional. Conta para isso com Conselhos, Assessorias, Equipes, Escritórios e Ministérios, como a função de promover os seus objetivos, a articulação entre suas coordenações e garantir a sua unidade. Na América Latina, sediado atualmente na cidade do México, há o CONCCLAT (Conselho Carismático Católico Latino-Americano), um organismo continental criado em 1972 que tem como objetivo promover o intercâmbio e refletir sobre a experiência da Renovação Carismática nos ambientes culturais católicos latino-americanos. Através do CONCCLAT acontece a cada dois anos o ECCLA (Encontro Carismático Católico Latino-Americano). Na esfera internacional existem a Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships (CFCCCCF) – Fraternidade Católica das Comunidades de Aliança e Vida, composta por mais de 50 comunidades espalhadas pelo mundo, e cujos Estatutos foram reconhecidos pelo

de leigos do próprio movimento. Nesses grupos, a presença do assessor eclesialístico ou diretor espiritual é indispensável. É uma exigência da hierarquia da Igreja.

Iulianelli (1997) vê uma contradição interna no fato de a RCC, embora laica, depender da figura do assessor eclesialístico. A questão é que o diretor espiritual ou assessor eclesialístico é um elemento legitimador da RCC na Igreja Católica, como reconhece este autor: “Não se trata de uma figura que indique as linhas-mestras do movimento, embora no Brasil os padres do movimento tenham certa proeminência, trata-se antes da legitimação eclesialística que eles implicam” (IULIANELLI, 1997:23).

As reuniões de oração se caracterizam pela participação de todos e pela espontaneidade de cada um em expressar os seus pedidos e necessidades e suas preces de louvor. O uso da música tem uma importantíssima função de manter a vibração e o elã espiritual do grupo, o clima emocional de alegria, entusiasmo e fervor, e, sobretudo, de expressar e ratificar, também através da mensagem da letra dos hinos, a experiência espiritual compartilhada pelo grupo.

Muitos grupos de oração deram origem a inúmeras comunidades carismáticas e movimentos que se organizam e se estruturam, inclusive canônica e juridicamente, de forma autônoma em relação à RCC.

A linha comum do movimento, segundo a RCC, é o “Batismo do Espírito Santo” – poderosa e transformadora efusão do Espírito Santo – que ocorre principalmente durante um seminário cuidadosamente preparado para isso, que se denomina “Seminário de Vida no Espírito”, embora muitas pessoas tenham

Pontifício Conselho para os Leigos, em novembro de 1990, e o ICCRS (International Catholic Charismatic Renewal Services – Serviço da Renovação Carismática Católica). O ICCRS é a principal estrutura de coordenação e de serviço da RCC. Criado em 1978 e atualmente sediado em Roma, foi reconhecido pelo Conselho Pontifício para os Leigos, em 14 de setembro de 1993, como organismo de Direito Pontifício. Dados disponíveis em: <<http://www.rccbrasil.org.br>> e em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_20051114_associazioni_sp.html>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2009.

sido batizadas fora deste seminário, em grupos de oração e em outros eventos realizados pelos pela RCC.

A experiência de Deus é uma das características fundamentais dos novos movimentos eclesiais. Vivida em clima de forte emoção, entusiasmo e júbilo, tal experiência, geralmente, provoca mudanças radicais na vida das pessoas. Referindo-se a essas mudanças, nos grupos de oração da RCC, o psicólogo Edênio Valle evidencia que, após tal experiência,

se reorganizam de maneira nova os traços de personalidade e cria-se uma outra identidade social ancorada em novos vínculos e papéis comunitários e novas percepções do mundo externo, desde sentimentos de pertença e adesão ao grupo novo em que se entra via batismo no Espírito.

Essa reestruturação do campo perceptivo e da autocompreensão do sujeito tem suporte nos fervorosos grupos de oração que a RCC incentiva com o objetivo de manter vivo o primeiro entusiasmo dos membros. Há também atividades de formação especialmente as relativas à Bíblia. Simultaneamente a RCC orienta os novos adeptos para uma ação evangelizadora direta, centrada no testemunho pessoal e grupal coordenado em manifestações massivas de evangelização (VALLE, 2004:102).

O ICCRS (International Catholic Charismatic Renewal Services – Serviço da Renovação Carismática Católica Internacional) é o principal órgão de coordenação e de serviço da RCC. Tem por missão promover a RCC no mundo, alimentando nos membros o compromisso de fidelidade à Igreja Católica, tanto no âmbito individual como no grupal; tornando-se centro de unidade, comunicação e colaboração entre os grupos de oração e as comunidades presentes nos diferentes continentes. Em sua *homepage* o ICCRS assim define o movimento:

A Renovação Carismática Católica não é um movimento mundial unificado e único. Ela não tem um único fundador ou um grupo de fundadores como muitos outros movimentos. Ela também não tem uma lista de membros. Ela abriga uma alta diversidade de indivíduos, grupos e atividades – comunidades de vida e aliança, grupos de oração, grupos de partilha, paróquias renovadas, congressos, retiros e também atinge vários apostolados e ministérios –, frequentemente independentes uns dos outros, em estágios e modos de desenvolvimento

diferentes e com ênfases diferentes, embora compartilhem a mesma experiência fundamental e adotem os mesmos objetivos gerais (ICCRS).³¹

2.2.2. As novas Comunidades de Aliança e de Vida

Criadas, geralmente, por participantes dos grupos de oração da RCC, as Comunidades de Aliança e de Vida têm crescido muito em todo o território nacional. Segundo Mariz (2005), o surgimento de tais comunidades é um fenômeno recente no Brasil, registrado pelos pesquisadores somente a partir da década de 1990 e nos anos de 2000. Entretanto, este é um fenômeno não apenas brasileiro, mas de dimensões internacionais, presente nos vários continentes. Inclusive algumas dessas comunidades – como, por exemplo, a Canção Nova, a Shalom, a Toca de Assis, a Aliança de Misericórdia – que tiveram sua origem no Brasil já se expandiram para outros países, como também encontram-se no Brasil comunidades que tiveram origem em outros países, como as comunidades Focolares (Itália), Emanuel (França) e Missionária de Villaregia (Itália), dentre outras.

A configuração de alguns dos novos movimentos, o modo como se estruturam, os aproxima mais das formas particulares de vida comunitária do que de uma simples associação de fiéis. Por isso, alguns deles recusam serem chamados de movimentos e optam por chamar-se de comunidades. Alguns apresentam duas formas distintas e complementares de viver um mesmo carisma e espiritualidade: a comunidade de vida e a comunidade de aliança.

No Brasil, muitas dessas comunidades surgiram por iniciativa dos próprios leigos, a partir de grupos de oração da RCC, outras, por iniciativa de algum sacerdote, porém com a colaboração dos leigos, e destinada a eles. Tais comunidades contam com a assistência espiritual de um sacerdote, têm sede própria, estatutos ou regra de vida, carisma próprio, registro civil da entidade e coordenação independente do movimento que lhes deu origem, a RCC. Algumas comunidades assumem a formação de vocacionados ao ministério sacerdotal, os quais, depois de ordenados, permanecem como membros das respectivas

³¹ Disponível em: <http://www2.iccrs.org/about_ccr/ccr_worldwide/rccnomundo.htm>. Acesso em: 11 de julho de 2010.

comunidades e dedicados inteiramente ao serviço delas. A formação desses sacerdotes, segundo a CNBB (2005), é acompanhada pela autoridade eclesial diocesana, pois esta é uma exigência canônica.

Com o apoio e o incentivo da Igreja oficial, especialmente dos dois últimos pontífices – João Paulo II e Bento XVI –, os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais proliferaram e se difundiram amplamente, principalmente sob a forma de Comunidades de Aliança e de Vida.

As Comunidades de Aliança são constituídas por homens e mulheres, casados e solteiros, jovens, adultos, famílias, profissionais, que se reúnem em torno de experiências espirituais e de projetos comuns de evangelização. Fazem votos de consagração a Deus, vivem a mesma regra dos membros da Comunidade de Vida, porém continuam a exercer suas atividades profissionais no mundo. As Comunidades de Vida são grupos com fortes vínculos de comunhão, partilha de bens e vida em comum. Fazem votos dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, como consagração radical e total da vida a Deus. Algumas vezes essas comunidades criam grupos mistos nos quais homens e mulheres, solteiros e casados, compartilham de uma morada comum. Estas comunidades buscam o reconhecimento canônico da Igreja através da aprovação diocesana onde se deu a fundação e, depois desta, podem até pleitear o reconhecimento canônico em Roma. As Comunidades de Aliança e de Vida distinguem-se também pela sua configuração jurídica tanto civil quanto canônica. Embora não constem como tal no atual Código de Direito Canônico,³² as novas comunidades têm seus direitos e deveres fundamentados nele.

As Comunidades de Vida são vistas como uma nova forma de ordem ou de vida religiosa consagrada, segundo um modelo laico: os seus membros consagram-se inteiramente ao serviço de Deus, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, ou seja, dos votos de castidade, pobreza, obediência; partilham os bens e têm vida em comum sob o mesmo teto. Constituem, portanto,

³² O atual Código de Direito Canônico (CIC) foi promulgado pelo Papa João Paulo II em 25 de janeiro de 1983. Está disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/ESL0020/_INDEX.HTM>. Acesso em: 15 de outubro de 2010.

uma forma associativa recente na vida da Igreja. Muitas delas surgem dos novos movimentos ou estão neles integradas, porém têm sua especificidade em relação aos movimentos. Também diferem das comunidades paroquiais, das CEBs e das comunidades religiosas de vida consagrada (CNBB, 2005).

Na sua missão evangelizadora, essas comunidades exercem inúmeras atividades como catequese, coordenação e participação de grupos de oração, atividades pastorais com o povo, assistência social em inúmeras e variadas obras caritativas e de promoção humana, destacando sobretudo o anúncio do evangelho e a oração nos encontros, reuniões e grupos.

Um aspecto que se destaca nos novos movimentos, especialmente naqueles de cunho reavivado, como por exemplo a RCC, o movimento Aliança de Misericórdia, dentre outros, e, conseqüentemente, nas Comunidades de Aliança e de Vida, é o componente juventude.

Várias Comunidades de Aliança e de Vida, além de serem constituídas, em sua grande maioria, por jovens, foram criadas por jovens ou com a colaboração destes, visando, especialmente, à evangelização da juventude. Nessas comunidades os jovens têm um papel preponderante no que se refere à sua organização e expansão, como também são responsáveis pelas inovações nas estratégias e métodos de evangelização e de abordagem do segmento jovem da sociedade. Para isso, recorrem habilmente às novas mídias e tecnologias digitais, aos meios de comunicação de massa, à internet, e às produções características das culturas juvenis, como música, dança, baladas, *raves*, bandas e festivais de música, para alcançar os seus objetivos de evangelização. As expressões culturais – música, dança, baladas – consideradas profanas são resignificadas e transformadas em instrumentos com objetivos religiosos. Dentre esses objetivos, se destaca o empenho em atrair os jovens e proporcionar-lhes uma experiência religiosa, um encontro pessoal com Deus.

Para exemplificar essa significativa presença e participação jovem nas novas comunidades, citaremos, entre outros exemplos, a comunidade Shalom e a Canção Nova, ambas de origem brasileira.

A comunidade Shalom foi fundada (1982), em Fortaleza (CE), por Moysés Azevedo, então participante de grupos de jovens da Igreja Católica e de grupos de oração da RCC. Com a colaboração de outros jovens de grupo de oração, Moysés deu início à comunidade a partir do trabalho de evangelização feito em uma lanchonete criada para esse fim. Segundo dados apresentados na *homepage*³³ da comunidade, a lanchonete Shalom, como foi chamada e idealizada pelo seu fundador,

seria um ambiente descontraído em que se poderia evangelizar os jovens que não participam de Igreja. Nesta lanchonete, que seria, à primeira vista, um *point* da juventude, se abordam ainda hoje os presentes e se oferecem aconselhamento, conversas sobre Deus, e se convida para seminários de vida e grupos de oração. Os grupos desde então começaram a se multiplicar e muitos iam sendo tocados por este carisma novo que surgia [...].

Nascida no meio dos jovens, a comunidade surgiu de um ardente desejo de evangelizar os jovens mais afastados de Deus. Transformamos uma lanchonete em um meio de atração dos jovens a Deus.

A Comunidade Católica Shalom, oriunda da RCC, integra Comunidade de Vida e Comunidade de Aliança, formada por homens e mulheres, solteiros e casados. Tem reconhecimento pontifício como Associação Internacional de Fiéis. Está presente em mais de cinquenta dioceses do Brasil e em alguns países como Uruguai, Canadá, França, Itália, Suíça e Israel.

A Canção Nova³⁴ é a primeira Comunidade de Vida de que se tem notícia no Brasil (CARRANZA, 2000:66). Teve início em 1978, na cidade de Lorena (SP), quando doze jovens decidem morar juntos, liderados pelo padre salesiano Jonas Abib, ordenado sacerdote em 1964. Com larga experiência de trabalho pastoral com a juventude, através de retiros e encontros de jovens, o padre Jonas visava

³³ Disponível em: <<http://www.comshalom.org/>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2011.

³⁴ A Canção Nova é constituída pela Comunidade de Vida e pela Comunidade de Aliança. Congrega homens e mulheres, solteiros e casados, sacerdotes, religiosas e religiosos e membros que optam pelo celibato. É reconhecida canonicamente como Associação Internacional de Fiéis. Atualmente, a sua sede principal está em Cachoeira Paulista (SP).

proporcionar a esses jovens um encontro pessoal com Cristo, segundo afirma o sacerdote, no portal da comunidade na Internet.³⁵

Ainda seminarista, Jonas Abib participou dos encontros denominados de “Mariápolis”, promovidos pelos focolarinos da diocese de Lorena. Em 1971, padre Jonas conheceu a RCC através do padre Haroldo Rahm – um dos fundadores da RCC no Brasil – em um encontro sobre a efusão e dons do Espírito Santo, realizado em Lorena. Esse acontecimento marcou sua vida e ministério e a espiritualidade da comunidade que fundaria poucos anos depois. Pregador, cantor, músico e compositor, o fundador da Canção Nova foi um dos grandes impulsionadores da RCC, desde os seus inícios, e da música católica no Brasil.

O Ministério da Música da Canção Nova, criado em 1984, conta com renomados cantores, compositores e músicos católicos, com várias produções fonográficas e com um vasto trabalho de evangelização através da música em shows, encontros, louvores, congressos.

A missão da Canção Nova, segundo seu fundador, é evangelizar com os meios de comunicação social. Daí a importância dada a esses meios e à sua utilização desde 1980, quando passa a operar a Rádio Canção Nova, atualmente com potência que abrange grande parte do território brasileiro e de alguns países da América Latina, como Paraguai, México, Honduras, El Salvador, Guatemala e Nicarágua. O sistema Canção Nova de comunicação integra diferentes mídias: Rádio (AM e FM), TV (lançada em 1989),³⁶ Portal na Internet, WebTV e Mobile (tecnologia que permite a transmissão de músicas, fatos, imagens, vídeos e pregação pelo celular, palmtops e iPod). Além da editora e da gravadora que produzem e comercializam livros (mais de 1.270 títulos, inclusive a Bíblia oficial da CNBB, que inicialmente era uma coedição entre várias editoras católicas), CDs

³⁵ <<http://www.cancaonoca.com.br/>>

³⁶ O sinal da TV Canção Nova é transmitido, para o território nacional, por 86 operadoras de TVs a cabo e, para o exterior (América Latina, Europa, Estados Unidos, e parte do Canadá, Norte da África e do Oriente Médio) é transmitido via satélite. Toda a programação pode também ser acompanhada em tempo real pelo seu portal na Internet. Informações disponíveis em: <www.cancaonova.com.br>. Acesso em 22 de janeiro de 2011.

e DVDs (445 títulos). Conta ainda com o suporte de uma central telefônica – o Call Center – que recebe, atualmente, uma média de 120 mil chamadas mensais, segundo dados disponibilizados no seu portal na Internet.

Embora as novas comunidades sejam independentes da RCC na sua estrutura orgânica e na forma como cada uma se organiza quanto à missão, aos seus estatutos e regulamentos, aos recursos financeiros e administrativos, às suas identidades carismáticas, tais comunidades encontram na RCC a fonte comum de sua espiritualidade, como constata a CNBB ao afirmar que

grande parte das novas comunidades se baseia principalmente na espiritualidade da Renovação Carismática Católica, enfatizando a experiência pessoal de Deus, a oração, o dom das línguas, a cura e a libertação pessoal, o uso da Bíblia [...]. A figura de Maria recebe especial atenção. Esta espiritualidade, aliada ao carisma, dá forte identidade aos seus membros, estando na base do método de evangelização e na vivência dos “ministérios” no interior da comunidade (CNBB, 2005:22).

Segundo alguns estudiosos do assunto (CARRANZA, FABRI DOS ANJOS, 2010), é praticamente impossível fazer o levantamento numérico das *novas comunidades* existentes, devido a vários fatores, dentre os quais a dificuldade de definir critérios que as caracterizem, pois em cada país ou continente elas assumem feições diferenciadas. Carranza, Mariz e Camurça (2009) estimam que há cerca de 550 novas comunidades católicas conhecidas no Brasil.

2.2.3. O movimento *Aliança de Misericórdia*

Dentre os movimentos que surgiram nas trilhas e no espírito da RCC, abordaremos neste trabalho o Aliança de Misericórdia pelo fato de ser este movimento o berço das cristotecas, objeto da nossa pesquisa.

Por que a denominação “Aliança de Misericórdia”? O Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia,³⁷ ou simplesmente “Aliança de Misericórdia”, como é popularmente conhecido, está não apenas nominal mas também essencialmente relacionado com a vida e a mensagem da religiosa e mística polonesa Maria

³⁷ Esta é a denominação usada por esta associação de cristãos católicos, em seus Estatutos.

Faustina Kowalska (1905-1938) – Santa Faustina. Membro da Congregação das Irmãs da Bem-aventurada Virgem Maria da Misericórdia, Irmã Faustina tornou-se, segundo a Igreja Católica, a testemunha e a mensageira da misericórdia de Deus para a humanidade. No movimento Aliança de Misericórdia se integram perfeitamente a espiritualidade e o “jeito de ser” da RCC e a espiritualidade e a missão suscitadas pela devoção à Divina Misericórdia, propostas pela santa polonesa.

Descrevendo a vida de Irmã Faustina, Bergadano (2006) comenta que em seu **Diário**, escrito por sugestão do seu diretor espiritual, Santa Faustina deixou registradas suas experiências místicas, suas visões e colóquios com Jesus Misericordioso. Em 9 de junho de 1935, festa de Pentecostes, ela registra que ouviu de Jesus as seguintes palavras: “Com tuas companheiras deverás solidificar a misericórdia em vós mesmas e no mundo”. Compreendeu então que Jesus queria que ela fundasse uma nova congregação. Porém, algumas dificuldades e a sua morte prematura, com apenas 33 anos de idade, vítima de tuberculose, impossibilitaram a nova fundação. A devoção à Misericórdia Divina e a nova congregação de religiosas desejadas por irmã Faustina transformaram-se, depois de sua morte,

em um movimento de proporções mundiais, no qual podem participar tanto os membros das instituições de vida consagrada quanto os fiéis leigos. Trata-se de uma comunidade de pessoas, as quais, de maneiras diferentes, segundo o seu estado de vida e sua vocação, vivem o ideal evangélico de confiança e de misericórdia no coração e na ação, e difundem, com o exemplo de sua vida e com a palavra, o inefável mistério da Misericórdia Divina, consolidando-a por todo o mundo (SIEPAK,³⁸ 1993, apud. BERGADANO, 2006:74).

A missão de Irmã Faustina é sintetizada por Bergadano (2006) em três tarefas fundamentais: tornar conhecida para toda a humanidade a mensagem revelada na Sagrada Escritura sobre o amor misericordioso de Deus para com cada ser humano; implorar a Divina Misericórdia para todo o mundo, sobretudo para os pecadores, através das orações indicadas por Jesus, nas suas aparições

³⁸ SIEPAK, M. Elisabetta. **Beata suor Faustina**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1993. p. 13-14.

à Irmã Faustina, e a divulgação do culto à imagem de Jesus³⁹ com a frase: “Jesus, confio em ti”; e por fim, inspirar um movimento apostólico com o encargo de proclamar e implorar a Divina Misericórdia para o mundo, buscando viver plenamente a vida cristã com filial confiança em Deus e em atitude misericordiosa para com o próximo. Segundo Bergadano, atualmente esse movimento reúne no mundo inteiro milhões de pessoas pertencentes às mais diversas categorias de católicos: leigos, sacerdotes, religiosos consagrados, associações e instituições religiosas, todos empenhados em viver a Devoção à Divina Misericórdia, que consiste essencialmente na confiança filial e incondicional em Deus e na misericórdia para com o próximo.

No Brasil, uma expressão desse ideal sonhado e desejado por Santa Faustina é o Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia, fundado, na cidade de São Paulo, por dois sacerdotes missionários italianos – padre Antonello Cadeddu e João Henrique Porcu – e um pequeno grupo de leigos, na noite da passagem para o ano 2000, após um período de oração, de discernimento e de atenção a alguns sinais, percebidos pelo grupo como vindos de Deus. O encontro com Dom Gil Antonio Moreira, então bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, no dia 21 de dezembro de 1999, foi para o grupo um sinal significativo – a primeira confirmação e a bênção da Igreja. O nascimento do movimento é descrito nos seguintes termos:

Na passagem do ano, confirmados pelo nosso bispo, reunimo-nos em retiro durante dez dias (de 31 de janeiro a 9 de janeiro) [...]. Nós [os padres Antonello e João Henrique], os jovens e os casais que o Senhor colocou ao nosso redor, ficamos reunidos durante dez dias de oração, escuta e discernimento – ficamos juntos como os Apóstolos e Maria, no Cenáculo, à espera de Pentecostes.

³⁹

Conforme a percepção da Irmã Faustina, a imagem de Jesus misericordioso corresponde àquela que lhe foi pedida pelo Jesus, tal qual lhe foi mostrada na visão que teve em sua cela, na cidade de Plock (Polônia), em 22 de fevereiro de 1931: Jesus vestido de branco, com a mão direita levantada à altura do ombro e a mão esquerda afastando ligeiramente a abertura da veste sobre o peito, de onde saíam dois grandes raios; um vermelho e outro branco, simbolizando o sangue e a água que saíram do coração misericordioso de Jesus quando, na cruz, foi atravessado pela lança (cf. Jo 19,34).

Na noite da passagem do Ano Santo de 2000, Ano da Misericórdia, que abria as portas do Terceiro Milênio, durante uma noite de vigília de oração, o Senhor nos deu a graça de reconhecemo-nos unidos ao mesmo chamado. O Espírito Santo nos confirmava através do seu carisma, enquanto a Igreja nos sustentava com o seu “sim”. Na madrugada do dia 1º de janeiro do ano 2000, apresentamos à Maria, Mãe da Igreja e da Misericórdia, o nosso “Sim”.

[...] O nosso “retiro pentecostal” terminou no dia do Batismo do Senhor. A *Família Aliança de Misericórdia* tinha nascido como Movimento, enriquecida contemporaneamente pela presença de leigos, padres e consagrados (COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, 2009:20-21).

O surgimento do movimento é apresentado, na *Introdução* dos seus **Estatutos** (2006), como uma obra querida e conduzida por Deus que, aos poucos, através de sinais e confirmações foi “revelando o seu projeto sobre esta pequeníssima família Aliança de Misericórdia”. Assim, esta família religiosa faz a memória de momentos significativos da sua história fundacional:

Deus ia falando distintamente aos nossos corações e agregando ao redor de cada um de nós alguns leigos, que sentiam o mesmo chamado. Em novembro de 1999, por um encontro providencial, confirmamos a sintonia dos nossos corações. No dia 12 de dezembro [1999], no início do Ano Santo da Misericórdia do Senhor, na festa de Nossa Senhora de Guadalupe, após 40 dias de oração e jejum, recebemos a primeira confirmação do nosso chamado pela Palavra de Deus na Liturgia: “O Espírito de Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa-nova aos pobres” (Is 61,1-2). Sentimos que a Imaculada do Espírito Santo era a verdadeira Mãe e Fundadora desta pequena família que estava para nascer (**Estatutos**, 7-8).

Segundo os seus **Estatutos**, outras confirmações de que essa associação de fiéis católicos era querida por Deus vieram da parte da Igreja institucional, na pessoa do bispo Dom Gil Antonio Moreira, que assim sintetiza o carisma do movimento nascente: “Evangelizar para transformar, transformando todo evangelizado em evangelizador e testemunha da Misericórdia”. As confirmações sobre a identidade e a missão do movimento e sobre sua atividade junto aos pobres – que é uma das suas características marcantes – são apresentadas nestes termos:

Várias vezes recebemos a confirmação do “magistério” dos pobres, quando evangelizados nas ruas, nas prisões, nos cortiços e favelas, vários irmãos (até mesmo evangélicos e sem religião) começaram a nos dizer de repente: “Não duvidem, Deus os escolheu! Vocês são o toque da sua Misericórdia, que caminha nas nossas estradas!” (**Estatutos**, 10).

A Aliança de Misericórdia⁴⁰ se define como um movimento eclesial cuja missão “é tornar-se uma expressão viva do amor misericordioso, que brota do coração do nosso Deus através de sua Igreja, para com os pobres materialmente e espiritualmente” (**Estatutos**, 1). O movimento visa atingir todos aqueles que estão afastados da Igreja. Para isso, promove “encontros querigmáticos e carismáticos, de conversão”, visando proporcionar a essas pessoas uma experiência viva e pessoal do amor de Deus e trazê-las de volta ao convívio eclesial. Para este movimento,

o anúncio querigmático se fundamenta sobre a potência do Espírito (cf. 1Cor 2,1-5). Este anúncio será, por isso, intrinsecamente carismático, como manifestação do Espírito e da sua potência. Toda experiência de evangelização é um pequeno Pentecostes, que vai além de todas as fronteiras (**Estatutos**, 18-19).

Na sua *homepage*, o movimento compromete-se a “conjugar harmoniosamente a evangelização e caridade como duas faces de uma só medalha”, vivendo o radicalismo do amor evangélico ensinado e vivido por Jesus: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros!” (Jo 13,34-35). A espiritualidade que norteia a vida e o agir da Aliança de Misericórdia se inspira, se nutre e aprende do ensinamento que provém da Palavra de Deus, do Espírito Santo, de Maria Santíssima e dos pobres, sempre sob o enfoque do amor e do agir misericordioso de Jesus.

⁴⁰ Segundo os cânones 321-326, do Código de Direito Canônico, o movimento Aliança de Misericórdia se inscreve como uma *Associação Privada de Fiéis*. No dia 15 de agosto de 2005, Dom Cláudio Hummes, então Cardeal Arcebispo de São Paulo, aprovou o estatuto do Movimento como Associação Privada de Fiéis.

No trabalho de evangelização, uma atenção especial é dirigida aos jovens, especialmente através do movimento juvenil – o JAM (Jovens da Aliança de Misericórdia). As cristotecas são um indicativo da preocupação do movimento com a evangelização da juventude e, ao mesmo tempo, uma demonstração da força, da criatividade e do empenho dos jovens no desenvolvimento e expansão dos novos movimentos e comunidades eclesiais, como é o caso da Aliança de Misericórdia, cuja participação do segmento jovem é majoritário e expressivo, não apenas no campo da música e das cristotecas, mas, sobretudo, na organização e concretização das diversas e complexas atividades e obras realizadas pelo movimento.

Quanto à sua constituição, o Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia, desde os seus inícios, “acolhe e une as forças de homens e mulheres, celibatários e casados, leigos e clérigos, que de várias formas e níveis, chamados por Deus, tornam-se ‘filhos da Misericórdia’ para evangelizar ‘as ovelhas perdidas’ (cf. Lc 15,4-7), confiantes na potência do Espírito Santo, realizando todas as obras de misericórdia que as próprias forças permitirem” (**Estatutos**, 2). Deste modo, o movimento se estrutura a partir de quatro níveis de pertencimento, cada qual com vínculos específicos que caracterizam as diferentes formas de pertença ao movimento.

O primeiro nível é formado pelos “irmãos internos e externos” que constituem o eixo da obra, a comunidade de vida. Podem ser celibatários ou casados que, de acordo com o seu estado de vida, se consagram totalmente a Deus através de vínculos: os celibatários, pelo “vínculo do Holocausto”; os casais e os irmãos externos, pelo “vínculo de Oblação”. Os membros da comunidade de vida que se articulam em fraternidades [comunidades] são chamados de “filhos da Misericórdia”. O segundo nível é composto pelos “aderentes”. Estes ligam-se ao movimento pelo “vínculo de Comunhão”, partilhando seus bens econômicos e espirituais. Os “aderentes” formam os grupos denominados de “Arco-Íris de Misericórdia”, atuando nas paróquias das cidades onde residem, em comunhão com os pastores locais. Os “amigos” compõem o terceiro nível e se ligam ao movimento pelo “vínculo de Oferenda”. Dão apoio e sustentação à obra partilhando voluntariamente, na medida de suas condições e possibilidades:

tempo, trabalho, bens econômicos e espirituais. No quarto nível estão os “participantes”. São pessoas que, das mais diversas formas, de maneira espontânea e livre, colaboram com a obra, mas sem assumir nenhum vínculo específico. Participam do carisma da Aliança de Misericórdia e podem contribuir para a sustentação desta obra através de orações, de participação em suas atividades e doações financeiras. Embora, intencionalmente, esses vínculos sejam feitos de forma definitiva,⁴¹ todos eles são renovados anualmente, para que o compromisso com Deus permaneça sempre novo (**Estatutos**, 46-51).

Através da pertença dos seus membros a algum desses quatro níveis, o Movimento de Aliança Misericórdia está presente, atualmente, em 36 cidades do Brasil e em três países da Europa: Bélgica, Itália e Portugal.⁴²

O movimento Aliança de Misericórdia utiliza a metáfora do arco-íris para expressar a diversidade de atividades realizadas por seus membros, definidas nestes termos:

A nossa missão irradia-se do Coração Misericordioso de Cristo, como um arco-íris da Nova Aliança de Deus. Da mesma forma que a luz se decompõe nas diversificadas cores do arco-íris, sinal da Nova Aliança da Misericórdia de Deus, entre o céu e a terra, assim seu o amor reluz nas diferentes Obras de Misericórdia, materiais e espirituais, que somos chamados a realizar pela diversidade dos carismas com que o Espírito Santo nos capacitará. A criatividade do nosso carisma se expressa nas várias modalidades da nossa entrega e do nosso anúncio (COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, 2009:134).

E, assim, é identificado pelas diferentes cores do arco-íris o vasto leque de obras e atividades realizadas e mantidas pelos membros do movimento.⁴³

⁴¹ Qualquer membro pode sair do Movimento, se assim o desejar. Para isso, deverá dirigir à Presidência do Movimento uma carta, expondo os motivos da saída. Por outro lado, por sérios ou graves motivos, a Presidência poderá também demitir ou excluir algum membro da Aliança de Misericórdia, comunicando por carta, à pessoa em questão, a sua demissão.

⁴² Informação disponível na *homepage* do movimento Aliança de Misericórdia: <www.misericordia.com.br>. Acesso em: 2 de dezembro de 2010.

Vermelha – representa os *Servos da Misericórdia* dedicados totalmente aos pobres, marginalizados, excluídos e abandonados, encontrados nas favelas, nos cortiços, embaixo das pontes, nas cadeias, nas ruas. O movimento⁴⁴ possui vários centros de acolhimento e atendimento aos moradores de rua, ex-presidiários, usuários de drogas, além de creches e centros de convivência. Também exerce a sua missão em visitas aos leprosários das cidades de Itu (SP) e Betim (MG). Para apontar apenas um exemplo de centro de atendimento às pessoas carentes e necessitadas de ajuda, citamos a *Casa Restaura-me*,⁴⁵ local onde, semanalmente, se realiza a cristoteca. Esta Casa atende cerca de 300 moradores de ruas, de segunda-feira a sexta-feira, dando-lhes orientação, atendimento médico, psicológico e espiritual, assistência social e jurídica, alimentação e higiene. Os moradores de rua que desejam sair dessa situação são encaminhados para as casas de triagem da Aliança de Misericórdia, para depois seguirem para uma de suas casas de acolhida. Para estes é oferecido apoio material, moral e espiritual para que possam iniciar uma mudança de vida e deixar as ruas.

Azul – São os *Anunciadores da Misericórdia*. São irmãos internos e externos que, movidos pelo Espírito Santo, se sentem continuamente impelidos a anunciar aos pobres, material e espiritualmente, a Boa-Nova que transforma. São evangelizadores que anunciam a Misericórdia de Deus, usando para isso de todos os carismas e de diferentes meios, como palestras, diálogos pessoais, oração, comunicação de massa, canto, teatro, missas, shows etc. Alguns são “missionários itinerantes, livres para irem pregar e irradiar a Misericórdia de Deus até os confins da terra”.

⁴³ Cf. *Homepage* do movimento Aliança de Misericórdia: <www.misericordia.com.br>. Acesso em: 2 de dezembro de 2010. Esses dados e informações constam também do livro **Um sonho de Deus** (2009:134), de autoria do próprio Movimento.

⁴⁴ A Aliança de Misericórdia realiza diversas obras sociais destinadas, especialmente, à população pobre e carente das periferias e ruas das grandes cidades. Por isso, é reconhecida juridicamente como uma entidade de utilidade pública em âmbito municipal, estadual e federal.

⁴⁵ A Casa Restaura-me situa-se à Rua Monsenhor Andrade, 746, Brás, São Paulo – SP.

Além disso, para esses *Anunciadores* abre-se um vasto campo de missão através dos meios de comunicação social, utilizados amplamente pelo movimento. A Aliança de Misericórdia recorre às seguintes mídias na sua missão evangelizadora:⁴⁶

a) **Revista Aliança de Misericórdia.** Surgiu em 2002, como um folheto informativo destinado aos membros do movimento, transformando-se em 2004 em uma revista mensal. Atualmente, o principal objetivo da revista é ser um veículo de evangelização e de formação dos leitores e não apenas de informação sobre o que acontece no movimento. É enviada gratuitamente para todos os sócio-benfeitores e padrinhos das obras da Aliança de Misericórdia.

b) **Programas de Televisão.** Dois programas de televisão são levados ao ar, atualmente, pela Aliança de Misericórdia. O programa *Histórias em orações*, veiculado pela TV Canção Nova (canal 50 UHF-SP), às sextas-feiras às 23h30. O programa apresenta testemunhos de pessoas que se sentiram tocadas por Deus, que superaram situações difíceis, que descobriram sua vocação ou que mudaram totalmente de vida a partir de um encontro com Deus. O outro programa, *A arte da vida*, é exibido pela TV Século 21 (canal 59 UHF-SP) todas as terças-feiras às 20h30, com reprise aos sábados às 19h30. Este é um programa de cunho jornalístico que visa informar o telespectador sobre os acontecimentos da Aliança de Misericórdia, da Igreja e do mundo, refletindo, com a ajuda de teólogos, psicólogos, médicos e outros profissionais, temas diversos como aborto, sexualidade, família, religião, fé. Através de entrevistas de rua, o programa introduz a participação e a interação com o público.

c) **Programas de Rádio.** De fácil acesso e de grande abrangência, esse veículo de comunicação é utilizado pela Aliança de Misericórdia em seu trabalho de evangelização com programas em diferentes emissoras. Na Rádio 9 de Julho (AM 1600), na cidade de São Paulo, aos domingos à noite, a Aliança de Misericórdia desenvolve uma extensa programação que começa às 18 horas com a transmissão ao vivo da Santa Missa, diretamente da Casa Restaura-me, continuando após a missa com uma programação que se estende até as 22

⁴⁶ Informações extraídas da *homepage* do movimento Aliança de Misericórdia, disponível em: <www.misericordia.com.br>. Acesso em: 4 de dezembro de 2010.

horas. Outras rádios como a *Gospa Mira*, de Belo Horizonte (FM 105,7), e a Rádio Catedral (FM 106,7), do Rio de Janeiro, apresentam programas produzidos pela Aliança de Misericórdia.

d) **WebTV e Web Rádio.** Visando atingir o maior numero possível de pessoas, a Comunidade Aliança de Misericórdia, num lance inovador, iniciou em 2007 uma WebRádio e uma WebTV – o Misericórdia Online. A WebTV apresenta episódios dos seus dois programas de televisão, *Histórias em Oração* e *Arte da Vida*, além do programa *Fé e atualidades* e *A palavra do dia*, e alguns vídeos institucionais e palestras. Na WebRádio, são oferecidos aos ouvintes um repertório das melhores músicas católicas, a possibilidade de participação na reza do Terço da Misericórdia, a possibilidade de fazer pedidos de oração, como também de participar de missas, encontros e outros eventos transmitidos ao vivo.

Amarela – Os *Adoradores da Divina Misericórdia*, representados por esta cor, intercedem, em oração, diante da Eucaristia, pelas necessidades da Igreja e da humanidade toda. Procuram, deste modo, irradiar o culto à Divina Misericórdia através da oração e do atendimento espiritual para aquelas pessoas que buscam cura e libertação, oferecendo-lhes um espaço contemplativo de silêncio e oração, propícios para o encontro com o Deus vivo. Segundo os membros da Aliança de Misericórdia, pela adoração eucarística, o coração dos adoradores abre-se para o sofrimento do mundo; pela intercessão, levam a miséria e os gemidos da humanidade ao coração de Deus; pela contemplação, cobrem com a Misericórdia divina a miséria da humanidade.

Roxa/violeta – É a cor que representa as *Vítimas da Misericórdia*, ou seja, as pessoas que oferecem seus sofrimentos como holocausto de amor para a salvação de todos. Estas pessoas sentem um chamado único, particular para se tornar um holocausto vivo, participantes das dores e das chagas redentoras de Jesus. Acreditam que o seu sofrimento unido ao de Jesus torna-se também redentor.

Verde – Representa os *Pastores da Divina Misericórdia*. São sacerdotes, religiosas e religiosos, leigos e leigas, engajados em diferentes pastorais, que sentem um chamado específico para buscar “as ovelhas perdidas” e para levar o

amor misericordioso de Deus a todas as suas iniciativas apostólicas e a todas as pastorais, nas paróquias, dioceses e movimentos.

Lilás – É a cor que simboliza os *Construtores da Paz*, que são aquelas pessoas que consagram o próprio compromisso no campo sócio-político-cultural para a edificação do Reino de justiça, fraternidade e paz. E, “por esse sentimento único de colaborar para o bem comum, buscam atingir todos os âmbitos da vida humana: a cultura, a política, a economia, a educação e a vida profissional”. Buscam viver o amor evangélico de modo concreto, encontrando no ambiente de trabalho, na própria vida profissional e familiar o meio de transformação da realidade. Vista sob esse novo olhar, toda a vida profissional adquire um cunho de missão.

Laranja – Representa os *Artistas da Misericórdia*, que se comprometem, através da arte, a revelar ao mundo a beleza, a harmonia e a ternura do Coração de Deus. As várias expressões artísticas – música, dança, teatro, poesia, pintura, escultura, artesanato – são utilizadas como meio de evangelização. Em outubro de 2007, foi inaugurado, na Casa Restaura-me, em São Paulo, um espaço sociocultural – o Avoarte – voltado para a promoção e desenvolvimento através da arte, de crianças e jovens em situação de risco e pobreza, moradores de cortiços, favelas e das ruas da cidade. O Avoarte oferece para eles aulas de circo, teatro, dança, música e artes plásticas. Segundo os *Artistas da Misericórdia*, acolhendo e educando essas crianças e jovens, falando-lhes de Deus através da arte, eles poderão crescer e atingir a maturidade de cidadãos dignos e, acreditam, eles poderão até voar.

E, assim, esse grupo de artistas expressa a sua autocompreensão de evangelizadores investidos de uma missão bem definida: resgatar as pessoas para Deus, especialmente aquelas que vivem nas situações mais degradantes na nossa sociedade:

Ser Artista da Misericórdia é ultrapassar os limites do palco, luz, aplausos e multidões e ir além. É entrar com humildade em todos os lugares onde há ovelhas que precisam ser cuidadas e resgatadas. Nossos artistas se expressam de um modo particular para os excluídos, moradores de rua, adolescentes da Fundação

CASA (antiga FEBEM), presos, drogados, garotos e garotas de programa etc., para assim pescar almas para o Coração Misericordioso de Deus.⁴⁷

É neste raio de luz “Laranja” do *Arco-íris da Misericórdia* que se insere a cristoteca como espaço de evangelização da juventude. Nesse contexto, a música ocupa um lugar de destaque. Conforme consta da sua *homepage* na internet, são seis o número de bandas vinculadas ao movimento Aliança de Misericórdia:

A “Banda Paulão e Lu”, formada pelo primeiro casal integrante da Comunidade Aliança de Misericórdia desde a sua origem. Com os seus filhos, como membros da comunidade, dedicam-se ao ministério da música, tendo gravado alguns CDs de música religiosa.

A “Banda I.E.S.” (Imaculada do Espírito Santo). Essa banda, que recebe o nome da Comunidade de Vida do movimento Aliança de Misericórdia – Imaculada do Espírito Santo –, é um dos ministérios da comunidade e está presente na obra desde a sua fundação. Com a “Banda Paulão e Lu”, foram as primeiras a integrarem o ministério da música na comunidade. Os integrantes desta banda fazem parte, em sua maioria, do segundo nível de pertença ao movimento [aderentes]: o grupo *Arco-íris de Misericórdia*.

A “Banda *Hesed*” foi fundada em 2005 por um missionário da Comunidade Aliança de Misericórdia. Convidado para animar uma cristoteca no interior paulista, esse missionário convidou alguns amigos músicos para juntos animar o evento, dando origem assim a essa nova banda, hoje integrante do ministério de música da Comunidade Aliança de Misericórdia.

A “Banda Restaura-me” nasceu do *Grupo Restaura-me*,⁴⁸ que é conduzido por um casal de psicólogos membros do movimento. A banda surgiu com o objetivo de proporcionar aos participantes do grupo momentos de oração e autoconhecimento, através da abordagem de temas como medo, depressão, raiva etc. Nesses encontros, através de exercícios de interiorização, as pessoas são

⁴⁷ Disponível na *homepage* da Aliança de Misericórdia: <www.misericordia.com.br>. Acesso em: 3 de dezembro de 2010.

⁴⁸ O Grupo Restaura-me se encontra todas as sextas-feiras, a partir das 20 horas, na Igreja Nossa Senhora da Boa Morte (Centro de Espiritualidade Maria, Mãe de Misericórdia), localizada na Rua do Carmo, 202 – Centro – São Paulo-SP.

motivadas e preparadas para entregar seus medos, frustrações, dores e sofrimentos para Deus, cientes de que somente ele, com a força do seu Espírito, pode curá-las. A banda exerce seu ministério em encontros de formação, retiros, missas e missões da Comunidade Aliança de Misericórdia, além de outros encontros fora da comunidade.

A “Banda Tempos” foi criada em 2003, ano do início das cristotecas, com o objetivo de exaltar, adorar e bendizer o Senhor através do ministério da música. Seus integrantes são amigos e irmãos membros da Comunidade Aliança de Misericórdia, convidados a assumirem a animação das cristotecas e algumas vigílias eucarísticas promovidas pela comunidade. Continuam até hoje animando as cristotecas, a missa da Aliança de Misericórdia na Rádio 9 de Julho, realizando shows e outras atividades afins.

A “Banda É a Mãe” surgiu em 1998, a partir de um grupo de amigos de uma paróquia que se reuniu para participar de um festival de música mariana em Itapeverica da Serra (SP). O objetivo inicial era apenas participar do evento, porém a banda se firmou marcando os eventos dos quais participa com estilos variados, como o rock, o *soul music*, MPB, e a qualidade de seus vocalistas. Desde 2007 colabora com a Aliança de Misericórdia animando as missas da cristoteca e fazendo um caminho próximo à comunidade.

Vimos neste arco-íris de atividades da Aliança de Misericórdia um pouco da sua fisionomia, enquanto novo movimento eclesial inserido no universo mais amplo das novas expressões religiosas da sociedade contemporânea. Constituída, na sua maioria, por jovens, a Aliança de Misericórdia dedica, através das suas inúmeras atividades de promoção humana e de evangelização, uma atenção especial à juventude. Utilizando-se de elementos próprios das culturas juvenis, como a arte, a música e a dança, para aproximar-se dos jovens e, ao mesmo tempo, aproximá-los da Igreja, ou melhor ainda, trazê-los de volta e inseri-los no seio da Igreja, através de uma experiência pessoal de Deus, capaz de transformá-los de evangelizados em evangelizadores de tantos outros jovens.

É nessa perspectiva que focaremos, na terceira parte deste trabalho, uma das realizações da Aliança de Misericórdia destinada à evangelização da juventude – a cristoteca –, que é o objeto principal da nossa pesquisa.

Capítulo III

Cristoteca:

juventude, música, dança e experiência religiosa

Abordamos no segundo capítulo deste trabalho os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais surgidas no interior da Igreja Católica, no contexto da sociedade moderna atual. Procuramos mostrar como tais movimentos e comunidades são uma expressão das formas como a religião – neste caso, a católica – procura se reorganizar para responder aos desafios colocados pela sociedade contemporânea, plural, secular e laica. Acenamos também para o fato de que, nesse cenário, a música – e também a dança – é um elemento importante dentro do universo religioso dessas organizações, sendo utilizada não apenas com expressão de fé e de louvor, nos cultos e nas orações grupais e comunitárias, mas também como meio de veiculação de suas mensagens religiosas.

Nas últimas décadas, a música religiosa católica tornou-se, de fato, um recurso eficaz de agregação da juventude em torno de inúmeras bandas de música, de cantores e cantoras e *DJs*. Esses artistas da música, oriundos dos vários movimentos e comunidades eclesiais e a serviço destes, estão determinados não apenas a proporcionar aos jovens momentos de entretenimento e lazer, mas, sobretudo, a evangelizá-los através da música. Para isso, recorrem às baladas de finais de semana, às cristotecas, aos grandes eventos musicais que reúnem milhares de jovens, como também utilizam dos meios de comunicação de massa, dirigidos por esses movimentos, e da internet para a veiculação desse tipo de música e de mensagem, além do uso de uma infinidade de recursos da mídia digital, de fácil acessibilidade em nossos dias.

Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, a música e a dança, desde os seus primórdios, sempre estiveram de alguma forma vinculadas à experiência religiosa do ser humano no decorrer da sua história, nas diferentes épocas e culturas. Embora, com o desenvolvimento das civilizações, a música e a dança tenham adquirido outros significados e funções sociais, não perderam,

entretanto, a sua “magia”, ou melhor, a sua capacidade de proporcionar ao ser humano experiências de transcendência e de comunhão com o sagrado.

Nas sociedades modernas contemporâneas, a música e a dança são elementos constitutivos das culturas juvenis. A música, de modo especial, está presente no cotidiano dos jovens não apenas nos momentos específicos de lazer e entretenimento, mas concomitantemente a outras atividades. Enquanto executam seus afazeres cotidianos ou estudam, não raro os jovens, através das inúmeras mídias digitais, iPad, iPhone, MP3, MP4, telefone celular, estão “plugados” na música. O mesmo ocorre enquanto se locomovem de um lugar a outro, no automóvel, nos transportes coletivos, caminhando pelas ruas, com seus fones de ouvido, os jovens estão sintonizados, absortos na escuta de suas músicas preferidas. Os grandes festivais de música, os shows de bandas famosas nacionais e internacionais, são polos de atração da juventude nos diversos países do mundo.

Os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais, constituídos em sua grande maioria por jovens, têm conseguido com mais facilidades que outros segmentos mais tradicionais da Igreja Católica se apropriar dos elementos das culturas juvenis contemporâneas, como a música, a dança, as novas tecnologias e mídias digitais, e de tantas outras expressões próprias dessa cultura. Assim, conseguem atingir e congregar, através da mensagem ou do apelo religioso, uma quantidade significativa de outros jovens que não mais se sentiam atraídos pela Igreja ou pela busca de uma experiência religiosa em instituição tradicional.

Neste terceiro capítulo abordaremos a cristoteca – a balada santa –, objeto principal do nosso estudo, criada e utilizada pelo movimento eclesial Aliança de Misericórdia, desde o ano 2003, como uma estratégia de evangelização da juventude. A cristoteca, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, teve início em um grande salão nas dependências da “Casa Restaura-me”, um dos centros de atividades do movimento Aliança de Misericórdia, no Brás, bairro central da cidade de São Paulo. A cristoteca, que teve início neste local e sob a responsabilidade da Aliança de Misericórdia, em pouco tempo extrapolou o seu

ambiente de origem e se disseminou por inúmeras cidades brasileiras¹ e, em 2009, fez suas primeiras estreias fora do país como, por exemplo, em Portugal. Consideramos interessante registrar aqui a recepção da cristoteca nesse país europeu.

A estreia da cristoteca em Portugal aconteceu no dia 13 de junho de 2009,² na cidade de Seixal, segundo a reportagem do “Jornal de Notícias” *on-line* daquele país, superando as expectativas dos seus organizadores, pois começou com umas 20 pessoas e, no final, havia cerca de uma centena de jovens. A segunda cristoteca, em Portugal, aconteceu na cidade de Fátima, no dia 18 de julho do mesmo ano. No referido jornal, a notícia da segunda cristoteca naquele país é assim apresentada na reportagem de Carina Fonseca:³

Bem-vindo à cristoteca, a “discoteca cristã” que faz furor no Brasil e acaba de chegar a Portugal. É sábado à noite e estamos no Salão do Bom Pastor, no Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima.

Os corpos agitam-se, ao ritmo da música, na penumbra rasgada por focos de luz. Ouvem-se risos, gritos de entusiasmo, improvisam-se coreografias. Mas naquela sala em festa ninguém tem um copo na mão. Não há fumo. Nem bola de espelhos. Só a figura da Virgem Maria, iluminada, no palco, parece fitar-nos.

[...] A cristoteca procura atrair jovens para a Igreja, juntando música, dança, oração e evangelização, numa “diversão limpa”. Nada de álcool ou outras drogas. Só “alegria”.

A reportagem traz também alguns depoimentos nos quais os jovens participantes da balada cristã manifestam as suas impressões sobre o evento. Um deles, por exemplo, diz: “O jovem diverte-se, vai para casa e, quando acorda, não tem ressaca. Acorda a pensar: conheci pessoas, participei numa missa e entendi que Deus estava comigo lá a dançar!”. Outra jovem, de 20 anos, que veio de uma

¹ Para demonstrar como a cristoteca se disseminou por todo o Brasil, apresentamos uma amostragem, nos Anexos desse trabalho, através de imagens de cartazes das cristotecas realizadas nas capitais e nas cidades do interior de vários Estados brasileiros.

² Disponível em: <<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=74127>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2011.

³ Disponível em:
<http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1317476&page=-1>.
Acesso em: 12 de fevereiro de 2011.

cidade próxima para participar da cristoteca, afirma: “É uma noite livre, mesmo. Estou só sob o efeito da minha alegria!”.

Carina Fonseca conclui a sua reportagem com uma frase do coordenador da cristoteca naquele país, que afirma: “A cristoteca é só um acessório da evangelização”, e que é complementado pela jovem diretora da televisão da Canção Nova, na cidade de Fátima, parceira neste projeto da cristoteca: “O nosso objetivo é atrair jovens para Deus e, a partir disso, inseri-los na realidade da Igreja. A Igreja não é careta, não é um sistema falido, como se diz. Pelo contrário! Está viva”.

A cristoteca, portanto, não está mais restrita ao seu ambiente de origem. Faz-se presente em vários pontos do Brasil e também fora dele. Realizada no período de 2009 a 2010, a nossa pesquisa, no entanto, se restringe à cristoteca que se realiza na cidade de São Paulo, sob a coordenação da Aliança de Misericórdia, pois esta é considerada a “cristoteca mãe”, da qual emanam os objetivos, as orientações e normas para todas as baladas que usam a denominação de cristoteca, no Brasil ou em outros países.

Atualmente, no cenário católico brasileiro, existem inúmeros eventos similares ao da cristoteca, com outros nomes – Cristodance, *Holy Night*, *Saint Music Fest*, Cristo é Show, Balada Santa –, e que se utilizam da música e da dança como forma de entretenimento e de evangelização da juventude.

A marca “cristoteca” foi patenteada pela Aliança de Misericórdia, como afirma o padre João Henrique, idealizador desse evento: “Nós registramos a marca ‘cristoteca’ para que não se use para outras coisas. Deixamos que todo mundo use, desde que seja [para] uma coisa séria, não seja para tirar dinheiro dos jovens e que não tenha bebida [alcoólica]”.

Como diz o padre, qualquer grupo pode se apropriar da denominação “cristoteca” para esse tipo de balada, desde que se pautar pelos mesmos objetivos que motivaram e deram origem a esse evento. Para garantir a integridade do espírito e do formato da cristoteca, a Aliança de Misericórdia produziu um DVD sobre a cristoteca, com orientações para quem deseja realizá-la em suas respectivas comunidades. Na sua *homepage* na internet, também são

apresentadas algumas informações de como se organiza e se estrutura uma cristoteca.⁴

No primeiro capítulo deste trabalho, ao tratarmos da música e da dança como experiência religiosa, apresentamos a origem e a estrutura organizativa da cristoteca. Neste último capítulo, procuramos identificar quem são os jovens participantes da cristoteca, o que buscam nesse ambiente, como são envolvidos pelos jovens “renovados”, ou seja, pelos jovens que evangelizam jovens, e qual a repercussão da cristoteca em suas vidas. Nesse contexto, o entretenimento e o lazer, a música, a dança, o encontro de jovens, são o “chamariz” da cristoteca. São elementos agregadores, capazes de estabelecer elos de união entre os jovens e de conduzi-los a uma experiência religiosa, previamente desejada pelos organizadores da cristoteca.

3.1. Jovens: de quem estamos falando?

Ao nos referirmos a essa parcela jovem do contingente populacional da sociedade, convém lembrar que, em geral, os estudos sociológicos identificam alguma relevância à categoria juventude apenas a partir das sociedades industriais modernas ocidentais. Contudo, segundo alguns autores (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009), é nas décadas de 1950 e 1960 que os jovens adquirem uma visibilidade ímpar. É nesse período da história que,

na sociedade brasileira, em especial desde a década de 1960, a juventude ganha uma inequívoca visibilidade social, aspecto que desde esse momento original corrobora o entrelaçamento da cultura e dos meios de comunicação massivos na construção de representações dominantes do que seria a condição juvenil em nosso país (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009:13).

Em âmbito internacional, é na segunda metade do século passado que os jovens efetivamente começam a ocupar um espaço de destaque na sociedade e na mídia. Descobertos pelo mercado como um forte potencial consumidor e imersos em uma cultura de massa, os jovens se apropriam de discursos, de bens

⁴ Essas indicações de como se estrutura e se organiza a cristoteca foram apresentadas no final do primeiro capítulo desta dissertação.

de consumo, de produtos materiais e simbólicos que os identificam como tais. Por outro lado, surgem, em várias partes do mundo, movimentos e manifestações juvenis, de cunho social e político, que contestam e questionam o estilo de vida proposto pela sociedade de consumo, em expansão no mundo capitalista do pós-guerra. Nessa perspectiva, os jovens são sujeitos e protagonistas de uma mudança cultural, no sentido de sinalizar algo novo em oposição à cultura vigente, aos modelos e padrões de conduta e aos valores e ideologias propostos pela sociedade.

É importante ressaltar que, ao falarmos de juventude, não estamos nos referindo a um grupo homogêneo. Nem se trata tão somente de uma etapa do desenvolvimento humano ou de um fenômeno biológico universal. O conceito de juventude deve ser compreendido como uma construção histórica e social, e não apenas como uma condição etária. A construção e a operacionalização desse conceito acontecem na conjunção de posturas e definições políticas, acadêmicas e mercadológicas pertinentes ou não a esses sujeitos, denominados de jovens, determinadas características, atitudes e configurações.

Em sociedades complexas e diversificadas como a nossa, são muito diversas as maneiras de ser jovem. Inúmeros fatores condicionam ou determinam essa heterogeneidade real: condições econômicas, classe social, etnia, gênero, localização geográfica ou local de moradia, escolaridade etc. Portanto, há muitos modos de experimentar e de definir o que é ser jovem, dependendo da época e do contexto social. Segundo Herschmann, a elaboração do conceito de juventude, a sua caracterização na história, inclui aspectos da realidade biológica, papéis sociais e elaborações simbólicas:

A juventude não é apenas um período compreendido entre a dependência infantil e a autonomia da vida adulta [...]. A juventude é uma construção sociocultural e em nenhum lugar, em nenhum momento da história, pode ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Ela é investida de outros símbolos e valores – o que a caracteriza é a condição de *limite*. O conceito de juventude é relacional, e é preciso estar atento ao caráter marginal ou limítrofe da juventude, ao fato de ela ser irredutível a uma definição estável concreta (HERSCHMANN, 2005:56).

Para Abramo (2008), os vários sentidos que o termo juventude adquire dependem do ponto de partida da abordagem dos seus objetivos. A autora utiliza o conceito de condição juvenil que

remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo da vida, de ligação (transição, diz a noção clássica) entre a infância, tempo da primeira fase do desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e da plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade) (ABRAMO, 2008:40-41).

Contudo, Abramo recorda que a duração e a significação social de várias características dessa fase da vida são construções culturais e históricas e, portanto, o conceito juventude possui uma dimensão simbólica, construída socialmente, e outra material, histórica, concreta. Ambas as dimensões precisam estar presentes quando se analisa a questão da juventude. Nessa perspectiva, a autora faz uma distinção entre

condição (o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórica geracional) e *situação*, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (ABRAMO, 2008:42).

Se a realidade da vida dos jovens é tão plural, as tentativas de conceituar o que é juventude são igualmente diversificadas. Embora essa etapa da vida – chamada de juventude – esteja presente em todas as classes sociais, ela é vivida de maneira diferente, dependendo, especialmente, das condições econômicas e sociais dos indivíduos e do contexto cultural no qual estão inseridos. Contudo, mesmo de maneira distinta, há algumas características sociais comuns que são compartilhadas pelos indivíduos pertencentes à mesma faixa etária. O economista

Paul Singer, que participou da análise dos resultados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”,⁵ referindo-se a essas pessoas, comenta:

Em função do momento histórico em que nasceram, elas estão fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas e econômicas. Se são todas nascidas no Brasil e continuam no Brasil em sua juventude, então é de esperar que a maioria vivencie a realidade brasileira ao mesmo tempo e em estágios vitais semelhantes: juntas terminarão os estudos, casarão e terão filhos, farão carreira, se engajarão em movimentos político, sociais, culturais etc. (SINGER, 2008:27).

Nessa perspectiva, porém focando mais o aspecto da subjetividade juvenil, Esteves e Abramovay afirmam:

Ainda que as diferenças sejam marcantes, existem, no entanto, algumas características que permanecem comuns a todos os agrupamentos juvenis, estendendo-se a todos independentemente de suas condições objetivas de existência. Dentre elas, destacam-se, entre uma série de outras: a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2009:28).

As profundas e amplas transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, aceleradas pelo processo de globalização, revolucionaram o mundo nas últimas décadas. Tudo isso repercute, sem dúvida, na vida das pessoas, na maneira de pensar e organizar a vida, em seus sonhos e projetos. Em relação à juventude, percebem-se mudanças significativas se comparadas com a juventude de algumas décadas anteriores. Segundo Singer (2008), os jovens de hoje são filhos dos jovens que passaram pela frustração e pela desilusão com a via política e revolucionária como estratégia de mudança do mundo, nas décadas de 1970 e

⁵ A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” foi uma iniciativa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania, em parceria com o Instituto de Hospitalidade e do SEBRAE, realizada sob a responsabilidade técnica da Criterium Assessoria em Pesquisas. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado em áreas urbanas e rurais de todo o território nacional, junto a jovens de 15 a 24 anos, de todos os segmentos sociais. A coleta de dados foi realizada em novembro e dezembro de 2003. Dados e análises dessa pesquisa foram publicados no livro **Retratos da juventude brasileira**, organizado por Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Merton Branco, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005 [reimpresso em 2008].

1980. A juventude contemporânea parece não estar preocupada em revolucionar o mundo, em dar a vida por ideais políticos visando a alguma transformação social, como o fizeram seus pais.

A juventude contemporânea, de um modo geral, não se propõe a fazer nenhuma revolução, nem a romper radicalmente com a ordem vigente. As suas preocupações se voltam para questões menores, menos totalizantes. Embora haja a preocupação com algumas questões mais amplas como a ecologia, a paz mundial, a injustiça social, os jovens hoje têm outros ideais, os seus interesses parecem voltar-se para as experiências grupais, para os vínculos mais flexíveis e efêmeros, para o sucesso econômico, o cuidado do próprio corpo e a busca de prazer e satisfação pessoal. Como sugere Kehl (2007), visto como uma fatia do mercado consumidor, o jovem hoje é um espelho retrovisor da sociedade. E Herschmann completa:

Os grupos juvenis recentes caracterizam-se por uma busca de intensidade no lazer em contraposição a um cotidiano que se anuncia como medíocre e insatisfatório. Eles parecem assumir o fato de que não têm e não são capazes de produzir grandes projetos de transformação, e que sua ação genuína só pode ser a de assumir a perplexidade, denunciar o presente e submeter à prova os projetos existentes. É assim que eles buscam atuar e interferir nesse cenário social, pela construção de um espetáculo que chame a atenção pública para essas questões: se oferecem como espelho de seu tempo (HERSCHMANN, 2005:58-59).

Os participantes da cristoteca, objeto deste estudo, fazem parte desse complexo e plural universo juvenil. Constituem uma parcela do vasto contingente jovem que compõe a sociedade brasileira. De acordo com os resultados do PNAD 2007 (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios) apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os jovens brasileiros na faixa etária entre 15 e 29 anos são cerca de 50,2 milhões, representando 26,4% dos 189.820 milhões de brasileiros. Segundo o censo demográfico do IBGE de 2000,⁶ usando

⁶ Até o fechamento dessa pesquisa apenas alguns dados do último Censo Demográfico de 2010 haviam sido publicados pelo IBGE, como, por exemplo, o total da população brasileira em 2010, que é 190.732.694 habitantes (em 2000 eram 169.799.700). Os dados referentes à faixa etária com a qual trabalhamos nesta pesquisa (indivíduos entre 15 a 24

o índice que classifica como jovens os indivíduos entre 15 e 24 anos,⁷ os jovens brasileiros nessa faixa etária são 34,18 milhões de cidadãos, ou seja, 20,13% da população brasileira. Se acrescentarmos a esse contingente os indivíduos de 25 a 29 anos, considerados jovens por alguns demógrafos, esse segmento populacional sobe para 48 milhões. A maior parte desses jovens, 85%, vive em áreas urbanas ou nas periferias das grandes metrópoles.⁸ Nesta nossa pesquisa, optamos por considerar jovens os indivíduos entre 15 e 24 anos de idade, conforme definição de alguns organismos internacionais, dentre os quais ONU (Organização das Nações Unidas).

3.1.1. Os jovens participantes da cristoteca

Para identificar o perfil dos jovens participantes da cristoteca, recorreremos, metodologicamente, à pesquisa qualitativa, por entender ser esta uma forma adequada que permite uma maior aproximação e interação com o objeto pesquisado. Para isso, utilizamos alguns questionários que foram respondidos pelos participantes da cristoteca, como também recorreremos à entrevistas individuais e grupais realizadas no recinto e nos dias em que eram realizadas as cristotecas. Os dados coletados foram complementados e enriquecidos pela nossa observação e registros de “atividades” de campo, resultantes dos diálogos,

anos de idade) não haviam sido publicados. Os dados aqui apresentados são, portanto, do Censo Demográfico do ano 2000. Disponível em:

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php> Acesso em: 5 de janeiro de 2011.

⁷ Segundo alguns autores, a maioria dos organismos internacionais considera jovens os indivíduos na faixa etária de 15 a 24 anos. Contudo, não há um consenso quanto a isto. Outras idades são propostas em pesquisas e estudos acadêmicos de diferentes áreas (NOVAES; VANNUCHI, 2004:11). A Assembleia Geral das Nações Unidas, por ocasião do Ano Internacional da Juventude, em 1998, definiu como jovens o grupo de pessoas entre 15 e 24 anos. Atualmente, em alguns países, inclusive no Brasil, para efeito de políticas públicas, existe a tendência de considerar como jovens os indivíduos com idade entre 15 e 29 anos. A ampliação desta faixa etária para 29 anos é justificada por questões psicossociais, pela maior expectativa de vida para a população em geral, pela dificuldade desta geração em obter autonomia em função das dificuldades de inserção no mundo do trabalho e o prolongamento ou continuação dos estudos.

⁸ Fonte: IBGE/PNAD 2007.

das partilhas, das “conversas de corredores” e da nossa participação efetiva nesses eventos.

Foram entrevistados 12 jovens (7 rapazes e 5 moças) participantes da cristoteca, 5 jovens da equipe de coordenação e animação do evento e um *DJ* (3 rapazes e 3 moças), num total de 18 entrevistados. Os participantes da cristoteca foram todos entrevistados no mesmo local onde ocorre a balada. Quanto aos membros da equipe de coordenação e animação e o *DJ*, três foram entrevistados no local e dia da cristoteca e os outros três foram entrevistados em dias e locais diferentes.

A participação de rapazes na cristoteca é numericamente superior à das moças, numa média de 15% aproximadamente. Sendo um evento noturno – acontece no período das 22h30 às 5 horas da manhã –, é compreensível que as moças encontrem mais restrições para participar desse tipo de evento, devido, inclusive, à insegurança gerada pelo clima de medo da violência presente nas ruas, especialmente, de grandes cidades como São Paulo. Nesse sentido, se o percurso de casa ou do trabalho para o local onde se realiza a cristoteca possa, eventualmente, suscitar insegurança, o ambiente da cristoteca é considerado pelos participantes como um lugar totalmente seguro, tranquilo, harmonioso, um “oásis de paz”. E atribuem isso ao fato de “aqui não rolar droga, bebida alcoólica, sexo, brigas. A galera aqui é do bem. Aqui tem Jesus”.

O fato de ser um ambiente de cunho religioso, visto que é dirigido por pessoas da Igreja e, portanto, um espaço onde não se permite o uso de “drogas, bebidas alcoólicas, promiscuidade, prática de sexo, brigas”, algumas famílias permitem até que seus filhos menores de idade – devidamente acompanhados por um adulto – participem da cristoteca. Em nossa pesquisa encontramos jovens de 14, 15 e 17 anos de idade,⁹ participantes de grupos paroquiais de crismandos,

⁹ Nesta pesquisa, dividimos a faixa etária com a qual estamos trabalhando (15 a 24 anos) em três segmentos. Os 12 jovens que responderam à pesquisa na cristoteca estão assim distribuídos: 15 a 17 anos: 2 jovens; 18 a 20 anos: 6 jovens; 21 a 24 anos: 2 jovens. Não contávamos com a participação de menores de 15 anos, mas entre os entrevistados havia dois adolescentes de 14 anos de idade. A faixa etária dos 18 aos 20 anos foi a que apresentou maior número de participantes na cristoteca. Quanto aos 5 animadores do

acompanhados de seus catequistas, que estavam participando da cristoteca pela primeira vez. Segundo os catequistas, provenientes de duas diferentes paróquias da capital paulista, eles vieram com seus respectivos grupos de crismandos porque já tinham ouvido falar da cristoteca e queriam ver como era realmente, para depois poder realizar algo semelhante em suas paróquias.

Quanto ao estado civil dos participantes da cristoteca, das 12 pessoas (7 rapazes e 5 moças) que responderam à pesquisa, 11 se declararam solteiros (um não respondeu esse item). Do grupo dos 5 animadores do evento e o *DJ* entrevistados, 2 são casados e 4 solteiros, sendo que um destes se prepara para o sacerdócio ministerial como membro da Aliança de Misericórdia. Essa pequena amostragem da pesquisa, confirmada pela nossa sondagem em diálogo com inúmeros participantes da cristoteca, revela que a grande maioria dos participantes deste evento é constituída por indivíduos solteiros, na faixa etária dos 18 aos 20 anos de idade. Entretanto, encontramos também pessoas casadas na cristoteca: adultos acompanhando parentes jovens, coordenadores de grupos paroquiais juvenis com os respectivos grupos e membros da Aliança de Misericórdia que estão a serviço da cristoteca. Em dias especiais, quando a cristoteca conta com a participação de cantoras ou de cantores famosos da música católica, geralmente há uma presença maior de adultos, de pessoas casadas das comunidades paroquiais, que apreciam o show desses artistas e as mensagens religiosas que eles transmitem.

No que se refere à atividade profissional, dos 12 entrevistados participantes da cristoteca, 6 deles, com idade superior a 18 anos, trabalham nas seguintes áreas: informática, análise de sistema, auxiliar administrativa, bancária, comércio. Além desses, foi entrevistada uma jovem maior de idade, participante da Comunidade de Vida da Aliança de Misericórdia, cujo trabalho missionário não é remunerado. Os demais (4), com idade inferior a 18 anos de idade, apenas estudam.¹⁰ Um dos entrevistados não respondeu a esse item. Quanto ao grupo de

evento e o *DJ* entrevistados, 3 são adultos (faixa etária entre 28 a 30 anos) e 3 na faixa etária de 18 a 20 anos de idade.

¹⁰ Quanto ao nível de escolaridade dos entrevistados, o questionário relevou os seguintes dados: ensino fundamental não concluído: 1; ensino fundamental concluído: 1; ensino médio não concluído: 3; ensino médio concluído: 2; ensino superior (em curso): 3; ensino

animadores da discoteca e o *DJ*, dois são profissionais autônomos e quatro trabalham como missionários da Aliança de Misericórdia.

Por muito tempo a cristoteca funcionou todas as sextas-feiras, das 22h30 às 5 horas da manhã, com exceção da primeira sexta-feira do mês, quando é realizada a Vigília Mariana de Adoração Eucarística. Ultimamente, segundo os organizadores do evento, para possibilitar a participação de jovens que estudam na sexta-feira à noite ou trabalham no sábado de manhã, a “balada santa” passou a ser realizada na noite do sábado¹¹ para o domingo, no mesmo horário.

A cristoteca que se realiza na “Casa Restaura-me” reúne, semanalmente, cerca de 400 a 500¹² jovens vindos de diferentes pontos da cidade de São Paulo,¹³ segundo uma das animadoras da cristoteca. Esse número aumenta significativamente dependendo da presença de cantoras ou cantores e de bandas

superior concluído: 1. Um dos entrevistados não respondeu a esse item. Do grupo de animadores da cristoteca e o *DJ*, apenas um tem curso superior, os demais concluíram o ensino fundamental.

¹¹ Na Internet, na *homepage* da Aliança de Misericórdia, há atualmente uma enquete solicitando a opinião sobre “Qual o melhor dia para a cristoteca?”. São apresentadas quatro opções a serem votadas: sexta-feira, sábado, sexta-feira e sábado, e tanto faz. Conforme os resultados disponíveis no mesmo *site*, dos 1.082 votantes, no período de 7 de agosto de 2010 a 11 de fevereiro de 2011, 418 (38,6%) preferem o sábado; 345 (31,9%), sexta-feira e sábado; 257 (23,8%), sexta-feira; e 62 (5,7%) tanto faz. Disponível em:

<http://www.misericordia.com.br/misericordiaonline/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=19>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2011.

¹² Alguns dados da internet e até mesmo o DVD “Cristoteca”, produzido pela Aliança de Misericórdia, apresentam um número bem maior de participantes. No referido DVD é dito que “todas as sextas-feiras, cerca de mil e duzentos jovens invadem a ‘Casa Restaura-me’ para uma balada especial”. No período de realização desta pesquisa (2009-2010), quando participei algumas vezes da cristoteca, nunca constatei uma presença tão grande de jovens nesse local que confirmem esses dados de mais de mil jovens.

¹³ Segundo dados da nossa pesquisa, feita com os participantes da cristoteca, das 12 pessoas entrevistadas, a maioria residia na zona leste da cidade: Cidade A. E. de Carvalho (Antonio Estêvão de Carvalho), Cidade Patriarca, Nhocuné, Guaianazes, Jardim Eliane, Jardim Nordeste; havia também jovens de Perus, Noroeste da cidade e do Imirim, zona Norte. Quanto à cidade de origem, 9 dos entrevistados nasceram em São Paulo, dois vieram de outros Estados com suas famílias e um deles não respondeu a essa questão.

famosas que comparecem para animar da balada. Como a entrada da cristoteca é gratuita, os seus organizadores não dispõem de recursos financeiros para trazer cantores, *DJs* e bandas de renome, dentro universo da música religiosa, para proporcionar um novo atrativo à cristoteca. Para conseguir essas participações especiais, dependem da disponibilidade desses artistas em prestar generosamente esse serviço ou de alguma gravadora que patrocine a ida de alguns cantores, *DJs* ou bandas, dos seus quadros de gravação, para animar e abrilhantar a festa. Isso, porém, só ocorre ocasionalmente. Em geral, a cristoteca conta com os artistas da casa, ou seja, com as bandas¹⁴ constituídas pelos membros do movimento Aliança de Misericórdia, com os chamados *DJs* residentes, também pertencentes ao movimento, e com um dedicado grupo de cantoras e cantores, coreográficos e dançarinos encarregados de animar as “santas baladas”, semanalmente.

A maioria dos jovens que frequenta a cristoteca participa de algum movimento ou grupo da Igreja, conforme apontou a nossa pesquisa e conheceu a cristoteca através de amigos que já participavam dessa balada católica. Portanto, são jovens atraindo outros jovens para uma caminhada de fé e de experiência de Deus. E, assim, a Aliança de Misericórdia empenha-se na realização de seu propósito: “Evangélizar para transformar. Transformando todo evangelizado em evangelizador e testemunha da Misericórdia” (**Estatutos**, 8).

3.1.2. Os jovens organizadores da cristoteca

A “inspiração” que deu origem à cristoteca nasceu do padre João Henrique,¹⁵ missionário italiano residente no Brasil, com algumas experiências de trabalhos com a juventude. A sua ideia era criar um espaço alternativo às “discotecas do mundo”, onde os jovens pudessem se divertir, dançar, se alegrar, sem incorrer nos perigos que estes ambientes mundanos trazem para os jovens,

¹⁴ No segundo capítulo desta dissertação apresentamos as seis bandas constituídas por membros do movimento Aliança de Misericórdia, ou a ele vinculadas que, no exercício do ministério da música, se dedicam à animação das cristotecas.

¹⁵ Lembramos que essa questão foi abordada no primeiro capítulo desta dissertação (A experiência religiosa através da música e da dança) quando apresentamos a origem da cristoteca.

tais como os primeiros contatos com as drogas, bebidas alcoólicas e promiscuidade sexual.

A concretização dessa ideia, no entanto, coube ao empenho e à articulação de alguns jovens engajados em grupos e movimentos eclesiais e desejosos de compartilhar a sua experiência de Deus com outros jovens e trazê-los para a Igreja. Foram aqueles jovens que tornaram realidade o “sonho” da cristoteca. Hoje, estes e tantos outros jovens dão continuidade a esse projeto e a outros similares. Apresentamos aqui os traços de alguns desses jovens que fazem a cristoteca.

Júlio é um dos iniciadores da cristoteca e membro da comunidade Aliança de Misericórdia desde a sua fundação no ano 2000. Três anos depois de instituída a comunidade, surge a cristoteca. Júlio narra assim os seus inícios:

Na verdade, quem começou a encabeçar a realidade da cristoteca fui eu e outro missionário [...], um jovem chamado João. Fomos os dois primeiros coordenadores e quem disparamos a ideia da cristoteca, [a partir da] inspiração que o padre [João Henrique] tinha e de algumas coisas que nós trazíamos no coração como o desejo também de ter um espaço legal pro jovem poder se divertir, poder rezar, estar com os amigos. Fez parte também desse primeiro momento com a gente um jovem [...] que era do Projeto Rosário. Hoje é locutor, trabalha na Rádio Canção Nova. Ele, junto com o Léo, pioneiro nessa coisa de música eletrônica [...], fundaram a banda Electrocristo, praticamente a gente começou junto a cristoteca. Nós, sendo um pouco mais protagonistas, no sentido de ser esta uma iniciativa da Aliança de Misericórdia, mas com o apoio desses músicos (Entrevista, 16/2/2010).

Relembrando ainda o começo da cristoteca, em maio de 2003, Júlio acrescenta:

Para a primeira cristoteca, a gente teve a inspiração de fazer das 20 horas até a meia-noite. E quando chegou a meia-noite, os caras não queriam ir embora, não. Então, na semana seguinte a gente passou a fazer cristoteca a noite toda. E então se tornou a balada católica com as proporções que acabou tomando (Entrevista, 16/2/2010).

Sobre a sua caminhada no campo da música católica, Júlio recorda que começou a tocar desde os 13 e 14 anos de idade, portanto, há 15 anos. Começou

tocando no grupo de oração da RCC. No ano 2000 tinha organizado uma banda em sua paróquia, na zona norte da cidade de São Paulo, quando conheceu então o padre Antonello, que o convidou para participar do retiro de fundação da Comunidade Aliança de Misericórdia, a partir do qual se tornou membro da Comunidade de Vida da Aliança de Misericórdia.

Pedro é outro jovem que começou a participar da cristoteca poucos meses depois do seu início. Ele conta que sempre gostou de música. Aos 9 anos de idade já participava de um coral em sua paróquia. E aos 13 anos começou a estudar teclado. Desde cedo tocou música católica, pois o seu desejo foi sempre tocar em grupos de oração e nas missas. Quando tomou conhecimento da cristoteca, no segundo semestre de 2003, começou a participar assiduamente dessas baladas. E no ano seguinte optou por ingressar na Comunidade da Aliança de Misericórdia, com o desejo de dedicar-se totalmente ao serviço dos pobres. Porém, como ele mesmo afirma, Deus o “colocou de novo no serviço da música, mas para os pobres”, pois, ao ingressar na comunidade, a cristoteca foi a sua primeira atividade apostólica na instituição. Atualmente, cursando teologia, nos últimos anos de preparação à ordenação sacerdotal, Pedro exerce o ministério da música na comunidade, acompanhando, junto com o Júlio, as equipes de coordenação e animação da cristoteca. Em 2010, a Aliança de Misericórdia lançou um CD¹⁶ comemorativo dos 10 anos de sua fundação, com produção musical, desses dois jovens – Júlio e Pedro –, incluindo, além da participação dos dois na composição de letra e de música de algumas canções, a interpretação vocal de algumas músicas (Entrevista, 16/2/2010).

Ao narrar os inícios da cristoteca, Júlio nomeia o Léo como um dos colaboradores nos primeiros tempos das baladas católicas. Sobre isso, o Léo também tem algo a acrescentar:

Em 2003, o padre João Henrique ganhou um espaço lá no bairro do Brás, [...] e ele tinha no coração a intenção de fazer uma cristoteca pra jovens. Mas a comunidade [Aliança de Misericórdia] tinha poucos missionários na época e não tinham experiência com esse tipo de evento. [...] Nós tínhamos um grupo que se chamava Projeto Rosário, tinha esse nome porque pertencia à paróquia Nossa

¹⁶CD – **Digo sim à vida**. Aliança de Misericórdia. Paulinas/Comep, 2010.

Senhora do Rosário, em Embu das Artes, diocese de Campo Limpo [SP]. Era um grupo de música eletrônica, só que não tinha só *DJs*, tinha vocalista, guitarrista, tinha músicos misturados. Eu e um outro jovem éramos os responsáveis por esse grupo.

Como a gente realizava alguns “barzinhos de Jesus”, lá na diocese, e ele [o padre Henrique], conhecendo o nosso trabalho lá, nos convidou pra “estar fazendo” parte dessa primeira equipe da cristoteca. A gente levava algum conjunto lá da nossa paróquia para ajudar na organização, na dinâmica do evento. Então foi assim que começamos. A nossa contribuição não foi só como *DJ*, mas no todo da organização. Eu fiquei com eles uns dois ou três anos seguidos. Além de contribuir na organização, eu era um *DJ* da cristoteca (Entrevista, 13/2/2011).

Sobre a sua história, Léo conta que começou a participar ativamente da Igreja aos 16 anos de idade, depois de ter participado de um Encontro de Jovens chamado TLC (Treinamento de Liderança Cristã).¹⁷ O TLC foi o seu despertar para a Igreja. Relembra ainda que era um jovem bastante problemático. Depois desse encontro, se engajou na Igreja, chegando a fazer parte da coordenação do TLC na sua diocese. Participou também da RCC, de ministério de intercessão, de grupos de oração. Nessa época, começou a trabalhar em uma rádio comunitária da diocese de Campo Limpo, a Rádio Catedral. Foi aí que se inseriu no meio radiofônico e conheceu um jovem que já trabalhava na rádio e participava da paróquia Nossa Senhora do Rosário. Juntos, tornaram-se responsáveis pela Pascom – a Pastoral da Comunicação – da paróquia. Além da rádio, a diocese possuía um estúdio onde esses radialistas produziam vinhetas para diversas rádios católicas do Brasil. Foi nesse trabalho de fazer vinhetas para rádios católicas – continua Léo –, “que a gente começou a afinar as ideias e daí começou a amadurecer a ideia de trabalhar com música eletrônica dentro da Igreja Católica para atrair os jovens. E começamos a trabalhar para isso”

¹⁷ O TLC (Treinamento de Liderança Cristã), criado, em 1967, pelo padre Haroldo Rahm, um dos fundadores da RCC no Brasil, foi considerado como a “porta” de entrada do jovem na Igreja Católica. Realizado, geralmente em uma casa de retiros, num período de três dias, os cursos do TLC visavam provocar uma conversão ou mudança de vida nos participantes, proporcionando-lhes um encontro pessoal consigo mesmo, com o outro e com Deus. O impacto emocional causado por esses encontros ou cursos, de fato, provocaram transformações na vida de muitas pessoas que, a partir de então, começaram efetivamente a participar da vida da Igreja e da sociedade de uma maneira diferente.

(Entrevista, 13/2/2011). E uma das iniciativas nesse sentido foram os “barzinhos de Jesus” e similares, que Léo descreve assim:

Os “barzinhos de Jesus” eram um tipo de cristoteca, só que na época tinha esse nome. Foi o grande início. Nas paróquias, os jovens começavam a se organizar pra criar entretenimento noturno, sadio, sem álcool, sem droga, com músicas católicas, pro jovem ter uma espécie de *point* pra frequentar à noite. Nós começamos a organizar os “barzinhos”, no Campo Limpo, num colégio que tinha lá, demos o nome de “Barzinho Ruah” (sopro do Espírito). Depois que eu comecei a participar da paróquia Nossa Senhora do Rosário e me aproximei do Leoni, aí nós criamos esse projeto [dos barzinhos] na paróquia. Aí chamávamos “Barzinho Rosário”. No centro de pastoral da paróquia nós organizávamos mensalmente esses eventos. Sempre no final do mês tinha esse “barzinho”. Era o *point* dos jovens católicos ali da região (Entrevista, 13/2/2011).

Para atender a realidade desses jovens e dispostos a evangelizar através do “som eletrônico cristão” (*dance music*), Léo e outros *DJs* católicos fundam, em 2002, a banda Electrocristo. Os integrantes da banda, de alguma forma, tinham experiência com “a noite e com o *dance music* secular”, como frequentadores desses ambientes e também como *DJs* profissionais de casas noturnas. “Convertidos” e engajados nos grupos e pastorais da Igreja Católica, eles procuram até hoje “levar a Palavra de Deus na noite”, proporcionando à juventude, em meio à agitação, momentos de oração e louvor, de encontro pessoal com Deus, em vários eventos espalhados por todo o país.

Entre os animadores e coreógrafos da cristoteca, entrevistamos Talita que, com emoção, conta como chegou, em 2010, à coordenação da cristoteca da “Casa Restaura-me”. Moradora da zona leste da cidade de São Paulo, começou a participar, em seu bairro, de um grupo de oração da RCC. Como costumava frequentar baladas convencionais, duas amigas a convidaram para uma cristoteca. Achou estranho aquele tipo de balada, mas aceitou o convite. Foi na primeira participação em uma balada católica que ela diz ter tido “um encontro superprofundo com Deus”, e comenta o que ocorreu a partir daquele momento:

Eu senti o desejo de vir para a comunidade, desejei dar a vida. Porém, eu continuei indo só à cristoteca, ainda não tinha expressado isso pra ninguém, [...] era tudo muito novo para mim. Nessa época eu tinha 17 para 18 anos. Comecei

também a ajudar [na cristoteca] como voluntária. Nesse tempo eu ainda vivia um pouquinho como o mundo lá fora, usava *piercing*, tinha três *piercings*... e foi através da cristoteca que eu tirei os *piercings* e que eu resolvi mudar de vida de verdade. E, ouvindo o testemunho de uma missionária¹⁸ [da comunidade], eu senti o desejo, senti o chamado para a vida comunitária, pra vir pra comunidade [de Vida da Aliança de Misericórdia]. [...] Em 2008 entrei para o primeiro ano de formação,¹⁹ que foi quando eu fechei que eu queria mesmo a vida comunitária, que queria mesmo dar a minha vida pra Deus. Fiquei o primeiro e o segundo ano na formação, e esse ano [2010] vou coordenar a cristoteca. É incrível, porque eu nunca imaginei que eu que apenas ia à cristoteca, que comecei a ir só porque me chamaram, hoje morando na Comunidade de Vida, estou coordenando, cuidando de tudo da cristoteca (Entrevista, 19/3/2010).

Teríamos tantos outros exemplos, mas consideramos suficiente a apresentação de alguns dados da experiência desses jovens que deram início e estão dando continuidade à cristoteca. Sem dúvida, a presença, o apoio e as orientações dos dois sacerdotes fundadores da Aliança de Misericórdia e do idealizador da cristoteca são fundamentais para a sustentação desse trabalho. Esses jovens, de alguma forma, fazem parte da instituição por eles fundada. Deles recebem a orientação espiritual, teológica e moral que se constituem em

¹⁸ Faz parte das estratégias de evangelização da cristoteca apresentar o testemunho de vida de um ou mais jovens que mudaram de vida a partir de uma experiência pessoal com Deus, vivida na cristoteca, na missa, ou em outro momento da vida da comunidade Aliança de Misericórdia. Os “convertidos”, geralmente, falam do seu passado, de como era a sua vida, e como se sentiam antes de terem sido “tocados por Deus”, falam das mudanças ou transformações que ocorreram a partir de então, e da felicidade, alegria, paz e plenitude que sentem depois dessa experiência.

¹⁹ Assim como nas tradicionais congregações e ordens religiosas, existem as etapas de formação – postulante, noviciado – para os membros que se preparam para se consagrarem nessas instituições, os novos movimentos e as novas comunidades, especialmente, as comunidades de vida, instituíram também as etapas de formação dos seus membros, com duração que depende do tipo de pertença ao movimento ou à comunidade. Os que ingressam nas comunidades de vida, portanto, que terão vida em comum, partilha dos bens e votos de castidade, pobreza e obediência, têm uma formação mais prolongada e especial para isso, em casas instituídas para essa finalidade.

critérios e parâmetros pelos quais pautam as suas vidas.²⁰ Entretanto, segundo a nossa compreensão, esse empreendimento – a evangelização da juventude através da música e da dança – só se torna viável e possível graças à criatividade e às iniciativas dos jovens que, conhecendo os seus pares, conseguem descobrir o jeito, a linguagem, os recursos e os meios de atingi-los. Embora os conteúdos que lhes são transmitidos pela Igreja, na pessoa dos seus formadores, orientadores e da própria instituição eclesial, não sejam novos, os jovens conseguem revestir tudo isso com uma roupagem moderna e expressá-los em uma linguagem que, pelo menos para certa parcela da juventude, diz alguma coisa, faz sentido, atrai.

Sobre a importância e a influência dos sacerdotes fundadores do movimento Aliança de Misericórdia, na vida e atuação dos jovens membros do movimento e, especialmente, do grupo organizador da cristoteca, Jamile, uma das coordenadoras de evento, afirma:

Os padres são os nossos pastores. Ovelhas não vivem sem pastores, senão se perdem. Eles são nossos instrutores, claro que são a presença de Deus pra gente também. Aqui na cristoteca tudo é combinado com eles. Por exemplo, o padre Henrique estava falando aqui, olha gente precisa de dança nova. Então a gente vai fazer o possível pra viver a obediência... [Nos momentos de dificuldades] Eles sempre nos dão força, nos mostrando que Jesus vai fazer, que a gente tem que se abandonar, que a gente tem que ter confiança, que é Deus que faz tudo, que a nossa humanidade é muito fraca para fazer as coisas. Eles são mesmo um pai pra gente. Um pai que nos gera a cada dia pra Deus (Entrevista, 30/3/2010).

Rafael, que faz parte do ministério da dança na comunidade, acrescenta:

Eles são os pastores. A gente tem muitas limitações em algumas coisas. A gente não vê e a gente percebe que eles veem além algumas coisas. Os padres são também uma força pra nós, porque as coisas que eles falam pra nós, a presença de Deus que está neles, no sacerdócio, que é uma paternidade que nos gera muito. Então quando a gente está fraco... o Deus que está neles nos ajuda. Eles também buscam... E também são nossa força.

20

Não é objetivo deste trabalho estudar o teor das orientações que norteiam a formação dos jovens nessa comunidade. Sendo esta uma instituição cristã de cunho carismático (RCC), pauta-se, quanto à doutrina e a moral, pelos princípios e normas da ortodoxia católica.

Eles também nos ajudam a sonhar. Eu não quero a cristoteca como está agora, eu quero melhor, não quero apenas 100 jovens na cristoteca, quero cem mil jovens aqui. Não pela quantidade, mas porque Deus confia. A gente prefere que tenham 10 jovens na cristoteca, mas que saiam, dos 10, 5 mudados, do que tenham 300 e saiam do mesmo jeito. A cristoteca não é só uma balada, é o lugar da experiência da presença de Deus. Esse é o desejo nosso e dos padres, com certeza (Entrevista, 30/3/2010).

É um dado característico dos novos movimentos eclesiais, como a RCC e a Aliança de Misericórdia, a preocupação em afirmar a sua catolicidade e a total submissão e fidelidade ao magistério e à estrutura hierárquica da Igreja. O Papa e aos bispos são acolhidos com grande apreço. Como vimos no segundo capítulo deste trabalho, embora sendo uma instituição laica, a RCC e os demais novos movimentos eclesiais dependem de um assessor ou diretor espiritual. E este é um elemento legitimador da catolicidade do movimento.

Para além dessa vinculação com a hierarquia eclesiástica, os membros dos novos movimentos, e aqui nos referimos especificamente à Aliança de Misericórdia, têm uma grande consideração para com os sacerdotes fundadores do movimento. As suas orientações e os ensinamentos são acolhidos incondicionalmente como vindos do próprio Deus, pois eles são vistos como mediadores entre Deus e os membros do movimento. Numa relação de paternidade espiritual, procuram despertar, reunir e direcionar as forças, dons e carismas individuais dos seus “filhos” em função de objetivos comuns relativos à vida e a missão da comunidade. Como testemunham os depoimentos dos entrevistados, acima citados, os padres fundadores são vistos como pais espirituais, pastores que cuidam, guiam, orientam, protegem e incentivam o seu rebanho. Há algo de peculiar nos padres fundadores ou participantes dos novos movimentos eclesiais. Eles assumem o “espírito do movimento”, que é leigo; eles são do movimento.

3.2. O que buscam os jovens na cristoteca

Na sociedade atual, a música é uma das significativas expressões juvenis contemporâneas. É um dos elementos das culturas juvenis mais presente no

cotidiano dos jovens, de todas as classes sociais, independentemente de sexo e nível de escolaridade e até mesmo de nacionalidade. Para Setton, a música surge, nesse contexto, como um fenômeno social, capaz de construir redes de sociabilidades, “pois consegue agregar, sensibilizar e, sobretudo, construir laços de sociabilidade entre jovens” (SETTON, 2009:19). Nesse sentido, podemos dizer que a música cumpre, assim, a função de reunir os jovens, de atraí-los para a cristoteca. E não só:

Nessa etapa da vida, por vezes muito prolongada, em que o sentimento de pertença e de comunhão com seus pares surge como uma das estratégias encontradas para se sentirem mais seguros [...]. Práticas como a dança, a música, a drogadição e o engajamento político, ainda que muito díspares, propiciam o conforto de pertencimento de um grupo (SETTON, 2009:16).

Juarez Dayrell (2005), em seus estudos sobre a juventude em sua relação à cultura, constata que partir da década de 1970 ocorre uma maior diversificação das expressões juvenis, destacando, especialmente, a diversificação dos estilos musicais e a importância disso para as identidades juvenis (DAYRELL, 2005:23). Segundo este autor, a música é o principal produto cultural consumido pelos jovens, no Brasil e no mundo. E mais:

A música acompanha os jovens em grande parte das situações no decorrer da vida cotidiana: música como fundo, música como linguagem comunicativa que dialoga com outros tipos de linguagem, música como estilo expressivo e artístico; são múltiplas as dimensões e os significados que convivem no âmbito da vida interior e das relações sociais dos jovens, sendo mais vivida do que apenas escutada (DAYRELL, 2005:24).

Participar de baladas, de festas onde a música e a dança são o atrativo principal, tornou-se uma questão imprescindível na vida do jovem, uma questão de pertencimento e de construção de identidade. Aqueles que não participam de tais eventos passam a ser excluídos e discriminados pelo grupo. Em um portal para jovens na internet, encontramos algumas declarações interessantes que mostram o quanto as baladas são significativas para esses indivíduos, no contexto cultural juvenil em que a música assume um papel importante na socialização desses jovens:

Você já parou para observar como um jovem que não vai às baladas é um ser à parte do mundo? Ele simplesmente não pode ser considerado normal, deve ouvir Nelson Ned e Ângela Maria e ler Sabrina antes de dormir. É o tipo de gente que vê gnomos e morre de medo de bruxas. É um ser quase sempre excluído, o laranja da turma, o zé-tontão. E a primeira balada de alguém assim é uma perdição. Eles querem beber de tudo, dançar com todo mundo e catar qualquer coisa, só para acordar dizendo que beijou na boca.²¹

No mesmo portal, outros jovens expressam o que sentem e o que experimentam nas baladas, vistas por alguns como o lugar onde descarregam os seus cansaços, os seus desgostos e a sua falta de bom senso. Para outros, a balada é o momento mais jovem de suas vidas, ou um refúgio, espaço onde podem “liberar geral” e extravasar o seu ser jovem:

A balada é uma etapa importante para a vida do jovem. Minha avó, se não estivesse doente, diria que estamos perversos: “Onde já se viu, essas meninas soltas pela rua, de madrugada, com sainhas curtinhas? E esses rapazes bebendo como mortos de sede no deserto? Esse mundo está mesmo perdido...”.

Balada é música dançante tocando altamente, para turbinar o sangue. Beijo na boca. Diversão garantida e prazeres vividos. Adrenalina, corpo pegando fogo.

Numa sociedade como a nossa, em que são restritos os espaços de entretenimento e de lazer para a juventude das classes populares, como é o caso dos jovens que fazem parte do segmento estudado nessa pesquisa, a música, as festas ou bailes noturnos, as baladas, a cristoteca, assumem uma centralidade na vida desses jovens. É participando desses eventos que eles elaboram e expressam o seu modo próprio de ser jovens, estabelecem laços de pertencimento e de sociabilidade, buscam referenciais no grupo para alimentar e construir a sua identidade religiosa, um espaço seguro onde possam conviver, se divertir, se encontrar com Deus. Os jovens que participam da cristoteca parecem apontar para essas questões ao falarem dos motivos pelos quais se encontram ali.

²¹

Disponível em: <<http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=17>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2011.

A partir da nossa pesquisa, apresentaremos o depoimento de alguns jovens que expuseram nas entrevistas os motivos que os levaram a buscar a cristoteca.

Isabel,²² que já participou de discotecas convencionais, diz:

O que eu busco aqui é encontrar pessoas que tenham a mesma identidade que a minha, acreditem também nas mesmas coisas que eu acredito. E pra fazer amizades também, me divertir. Eu tomei conhecimento da cristoteca através do pessoal da minha comunidade. Eles falam, comentam muito sobre a cristoteca, tem gente que vem pra cá e que participa. Então eu decidi e vim pra ver como é que é (Entrevista, 20/3/2010).

Míriam, que nunca participou de outro tipo de balada, declara:

Eu busco um lugar de lazer, que seja católico, que as pessoas tenham a mesma ideia que a nossa. Buscar um lazer legal, sem essas coisas meio, ah!... tipo bebida, briga. Que as pessoas venham só para se divertir mesmo, entendeu?! (Entrevista, 20/3/2010).

Em meio ao frenesi da balada, onde tudo convida ao agito e à diversão e não a parar para dar entrevista, mesmo assim alguns jovens, do seu jeito lacônico de se comunicar verbalmente, expressaram as motivações que os trouxeram à cristoteca:

A gente veio hoje conhecer, pra vê como é que é. É a primeira vez. O pessoal da nossa igreja veio. Todo [o grupo] da crisma veio aqui. Eu espero encontrar uma balada legal, um negócio bem legal pra gente vir mais vezes (Rubem. Entrevista, 20/3/2010).

Você vem aqui e sente a diferença, porque, se você sair pra fora, pra uma balada [convencional], você não tem sossego, às vezes, você sai estressado porque você discute, porque você briga por coisas bobas, têm bebidas, drogas... E, aqui, não. Aqui você vem, pode chegar vazio, mas sai preenchido, porque de um jeito ou de outro Deus vai te tocar (Noemi. Entrevista, 20/3/2010).

²²

Para preservar, no anonimato, a identidade dos participantes da cristoteca que fizeram parte do grupo pesquisado para esta Dissertação, os nomes das pessoas entrevistadas foram substituídos por nomes bíblicos.

Conheci a cristoteca através dos meus amigos da paróquia, do grupo de jovens, eles sempre vinham. O que me chamou a atenção aqui foi o ambiente, a alegria, a presença de Deus, que você vê num sorriso, num gesto de acolhida. Às vezes as pessoas podem pensar e falar que o jovem que está na Igreja não tem uma vida feliz, uma vida que curte, que sai, que se alegra... Mas é totalmente diferente. Não quer dizer que a gente, por ser de Deus, não tenha alegria (Ana. Entrevista, 20/3/2010).

Duas jovens da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, do bairro Inhaçuné, na cidade de São Paulo, disseram:

Eu espero dessa balada tudo de bom, que não aconteça nada de ruim. E muitas emoções e alegria. É a segunda vez que venho à cristoteca. A primeira vez que vim, adorei. Foi muito legal. Sinto muita emoção, muita energia, paquera. O grupo de apoio é “da hora”. Nota dez! (Entrevista, 20/3/2010).

Eu já vim outras vezes. Há diferença entre as discotecas e a cristoteca. Ah! Tem diferença, sim. A discoteca lá fora é música que a gente, às vezes, nem conhece, tem palavrão... Aqui não. Aqui as músicas são legais, tem quem fala sobre Deus. Eu acho isso muito interessante (Entrevista, 20/3/2010).

Suzana, que é coordenadora de grupo de jovens em sua paróquia, expressa assim as motivações que a trouxeram à cristoteca:

É a primeira vez que venho. Eu já tinha vontade de vir, mas a motivação hoje, especial, é porque a gente tem a ideia de fazer um evento parecido na nossa comunidade, que é um pouco mais afastada [geograficamente]. A gente quer levar alguma coisa parecida com isso para os nossos jovens, porque a gente sente que eles têm carência disso. A gente veio conversar com o pessoal que organiza, veio ver como funciona pra tentar fazer o mesmo em nossa comunidade (Entrevista, 20/3/2010).

Tiago, que também trabalha com jovens, veio à cristoteca com alguns catequistas de sua paróquia com motivações semelhantes às de Suzana:

Vimos para conhecer a cristoteca porque a gente quer fazer algo semelhante na nossa paróquia. Os jovens gostam muito de diversão, de baladas, dessas coisas, e falta isso. Principalmente os jovens da nossa comunidade têm uma necessidade de conhecer, de saber que existe uma balada voltada pra Cristo. Já teve outros eventos de música católica, em outras paróquias lá perto, eu fui gostei. [...] Os

jovens precisam saber que existe esse tipo de evento, sem droga, sem bebida, onde o jovem pode se divertir sem precisar disso. Sem contar também que os pais, sabendo que os filhos estão nesse tipo de ambiente, ficam mais calmos, mais tranquilos, porque eles sabem que, por ser um ambiente dentro da Igreja, não vai ter droga, bebida, briga, armas, essas coisas assim. Os jovens também, porque às vezes ficam com um pouco de receio de ir a tal lugar porque lá sai briga direto, lá tem droga direto (Entrevista, 20/3/2010).

Os depoimentos dos nossos entrevistados apontam como os principais motivos que os levam à cristoteca: a) a busca por um espaço de lazer e de diversão na forma de música e dança; b) a segurança que esse espaço oferece; c) o encontro com outros jovens, a sociabilidade; d) a acolhida, alegria e amizade dos organizadores do evento e) a vinculação identitária, ou seja, a busca de encontrar pessoas com valores e crenças similares, nesse caso, identificadas com o catolicismo; f) o encontro com Deus, a dimensão de espiritualidade que é proporcionada pela cristoteca.

A participação nesses grupos religiosos é, para esses jovens de ambientes populares, uma alternativa de convivência pacífica e amistosa, numa sociedade permeada de situações de violência, rivalidades, drogas e criminalidade. Nesse ambiente religioso, os jovens conseguem estabelecer articulações que os ajudam a crescer na autoestima, a reforçar ou adquirir alguns valores referenciais para suas vidas, proporcionando-lhes também um sentido de pertença, indispensável para a construção de sua identidade religiosa e social.

Podemos identificar nesses grupos e comunidades que se constituem na cristoteca ou no movimento religioso que a produz traços daquela “religião de comunidades emocionais” de que fala Hervieu-Léger (1997), e que se caracterizam pelo particular engajamento do corpo na oração, pelas manifestações físicas de proximidade e afeto no relacionamento entre os membros da comunidade. Expressões de forte emotividade também estão presentes nos momentos de oração, de glossolalia, na excitação durante o canto e a dança, na comoção que leva ao choro ou a arroubos de alegria. Sobre essas comunidades, presentes nas diferentes Igrejas e confissões religiosas, Hervieu-Léger, acrescenta:

Essa religião de comunidades emocionais apresenta-se em primeiro lugar como uma religião de grupos voluntários, que implica para cada um dos seus membros um compromisso pessoal (quando não uma conversão, no sentido revivalista do termo). O testemunho que cada convertido dá ao grupo de sua experiência e o reconhecimento que o grupo lhe traz de volta criam um laço muito forte entre a comunidade e o indivíduo (HERVIEU-LÉGER, 1997:33).

Esse dado da emoção, sensibilidade, valorização do corpo é característico da Modernidade contemporânea e dos novos movimentos religiosos que surgiram nesse contexto. No nosso entender, os jovens participantes da cristoteca encontram nessa “religião de comunidades emocionais”, personificada no grupo mais amplo, ou seja, na Aliança de Misericórdia promotora do evento, um apoio seguro e confiável para suas vidas. Encontram nessa comunidade vivência grupal, amizades, alegria, lazer. Diante de infinidade de opções que o mundo hodierno oferece aos indivíduos, desafiando a sua capacidade de exercer a sua liberdade e autonomia, “parece até que a expansão do pluralismo e do relativismo produz, em sentido inverso, o reforço das aspirações comunitárias, bem como certa reativação das identidades confessionais” (HERVIEU-LÉGER, 2005:57).

Além disso, essas novas comunidades católicas – e aqui nos referimos inclusive à Aliança de Misericórdia promotora da cristoteca–, estreitamente vinculadas à hierarquia da Igreja, obedientes às suas normas morais e dogmáticas, bem definidas, proporcionam aos seus membros o apoio e segurança de que necessitam. Em um mundo de incertezas e em contínua mudança,

onde tudo pode ser questionado, confuso, cheio de possibilidades de interpretação, muitos passam a procurar o ordenamento perdido, aquele repleto de certezas: a estabilidade. As pequenas comunidades parecem ser o refúgio que alivia no indivíduo a necessidade de reinventar o mundo a todo momento e de ter que se encontrar nele. Assim, esses grupos criam programas, currículos existenciais comprovados pela tradição, nos quais as pessoas espelham seu comportamento e aspiram à autorrealização (BERGER; LUCKMANN, 2004:55).

3.3. Evangelizando através da música

Os animadores da cristoteca têm, em primeiro lugar, a preocupação de evangelizar, de “passar uma mensagem” e, sobretudo, de proporcionar aos jovens uma experiência pessoal de Deus. Por isso, têm o cuidado de intercalar momentos de maior agito, de músicas mais frenéticas, de música eletrônica com os *DJs*, com músicas mais suaves e canções que transmitem mensagens religiosas através de suas letras, que falam por si mesmas. Além disso, não podem faltar os espaços de meditação e oração dirigidas pelos próprios músicos ou animadores da balada. Também os dançarinos e dançarinas, em suas danças e coreografias, procuram ser coerentes com a letra das músicas e com a mensagem que desejam transmitir através delas. Há sintonia e envolvimento dos jovens com a música e com a letra. Eles vibram, cantam junto, fazem gestos, porque, de algum modo, elas expressam a experiência religiosa que estão vivenciando individualmente, a partir de uma motivação coletiva que lhes é proposta. Esses artistas não têm nenhum curso específico para isso; criam e ensaiam em equipe aquilo que vão apresentar na noite.

Jamile, uma das coreógrafas e dançarinas da cristoteca, fala de como entende e vive o ministério da dança, como animadora da cristoteca:

É uma experiência muito forte ter a responsabilidade de levar Jesus pras pessoas, pros jovens. Então, eu tenho a consciência de que meu corpo já não é mais meu, mas é Jesus que cuida dele para que eu possa ser instrumento de pureza e de alegria pros jovens. Quando eu estou dançando, parece que os problemas, as dificuldades vão ficando tudo ali, na porta, e o que vem é só a alegria de poder trazer Jesus pros jovens, de poder levar para eles a mesma experiência que eu fiz, de, através de um sorriso, ver Jesus (Entrevista, 20/3/2010).

E Rafael, também participante do ministério da dança na Aliança de Misericórdia, conheceu a cristoteca através de um amigo. Diz que ia à igreja por exigência dos pais, mas não tinha nenhuma experiência religiosa significativa. Embora tenha participado poucas vezes de outras baladas convencionais, aceitou o convite do amigo com desconfiança. Mas, chegando à cristoteca, percebeu a diferença entre os dois tipos de baladas:

Eu vim pra cá desconfiado. Confesso que não apostei muito. Quando disse pro meu amigo: vou pra conhecer, eu não dava nada mesmo [pela cristoteca], por ser uma coisa de Igreja com toda aquela mentalidade atrasada... Eu vim mais para conhecer, para ver. E, chegando aqui, eu percebi que tinha alguma coisa que não era comum, que eu não tinha visto antes.

E aí a gente viu o diferencial nisso. Porque aqui, exteriormente, você, olhando, vê que é até igual: música alta, jovens... Mas o diferencial é que aqui tem uma coisa que nenhuma outra balada tem, que é a presença de Deus. Porque é isso que faz a diferença para a cristoteca. Porque aqui você não vem só se divertir, aqui você vem realmente viver uma experiência com Deus e ser livre. Ser você do jeito que você é, sendo aquilo que você na verdade é por essência, sem precisar se esconder nas bebidas, se esconder na prostituição do seu corpo (Entrevista, 20/3/2010).

Os jovens que trocaram as baladas convencionais pela cristoteca justificam porque o fizeram, geralmente, aludindo a questões relacionadas à bebidas, drogas, brigas e ao clima de sensualidade e de “pegação” que reina, segundo eles, naquelas festas, conforme declara Léo, a partir da sua experiência em muitas baladas em casas noturnas na capital paulista:

A balada numa casa secular é muito diferente de uma cristoteca. Nesse tipo de balada [secular] a gente vai por dois motivos: primeiro é arrumar alguém, segundo é a bebida pra poder se encorajar pra arrumar alguém [...]. Então você vê muita gente embriagada, visivelmente drogada ou usando drogas ilícitas e aquela “pegação”, os meninos dando em cima das meninas, um fica com uma, com outra, o cara que fica com dez na mesma noite... As danças têm muita sensualidade. O culto ao corpo é assim... descarado. Então, os caras malham e vão lá. Com um corpo fortão, sarado, se exibindo para chamar a atenção das meninas. E as meninas botam aquelas roupas curtíssimas pra chamar a atenção dos rapazes. Na balada católica a intenção é outra. É a curtição musical (Entrevista, 13/2/2011).

Parte significativa dos jovens que frequentam a cristoteca, por preferir esta às discotecas convencionais, vem de grupos ou comunidades paroquiais, conforme apontam os dados da nossa pesquisa. Portanto, dada a sua pertença religiosa, mesmo que formal e mínima, esses jovens já têm certa orientação religiosa, alguns critérios e valores que norteiam as suas escolhas e opções de vida. Na cristoteca, junto com outros jovens com valores e ideais similares, se sentem “em casa”, mutuamente apoiados e munidos dos elementos de que

necessitam para construir para sua identidade religiosa. De outra parte, os jovens que vão pela primeira vez à cristoteca, talvez até por curiosidade ou insistência de algum amigo, percebem a diferença entre esta e outras baladas. Sentem-se “encantados” – por incrível que possa parecer – pela acolhida afetuosa, pelo espírito de companheirismo, amizade, e pela alegria da “pura curtição” da música e da dança, sem precisar recorrer a subterfúgios, como drogas, exibicionismo, “pegação”, hedonismo. Como que saturados de tudo isso, os jovens desejam experimentar algo diferente. E esse algo diferente é proporcionado pela cristoteca na forma de experiência religiosa, através da música – especialmente das letras das músicas com suas mensagens –, das reflexões e momentos de oração que são feitos no decorrer da noite, dos testemunhos “comoventes” e motivadores de outros jovens, enfim, por todo o ambiente e contexto da cristoteca.

Muitos se dizem transformados depois dessas experiências, que os levam a modificar ou ressignificar as suas atitudes e comportamentos, a dar um novo rumo à sua trajetória de vida, a elaborar de uma nova escala de valores.

3.3.1. Estratégias de evangelização

O objetivo primordial da cristoteca, segundo a inspiração do seu idealizador e de todos os jovens que realizam a cristoteca, é transformar esse espaço de entretenimento e lazer numa oportunidade de evangelização para os jovens, especialmente para aqueles que estão afastados da Igreja. Segundo seus organizadores, a experiência de Deus é o “ponto de mutação”. E esta é obra de Deus. Contudo, preparar cuidadosamente o caminho para que esta aconteça depende do esforço, da criatividade, de atitudes e estratégias que os “jovens que evangelizam jovens” tentam descobrir e colocá-las em ação.

Sobre isso, Jamile, uma das animadoras da cristoteca, afirma:

A gente sempre fala que, para conquistar o jovem, a nossa técnica é primeiro ser amigo do jovem. A gente chega, o jovem está falando de futebol, então vamos falar de futebol, embora a gente nem manje muito disso... Porque, se a gente chegar dizendo: “posso rezar por você?”, ou já falando direto de Jesus, o jovem se assusta.

Com a expansão da cristoteca por todo o Brasil, algumas comunidades católicas estão assumindo o projeto. Sobre isso, um dos líderes da cristoteca, em São Paulo, comenta:

Se alguém quer fazer um evento, convidar um *DJ* e chamar isso de cristoteca, pode. A cristoteca começou na Aliança de Misericórdia, mas é da Igreja, é para a evangelização. Porém, temos o cuidado de ver como é realizada a cristoteca, para não virar apenas aquele contexto de balada, de apenas som a noite inteira sem a preocupação com a evangelização. A nossa preocupação é propor a noite como isca para poder resgatar o jovem. A gente podia até chamar a cristoteca de uma isca de Deus para pescar todos os jovens (Entrevista, 19/3/2010).

Conta um dos missionários da cristoteca que, quando percebem que um jovem é assíduo à cristoteca, eles o convidam para ser um voluntário da cristoteca assim: “Olha, será que você não poderia cuidar da acolhida, ou nos ajudar em alguma coisa... na evangelização corpo a corpo, ser um artista que trabalha como ‘sombra’, durante a noite, com a plaquinha de evangelização...”. Os “sombras”, ele explica, são irmãos ou irmãs da comunidade que se vestem de preto, pintam a cara de branco e, de quatro em quatro, de maneira alegre e brincalhona, vão imitando as pessoas, o jeito de andar e dançar... As pessoas se sentem um pouco constrangidas com isso, então os “sombras”, de forma lúdica, mostram uma plaquinha onde está escrito “Deus te ama” ou outra frase. E, partir daí, começam a conversar com aqueles jovens, a falar-lhes do amor de Deus; é a evangelização corpo a corpo.

Esse recurso dos “sombras” é usado principalmente quando os jovens missionários percebem que há na cristoteca casaizinhos de namorados que, talvez por estarem ali pela primeira vez, ficam durante a noite muito isolados, sozinhos no canto, muito agarradinhos. Então, os “sombras” vão lá onde eles estão e, de maneira jocosa, perguntam: “Tem um lugarzinho para Deus aí entre vocês?”. Eles ficam constrangidos, pedem desculpas, e os missionários, com o jeito jovem de lidar com outros jovens, aproveitam a ocasião para conversar com eles sobre santidade, pureza, namoro na castidade, noivado, casamento, família, Deus. E, para realizar essa desafiadora tarefa juntos aos jovens, Júlio – missionário da Aliança de Misericórdia diz que

vai pedindo também a graça de Deus para que tenha a criatividade para tocar o coração do jovem. Isso é o mais difícil, porque nós temos de intuir, pedir a graça de Deus para intuir aquilo que é necessário para poder entrar no coração do jovem... A gente tem que aprender o jeito do jovem... Na cristoteca a gente vai tentando de tudo para ver se evangeliza, para levar os jovens a fazer uma experiência com Deus, porque, se eles fazem uma experiência com Deus, eles fazem o que muitos jovens, que já participam, fizeram, que é rever os seus conceitos: em que lugar eu posso ir, o que eu posso mudar na minha vida, que direção eu posso tomar? A partir daí já não é mais o nosso papel, é Deus que faz... é um momento muito místico que a gente vê que acontece ali com aquela pessoa, algo muito pessoal com Deus (Entrevista, 26/2/2010).

Para exercer a missão de evangelizar *corpo a corpo*, os jovens se preparam para isso não apenas no que se refere ao conteúdo que é proposto para os diálogos e a evangelização propriamente dita, mas também quanto à forma ou estratégia de abordagem desses jovens, ou seja, o que fazer e como fazer. “A gente tem que inventar de tudo para ‘pegar’ os jovens”, afirma um dos missionários atuante na cristoteca.

Dentro desse processo de evangelização, os jovens que vêm à cristoteca são convidados à participação de algum grupo da comunidade Aliança de Misericórdia ou da paróquia a que eles pertencem, visto que nem todos têm esse engajamento. Os que optam por participar recebem acompanhamento dos jovens missionários. Segundo estes, muitos jovens, a partir da cristoteca, aceitam fazer uma caminhada de Igreja e iniciam um caminho de catecumenato – catequese e iniciação cristã em preparação à recepção dos sacramentos. A maioria dos que permanecem frequentando a cristoteca, diz o Pedro, é porque viveu ali uma experiência de Deus.

E proporcionar essa experiência não é fácil, é um verdadeiro desafio, complementa Júlio. Pois nem todos os jovens que vão à cristoteca são de grupos paroquiais, de grupos de oração ou de ministério de música. Muitos desses jovens nunca passaram por experiência religiosa significativa em sua vida. Daí a necessidade de cuidar não apenas do ambiente externo, da música, da dança, embora isso também conte. E, nesse sentido, os organizadores da cristoteca declaram que algumas vezes visitaram algumas “baladas do mundo” para ver como é a decoração, como é que eles fazem algumas coisas, para poder avaliar o

que pode ser feito também na cristoteca, para atrair os jovens. Contudo, a linguagem, a forma de abordar, são elementos importantes nessa tentativa de penetrar no íntimo desses jovens e estabelecer com eles um diálogo transformador. Essa é uma das estratégias utilizadas, segundo Júlio:

Na cristoteca a gente não costuma atacar a evangelização de forma tão catequética ou formativa. A nossa visão maior ali é lançar um questionamento, uma dúvida no coração dos jovens. Colocar pra eles uma pergunta do tipo: será que não pode ser diferente? Será que eu não posso ser diferente? Será que não tem outro jeito de viver que não seja esse que estão falando por aí? Então, a nossa evangelização e até as nossas falas e a maneira como a gente se porta colocam um questionamento para eles. Não como imposição de verdades. A única verdade que a gente apresenta é que Jesus Cristo é o Senhor, porque isso não se discute. A gente anuncia Jesus Cristo como sendo o Salvador da vida de cada um. Tirando isso, a gente só coloca questionamentos... (Entrevista, 26/2/2010).

Outra estratégia utilizada e muito apreciada na cristoteca, e que pode ocorrer durante a missa que precede o início propriamente dito da cristoteca, ou em outros momentos no decorrer da balada, é a apresentação de um ou mais testemunhos de jovens que tiveram suas vidas totalmente transformadas depois de terem sido “tocados” profundamente por Deus.

Segundo testemunham os jovens evangelizadores da cristoteca, momentos fortes, como a missa, a oração diante de Jesus Eucarístico, o encontro com o sacerdote ou um dos missionários da comunidade, o apelo da letra de uma música e de uma reflexão feita no decorrer da noite podem provocar “verdadeiros milagres”. Significando, com isso, o fato de muitos jovens se sentirem “tocados por Deus” e decidirem mudar de vida. Segundo aqueles jovens, alguns são “curados” ou “libertos” de traumas psicológicos, de problemas relativos ao vício das drogas, da promiscuidade sexual, de problemas afetivos e familiares e de outros mais. É isso que esses jovens testemunham. A sua experiência de terem sido “tocados por Deus”.

Muitos jovens se sentem, de alguma forma, identificados com aspecto da vida daqueles jovens que dão testemunho e que, geralmente, falam de problemas relacionados ao uso de entorpecentes, bebidas alcoólicas, a dramas familiares, a problemas afetivos ou relativos à sexualidade, à falta de motivação e sentido da

vida, dentre outros tantos. Por outro lado, ressaltam a mudança ocorrida em suas vidas depois desse encontro com Deus e a felicidade, a paz, a libertação interior e a alegria que sentem agora, mesmo em meio às dificuldades e desafios do dia a dia. Esses testemunhos querem mostrar para os demais jovens ali presentes que as suas vidas também podem ser transformadas por Deus. Que para Deus nada é impossível. Os jovens podem vislumbrar naquele momento uma nova maneira de viver a vida, de ver o mundo, a partir de uma perspectiva cristã.

Essa situação dos jovens que se “convertem” ao se sentirem “salvos” ou “libertos” nos remete a dois textos: um da socióloga francesa Hervieu-Léger, que trata do “convertido”, e o outro do teólogo e também sociólogo Hugo Assmann, que aborda a questão das curas e milagres.

A socióloga francesa, conforme apresentamos no segundo capítulo desta dissertação, utiliza as figuras típicas do “peregrino” e do “convertido” como instrumental teórico de análise da religiosidade nas sociedades modernas contemporâneas. As experiências dos jovens participantes da cristoteca que se sentem “tocados por Deus” e que, por isso, decidem dar um novo rumo às suas vidas e começar então a participar efetiva e fervorosamente da vida da Igreja, se inscreve no modelo apresentado por Hervieu-Léger como o do convertido que se reafilia à sua mesma tradição religiosa, por livre escolha. Como exemplo desse tipo de “conversão”, a autora se refere, particularmente, aos movimentos de renovação de cunho pentecostal e carismático “que oferecem aos seus membros as condições comunitárias de uma experiência religiosa pessoal fortemente emocional” (HERVIEU-LÉGER, 2005:124). Essa experiência de conversão, refiliação ou reapropriação da própria tradição religiosa é marcada por aquilo que ela denomina de um “regime forte” de intensidade religiosa, para esses indivíduos que até então viviam de maneira formal ou minimamente a sua pertença religiosa.

Parece-nos oportuno também trazer aqui uma reflexão do teólogo e sociólogo Hugo Assmann sobre experiências de libertação, milagres e curas vividas pelas camadas menos favorecidas da nossa sociedade. Para este autor, milagre é “a linguagem que o povo usa para falar de alívios que sente mediante recursos religiosos, de curas do espírito e do corpo” (ASSMANN, 1986:162). Na dura realidade cotidiana de medo, insegurança e incertezas, o povo – e aqui está

incluído o segmento jovem que constitui este povo – busca em algum lugar um ponto de apoio onde possa se sentir seguro e protegido em um mundo que não mais lhe oferece os habituais pontos de referência e de sentido profundo para suas vidas. Sobrecarregado de problemas, inquietações e angústias que a Modernidade não conseguiu resolver e nem dar-lhes um sentido, as pessoas buscam na religião a solução e a resposta para as agruras e aflições da vida. Pois, como já abordamos anteriormente, a Modernidade não excluiu a religião; ao contrário, ampliou e diversificou o campo religioso, dando-lhe, segundo Oro (1997:41) “novos nomes, novos rótulos, novos lugares e novas formas”, pois “as religiões e as forças sagradas sempre se mantiveram como opção e instância privilegiada de solução dos problemas e das aflições” (ORO, 1997:40).

Retomando o pensamento de Assmann, dentro desse contexto em que o indivíduo moderno, inseguro e acossado por tantos problemas, busca na religião o auxílio para suportar os desafios da vida moderna, chama-nos a atenção a perspicácia deste autor em perceber o significado de determinadas experiências religiosas vividas por esse indivíduo. As provocações feitas por Assmann, em seu texto, são significativas e nos ajudam a entender o significado do “testemunho” dos fiéis, incluído nos encontros, cultos e celebrações religiosas como estratégia de evangelização. Também nas cristotecas o testemunho dado por um ou mais jovens faz parte dessa estratégia e se constitui num momento forte que, em geral, impacta, desperta a atenção, comove, emociona, motiva e induz outros jovens à mudança de vida, à conversão, segundo depoimentos dados nas entrevistas feitas para esta pesquisa. Assmann nos convida a pensarmos o que significa para esses indivíduos,

de repente, ter à mão a possibilidade de sentir-se salvos, puros, acolhidos por Deus, renascidos? / Superação do mundo corrupto e pecaminoso / ser diferentes / sentir-se limpos e honestos / experiência emocional de libertação interior / muito mais que simples catarse / nova base vivencial para sentir-se viver... [o uso de travessão em vez de outra pontuação é do próprio autor].

[...] além disso, de repente uma vocação: encarregados por Deus para testemunhar essa experiência-certeza de salvação... ser alguém em que Deus confia para fazer algo no mundo... (ASSMANN, 1986:208-209).

Assmann propõe que esse fenômeno da forte presença de testemunhos seja analisado para além da aparência de exploração milagreira, pois, mais importante do que aquilo que se testemunha – a conversão, um suposto milagre – é o fato, a disposição e a coragem de testemunhar. Nesse ato se manifesta a experiência da realização de uma vocação, de uma missão assumida (ASSMANN, 1986:208-2009).

Para além de todas essas e outras estratégias, necessárias e imprescindíveis, os organizadores da cristoteca contam com a ação de Deus para o êxito de todo esse trabalho. Eles fazem o que podem, mas é Deus quem toca os corações:

É uma graça tentar mostrar Jesus, fazer com que os jovens façam uma experiência [de Deus]. Entendemos que nós só levamos a Palavra, é Deus que tem que fazer alguma coisa. A gente crê que, como a gente foi “tocado” na cristoteca, outros jovens podem ser “tocados” também. É uma fé, porque quantos de nós fomos tocados na cristoteca! A gente vive muita experiência com Deus na cristoteca. Muitos jovens dizem: “Olha, eu revi a minha vida. Eu só vivia no MSN, no Orkut, não queria sair de casa, mas entendi que eu posso ter verdadeiros amigos, que eu posso voltar a confiar nas pessoas” (Entrevista, 26/2/2010).

Observando algumas situações que acontecem na cristoteca para as quais, naturalmente, não se encontraria facilmente uma explicação razoável, Júlio fala do fato de pessoas sem experiência religiosa, que não frequentam a Igreja, que chegaram à cristoteca sem nenhuma motivação religiosa, e mesmo assim são capazes de permanecer ali numa missa que dura três horas e, sobretudo, conseguem fazer uma experiência de Deus que transforma a sua vida:

Se você falar, hoje em dia, pro jovem que uma missa dura três horas, ele não vai lá. No entanto, a nossa maior lotação dentro da cristoteca é na hora da missa, e tem ali muitas pessoas que na verdade não têm experiência religiosa. A gente tem muito testemunho, de muita gente, que não teria nenhum motivo para permanecer aqui... A gente tem testemunho de pessoas que não tinham dinheiro pra entrar numa balada comum, numa danceteria, não tinha dinheiro pra ir a um barzinho, e vieram para a cristoteca porque era de graça, pra se divertir, pra encontrar uma menininha ou um rapazinho, enfim, pra curtir, e ali chegando, fizeram uma experiência com Deus... E diante disso vem todo aquele questionamento sobre os seus conceitos, seus valores, uma revalorização da vida (Entrevista, 26/2/2010).

Tudo isso só é possível, acreditam, por uma ação providencial de Deus, do seu Espírito, que usa as pessoas e determinadas circunstâncias – nesse caso, os jovens e a cristoteca – como seus instrumentos para atingir esses objetivos.

3.3.2. *Experiência de Deus*

Levar o jovem a um encontro íntimo e pessoal com Deus é o objetivo principal da cristoteca. Nesse encontro está o cerne da experiência cristã, como afirma o Papa Bento XVI na sua Mensagem aos Jovens como motivo da XXV Jornada Mundial da Juventude:²³

Com efeito, o cristianismo não é primariamente uma moral, mas experiência de Jesus Cristo, que nos ama pessoalmente, [...] mesmo quando lhe voltamos as costas. [...] Neste amor, encontra-se a fonte de toda a vida cristã e razão fundamental da evangelização: se verdadeiramente encontramos Jesus, não podemos deixar de testemunhá-lo àqueles que ainda não se cruzaram com o seu olhar.

A nossa pesquisa nos leva a entender que os jovens participantes da cristoteca vivenciam a experiência de Deus como experiência subjetiva e pessoal de satisfação interior, de felicidade, de harmonia, de plenitude e de descoberta de um sentido para sua vida. A partir dessa experiência reelaboram valores, mudam atitudes, representações, identidades. Em seu depoimento, Talita comenta:

Lá fora eu dançava com roupas curtas, dançava com sensualidade; hoje descobri que não precisa de nada disso. [...] Eu, que já tive uma vida bagunçada, hoje me sinto plena, realizada. O vazio que eu ia buscar [preencher] nas coisas do mundo,

²³ As Jornadas Mundiais da Juventude, instituídas pelo Papa João Paulo II em 1986, reúnem anualmente, em um país diferente, milhares de jovens crentes do mundo inteiro, com a presença e participação do Papa e de lideranças para Igreja Católica, para compartilhar e refletir sobre a experiência cristã dos jovens no mundo de hoje. Em preparação ao evento, o Papa sempre lança uma “Mensagem aos Jovens”, centrada na reflexão de um tema bíblico, que serve de motivação para os jovens aprofundarem o tema da Jornada, em suas respectivas comunidades eclesiais. A XXV Jornada Mundial da Juventude acontecerá, em agosto de 2011, em Madri (Espanha) e tem como tema uma frase do evangelho de Marcos, que se refere à pergunta de um jovem dirigida a Jesus: “Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?” (Mc 10,17). Disponível em: <<http://www.vatican.va/>> ou em: <<http://www.zenit.org/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2010.

nas baladas lá de fora, encontrei [plenitude] na Comunidade da Aliança e na cristoteca, que foi o que realmente me resgatou mesmo pra Deus. Eu conheci primeiro a cristoteca, só depois a comunidade. Foi a cristoteca que me resgatou e hoje eu posso ser essa ponte de misericórdia que pode resgatar outros (Entrevista, 19/3/2010).

E Rafael, um dos dançarinos e coreógrafos da cristoteca, relata o que sente quando está dançando e como entende o seu ministério da dança:

Quando eu estou dançando, a maior experiência que eu sinto é a de perceber que através dos gestos que o Espírito move em mim os jovens se cativam, de você poder perceber que os jovens, olhando aquela dança, olhando as pessoas que dançam, percebem que a nossa alegria não é uma alegria comum... tem alguma coisa diferente. Mesmo eles não sabendo o que é, eles buscam isso, como um dia eu busquei... Eles buscam essa alegria diferente. Porque não é simplesmente você ir lá e mostrar um passo bonito. É transparecer aquilo que Deus fez na sua vida... transparecer a alegria de ser de Deus. E é isso que impulsiona a gente a sempre querer através da dança tocar o coração dos jovens para que eles possam enxergar essa alegria de ser de Deus.

Essa é a missão da cristoteca... Porque um dia eu era um jovem que estava perdido e alguém, com a dança, foi lá e mudou a minha visão, abriu os meus olhos. E hoje eu estou no papel de, de repente, abrir os olhos também de tantos jovens. E assim é uma corrente, um círculo que não vai acabar. Assim as pessoas vão sempre umas sendo essa luz para a vida de outras pessoas (Entrevista, 20/3/2010).

A experiência de Deus é descrita pelos jovens entrevistados como uma experiência pessoal, única e direta do poder e da presença de Deus em suas vidas. Sentem-se envolvidos pelo amor incondicional de Deus e isso lhes traz a uma imensa sensação de paz, alegria, confiança. Alguns dizem sentir-se como se tivessem sido recriados, nascidos de novo.

Partilhando a sua experiência de Deus, como o percebe e o sente na sua vida cotidiana, Rafael, afirma:

Eu não imagino Deus barbudo... eu simplesmente vivo. Eu vivo o Deus que eu experimentei. Hoje eu faço o caminho com a Comunidade e nesse caminho eu não sigo uma coisa que eu acho que pode ser, eu sigo uma coisa que eu sei que existe. Eu tenho certeza, não porque alguém me contou, mas por aquilo que eu vivi. Por aquilo que esse Deus fez na minha vida. E não foi pouco! Então, diante

disso, eu escolhi estar aqui... levando o Evangelho, levando a Palavra de Deus através da arte. Então, eu, particularmente, não tenho uma imaginação de como seja Deus. Mas eu sei que eu sou fiel, busco ser fiel, naquilo que eu vivi com esse Deus, naquilo que Deus fez na minha vida. Eu apenas retribuo dando aquilo que ele me deu, que é a vida.

Eu sinto muito Deus na presença dos irmãos, essa presença é muito clara para mim. No pobre eu vejo muito a presença de Deus e, mais que tudo, na Eucaristia. Acho que na Eucaristia é a presença mais concreta de Jesus, é ali onde a gente descansa, às vezes, não o corpo, mas a nossa alma. É onde a gente encontra esse refrigerio, onde, em meio a tantas coisas do nosso dia, a gente para e diz: oh, toma-me em seus braços (Entrevista, 20/3/2010).

Jamile revela como Deus se faz presente na sua vida:

Eu sinto muito forte a presença de Deus é na Palavra [Bíblia Sagrada], porque a Palavra é para mim a presença de Deus viva, viva, vida, viva. É aquilo que ele nos deixou de mais sagrado. Também na presença dos irmãos, dos mais pobres, daqueles que não têm nada, mas são eles a presença de Deus pra mim, e as crianças. Eu vejo muito Deus nas crianças, na pureza, na inocência, no sorriso das crianças. Eu tenho uma intimidade muito grande com as crianças... Se eu estou mal e vejo o sorriso de uma criança, isso pra mim é Deus que sorri pra mim (Entrevista, 20/3/2010).

Refletindo sobre a experiência religiosa no contexto urbano das sociedades modernas contemporâneas, Comblin (2000) destaca a mudança que ocorreu na passagem de uma experiência religiosa vivida num contexto rural, em que Deus era percebido como objeto de contemplação na natureza, estava presente na criação: no céu estrelado, nas montanhas, no canto do pássaro etc., para um experiência religiosa urbana. Hoje, no contexto dessacralizado da cidade, a experiência religiosa mudou:

Agora a pessoa faz a experiência de Deus no seu coração, nos seus sentimentos, nas suas emoções religiosas. Sente a presença e o amor de Deus de modo sensível. A experiência torna-se mais intensa pela comunicação com outras experiências.

[...] Antigamente a fé popular repousava no fundamento da religião cosmológica do Deus transparente no cosmo. Agora, a religião natural é a manifestação de Deus nas emoções, isto é, na subjetividade (COMBLIN, 2000:125,127).

E, referindo às celebrações que reúnem milhares de pessoas, como por exemplo, as missas do padre Marcelo Rossi, chamadas de missas-show, Comblin acrescenta:

O show fala por si mesmo. Não precisa de muitas palavras: a experiência de Deus não depende das explicações, pois não é abstrata. O show é sinal, é sacramento porque é entendido imediatamente. [...] Os corpos movem-se, a emoção aflora, as lágrimas não se deixam reprimir: Jesus está aqui e me ama, me salva, me conduz com Ele a uma vida nova de puro amor. Jesus me dá saúde, paz, esperança, anula todos os problemas e apaga todos os temores (COMBLIN, 2000:126).

No “micro” show da cristoteca, é provável que aconteça algo semelhante ao que apresenta Comblin ao referir-se ao megasshow da fé.

Abordando ainda a questão da experiência de Deus e analisando, numa perspectiva mais ampla, as motivações que levam os jovens à cristoteca, Júlio, um dos jovens fundadores do movimento Aliança de Misericórdia e da cristoteca, destaca algo que considera fundamental: a mudança que ocorre na vida do jovem a partir de uma experiência de Deus. No seu modo de entender,

quando um jovem vive uma experiência pessoal com Deus, essa experiência leva-o a rever muitas coisas na sua vida pessoal. A partir dessa experiência o jovem começa a se questionar... Acontece aquilo que Paulo escreveu aos Coríntios [1Cor, 6,12]: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém”. O questionamento vem logo: o que é que me convém agora, diante dessa experiência com Deus, vivendo numa sociedade totalmente levada para o consumismo, drogas, prostituição? Qual é o ambiente em que eu devo participar? Então, vem o desejo de poder permanecer em um lugar, dançar, se divertir com os amigos, mas ao mesmo tempo, devido àquela experiência, eles querem uma novidade, viver o novo na vida deles, num ambiente sadio, amizades sadias. Essa experiência os move para irem à cristoteca. O que leva os jovens a irem para a cristoteca é a procura por um ambiente agradável, onde eles possam se divertir sadiamente, além de encontrar Deus. É isso que a cristoteca vai oferecer (Entrevista, 26/2/2010).

Júlio lembra ainda que a cristoteca começa com a missa, pois o centro da cristoteca é Jesus. É isso que ela quer proporcionar: um encontro com Jesus. A Igreja coloca a eucaristia como o centro da vida cristã e isso move muito o jovem, tanto que algumas vezes tem mais gente na santa missa que na cristoteca.

Na cristoteca tudo é pensado cuidadosamente a fim de criar um ambiente agradável e atrativo para o jovem e, sobretudo, que favoreça o encontro com Deus. A preocupação fundamental de seus organizadores é que a cristoteca seja uma noite de evangelização, e que todos os momentos, desde o seu início, com a missa, até o encerramento às 5 horas da manhã, e todos os espaços cumpram esse objetivo. A música, a dança, o ambiente, tudo está impregnado do religioso. Na parede principal do salão permanece projetada uma grande imagem de Jesus misericordioso, de olhar complacente, com os raios coloridos saindo do seu coração e mão estendida, como que acolhendo e abençoando toda aquela juventude em festa. No palco, onde estava o altar da celebração da eucaristia, presidida pelo sacerdote, continua ao lado, num pedestal, cedendo agora o lugar do palco para a banda, o *DJ* e os dançarinos coreógrafos, uma pequena imagem de Nossa Senhora (cf. Anexos, Imagens, 26-30). Não raro, no decorrer da noite, algum dos músicos ou missionários chama a atenção para aquela figura materna e amorosa, presença garantida em todos os momentos – alegres ou tristes – da vida de seus filhos. Na Aliança de Misericórdia, a devoção a Maria é uma das características fortes da sua espiritualidade, tanto que a Comunidade de Vida deste movimento denomina-se Imaculada do Espírito Santo, em honra a Maria, a mãe de Jesus, e esposa do Espírito Santo.²⁴

Nem mesmo a lanchonete da cristoteca escapa dessa “impregnação” religiosa, com seus cristolanches e cristodrinks, todos com nomes bíblicos ou de santos, conforme descrevemos no final do primeiro capítulo deste trabalho. Também a lojinha, que fica no fundo do salão de festa, oferece uma variedade de objetos religiosos, desde as camisetas com *designers* modernos e estampas com

²⁴ Lembramos ainda que a devoção mariana é um elemento constitutivo da espiritualidade dos novos movimentos, especialmente daqueles oriundos da RCC, como é o caso da Aliança de Misericórdia. Uma das expressões mais significativas da devoção mariana desses católicos é a oração diária do terço ou rosário, rezado individual ou comunitariamente. As TVs e rádios católicas geralmente incluem, em suas programações diárias, a recitação do terço que é acompanhado pelos fiéis em suas residências. A reza do terço, nos programas radiofônicos, contam, em várias emissoras católicas, com a participação dos ouvintes que, via telefone, entram no ar para rezar juntos o terço e colocar suas intenções e pedidos de ajuda e intercessão à Nossa Senhora.

imagens de Jesus, de Nossa Senhora, de bandas católicas ou de outros símbolos religiosos, até CDs e DVDs, livros, terços, chaveiros, adesivos, santinhos e orações. Levados para casa, esses objetos evocam, no cotidiano desses jovens, a experiência que eles vivenciaram nessa noite de balada.

Outro aspecto imprescindível da cristoteca diz respeito aos encontros interpessoais. Também através deles se pode encontrar Deus. A dimensão humana da acolhida, da escuta, do diálogo, da amizade não pode faltar na cristoteca. Para isso, são disponibilizados vários recursos, como o atendimento e aconselhamento pessoal com os padres ou com um jovem da comunidade, padres disponíveis para a confissão sacramental, espaço para a oração pessoal individual ou acompanhada e compartilhada por algum jovem missionário ou por um sacerdote. Além do amplo espaço livre ao lado do salão no qual funciona a lanchonete com mesas e cadeiras (cf. Anexos, Imagens, 31-33), onde os jovens podem brincar e conversar espontaneamente, enquanto “rola” a balada:

Alguns jovens vêm aqui não só pra dançar, mas pra conversar. Trabalhar com os jovens é um desafio, pois, se eles não gostarem, não voltam mais. Você pode falar que aqui tem tanta coisa boa, mas não voltam. Se ele volta é porque tem alguma coisa que ele gostou.

Os jovens da Comunidade Shalom, da Toca, e também evangélicos vêm para a cristoteca. Aqui a gente toca também música e banda evangélica (Entrevista, 30/3/2010).

Durante a noite, enquanto acontece a cristoteca e os jovens se divertem alegremente (cf. Anexos, Imagens, 34-35), na pequena capela, contígua ao salão de festa, alguns jovens da Aliança de Misericórdia se revezam em oração diante do Santíssimo Sacramento, ali também os participantes da cristoteca podem ir rezar, se o desejarem. O padre que celebra a eucaristia, antes do início da cristoteca, ou um dos padres fundadores da comunidade, fica durante algum tempo à disposição para conversar ou rezar com os jovens que precisarem desse tipo de atendimento pessoal. Uiara, missionária da Aliança de Misericórdia e coordenadora das equipes de animação da cristoteca, fala da importância desses encontros com os jovens missionários ou com os sacerdotes da comunidade:

Muitos jovens fazem experiência [religiosa, experiência de Deus], não na dança, mas numa confissão com os padres, num dialogo com os jovens missionários. A cristoteca é finalizada com um momento de oração. Nós temos o testemunho de jovens que foram lá para a cristoteca, que estavam lá dançando, mas a experiência profunda deles foi [aconteceu] no momento de oração, num dialogo com um jovem missionário, numa confissão [com um sacerdote] (Entrevista, 19/3/2010).

Sobre isso, Pedro, outro membro da comunidade, completa:

A nossa capela, graças a Deus, durante a noite inteira é muita visitada. Muitos jovens pedem atendimento, aconselhamento com os irmãos que estão ali para esse serviço. A gente se alegra porque na hora do show tem sempre gente rezando na capela, procurando atendimento (Entrevista, 19/3/2010).

3.3.3. *Cristoteca itinerante*

Dada a dificuldade de muitos jovens participarem da cristoteca, devido, muitas vezes, ao fato de residirem em bairros distantes ou em outras cidades, e também para atender ao número crescente de pessoas interessadas em levar a cristoteca para suas paróquias, os missionários da Aliança de Misericórdia, de São Paulo, organizaram as equipes de cristotecas itinerantes. Compostas basicamente de um *DJ*, um missionário da comunidade e dois dançarinos, essas equipes estão disponíveis para prestar esse serviço também em outros Estados. E, assim, levam a cristoteca para outras paróquias, com o consentimento dos párocos dessas igrejas locais.

Essas equipes itinerantes foram constituídas também em várias casas de missão da Aliança de Misericórdia, em outras regiões do Brasil, como Maringá (PR), Rio de Janeiro (RJ), Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte, no Ceará, informa Pedro, um dos líderes da comunidade e da organização da cristoteca, acrescentando:

O pessoal desses lugares vai fazendo a ponte conosco, da cristoteca-mãe, aqui de São Paulo. A gente vai dando auxílio de formação, de como estruturar, de como foi a nossa experiência, porque também nós não sabíamos como fazer, fomos aprendendo, inclusive com nossos erros, e adquirindo a experiência que vamos passando para esse povo (Entrevista, 19/3/2010).

Mais que tocar e dançar, a equipe da cristoteca tem como principal missão mostrar e fazer acontecer o “espírito da cristoteca”, ou seja, fazer desse evento um espaço de evangelização da juventude:

Antes de começar [a cristoteca] fazemos um momento de oração, falamos de Jesus, levamos um testemunho [de um jovem], porque isso é o mais importante. Não é somente a música, mas uma música que se torna evangelizadora, pelo testemunho, por um momento que a gente reza com jovens, convido-os para alguma dinâmica, como rezar de mãos dadas, ficar juntos pra eles poderem sentir que existe um motivo para eles estarem ali. Não é apenas o motivo de dançar à noite, mas de uma balada sadia, uma cristoteca: Cristo centro da balada, num contexto de evangelização (Entrevista, 19/3/2010).

Jamile conta como isso acontece:

Sempre vão um DJ, um missionário e dois dançarinos. E lá eles já deverão ter montado toda a estrutura para a cristoteca porque também o nosso *site* [da Aliança de Misericórdia] ensina tudo. E a gente vai chegar lá pra quê? Pra evangelizar. Fazer os jovens experimentarem Deus de alguma forma: dançando, evangelizando corpo a corpo, conversando com os jovens, pegando contato. Porque, na verdade, muitos jovens que vão à cristoteca nas paróquias não são dessas paróquias e então a gente procura se informar com os coordenadores [de grupos de jovens dessas paróquias] para poder informar e encaminhar os jovens [para os grupos da paróquia]. Porque muitos jovens dizem: eu nem sabia que tinha essas coisas aqui (Entrevista, 20/3/2010).

Nessa perspectiva, Jamile conta ainda uma experiência vivida em uma dessas missões da cristoteca itinerante no Paraná. Segundo ela, um jovem passando próximo do local onde acontecia a cristoteca, ouvindo o barulho da música, foi até lá. E ela relembra:

Ele chegou lá e então começou a conversar comigo e falou que achava que eu era uma pessoa muito diferente das meninas que ele estava vendo e tal... Então comecei a explicar o trabalho, a santidade, a importância da radicalidade, que tem o jovem radical na Igreja, no mundo, e a diferença que a gente pode fazer. Só que aquelas coisas pareciam que não estavam entrando no coração dele, ele ficava pelo lado racional: “não..., mas como..., na Igreja... e tal...” Aí ele viu o *DJ* tocando e esse jovem era também um *DJ* do mundo. A cristoteca inteira ele ficou assim olhando, meio cismado. Quando acabou a cristoteca, eu disse pra ele que Deus tinha um plano pra vida dele e indiquei o grupo de jovem lá da paróquia pra

ele ir participar. Aí, na outra semana, ele me mandou um e-mail com um testemunho, falando que ele viveu uma experiência muito forte naquele grupo de jovem e que agora ele não queria ser *DJ* do mundo, ele queria ser um *DJ* de Deus. Porque o amor que ele experimentou de Deus foi muito forte pra ele continuar tocando no mundo. Nossa!... a gente vive altas experiências!... (Entrevista, 20/3/2010).

Os jovens que iniciam uma caminhada de crescimento e formação espiritual, depois de uma experiência na cristoteca, recebem o incentivo e o apoio dos jovens da Aliança de Misericórdia, segundo afirma um destes jovens:

Tem jovem que nunca teve uma experiência com Deus, a primeira foi aqui na cristoteca. Então ele vai ter todo um caminho. A gente só orienta que cada um tenha um diretor espiritual, e que seja um missionário da comunidade. Esse diretor pode ser um jovem. A gente só pede que o jovem que orienta tenha uma formação, seja um jovem que tenha uma experiência profunda com Deus, uma vida de oração profunda, um caminho [espiritual]. Não seja qualquer jovem. Tem que ser uma pessoa que saiba o que está falando. Porque o jovem [que está sendo orientado] não é bobo. Você tem que ter realmente aquela formação, mostrar pra esse jovem que você também é jovem, mas você é de Deus, você tem um diferencial (Entrevista, 20/3/2010).

O termo “balada” remete à música eletrônica, geralmente tocada pelos *DJs* para animar as pistas de dança. A participação do *DJ* na noite, para esse tipo de música, é fundamental, imprescindível. A cristoteca, também chamada de balada católica, não se restringe unicamente a esse tipo de música eletrônica tocada pelo *DJ*, embora a inclua. Para atender aos seus objetivos de evangelização e ao gosto do seu público jovem que é diversificado, a cristoteca é eclética, segundo seus organizadores, quanto aos estilos das músicas que apresenta. Mescla diferentes estilos, incluindo, também a participação de bandas e artistas evangélicos. Portanto, são apresentadas música para todos os gostos. E o próprio ambiente da cristoteca permite essas opções:

No momento que toca música eletrônica, quem gosta fica lá, quem não gosta sai, vai lá pra fora [área interna], vai comer um lanche, bater um papo, vai à capela rezar. O pessoal que gosta do show ao vivo vem pro show ao vivo. O pessoal que não gosta, vai lá pra fora... Não existe uma tendência musical única, para você

falar isso aqui é a característica de uma cristoteca. Isso não existe. A cristoteca é bem eclética. Tem gente de todos os tipos e gostos.

A cristoteca, geralmente, obedece à seguinte programação: “santa missa, momento de oração, música eletrônica, atração musical, show ao vivo, mais uma rodada com os *DJs* residentes, desta vez o ritmo é variado, indo do *pop* ao *axé*, do *reggae* ao *drum’n’bass*. A preocupação com os ritmos e com o fato de tocar apenas músicas cristãs é fundamental”.²⁵ Quanto a tocar determinados ritmos, os organizadores da cristoteca admitem que existem, de fato, alguns problemas que preocupam e que exigem deles uma atenção especial, e exemplificam:

Começou uma influência muito forte de *funk*, daquele *funk* do Rio de Janeiro, em algumas cristotecas. A gente experimentou fazer. Aqui [em São Paulo] teve alguns problemas. Problemas por quê? Automaticamente as pessoas eram remetidas ao estilo daquela dança que, infelizmente, é uma dança vulgar. A gente começou a preservar. Em alguns lugares até disseram que deu certo. Se você toca e vê que o pessoal dança, está brincando, mas não de maneira vulgar, tudo bem. Mas o *funk* remete muito à sensualidade, a gestos obscenos, esse tipo de coisa. Até outros ritmos, por exemplo, se o DJ coloca só batida por muito tempo, sem nenhuma frase, sem nenhuma pausa, a gente orienta os *DJs* [a intercalar], a colocar uma música, uma mensagem que deve ser cantada. A batida agrada o jovem, mas a mensagem é que converte o jovem (Entrevista, 26/2/2010).

Nesse sentido, a coordenadora das equipes organizadoras da cristoteca confirma: “A gente se preocupa para que todas as músicas tocadas pelos *DJs* tenham letras para tocar o coração dos jovens. Por isso, a gente intercala: missa, *DJ*, banda. O próprio *DJ* ‘puxa’ um momento de reflexão e de oração”.

3.3.4. Dançarinos e coreógrafo

Os dançarinos e coreógrafos – moças e rapazes – da Aliança de Misericórdia não têm uma preparação profissional específica nessa área. Para exercer esses “ministérios” – da dança e da música –, usam da própria criatividade para inventar as coreografias para as diferentes músicas que serão

²⁵ Essa programação consta do CD **Cristoteca**, preparado pela Aliança de Misericórdia, como um subsídio de orientação para os grupos que desejarem realizar o projeto da cristoteca em suas respectivas comunidades.

tocadas, cantadas e dançadas no decorrer da noite. Uma das coreógrafas da cristoteca, comenta: “Nenhum de nós tem curso de dança. Nós mesmos é que criamos as coreografias das danças. O Espírito Santo vai inspirando a gente”. E outro coreógrafo da casa completa:

Têm algumas pessoas que também dançavam “no mundo”, como a gente fala. Então têm alguma experiência. Então até a gente usa aquilo que dançaram fora e muda algumas coisas, porque a gente percebe que o nosso corpo não é motivo de sensualidade, ele é templo do Espírito, é motivo de louvor a Deus. A gente usa o nosso corpo para louvar a Deus (Entrevista, 20/3/2010).

Jamile fala também da preocupação do grupo em coreografar os variados estilos musicais, a fim de satisfazer a todos os participantes da cristoteca: “A gente não fecha só numa coisa. Por exemplo, vai ter uma abertura de *hip hop*, mas logo depois já vem o axé, porque têm aqueles jovens que não gostam de *hip hop*... Então, temos de fazer música para todos os gostos: o *reggae*, o forró, o pagode...”. Para esta jovem, a dança é “um chamado de Deus” que ela realiza com imensa e “incomparável alegria”: “A dança na minha vida é a verdadeira alegria [...]. É Deus mesmo que age, não é agente”.

Participando da cristoteca desde 2004 e atualmente integrante do ministério da dança, responsável pela animação da cristoteca, e membro da Comunidade Aliança de Misericórdia, Jamile conta como começou a participar da cristoteca. Antes da cristoteca não participava de nada na Igreja. A convite de um amigo aceitou, por curiosidade, ir a uma balada católica, junto com outras amigas. A sua percepção da cristoteca, naquela noite, é narrada nestes termos:

Quando cheguei aqui [na cristoteca], já senti algo diferente, porque eu via jovens diferentes, jovens que não bebiam. Depois eu via o pessoal dançando com aquela alegria... Eu pensava: nossa...! Como é que eles podem ser tão felizes assim... E isso foi despertando uma curiosidade muito grande. Foi assim a primeira vez que eu vim à cristoteca. Passei a vir mensalmente. [Antes] eu frequentava outras baladas. Eu ia com os meus tios. Eu sempre ia às baladas que não eram católicas, que eram do mundo mesmo (Entrevista, 20/3/2010).

Questionada sobre os motivos que a fizeram trocar as baladas convencionais pela cristoteca, Jamile afirma:

No começo eu achei um desafio. Porque eu via os jovens que se divertiam com pureza, eles não precisavam usar do corpo deles, não precisavam usar bebidas, não precisavam se prostituir pra estar felizes. Eu experimentei uma alegria diferente. Então isso fez com que despertasse em mim o desejo de viver a radicalidade. Jovem quer desafio. Então eu queria desafio. Eu posso ser diferente também (Entrevista, 20/3/2010).

Nos novos movimentos e comunidades eclesiais, o ministério da música, constituído de cantores, dançarinos, coreógrafos, *DJs*, grupos musicais, adquire um significado todo especial. Ao utilizar a sua arte como forma de evangelização, essas pessoas e a sua atividade se transformam em instrumentos da ação de Deus no mundo e na vida das pessoas. É isto o que afirma o padre Jonas Abib, fundador da Canção Nova:

A música é apenas um meio de Deus agir. Enquanto o Ministério da música está em praça pública, numa quadra, ou numa igreja, tocando, cantando e pregando, o poder de Deus se realiza. Nesse momento Deus está tocando jovens: meninas de programa, rapazes que estão na droga, filhos e filhas revoltados. Tocando também adultos, casais já separados, tocando maridos infiéis, mulheres com coração despedaçado [...] Quando a música de Deus for tocada, o poder de Deus vai se realizar (ABIB, 1998:26).

A sua voz cantando, orando, dirigindo precisa ser garganta de Deus: boca de Deus para atingir com vida e salvação. É preciso que o Espírito Santo venha de dentro de você, que toque as cordas do seu violão, de sua guitarra, do seu baixo. É preciso que o Espírito Santo toque nos seus dedos, nas teclas do teclado, nas varias peças da bateria (ABIB, 1998:64)

E, nesse sentido, o ministério da música converte-se em “ministério de resgate”, com a função de conquistar as pessoas para Deus, de levá-las à conversão e à transformação de suas vidas, segundo o apelo do sacerdote Jonas Abib aos jovens artistas: “O Senhor precisa de você como instrumento de resgate. O Senhor tem almas para resgatar. Ele quer usá-lo por meio do seu ministério, [...] no resgate das almas” (ABIB, 1998:15) Para essa ação de resgate, Deus precisa dos dotes e musicalidade, do empenho, pureza e santidade desses artistas, para mostrar ao mundo o seu poder através da música. Pois esta é um instrumento eficaz através do qual Deus atinge o coração das pessoas:

Na Renovação [Carismática Católica], o Ministério da Música é a ponta de lança. Mas a ponta é fina... e tem de ser. Ela é penetrante, fininha, abre brecha e não tem nada que a ela resista. Com a música vem o poder de Deus. Essa ponta de lança penetra os corações mais endurecidos. Não é apenas emoções que uma música gostosa produz. É o poder de Deus, a presença do Espírito Santo, a presença dos anjos na música. [...] A música abre uma brecha no coração das pessoas, e o poder de Deus entra e transforma (ABIB, 1998:28).

Como este é um ministério sagrado, aqueles que o exercem devem fazê-lo em pureza e santidade, segundo as exortações paternas de Abib aos jovens da sua comunidade:

Como um pai quero falar: pelo amor de Deus, nunca se produza para a sedução. Você sabe como produzir para a sedução. Rapaz e menina, cantor e cantora, músico e música: não se produza para a sedução. É uma traição à obra do Senhor. Isso é consequência do mundo que você vê. Não se produza para a sedução, nunca. Não queira mais sedução na sua voz. Para isso, tem muito artista por aí (ABIB, 1998:38).

Rapazes: dentro de vocês há um José; não apenas um artista malicioso, sensual e sedutor. Dentro de vocês há um José puro, casto. Ponham esse José para fora. Meninas: dentro de vocês não há apenas uma “Madona”. Em vocês está a verdadeira Madona: a nossa “Dona”. Nossa Mãe, Nossa Senhora. Maria está em vocês! Não tirem a mulher sedutora e sensual de dentro de vocês. Tire Maria. Ela está em vocês, Maria santa e fiel, é ela que vocês precisam transmitir (ABIB, 1998:40).

3.3.5. *Bandas e grupos musicais*

A disseminação de muitas baladas católicas, como a cristoteca, deve-se também ao surgimento e ao sucesso de inúmeros grupos musicais e de bandas católicas que dão suporte musical a esses eventos, além de povoar e alimentar, com seus ritmos e a letra de suas canções, o imaginário de milhões de jovens brasileiros (cf. Anexos, Letras de música, 9-14). Dentre esses grupos e bandas católicas, algumas alcançaram grande sucesso nacional entre os apreciadores desse tipo de música religiosa. Dentre essas destacamos a Rosa de Saron, a mais antiga banda de rock católico do Brasil, e três bandas mais recentes, a Ceremony, o Ministério Adoração e Vida e a banda de música eletrônica Electrocristo.

3.3.5.1. Banda Rosa de Saron

A Rosa de Saron surgiu em 1988, na cidade de Campinas (SP), dentro do movimento da RCC, formada por jovens que animavam as missas na paróquia e tocavam em retiros, grupos de oração. A respeito desse período, Feltrin, um dos fundadores da banda, recorda: “Coordenávamos também um grupo de oração com 300 jovens. Não éramos ainda uma banda de rock, mas éramos vistos como a banda mais agitada da Renovação [RCC] em Campinas” (FELTRIN, 2009:25). Nessa época, conheceram uma banda evangélica chamada *Katsbarnea*, participaram de alguns shows dessa banda e começaram a incluir, em seu repertório, algumas de suas músicas. A partir de então, começaram a escrever algumas canções no estilo usado por essa banda. Na época, eram também “admiradores confessos de cantores evangélicos como Guilherme Kerr e João Alexandre”. A respeito das músicas desses dois artistas pelas quais se apaixonaram, Feltrin afirma: “Suas canções ficaram gravadas em nossa memória. Por meio delas, muitas e muitas vezes entramos em oração”. Outra pessoa que marcou a trajetória dos integrantes da Rosa de Saron ainda nessa época foi o pastor Genésio de Souza, autor de alguns clássicos da música evangélica e dono de uma escola de música na cidade de Campinas, da qual três integrantes²⁶ da Rosa de Saron – Rogério Feltrin, Eduardo Faro e Eduardo Bortolato – se tornaram alunos (FELTRIN, 2009:25).

Em meados dos anos 1990 os integrantes da banda decidem usar o rock pesado como forma de evangelização da juventude, tornando-se a primeira banda exclusivamente de rock católico que se tem notícia no Brasil e a primeira a gravar um disco nesse estilo, com “letras carregadas de sentimento, de forma poética e indireta, falando de um Deus que é Amor a corações que só se abriam à batida no ritmo marcante que eles sempre tocaram” (FELTRIN, 2009). O álbum, intitulado

²⁶

Desde seu início a banda passou por várias formações. Atualmente é composta por: Grevão (baterista), Guilherme de Sá (vocalista), Eduardo Faro (guitarrista) e Rogério Feltrin (baixista). Apenas esses dois últimos permanecem na banda desde o seu início. O baixista e co-fundador do grupo Rogério Feltrin também é autor de inúmeras canções da banda.

“Diante da Cruz”, gravado em 1994, é, portanto, o primeiro disco²⁷ de *Heavy Metal / Hard* de rock católico do Brasil.²⁸ As letras de suas músicas falam de problemas e de fatos que fazem parte da vida e do cotidiano de muitos jovens, como, por exemplo, “Mentiras da agulha” (sobre drogas), “Latas retorcidas” (sobre os “pegas” e rachas de automóveis) e também do anseio humano por Deus e da ação transformadora que ele opera na vida das pessoas (Sangria; Noite fria). Do segundo disco, “Angústia Suprema”, lançado em 1997, destacamos a música “Anjos das Ruas” (sobre as populações que vivem nas ruas das grandes cidades) (cf. Anexos, Letras de música, 1-5).

Em vários momentos de sua trajetória, a Rosa de Saron recebeu influências de pessoas e bandas evangélicas, inclusive de bandas de rock evangélicas americanas, como Petra, Whitecross, Guardian e Bride. Também fizeram amizade com uma banda de rock evangélica da cidade de Campinas, a Justa Advertência, com a qual a Rosa de Saron dividiu o palco, algumas vezes,

²⁷ Feltrin (2009:25) informa que a gravação do álbum “Diante da Cruz”, da Rosa de Saron, é posterior a uma gravação feita por outra banda de rock, a Cristoatividade. Porém, esclarece que, embora esta banda fosse de rock, incluía também em repertório Blues, Country e outros gêneros. A Rosa de Saron é exclusivamente de rock, e mais antiga que a Cristoatividade.

²⁸ Em meados da década de 1960, jovens protestantes e também católicos, inicialmente nos EUA, tentaram introduzir o rock nas suas respectivas Igrejas, acompanhando as tendências musicais da época (*rock and roll*, cantores e bandas internacionalmente famosos, como Elvis Presley, os *Beatles*, entre outros). Tocavam em ritmo de rock canções religiosas. A isso chamou-se de rock cristão ou rock católico, quando usado apenas pelos católicos. As primeiras bandas foram mal recebidas pelas Igrejas, tanto protestantes como católica, que consideravam o rock “música do diabo”, devido, além do ritmo alucinante, ao fato de esse gênero musical estar associado a um segmento jovem que praticava o sexo livre, o uso de drogas e que apresentava um comportamento questionável, segundo essas instituições. Com o passar do tempo, o rock foi ganhando um pouco mais de credibilidade por demonstrar ser um meio de aproximação dos jovens ao cristianismo. No Brasil, no início da década de 1960, o rock recebeu o nome de iê-iê-iê. É o período dos Festivais de Música Popular Brasileira e da Jovem Guarda. Os jovens brasileiros que iniciavam as primeiras bandas de rock católicos foram influenciados por várias bandas de rock nacional como Titãs, Barão Vermelho, Legião Urbana, dentre outras.

no trabalho de evangelização. A respeito dessas aproximações e amizades com os evangélicos, Feltrin chega à seguinte conclusão:

Olhando para trás, acredito que dentro de tudo isso havia um plano de Deus. Vejo hoje que é através da música que as diferenças diminuem, que católicos e evangélicos mais se aproximam, que o ecumenismo mais acontece. O Rosa de Saron, muito provavelmente, é hoje a banda católica de maior trânsito entre os protestantes. Uma enquête, realizada através da internet, constatou que 10% do nosso público é composto por evangélicos. Entre ele, vários pastores (FELTRIN, 2009:28).

Segundo Feltrin (2009), uma das estratégias de evangelização utilizadas pela Rosa de Saron são as letras das músicas tocadas pela banda que falam de Deus de forma indireta, sutil, subjetiva. Embora considere indiscutivelmente importante as letras de músicas com mensagens claras e diretas, justifica a opção da sua banda:

Como o foco do nosso trabalho sempre foi voltado às pessoas que não são da Igreja, que não vivem nenhum tipo de espiritualidade, aprendemos que muitas vezes, ao falar de Deus de forma mais sutil, conseguimos driblar o preconceito das pessoas que se recusam a ouvir qualquer música classificada como religiosa. Por mais linda que a música seja, as pessoas logo a taxam de “coisa de carola”, “de crente”, não dando sequer uma chance à canção (FELTRIN, 2009:18).

Em 2008, então com 5 CDs gravados, a banda Rosa de Saron lançou o seu primeiro DVD, o “Acústico e Ao Vivo”, comemorativo dos 20 anos de sua carreira. Este foi o primeiro trabalho da banda a ser distribuído pela Som Livre, grande gravadora pertencente às Organizações Globo, em parceria com a gravadora Codimuc, o que levou a banda a conseguir os seus primeiros DVD e CD de Ouro. Em 2010, dando continuidade à parceria com a Som Livre, o grupo lançou o seu segundo DVD: Horizonte Vivo Distante.

3.3.5.2. Ceremonya

Outra banda de destaque no meio católico é a Ceremonya, criada em 2003 por Danilo Lopes, baterista e vocal e ex-integrante da banda que acompanha o padre Marcelo Rossi em suas missas. Para constituir a banda, como ministério de música católica, foram convidados Demian Tiguez (guitarrista e vocalista), Francis

Botene (tecladista), Marcelo Flaming (multi-instrumentista). Em 2004, o grupo gravou o seu primeiro CD de demonstração, começou a realizar shows e pregações em varias cidades do país e a participar de grandes eventos da música católica, como o *Hallel* de Maringá e de Franca, dentre outros eventos importantes no campo da música religiosa. Em 2008, saem do ministério Francis Botene e Demian Tiguez e passa a integrar o grupo Ney Medeiros, tecladista do Ministério de Música do padre Marcelo Rossi, e em 2009, o guitarrista Thiago de Mello.

Em março de 2005, o grupo Ceremony fez sucesso com a música Sacramento da Cura, incluída no repertório das missas do padre Marcelo e no seu CD “Minha bênção”. Em 2007, lança o CD “Sacramento da Cura”, cujo carro-chefe é música que dá nome ao CD e a canção “Língua dos anjos”, executada no programa radiofônico – Momento de fé – do padre Marcelo, transmitido pelo rádio Globo FM, e também em suas missas. Um novo CD da banda, intitulado “Ceremony”, é lançado pela gravadora Paulinas/Comep, em 2010. Um dos sucessos desse lançamento é a música de Danilo Lopes: Igreja é o lugar da mulekada (cf. Anexos, Letras de música, 7). A música é um convite ao jovem envolvido no submundo das drogas, do crime, que se encontra no fundo do poço, para perceber que está rolando um som diferente, em uma casa diferente. É “um recado de Deus, procurando os seus”.

3.3.5.3. Ministério Adoração e Vida

A banda Ministério Adoração e Vida,²⁹ fundada em 2005 pelo músico paulista Walmir Alencar, se define como um ministério de música católica. Antes da fundação da banda, Alencar integrou a Banda Vida Reluz, até 1998, quando partiu para a carreira solo. Para Walmir Alencar, a missão da banda é

²⁹ Integram a banda: Walmir Alencar, Fátima Souza, Paulo Santi, Rodrigo Pires, Bruno Rocha, Alan Pereira. Os seus integrantes “não são missionários que vivem inteiramente do Ministério, mas pessoas comuns que trabalham para sustentar sua vida particular e que com grande amor disponibilizam seu fim de semana e seu tempo de descanso para evangelizar”. Em 2006, o grupo lançou, pela Paulinas/Comep, o seu primeiro CD: **O céu se abre**, e em 2008, pela mesma gravadora, lançou o CD e DVD: **Agora livre sou**, gravado ao vivo, na cidade de Fortaleza (CE), num evento que reuniu cerca de 120 mil pessoas.

“transformar o palco em altar, onde o amor de Deus seja experimentado por todo e qualquer ser humano que desejar ter um encontro pessoal com o Senhor que é o centro e razão deste Ministério existir”.³⁰ A missão do grupo, portanto, é falar, pregar, cantar o amor de Deus em teatros, casas de shows, retiros e encontros (cf. Anexos, Letras de músicas, 8).

As músicas tocadas por esse ministério³¹ – a maioria delas compostas pelo próprio Walmir –, fundamenta-se na Palavra de Deus e no seu no Evangelho. Ainda que o conteúdo das músicas seja bem alicerçado bíblica e teologicamente e os assuntos girem em torno da espiritualidade, o objetivo do trabalho, segundo esse grupo musical, não é doutrinar as pessoas. Por isso, os seus shows são abertos ao público em geral, apenas com o intuito e o desejo de que de todos sejam alcançados por Deus, “através de uma acolhida fraterna e pela música que alegra, aproxima e gera esperança”.

O Ministério Adoração e Vida se propõe a ser um ministério cristão aberto ao diálogo com outras religiões e crenças, acolhendo a todos sem distinção. Prova disso foi o convite de Walmir Alencar a um grande nome da música *gospel*, o pastor Gerson Freire, para interpretar uma de suas músicas no CD **O céu se abre**, lançado em 2006. A música “Brilhará”, interpretada pelo pastor, é uma das cinco inéditas composições de Walmir neste CD. E assim, para o fundador desse ministério, “a música ultrapassa as diferenças de crenças, e os cristãos começam a despertar para a unidade, afinal, maior do que aquilo que nos separa é o que nos une”.

E assim o Ministério expressa a sua percepção da realidade à qual é chamada a evangelizar: “Sabemos que muitos não leem a Palavra de Deus e vivem na infelicidade do desamor, dos vícios, da depressão. Nós, porém, cremos que o Evangelho pode ser lido por eles através do testemunho de vida daqueles que creem”. E, nessa perspectiva, Walmir Alencar insiste na importância e na

³⁰ Os textos de Walmir Alencar e as informações aqui apresentadas foram obtidos na faixa interativa dos CDs deste grupo, bem como na sua *homepage* na internet:

<<http://www.adoracaoevida.com/ministerio.php>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2010.

³¹ As letras de algumas das músicas desta e de outras bandas ou de outros cantores se encontram no Anexo, no final desta Dissertação.

necessidade do evangelizador cultivar em si mesmo as atitudes de afabilidade, bondade e humildade; e convida os evangelizadores a deixarem que Deus ame a humanidade através deles, pois os nossos irmãos precisam ser amados. Por isso ele alerta:

Exercer um ministério (um serviço) dentro da evangelização é coisa muito séria. Já ouvimos por aí aquela clássica mania de “evangelizar”, sem ao menos pensar na pessoa que ouve. Como por exemplo, [dizer]: “Você aí de tatuagem!? Cuidado! Você pode não entrar no Céu!” Nesta frase, a tatuagem é mais importante que a pessoa. Talvez pudéssemos inverter a história: “Você aí de tatuagem!? Deus ama você e lhe convida a entrar no Céu!”. Jamais podemos esquecer que somos chamados a levar a Boa-Nova. A única bandeira que Jesus nos ensinou a levantar é a do Amor. Se precisamos dizer a verdade, que seja com caridade, pois foi o Senhor que nos ensinou assim. Mas se não temos levando ao próximo esperança, amor incondicional, como ensina o Evangelho, [...] é preciso rever nosso projeto de evangelização e olharmos para nós mesmos.³²

Sobre sua história pessoal, Walmir Alencar dá o seguinte testemunho:

Nunca pensei em ser músico e vou dizer uma coisa, nem mesmo pensei em um dia ser de Deus! Minha vida é pura misericórdia! [...] Desde pequeno fui criado em meio a uma “grande indecisão”. Minha família era espírita, eu era muito rebelde e buscávamos por uma tal felicidade. Só que buscávamos onde jamais a encontraríamos. Em minha adolescência a busca aumentou e com ela minha infelicidade também. Pois buscava em meio a pessoas que viviam num verdadeiro lamaçal de pecado. Eu assistia de camarote a minha família se desfazer: Meus pais se separando, minha irmã mais velha tornando-se mãe solteira e tantas outras coisas que não dá pra contar. Foi nesse tempo, com 16 anos de idade, [...] que recebi um convite de um jovem vizinho, para participar da Missa dos Jovens. Fui à Missa com chinelo de dedo, todo sujo, não sabia fazer o sinal da cruz, mas ao ver a alegria daqueles jovens cantando, não me importei com mais nada. Chorei muito, pois havia encontrado a verdadeira felicidade! Fui batizado aos 17 anos na mesma Igreja e comigo minhas três irmãs. [...] Hoje minha maior felicidade é ver minha família buscando a Deus. Faltam ainda dois: meu pai, que está aos poucos se aproximando de Deus, e meu irmão, que mesmo dentro do presídio, se encontrou com o Senhor e quer ser batizado. Levo comigo

32

Disponível em: <http://www.portaldamusicacatolica.com.br/walmir_alencar_15.asp>
Acesso em 28 de janeiro de 2011.

esta promessa: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo tu e tua família” (Atos dos Apóstolos 16,31).³³

3.3.5.4. Electrocristo

A banda de música eletrônica Electrocristo foi organizada em 2002, pelo radialista e DJ Léo Guimarães, participante do grupo que deu início à cristoteca, em 2003. A banda tem sua origem no Projeto Rosário, um grupo de música eletrônica criado, em 1997, por jovens da paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Embu das Artes, diocese de Campo Limpo (SP). O grupo, constituído por DJs, guitarrista, vocalista, tinha como objetivo falar da Palavra de Deus à juventude de uma maneira diferente, através da música. Para isso, tocavam então nos “barzinhos de Jesus”, nos encontros e eventos paroquiais.

Atualmente a banda é composta pelos DJs Léo Guimarães, Daniel Bassani e Laércio Silva, jovens que em sua trajetória de vida tiveram alguma experiência com a *dance music*, na noite paulistana, como frequentadores desses ambientes ou como DJ profissional em casas noturnas. Agora, dedicados exclusivamente à música católica, viajam por todo o Brasil, fazendo shows e participando dos grandes eventos musicais católicos como os *Hallel*, *Summer Beats*, *Summer Night*, dentre outros (cf. Anexos, Imagens, 5). Em sua reportagem, Osnilda Lima descreve a atuação da banda Electrocristo, interagindo com mais de 30 mil jovens na pista de dança, no *Hallel* de Maringá (PR), em 13 e 14 de setembro de 2010:

A pista está lotada. A batida dá ritmo ao coração em cada timbre, em cada *baet*, em cada *bassline*. A juventude vibra. Adrenalina total. Agitação pura. Mas se engana quem pensa que o som forte é uma comum curtição. De repente o grito: “Eu sou livre! Você é livre! Nós somos livres! Declare que você é livre, faça barulho, e tire o pé do chão. Declare Deus centro de sua vida, boraaaaaaaaa!”. [...] E, em meio ao agito, o DJ Léo Guimarães reforça: “Tá na hora de se levantar e fazer a diferença na sua casa, no seu trabalho, na sua paróquia, na sua cidade. Chega! Tá na hora de ser livre! Saia da escravidão das drogas!” (LIMA, 2011:14).

³³ Disponível em: <http://www.portaldamusicacatolica.com.br/walmir_alencar_01.asp>. Acesso em: 28 de janeiro de 2011.

E, assim, em meio à agitação e às baladas que atravessam a noite, a banda procura levar, juntamente com a alegria, a diversão, o prazer de curtir a música e a dança, uma mensagem religiosa, proporcionando à juventude, em meio ao frenesi da música eletrônica, momentos de oração e louvor e de encontro pessoal com Deus.

Como *DJ* católico, no exercício do ministério da música, Léo Guimarães fala da preocupação sua e do grupo em tocar o coração de cada jovem com a Boa-Nova de Jesus. Em suas apresentações, não visam apenas “ver os jovens se divertindo e tirando o pé do chão”, mas, sobretudo, provocar uma mudança na vida desses jovens. Em entrevista à **Revista Família Cristã**, o *DJ* fala das dificuldades e dos desafios que enfrentam nessa missão e das estratégias que costumam usar para atingir os jovens mais arredios e resistentes às mensagens religiosas, aqueles jovens que chegam ao evento musical apenas para curtir o agito de uma balada numa pista de dança:

Não é fácil falar pra jovens. Ainda mais para o jovem que não quer ouvir uma proposta de vida diferente. Normalmente, nos grandes eventos que realizamos, o jovem “tá armado”, ele sabe que é um evento de Igreja, sabe que o pessoal vai falar de Deus; por isso, ele já chega “armado”. Então a gente precisa atingir o ponto fraco dele, que normalmente está ligado ao uso de entorpecente. E por que ele usa entorpecente? Uma carência? Falta algo. Então é a hora que a gente toca o ponto certo e consegue desarmar esse jovem. Nesse momento, a gente percebe que ele se abre para ouvir a nossa proposta.

[...] Inclusive há a partilha, o testemunho de um dos DJs que narra ter feito uso de drogas na adolescência. Mas em um determinado momento, a partir da experiência de Deus na vida, conseguiu deixar e dar um novo rumo à sua vida. [...] Eu sempre digo: “Passei por isso que você está passando hoje e, graças a Deus, consegui me libertar”. A questão do testemunho conta bastante (LIMA, 2011:15).

Desse modo, proporcionando aos jovens “uma noitada com Deus”, como costumam dizer, tocando na noite, em shows e eventos como as cristotecas, mixando, agitando a galera e pregando a Palavra de Deus, a Electrocristo cumpre o objetivo a que se propôs. Além disso, como parte do seu “ministério de evangelização noturna” – pois a noite também foi feita para louvar a Deus, como

afirmam –, a Electrocristo produz CDs³⁴ de música eletrônica católica para a evangelização e ministra cursos de formação para jovens interessados em se tornarem *DJs* católicos. Os cursos, segundo o coordenador do grupo, visam não apenas formar tecnicamente o *DJ*, mas também oferecer alguma orientação e formação espiritual para que ele possa exercer o seu ministério através da música.

Em 2006, o fundador da Electrocristo, Léo Guimarães, promoveu a primeira *Rave* católica do Brasil. O evento, que reuniu cerca de 5 mil jovens,³⁵ foi realizado numa área de 2 mil metros quadrados, às margens da Represa Guarapiranga, zona sul da cidade de São Paulo.

3.3.6. Os festivais e eventos de música católica

Como uma das mais expressivas manifestações das culturas juvenis, os festivais de música conseguem mobilizar e reunir, em um mesmo evento, multidões de jovens de diferentes segmentos socioculturais, independente de classe econômica, social, sexo, e até mesmo de nacionalidade. Os novos movimentos eclesiais – e aqui nos referimos mais especificamente àqueles oriundos da RCC –, com mais facilidade que outros segmentos da Igreja, têm conseguido lidar com os fenômenos próprios da Modernidade contemporânea, como, por exemplo, as expressões das culturas juvenis, estabelecendo através destas canais de aproximação e de diálogo com o universo dos jovens.

Restringindo-nos a tratar dessa questão apenas em âmbito nacional, podemos constatar que as instituições relacionadas com os novos movimentos eclesiais e os próprios movimentos e grupos de oração estimularam o surgimento

³⁴ A banda já lançou 4 CDs: **Electrocristo a festa** (2005), pela Gravadora Duplo Louvor; **Electrocristo a festa continua** (2006); **Electrocristo a festa não pára** (2007); e em 2011 o novo CD **Electrocristo Saint of the Saints**, agora com uma formação nova da banda (Léo Guimarães, Daniel Bassani e Laércio Silva). Os três últimos CDs foram lançados pela gravadora Paulinas-Comep. Na Internet, a *homepage* da banda encontra-se em: <www.myspace.com/electrocristo/> Acesso em 28 jan. 2011.

³⁵ Segundo dados divulgados no portal da Canção Nova. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/eventos/novoeventos/cobertura.php?cob=109&tit=Electrocristo%20-%20A%20festa>>. Acesso em: 20 de outubro de 2010.

de muitos cantores, grupos musicais, ministérios de música, proporcionado, com isso, o desenvolvimento e a ampliação do universo da música católica. Como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, a música tem uma função importante nas experiências religiosas. E esse dado não passou despercebido aos novos movimentos eclesiais. Ao contrário, souberam utilizar largamente deste recurso, tanto nos espaços mais restritos dos grupos de oração, proporcionando, através da música, um clima propício à experiência religiosa, quanto na grande mídia (especialmente, rádio e TV) e na internet, para divulgar a sua mensagem, congregando virtualmente os seus adeptos em torno de pontos comuns ou de alguns eventos com fins evangelizadores.

A música católica tem impulsionado, em todo o Brasil, o surgimento e a organização de grandes eventos musicais que, por sua vez, também têm incentivado a criação de muitos grupos musicais e a revelação de muitos músicos e cantores cristãos. Dentre os eventos musicais mais significativos, destacamos aqui o *Hallel*,³⁶ o *Summer Beats* e a Premiação Louvemos ao Senhor.

3.3.6.1. Hallel

O *Hallel*, que acontece em várias cidades do país (cf. Anexos, Imagens, 36-37) é considerado o maior evento de música católica da América Latina. Apresenta-se como uma proposta inovadora de evangelização e de anúncio da Palavra de Deus. Além da música, que é o atrativo principal, o evento conta em sua programação com várias atividades ou ações evangelizadoras na forma de palestras, pregações, testemunhos, teatros, danças, capelas ou tendas do louvor, missas, adoração eucarística, atendimento espiritual, acampamentos, dentre outros. O *Hallel* conta também com a cobertura da mídia católica, especialmente da rádio e TV Canção Nova e Século XXI.

O *Hallel* surgiu na cidade de Franca (SP), em 1988, organizado por um grupo de pessoas que desejavam celebrar os dez anos da RCC em Franca. Pensaram então em uma espécie de “Rock in Rio” cristão, com o objetivo de atrair

³⁶ A palavra *Hallel*, de origem hebraica, significa “cântico de louvor e exaltação a Deus”. Na Bíblia, compreendem os Salmos 112(113) a 117(118) (Pequeno *Hallel*), o 135(134) (Grande *Hallel*) e o 150 (*Hallel* final), utilizados pelos judeus nas grandes festas, especialmente na refeição pascal. Conferir também Mt 26,30.

e contagiar a juventude através da música, porém com uma mensagem totalmente diferente, ou seja, com mensagens de fé, de amor, de paz, fundamentadas na Boa-Nova de Jesus. A ideia, segundo esse grupo, era encontrar um meio eficaz e dinâmico de evangelizar, “com novo ardor e novos métodos”, conforme o apelo do Papa João Paulo II naquela época. A partir de então, o evento passou a realizar-se anualmente, como um serviço à Igreja e em comunhão com ela, visando aproximar as pessoas de Deus, reavivar a fé e o ardor missionário dos católicos. Participam do *Hallel* de Franca cerca de 80 a 100 mil pessoas e mais de 60 bandas e grupos musicais, inclusive os padres cantores.³⁷ Tem participação significativa no evento os chamados novos movimentos eclesiais, como o Movimento dos Focolares, Cursilhos de Cristandade, Comunidades Neo-Catecumenais e Renovação Carismática Católica.

Atualmente o *Hallel* é realizado em várias cidades brasileiras, dentre as quais Brasília-DF (1996), Paracatu-MG (1996), São José dos Campos-SP (2005), Londrina-PR (2004) e Maringá-PR (1995). O *Hallel* de Maringá é um dos que mais tem se destacado nesse cenário. Para demonstrar a influência desse tipo de evento, particularmente da música, na vida dos jovens, apresentamos a seguir alguns depoimentos³⁸ de jovens que participaram do último *Hallel* realizado em Maringá, nos dias 13 e 14 de novembro de 2010:

Digo a todos que encontrei Jesus nesse evento, no ano de 1999, através de Rosa de Saron, Eugenio Jorge e [da Banda] Eterna; desde então fui em todos os *Hallels*. Deus se faz presente nesse lugar, um Deus imenso que por amor se deixa alcançar (Johnny, Assis Chateaubriand-PR).

O *Hallel* é o melhor e maior evento católico que já fui na minha vida. As músicas que são cantadas pelos artistas tocam no fundo da alma, dá um alívio muito grande ao coração aflito. Amo esse *Hallel*! (Ana Maria, Araruna-PR).

Antes de eu participar do *Hallel*, eu só ouvia hip-hop. Mas quando fui no *Hallel*, em 2009, cara, eu me apaixonei pelas músicas católicas. É o máximo! Fui bem no dia

³⁷ Dados extraídos do site do evento: <<http://www.hallel.com.br/historico.php>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2011.

³⁸ <<http://www.hallelmaringa.com.br/depoimentos.html>>. Acesso em 28 de janeiro de 2011.

que o Rosa de Saron tocou. Hoje estou escrevendo e curtindo as músicas católicas. Eu fui no módulo de pregações, eu ouvi uma pessoa falando, aí naquele estante [instante] mudou completamente minha vida. Esse ano eu vou no *Hallel* de novo. É muito bom galera... (Rodolfo, Astorga-PR).

O mais legal do *Hallel* é que você faz amizades sem perceber, conheci o Lulah e acabamos trocando e-mail e orkut. É muito interessante essa interação de pessoas de outros estados, com um único propósito, estar bem consigo mesmo através da fé! (Maria Clara, Ivaiporã-PR).

Dunga (Francisco José dos Santos) é um dos artistas que se apresentam nos *Hallel*. Missionário consagrado na Comunidade Canção Nova, escritor, cantor, compositor, pregador, apresentador de programa de TV, WebTV e locutor de rádio, Dunga, com seu jeito jovial e irreverente, é considerado como representante da evangelização jovem na Canção Nova.

A sua opção por uma vivência cristã intensa se deu a partir da sua tentativa de abandonar o vício das drogas, no período da sua juventude.³⁹ Casado e pai de três filhos, Dunga é o idealizador da marca PHN – “Por Hoje Não”. “Por hoje não vou pecar”, que tem conseguido motivar e obter a adesão de milhares de jovens que se empenham em lutar continuamente contra o pecado. Em seu programa PHN, transmitido pela TV Canção Nova, Dunga apresenta histórias de jovens que assumiram a “missão do PHN” e mudaram radicalmente as suas vidas. A sua pregação é um estímulo para muitos jovens:

Dunga Mermão [Meu irmão]. É sempre um prazer ver a alegria que transborda de você quando fala em missão... graças e mais graças têm ajudado a derramar pelo mundo afora sem mesmo às vezes ter noção da dimensão em que sua voz alcança... Que Deus me conceda a graça de permanecer dizendo, assim como você: “Eu e minha casa servimos ao Senhor, com alegria”. Cristão é muito loco!!! Uhuuuuuuu. Tamo junto, borá evangelizar (Nando).⁴⁰

³⁹ Dados disponíveis em: <<http://blog.cancaonova.com/dunga/sobre/>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.

⁴⁰ Disponível em; <<http://blog.cancaonova.com/dunga/hallel-franca/>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.

3.3.6.2. Summer Beats

O *Summer Beats* é um grande evento musical promovido por católicos, mas que conta também com a presença de bandas, músicos, cantores e público evangélicos (cf. Anexos, Imagens, 38-41; Anexos, Letras de música, 6). Realiza-se, anualmente, nos meses de janeiro ou fevereiro, no parque de diversões Playcenter, na cidade de São Paulo, apresentando as melhores bandas e cantores da música religiosa cristã. Participam do evento entre 10 a 12 mil pessoas, na sua maioria jovens. Além das apresentações musicais, os participantes têm acesso às inúmeras atrações oferecidas pelo parque: montanha russa, roda-gigante, boomerang e outros brinquedos e diversões. Mas a maior emoção e adrenalina ficam por conta da música, da apresentação e animação dos artistas, que conseguem, com o ritmo e o som vibrante de suas baterias, guitarras e vozes, levar a multidão ao delírio e, ao mesmo tempo, trazê-la de volta para um momento de reflexão, de conscientização e até mesmo de prece.

O evento tem início com a celebração eucarística. É um momento importante do evento, em que milhares de pessoas rezam em profundo recolhimento e, em momentos específicos do ritual, irrompem em vibrantes aclamações de louvor a Deus (cf. Anexos, Imagens, 42-45).

O evento, cujo tema é “Curta essa batida”, tem também como objetivo a conscientização e prevenção dos jovens em relação ao uso de drogas. Vários artistas da música cristã se revezam no grande palco. A música católica é representada pelas bandas Ceremony, Ministério Adoração e Vida, Via 33, Caminho Seguro, Arkanjos, Rosa de Saron, The Flanders e pelas cantoras Adriana, Mariani; pelos cantores Ítalo Vilar, Dunga e pelo grupo Electrocristo, entre tantos outros artistas. A música evangélica conta, principalmente, com a participação das bandas GP e a Oficina G3, considerada a melhor banda de rock *gospel* do Brasil e ganhadora do Grammy Latino – Melhor Álbum Cristão em Português, 2009.

Em 2010, o *Summer Beats* também abriu espaço, dentro do evento, em um local especial, para a apresentação de bandas e de grupos musicais independentes, com a chamada: “Leve sua banda para o *Summer Beats*”. E no evento de 2011, lançou o concurso *Summer Talents*, dando assim oportunidade

aos novos artistas e bandas mostrarem o seu talento e ganharem visibilidade do público e gravadoras presentes (cf. Anexos, Imagens, 46-47). Para incentivar a participação no evento, são organizadas caravanas, com promoções especiais, procedentes de várias cidades do interior do estado de São Paulo e dos estados vizinhos.

3.3.6.3. Summer Night

Evento semelhante ao *Summer Beats*, o *Summer Night* acontece também no parque de diversões Playcenter, porém no período da noite (das 22 horas às 6 horas da manhã), geralmente no mês de maio, apresentando atrações e programação musicais similares ao do *Summer Beats*. Considerado um dos eventos cristãos de música jovem mais badalados da capital paulistana, o *Summer Night* visa reunir os jovens para uma noite inteira de diversão, muita música e de adoração e louvor ao Senhor (cf. Anexo, Imagens 48-49).

A cristoteca faz parte das atrações do evento, e acontece em um ambiente preparado exclusivamente para a música eletrônica. Esta é uma parceira entre os organizadores do evento e a comunidade Aliança de Misericórdia, idealizadora e promotora das cristotecas. Em 2010, esta comunidade também se encarregou de toda a espiritualidade do evento – adoração ao Santíssimo Sacramento, confissões, atendimento espiritual –, a começar pela santa missa, presidida pelo padre Antonello, um dos fundadores da Aliança de Misericórdia.

3.3.6.4. Troféu Louvemos o Senhor

Promovido pela Associação do Senhor Jesus⁴¹ e pela Fundação Século 21, o “Troféu Louvemos ao Senhor – Prêmio Nacional da Música Católica”, criado em 2009, tem por finalidade premiar os artistas que atuam no campo da música na Igreja Católica,⁴² mostrando assim a qualidade do músico católico, numa Igreja

⁴¹ A Associação do Senhor Jesus é uma instituição ligada à Igreja, fundada em 1997, na cidade de Campinas (SP), pelo sacerdote jesuíta Eduardo Drougherty, americano que, com o seu irmão de sacerdócio, padre Haroldo Rahm, trouxe o movimento da Renovação Carismática Católica para o Brasil.

⁴² São premiadas várias categorias como: melhor grupo vocal, melhor banda, melhor intérprete masculino e feminino, revelação masculina e feminina, destaque do ano, melhor álbum de rock, melhor álbum pop, melhor compositor, melhor música, melhor cantor e

que utiliza cada vez mais a canção, nas mais variadas circunstâncias, como instrumento de evangelização.

O Troféu Louvemos o Senhor⁴³ é considerado o “Oscar” da música católica ou uma “versão brasileira” do Grammy Latino,⁴⁴ específico para a música religiosa produzida no país. A cerimônia de entrega dos prêmios ocorre nos estúdios da TV Século 21, em Valinhos (SP), com transmissão ao vivo para todo o Brasil, pelas TVs católicas: Século 21 (SP), Aparecida (SP), Rede Vida (SP), Horizonte (MG), Imaculada Conceição (SP), Nazaré (PA) e 3º Milênio (PR).

Com a apresentação desses vários eventos musicais, visamos demonstrar a interligação de todos esses elementos que compõem o universo da música religiosa católica: bandas, cantores, festivais, troféus, cristotecas. Todos eles estão em função de um objetivo comum: além de proporcionar aos jovens um espaço de entretenimento e lazer, são, sobretudo, utilizados de maneira inovadora e atual, por integrantes dos novos movimentos e comunidades da Igreja Católica, como instrumentos de evangelização da juventude hodierna.

Neste terceiro capítulo, que constitui o ponto central da nossa pesquisa, procuramos identificar quem são os jovens participantes das cristotecas e, a partir dos testemunhos e depoimentos dos próprios jovens, verificar o que buscam

melhor cantora do ano, melhor coletânea, melhor CD independente, melhor álbum alternativo, melhor música para a santa missa. Dessas categorias, 12 são votadas por jurados (profissionais da área musical) e as outras 5 categorias, por voto popular, via internet.

⁴³ A estatueta de bronze representa uma mulher, Nossa Senhora, com as mãos e o rosto voltados para o céu, entoando o seu *Magnificat* – canto de louvor e ação pelas maravilhas que Deus realizou na sua vida e na vida do seu povo (cf. Anexos, Imagens, 50).

⁴⁴ O Grammy Latino foi criado pela Latin Academy of Recording Arts & Sciences, em 1997, em Houston (EUA), mas apenas no ano 2000 promoveu a primeira premiação das melhores produções fonográficas da América Latina. Devido ao grande crescimento da música *gospel* no Brasil, em 2004, o Grammy Latino criou as categorias Melhor Álbum de Música Cristã em Língua Espanhola e Melhor Álbum de Música Cristã em Língua Portuguesa, que foi conquistado, em 2010, pela cantora *gospel* brasileira Marina Oliveira; em 2006 e 2007 a vencedora nessa categoria foi a cantora *gospel* Aline Barros, também brasileira. Vários artistas católicos têm concorrido ao prêmio, mas ainda não foram contemplados.

nesse tipo balada e como estas repercutem em suas vidas. Também abordamos neste capítulo a atuação dos jovens organizadores da cristotecas, procurando entender, a partir de suas falas, como eles se autocompreendem, como percebem a sua missão e as estratégias que utilizam para atingir os objetivos propostos. Além disso, apresentamos algumas bandas e eventos musicais, pois, no nosso entender, sem esse suporte básico das bandas e eventos de cunho religioso católico, que mobilizam, congregam, motivam e alimentam o imaginário religioso dos jovens, a cristoteca seria inexpressiva e muito limitada como meio de evangelização da juventude.

Considerações finais

Desde a descoberta e a produção de sons rudimentares e dos movimentos mais canhestros até as mais elaboradas criações artísticas, a música e a dança sempre tiveram um papel importante na vida do ser humano, especialmente como forma de expressão dos seus sentimentos e anseios mais profundos, dificilmente passíveis de serem traduzidos em palavras e conceitos. Em suas origens, profundamente religiosas, ligadas à magia e à religião, a música e a dança foram utilizadas como linguagem expressiva de comunicação com o sagrado. Desde a mais remota Antiguidade, a música e a dança serviram de pontes entre os deuses e os humanos, entre o céu e a terra, conectando a humanidade ao universo sagrado.

Alguns autores (FISCHER, 1987; CANDÉ, 2001) são unânimes ao afirmar que a arte – e nesta se incluem a música e a dança – em sua origem foi um auxílio mágico à dominação e à compreensão de um mundo real inexplicável. A religião, a ciência¹ e a arte, unidas, combinadas e fundidas em uma forma primitiva de magia, possibilitaram aos humanos, nos primórdios de sua história, lidarem com os fenômenos da realidade e dar-lhes uma explicação e um sentido. Porém, com o desenvolvimento do próprio ser humano e das civilizações, esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel da clarificação, de uma explicação mais racional da realidade. Nesse contexto, a música e a dança, como expressões artísticas, adquirem novas funções e significados. Contudo, não perdem a sua “magia”, a sua capacidade de transportar o ser humano a outros patamares da realidade, para além do universo empírico do seu cotidiano. A música e a dança continuam, até os dias atuais, servindo de pontes que ligam o ser humano a algo maior que o supera e que ele concebe como mistério ou como o sagrado, que o envolve e transcende. É nessa perspectiva que, nas cristotecas católicas, a música e a dança, são utilizadas como um recurso privilegiado, como um caminho para conduzir os jovens de hoje a uma marcante e pessoal experiência de Deus.

¹ O termo “ciência” (do latim *scientia*, significando “conhecimento”) é empregado aqui em seu sentido amplo, referindo-se a qualquer conhecimento ou prática sistemática, e não em seu sentido restrito de um sistema de conhecimentos adquiridos através ou baseado em métodos científicos.

Ao abordarmos, no primeiro capítulo desta dissertação, a questão da música e da dança na mais antiga civilização sedentária capaz de promover uma tradição musical, no vale do Indo,² nos referimos a Shiva – o deus dançante do hinduísmo. É nessa perspectiva de um deus dançante que lembramos aqui de uma belíssima imagem criada pelo hinduísmo, na Índia, para expressar o relacionamento de Deus com a sua criação, com os humanos: Deus é o bailarino, e a criação é a dança. Deus dança a criação. A dança é diferente do bailarino, porém não existe sem ele. Além disso, não podemos nos apoderar da dança, nem levá-la conosco se ela nos agradar. Quando o bailarino para de dançar, a dança deixa de existir. Portanto, para encontrar Deus é preciso deixar-se envolver pela dança. Pois esse encontro se dá não tanto através de palavras, argumentos, teorizações. Ao contrário, é preciso olhar para a dança; qualquer parte dela pode ser útil. E, como aconselham os mestres espirituais, é preciso: olhar, escutar, cheirar, tocar, provar. Fazendo assim, certamente, não vai demorar muito e você o verá, e mais ainda, você se sentirá intimamente unido a ele – ao próprio bailarino.

Isso nos leva a pensar na experiência religiosa que os jovens dizem fazer ao dançarem na cristoteca. Transpondo para a atualidade o que essa imagem sugere, situando-a numa perspectiva religiosa cristã – pois também poderia ver vista na ótica dos rituais das religiões afro-brasileiras –, fazem sentido as declarações dos jovens quando afirmam que é o Espírito de Deus que os move a dançar e que os seus corpos são instrumentos utilizados por Deus para falar a outros jovens, para tocar seus corações. Como afirma Abib, a música é apenas um meio de Deus agir, um canal que ele usa para que o seu poder possa fluir e chegar ao coração das pessoas e transformá-las. Quando a música é tocada, ali se realiza o poder de Deus. “Não são apenas emoções que uma música gostosa produz. É o poder de Deus, a presença do Espírito Santo, [...] na música” (ABIB, 1998:28).

E essas peculiaridades da música e da dança, capazes de atrair especialmente os jovens, de congregá-los e, mais ainda, de articular pertencimentos, valores e sensibilidades, são assumidas pelos novos movimentos religiosos eclesiais, como a RCC e a Aliança de Misericórdia, como instrumentos de evangelização e de experiência de Deus.

² Região situada no centro-sul da Ásia, atualmente já não faz parte da Índia, que foi dividida, em 1947, em Índia e Paquistão. O vale do Indo fica no atual Paquistão.

Nascidos no contexto da Modernidade contemporânea, marcada, entre tantos outros aspectos, pela emergência da subjetividade humana, pelo destaque dado à emoção, à sensibilidade e ao corpo, os novos movimentos eclesiais desenvolveram um tipo de espiritualidade que se caracteriza pela sua expressão emocional, com um forte acento na experiência pessoal de Deus. Nessas circunstâncias, a linguagem musical e a linguagem corporal da dança se adequam muito bem às características e às necessidades dos indivíduos participantes de tais movimentos.

A cristoteca, pensada e organizada nos moldes de uma discoteca convencional, com a participação de DJs, com muita vibração e agito, utilizando gêneros de musicais similares aos de outras danceterias, se apresenta como uma alternativa de lazer e diversão para os jovens. Contudo, os idealizadores e organizadores da cristoteca acrescentam a tudo isso um ingrediente a mais. E este é considerado o mais importante: atrair os jovens à cristoteca para proporcionar-lhes uma experiência pessoal de Deus. E, para isso, tudo é preparado cuidadosamente. Além de um ambiente alegre, descontraído, seguro, isento de promiscuidade, brigas, álcool e drogas, a preocupação com o “toque” religioso é fundamental. Sem este os objetivos da cristoteca não seriam alcançados.

A cristoteca é precedida de uma alegre e fervorosa celebração eucarística, com músicas animadas e vibrantes, em ritmo de balada, alternando momentos de intensa manifestação de exaltação e louvor a Deus, expressos em gestos, palmas, cantos, e momentos de profundo silêncio, recolhimento e interiorização, de escuta atenta da Palavra de Deus, durante a homilia. Tudo acontece em um mesmo espaço. O altar ocupa o palco, que, em seguida, será usado pelos dançarinos, coreógrafos e pela banda ou grupos musicais. O salão onde se reúne a assembleia litúrgica durante a celebração transforma-se em pista de dança. Porém, o clima que reina no ambiente continua impregnado pelo sagrado. Ali só são tocadas e cantadas músicas com letras religiosas. Músicas “mundanas” não têm vez nesse ambiente. Tudo na cristoteca deve trazer, de maneira explícita, a marca religiosa cristã, ou, mais precisamente, católica: a imagem de Nossa Senhora que permanece no palco, a imagem de Jesus Misericordioso projetada na parede do salão, os nomes bíblicos ou de santos dados às bebidas não alcoólicas servidas durante a noite (os cristodrinks), as letras das músicas, as “lembrancinhas”, os CDs e outros objetos vendidos na lojinha, no interior do salão, o atendimento espiritual que é

proporcionado. Tudo aponta para Deus e visa conduzir os jovens para uma experiência espiritual.

É nesse ambiente que centenas de jovens se reúnem semanalmente. A partir dos dados obtidos através das entrevistas e das conversas informais com eles, pudemos esboçar um perfil desses jovens. A maioria dos que frequenta a cristoteca, promovida pela Aliança de Misericórdia, na cidade de São Paulo, nos finais de semana, vem das camadas populares da sociedade, dos bairros periféricos da cidade; ainda estuda e, os maiores de 18 anos, trabalha. A maioria desses jovens participa de algum tipo de grupo, movimento ou pastoral da Igreja Católica, especialmente de grupos ligados à RCC. Outros, sem nenhuma participação eclesial, vêm à cristoteca a convite de jovens engajados na Igreja.

Procuramos sintetizar em três pontos as motivações mais fortes e significativas, segundo a opinião dos jovens entrevistados, sobre o que os motiva a participarem da cristoteca ou o que buscam nessa balada. Em primeiro lugar, os jovens evidenciaram a busca por um espaço de divertimento e lazer, onde pudessem curtir música e dançar. E a essa motivação do divertimento, do gosto pela música e pela dança, acrescentavam, invariavelmente, um dado muito importante para eles: que tudo isso ocorresse em um lugar seguro, sem briga, bebida alcoólica, drogas, sexo. E isso a cristoteca oferece, segundo o depoimento dos próprios jovens.

Como uma segunda motivação para a sua participação na cristoteca, os jovens apontaram para a necessidade de encontrar os amigos, de fazer novas amizades, de estar junto com outros jovens, num ambiente “bom”, descontraído, acolhedor, onde pudessem confiar nas pessoas. Nesse sentido, os jovens “de Igreja” acrescentaram também, como um motivo a mais da sua preferência pela cristoteca, o fato de nesse ambiente eles se encontrarem com outros jovens que têm os mesmos valores e ideais, experiências religiosas similares, a mesma fé.

E, como terceira motivação, os jovens apontaram para a dimensão religiosa, o encontro pessoal com Deus, a alegria de compartilhar a fé com outros jovens, motivando-se mutuamente, como algo importante para suas vidas e que os estimula a frequentar esse tipo de balada. Sobre o que mais apreciam na cristoteca, muitos responderam, usando palavras diferentes, mas expressando sentimentos muitos

similares. Falando do que mais gostam e do que mais os toca na cristoteca, afirmaram: “O que mais me toca é essa mistura de religião e lazer”, é “o ambiente religioso e a diversão”, “os momentos de missa e oração, e a evangelização”. Outros disseram: “Na cristoteca, a maior alegria é estar na presença de Deus e com os amigos”. “A música tocada na cristoteca me leva para mais perto de Jesus, expressa o que o meu coração sente”.

Como uma parte desse segmento jovem que frequenta a cristoteca participa também de algum grupo de Igreja ou possui, embora minimamente, um referencial religioso católico, as músicas religiosas tocadas e cantadas naquele ambiente impregnado de símbolos cristãos ajudam esses jovens a se reencontrarem. E, para usar uma expressão de Hervieu-Léger, ajudam-nos a se “converterem” ou a se “refiliarem” à sua tradição religiosa de origem, vivida até então de maneira difusa e informal. E isso ocorre num clima emocional de intenso fervor e entusiasmo compartilhado pelo grupo que constitui a “comunidade” da cristoteca. E, para aqueles que estão integrados na Igreja, a cristoteca alimenta e reforça os vínculos religiosos já estabelecidos, proporcionando-lhe sentimentos de alegria e satisfação, como expressa uma das jovens entrevistadas: “Sinto que Deus fica mais perto de mim, é uma sensação de bem-estar muito grande. A cristoteca é uma referência de um bom ambiente. Foi criada com a religião e, conseqüentemente, com as músicas religiosas na minha vida, isso é fundamental”.

A música, a dança, o encontro entre amigos, a tranquilidade que reina no ambiente, a busca dos jovens pela religião, o clima religioso promovido pela cristoteca, sintetizam, de maneira geral, aquilo que é considerado o mais importante para esse segmento juvenil frequentador dessa balada católica. Segundo depoimentos dos próprios jovens, nesse ambiente eles experimentam momentos de muita emoção, alegria, paz interior, felicidade, desejo de ser radical, diferente.

No atual contexto de violência, insegurança, fragmentação dos vínculos familiares e sociais, de falta de referenciais para a vida, um ambiente como a cristoteca, onde é possível encontrar, por parte dos organizadores do evento, pessoas disponíveis para acolher, dialogar, orientar e ajudar os jovens a solucionar os seus possíveis problemas e impasses do dia a dia, torna-se, de fato, para muitos deles, um ponto de apoio, um “refúgio seguro”. Ali eles encontram uma comunidade cujos laços estão baseados no afeto, na sensibilidade e na fé comum, ou seja, na

experiência pessoal de Deus, na mensagem e na proposta de vida cristã. Mesmo que os ensinamentos e as mensagens religiosas que ali são transmitidas sejam consideradas rígidas e tradicionais quanto à doutrina e à moral, muitos jovens as acolhem como expressão de uma forma radical de viver.

As sociedades modernas contemporâneas não mais definem, em termos globais, “mapas” ou código de normas que sirvam de orientação para os indivíduos, nos vários âmbitos da vida. A sociedade delega ao próprio indivíduo a responsabilidade pelas suas decisões. E isso, não raro, gera inquietações, insegurança, angústia, especialmente nos jovens que vivem as instabilidades dessa fase transição para a idade adulta, de busca de inserção plena no mundo do trabalho, de possível mudança de estado civil, dentre outros tantos desafios que precisam enfrentar. Nesse contexto, uma instituição ou grupo que possibilite orientações precisas e bem definidas pode ser sentido como um espaço seguro e firme, onde o indivíduo pode se apoiar para definir os rumos de sua vida e as suas opções. Nessa perspectiva, os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais, mesclando elementos novos e velhos, modernos e pré-modernos, têm conseguido, diferentemente de outros segmentos eclesiais, atrair e congregar um contingente jovem significativo que aceita as suas mensagens e propostas e se dispõem a integrar as suas fileiras.

O nosso trabalho não teve a pretensão de ser uma abordagem exaustiva, nem de abranger o tema em toda a sua profundidade, extensão e complexidade. Muitos outros aspectos poderiam ter sido abordados, como por exemplo, o estudo mais aprofundado das letras das músicas tocadas na cristoteca, a teologia subjacente nessas canções. Mas isso já seria matéria suficiente para outra dissertação. Este trabalho consistiu tão somente numa primeira tentativa de aproximação desse objeto – as cristotecas: a música e a dança a serviço da fé. Sem dúvida, o fenômeno das cristotecas poderia ser abordado sob inúmeros aspectos. Contudo, nesta pesquisa, o nosso foco se limitou a conhecer a cristoteca, sua origem, organização e objetivos, e tentar perceber quem são os jovens frequentadores da cristoteca e o que buscam nesse evento.

O que apresentamos como resultados da pesquisa não pretende ser algo acabado e conclusivo. Se os novos movimentos e as novas comunidades eclesiais são considerados recentes, a Aliança de Misericórdia e a cristoteca, que foram o

foco maior do nosso estudo, são mais recentes ainda. A cristoteca tem apenas oito anos de existência. Um período de tempo muito curto para que se possa chegar a alguma conclusão mais precisa sobre os rumos que tomará e qual a sua influência na vida daqueles que hoje a frequentam e a organizam. A cristoteca é um fenômeno em curso, está em um processo de contínua mudança e adaptação. Tudo é muito contingente, provisório. Pois assim também é a sociedade moderna contemporânea.

Ao organizar as fotografias para os anexos deste trabalho, olhando as várias fotos, ocorreu-nos imaginar esta pesquisa sobre a cristoteca como uma fotografia. A realidade é bem maior e muito mais complexa do que uma fotografia é capaz de retratar. A realidade é viva e dinâmica, a fotografia cristaliza um momento determinado. Num segundo momento, ou, observando a realidade sob outros ângulos, poderíamos ter uma visão diferente da mesma, chegar a outras conclusões, sem contudo anular a primeira visão. Nós fotografamos a cristoteca a partir de um ângulo. Existem tantos outros, igualmente importantes. A realidade não cabe em uma fotografia, mas esta, por mais simples que seja, pode ser o registro de um momento significativo na composição do álbum de fotografias que retratam aspectos da história de vida de uma comunidade de jovens que, desejosos de atrair outros jovens para Deus, recorrem à música e a dança como estratégias de evangelização, dançando para Deus.

E finalmente, o nosso trabalho quer também lançar um apelo, aos cientistas sociais das diferentes áreas para que, em seus estudos e pesquisas, especialmente sobre a juventude, considerem a relevância da religião para esse segmento juvenil e incluam entre as questões pertinentes à vida dos jovens, as suas buscas e expressões religiosas. Se esse modesto trabalho puder despertar em outras pessoas o interesse em aprofundar e ampliar os estudos sobre a experiência religiosa da juventude, na sociedade contemporânea, ficaremos gratificadas, e a sociedade, certamente, mais enriquecida.

Referências bibliográficas

Geral

ABIB, Jonas. **Músicos em ordem de batalha**. São Paulo/Cachoeira Paulista: Loyola/Canção Nova, 1998.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**; análises de uma pesquisa nacional. 1. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 37-72.

AMARAL, Rita. **Xirê! O modo de crer e de viver no Candomblé**. Rio de Janeiro/São Paulo: Palas/EDUC, 2002.

ARANGO, Julián Ramillo. **Homens, máquinas e homens-máquinas**; o surgimento da música eletrônica. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Artes, Campinas (SP), 2005.

ASSMANN, Hugo. **A Igreja eletrônica**; e seu impacto na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**; a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEGER, Peter. **Rumor de anjos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, 21 (1), p. 9-24, 2000.

_____; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Novos Rumos do catolicismo. In: CARRANÇA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009, p. 17-32.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Conversando com os jovens sobre direitos humanos. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e**

- sociedade**; trabalho, educação, cultura e participação. 2. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 34-52.
- BERGADANO, Elena. **Faustina Kowalska**; mensageira da Divina Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BINGEMER, Maria Clara. Faces e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado. In: LIMA, Degislano N.; TRUDEL, Jacques (Orgs.). **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 285-332 (I Simpósio Teológico Internacional).
- BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC/ABEU, 2008.
- _____; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (Orgs.). **Jovens na cena metropolitana**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BOWKER, John. **Para entender as religiões**. São Paulo: Ática, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados** [Dossiê Religiões no Brasil]. São Paulo: USP; 18(52), p. 261-288, set/dez 2004.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**; análises de uma pesquisa nacional. 1. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 175-214.
- BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja perplexa**; novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultural**; sob o olhar dos estudos culturais. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANÇA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009, p. 59-77.
- CANDÉ, Roland de. **História universal da música**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Vol. I.
- CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica**; origens, mudanças e tendências. Aparecida/SP: Santuário, 2000.

- _____. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANÇA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009, p. 33-58.
- _____. MARIZ, Cecília Loreto; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009.
- _____; _____. Novas Comunidades Católicas: por que crescem? In: CARRANÇA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009, p. 140-170.
- _____; FABRI DOS ANJOS, Márcio. Para compreender as novas comunidades católicas. In: **Convergência** – Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil (RCB). Brasília/DF: CRB, n. 433, p. 458-477, jul/ago. 2010, XLV.
- CASTRO, Lucia Rabello de; CORREA, Jane (Orgs.). **Juventude contemporânea; perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.
- CAVALCANTE, Tiago Coutinho. **O êxtase urbano**; símbolos e performances dos festivais de música eletrônica. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- COMBLIN, José. Nós e os outros – os pobres frente ao mundo globalizado. In: SUESS, Paulo (Org.). **Os confins do mundo no meio de nós**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 113-133.
- _____. Os “Movimentos” e a Pastoral Latino-americana. **REB** – Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis: Vozes, n. 43. Fasc. 170, p. 227-262, jun. 1983.
- COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA. **Um sonho de Deus**; Aliança de Misericórdia. São Paulo: Editora Canção Nova/Palavra & Prece Editora, 2009.
- COHEN, Harold. Restaurar a soberania de Jesus. In: HEYER, Robert (Org.). **A Renovação Carismática**; dez anos depois. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 99-117.
- CORDES, Dom Paul Josef. **Reflexões sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Loyola, 1999.
- COSTA, Joaquim, **Sociologia dos novos movimentos eclesiais**: focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 2006.
- _____. Secularização e espaço público. **Comunicação e Sociedade**, vol. 11, n. 1, 2007, Universidade do Minho (Portugal), p.185-191. Disponível em:

<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/search/results> Acesso em: 10 de janeiro de 2011.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**; um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad Editora/ Instituto Mysterium, 2007.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**; o rap e o *funk* na socialização da juventude. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2005.

DeGRANDIS, Roberto. **A renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1975.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. 1. ed. Brasília: SECAD/UNESCO, 2009, p. 21-56.

FELTRIN, Rogério. **Roque, fé e poesia**; 20 anos da Rosa de Saron. 2. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2009.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. **Novas formas de crer**; católicos evangélicos e sem-religião na cidade. São Paulo: CERIS/PROMOCAT, 2009.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FONSECA, Mauricio. O canto dos Guarani. **Diálogo** – Revista de Ensino Religioso (Nossas raízes indígenas). São Paulo: Paulinas, ano VI, n. 24, p. 24-31, out. 2001.

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. **Rave à margem do Guaíba**; música e identidade jovem na *cena eletrônica* de Porto Alegre. 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

FORBES, Jorge; REALE JÚNIOR, Miguel; FERRAZ JÚNIOR, Tercio Sampaio. **A invenção do futuro**; um debate sobre a pós-Modernidade e a hiperModernidade. Barueri/SP: Manole, 2005.

_____. O mundo mutante, século XXI: as identidades em crise. In: FORBES, Jorge; REALE JÚNIOR, Miguel; FERRAZ JÚNIOR, Tercio Sampaio. **A invenção do futuro**; um debate sobre a pós-Modernidade e a hiperModernidade. Barueri/SP: Manole, 2005, p. 3-20, capítulo 1.

GEERTZ, Glifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GESCHÉ, Adolf. **O sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005.

GODOY, Manoel. Concílio Vaticano II: balanço e perspectivas à luz dos seus 40 anos. **REB** – Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis: Vozes, vol. 65, fasc. 259, p. 583-597, jun. 2005.

GOMES, Edlaine de Campos (Org.). **Dinâmicas contemporâneas do fenômeno religioso na sociedade brasileira**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009.

GUERRIERO, Silas (org.). **O estudo das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **Novos movimentos religiosos**; o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**; a religião em movimento. Lisboa: Gradiva, 2005.

_____. Representam os surtos contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Religião e Sociedade**. 18/1, 1997, p. 31-47.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Pastoral Neoconservadora *Ma non troppo*: RCC e CEBs. **REB** – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: Vozes. Fasc. 225, mar 1997, p. 5-38.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade**; trabalho, educação, cultura e participação. 2. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 89-114.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. 1. reimp. São Paulo: Brasiliense. 2003.

LIBANIO, João Batista. **A Igreja contemporânea**; encontro com a Modernidade. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

LIMA, Osnilda. Uma balada de cara limpa. **Revista Família Cristã**, São Paulo: Paulinas. Ano 77, n. 901, p. 14-15, jan. 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Barueri/SP: Manole, 2006.

- _____. & SEBASTIEN, Charles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarola, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **O ritmo da vida**; variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MARIZ, Vasco. **História da Música no Brasil**. 5. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, técnicas e subjetividades entre jovens. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 2008, p. 9-32.
- _____. Comunicação e cidade: entre meios e medos. **Novos olhares** – Revista de Estudos sobre a prática de recepção a produtos mediáticos. São Paulo: ECA-USP. Ano X, n. 20, p. 4-9, 2º semestre de 2007.
- MARTIN, Ralph. Como nos relacionamos com a Igreja. In: HEYER, Robert (Org.). **A Renovação Carismática**; dez anos depois. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 21-36.
- MARTINS, Andréa Damacena. Catolicismo contemporâneo: tratando da diversidade a partir da experiência religiosa dos fiéis. In: GOMES, Edlaine de Campos (Org.). **Dinâmicas contemporâneas do fenômeno religioso na sociedade brasileira**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009, p. 125-146.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SOUZA, Patrícia Lânes Araújo. Lazer e tempo livre dos(das) jovens brasileiros(as): escolaridade e gênero em perspectiva. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes**; outros olhares sobre a diversidade. Brasília: SECAD/UNESCO, 2009, p. 119-148.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**; a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MIRANDA, Mário França de. **Um catolicismo desafiado**; Igreja e pluralismo religioso no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1996.
- MOREIRA, Alberto da Silva. O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (Orgs.). **O futuro da religião na sociedade global**; uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 17-35.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**; o espírito do tempo-2. Necrose. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

NISHIOKA, Gabriele de Abreu Cruz; SILVA, Luciana Gomes. **Por que danças?** Aparecida/SP: Santuário, 2003.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**; análises de uma pesquisa nacional. 1. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 263-290.

_____. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de uma época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados** [Dossiê Religiões no Brasil], 18 (52), São Paulo: USP, p. 321-330, 2004.

_____. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**; continuidade e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 135-160.

_____; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade**. 2. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

NUNES FILHO, Nabor. A música sacra como linguagem expressiva do mistério. **Diálogo** – Revista de Ensino Religioso (A música na Educação). São Paulo: Paulinas, ano IV, n. 15, p. 14-21, ago. 1999.

ORO, Pedro Ari. Modernas formas de crer. **REB** – Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: Vozes. Faz. 225, p. 39-56, março 1997.

PANIKKAR, Raimond. **Ícones do mistério**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PINHEIRO, Márcia Leitão. Música, Religião e cor – uma leitura da produção de Black Music Gospel. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 27(2), p. 163-180, 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rs/v27n2/v27n2a08.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010 13 páginas.

_____. Dinâmicas da religiosidade: experiências musicais, cor e noção de sagrado. In: **Stockholm Review of Latin American Studies**. Issue n. 4, March 2009, p. 61-72. Disponível em: <http://www.lai.su.se/gallery/bilagor/SRoLAS_No4_5.%20Dina%CC%82micas%20da%20religiosidade.pdf>. Acesso em 2 out. 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

- PROCÓPIO, Carlos Eduardo. A RCC na Universidade: transformando o campo de conhecimento em campo de missão. In: CARRANÇA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009, p. 79-105.
- RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade**; trabalho, educação, cultura e participação. 2. reimp., São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 19-33.
- RODRIGUES, Rodrigo Fonseca e. **Música eletrônica**; a textura da máquina. São Paulo: Anna Blume, 2005.
- SÁ, Simone Pereira de; GARSON, Marcelo; WALTENBERG, Lucas. Música eletrônica e rock entre ruídos e *riffs*: gêneros musicais em tempos de hibridismo. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC- Editora da PUC-SP, 2008, p. 171-194.
- SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte: Editora PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 28-43, II semestre 1997.
- SANCHEZ, Wagner Lopez. **Pluralismo religioso**; as religiões no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. O Concílio Vaticano II e o pluralismo religioso. **Religião & Cultura**. São Paulo: Paulinas/EDUC, v. 9, n. 17, p. 79-96, jan./jun. 2010.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Reflexões sobre a dimensão social da música entre os jovens. **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/USP/Paulinas. Ano XIV, n. 1, p. 15-22, jan./abr. 2009.
- SINGER, Paulo. “A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social”. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**; análises de uma pesquisa nacional. 1. reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 27-36.
- SINGLY, François. **Uns com os outros**; quando o individualismo cria laços. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.
- SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da religião e mudança social**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- SOTER – SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007.

- STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e tradição; transformações do campo religioso. **Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, año 3, n. 3, p. 115-129, oct. 2001.
- SUENENS, Léon-Joseph Cardeal. **Repouso no Espírito**; um fenômeno controvertido. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1991.
- SUESS, Paulo. Contextualizar o evangelho no mundo globalizado. In: LIMA, Degislano N. de; TRUDEL, Jacques (Orgs.). **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2002 (I Simpósio Teológico Internacional).
- TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP** (Religiosidade no Brasil). São Paulo, n. 67, set./out./nov. 2005[a], p. 14-23.
- _____. Pluralismo religioso. **Horizonte**, Belo Horizonte: Editora PUC Minas, v. 3, n. 6, p. 27-32, I Semestre 2005 [b].
- TOURRAINE, Alain. **Um novo paradigma**; para compreender o mundo de hoje. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.
- VALLE, João Edênio Reis. Interpretando os sinais destes tempos agitados. **REB** – Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis: Vozes, v. 66, n. 263, p. 562-575, jul. 2006. Também disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/itf/revistas/reb/263_2.php>. Acesso em: 12 de dezembro de 2010.
- _____. A Renovação Carismática Católica – algumas observações. **Estudos Avançados** [Dossiê Religiões no Brasil], São Paulo: USP, 18 (52), p. 97-107, set/dez 2004.
- VIGIL, José Maria. ¿Adios al Vaticano II? Três superaciones del Concílio II. **Horizonte** – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, V. 5, n. 10, p. 43-55, jun. 2007.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Globalização, religiões, justiça social: metamorfoses e desafios. In: SANCHEZ, Wagner Lopes (Org.). **Cristianismo na América Latina e no Caribe**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 209-271.
- ZIMMERMANN, Nilsa. **A música através dos tempos**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ZWETSCH, E. Roberto. Um caso de amor; diálogo com o movimento carismático. In: SUESS, Paulo (Org.). **Os confins do mundo no meio de nós**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 163-172.

Documentos da Igreja

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Evangelização da Juventude**; desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2006 (Documentos da CNBB, n. 85).

_____. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1994 (Documentos da CNBB, n. 53).

_____. **A Igreja e os novos grupos religiosos**. São Paulo: Paulinas, 1993 (Estudos da CNBB, n. 68).

_____. **Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades**. São Paulo: Paulinas, 2005 (Subsídios doutrinários da CNBB, n. 3).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Dominus Iesus** sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência de Medellín - 1968**; Texto oficial. 2. ed. [edição revista e atualizada]. São Paulo: Paulinas: 2004.

JOÃO XXIII. Constituição Apostólica **Humanae Salutis**. Convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Roma, 25 dez. 1961. In: VATICANO II. **Mensagens, Discursos e Documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 11-18.

PAULO VI, **Evangelii Nuntiandi**. Exortação Apostólica sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1976 (Coleção Voz do Papa, n. 85).

VATICANO II. **Mensagens, Discursos e Documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. Constituição Pastoral **Gaudium et Spes** sobre a Igreja no mundo contemporâneo (1965). In: VATICANO II. **Mensagens, Discursos e Documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 470-549.

_____. Decreto **Apostolicam Actuositatem** sobre o apostolado dos leigos (1965). In: VATICANO II. **Mensagens, Discursos e Documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 359-386.

_____. Decreto **Unitatis Redintegratio** sobre o ecumenismo (1964). In: VATICANO II. **Mensagens, Discursos e Documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 259-278.

Outras fontes

Revistas e jornais

ARMSTRONG, Karen. A busca do êxtase. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 fev. 1997. Caderno A-2 [Espaço Aberto].

FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Especial. **Pesquisa Datafolha**: Os brasileiros e a religião, 6 de maio de 2007.

Enciclopédias e outros

Estatutos. Associação Aliança de Misericórdia. São Paulo: [s.n.], 2006.

Bíblia de Jerusalém. 4. reimp. São Paulo: Paulus, 2006.

Bíblia Sagrada. 7. ed. Brasília: CNBB/Canção Nova, 2008.

Código de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983.

CD e DVD

CRISTOTECA. [Produção independente da Comunidade Aliança de Misericórdia]. São Paulo, 2009. 1 DVD (35 min.).

Documentos e artigos da Internet

Documentos da Igreja

BENTO XVI. Discurso do Papa Bento XVI aos representantes da Comunidade da Renovação Carismática Católica, em 31 out. 2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081031_carismatici_po.html>. Acesso em; 28 de fevereiro de 2009.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA OS LEIGOS. **Associação Internacional de Fiéis. Diretório**. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_c_laity_doc_20051114_associazioni_sp.html>. Acesso em: 29 de julho de 2010.

JOÃO PAULO II. Mensagem do Papa João Paulo II aos Participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais. Roma, 27 de maio de 1998[a]. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements-mes-hf_po.html> Acesso em: 29 de julho de 2010.

_____. Vigília de Oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades. Roma, 30 de maio de 1998[b]. Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni_po.html. Acesso em: 29 de novembro de 2010.

JOÃO XXIII. Constituição Apostólica **Humanae Salutis**. Convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Roma, 25 de dezembro de 1962. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/apost_constitutions/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis_po.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2010.

PAULO VI. **Audiência Geral**, Roma, 29 de novembro de 1972. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721129_it.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2010.

VATICANO II. Decreto **Apostolicam Actuositatem** – sobre o apostolado dos leigos. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html>. Acesso em: 5 de dezembro de 2010.

Outros artigos

ANTUNES, Manuel Luís Marinho. Movimentos no pós-concílio. Anotações sociológicas. **Communio** – Revista Internacional Católica, n. 1; p. 5-11, jan./fev. 1991. Disponível em: <<http://www.revistacommunio.com/revistaDetalhe.php?id=43>>. Acesso em 15 de dezembro de 2010.

BERGER, Peter. **A dessecularização do mundo**. Disponível em: <<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/dessecularizacaoLERR.pdf>>. Acesso em: 10 de setembro de 2010.

BERKENBROCK, Volney José. **Candomblé. A unidade dos níveis da existência**. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=26092>. Acesso em: 28 de setembro de 2009.

CARRANZA Dávila, Brenda Maribel. **Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição**. 2005. 575 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais. Antropologia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Ago. 2005. Disponível em:

<<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000373145>>. Acesso em: 12 de novembro de 2010.

_____. Radiografia dos dados religiosos. **Revista Mundo e Missão**. São Paulo: PIME. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/religpentecostalismodados.htm>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2011.

COMBLIN, José. As grandes incertezas na Igreja atual. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 265, p. 36-58, Jan. 2007. Disponível em: <<http://www.cebsuai.org/content/view/19/49/>>. Acesso em: 2 de junho de 2010.

CUNHA, Magali do Nascimento. O fenômeno gospel, as Igrejas e a missão: tendências teológico-pastorais contemporâneas. Disponível em: <http://www.cristianismocriativo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=122&Itemid=9> Acesso em 28 de janeiro de 2011.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Saboia. Jovens em transe: grupos urbanos juvenis da contemporaneidade, conceitos e o 'underground'. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/jovens-em-transe-culturas-juvenis-urbanas-conceitos-e-o-underground>>. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

FORBES, Jorge. **Geração mutante: palavra diz, palavra toca**. Disponível em: <www.projetoanalise.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2010. Ou em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Jorge_Forbis_Geracao_%20Mutante.pdf> Acesso em: 21 de julho de 2010.

LIBANIO, João Batista. Contextualização do concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. São Leopoldo/RS: Instituto Humanitas Unisinos. **Cadernos Teologia Pública**, ano 2, n. 16, 39 páginas, 2005. Disponível em: <<http://www.iHU.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1161895332.51pdf.pdf>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2010.

MARIZ, Cecília L. A renovação Carismática Católica; uma igreja dentro da Igreja? In: Porto Alegre/PUC-RS: **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 3. n. 1, p. 169-186, jun. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/115/111>>. Acesso em: 10 de junho de 2010.

PRANDI, Reginaldo. As religiões e as culturas: dinâmicas religiosas na América Latina, 2007. [Conferência Inaugural das XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Lática, Buenos Aires, 25 a 28 de setembro de 2007]. Disponível em:

<<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/jornadas.doc>>. Acesso em: 10 de setembro de 2010.

PREZIA, Benedito. **O sagrado nas culturas indígenas**. Disponível em: <http://indigenouseoplesissues.com/attachments/4582_OSAGRADONASCULTURASINDGENAS.doc> Acesso em: 19 de julho de 2010.

SÁ, Simone Pereira. **Música eletrônica e tecnologia: reconfigurando a discotecagem**. Disponível em: <<http://textoslabcult.files.wordpress.com/2007/10/sa-simone-pereira-musica-eletronica-e-tecnologia-reconfigurando-a-discotecagem.PDF>>. Acesso em: 4 de agosto de 2010.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Pluralismo religioso: entre a diversidade e a liberdade. Entrevista à **IHU On-Line** (Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo/RS, em 11 jul. 2010). Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=34166>. Acesso em: 15 de julho de 2010.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Mudança no campo religioso brasileiro**. In: IHU On-Line. www.unisinos.br/IHU, São Leopoldo, dez. 2005.

Sites da internet

COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA: <www.misericordia.com.br/>. Acesso em: 9 de agosto de 2010.

CRISTOTECA: <www.misericordia.com.br/cristoteca>. Acesso em: 9 de agosto de 2010.

FUNAI: <<http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm>>. Acesso em: 17 de julho de 2010.

GLOBO.com: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1626067-15605,00-PADRE+MARCELO+ROSSI+GANHA+PREMIO+NO+VATICANO.html>> Acesso em: 25 de novembro de 2010.

IHU On-Line (Instituto Humanitas Unisinos). www.unisinos.com.br

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. Portal Oficial (Brasil) e sites da RCC: <<http://www.rcc.org.br>> e <http://www.rccbrasil.org.br>

<<http://deusvivorj.sites.uol.com.br/renovacao.htm>>

VATICANO. <www.vatican.va>

Anexos

Letras de música¹

1. Mentiras da agulha

Rosa de Saron

(Composição: Rogério Feltrin / Sandão)

Sempre andando destruído

Se arrastando por becos para dar um baque

Se já não tem mais amigos

Está só abatido porque não tem Deus.

Todos sabem que você está fraco

Deprimido, atormentado

Palavras gritam do teu braço

Mas não confie na agulha

Ela mente e você não escapará.

Não confie nela, você não sairá

Quando ela lhe chamar pelo seu nome

Depois de tudo a volta é dura

Verdadeiro e fiel é seu ideal

Mas apesar de estar cansado, acuado, com medo,

Não pare de lutar.

Assombrado lhe vi gritar

Que ela nunca lhe deixará

Ainda é tempo, Deus vai lhe ajudar.

¹

As letras das músicas 1-5 (da banda Rosa de Saron) foram extraídas do livro **Rock, fé e poesia**, de Rogério Feltrin, integrante da banda (vide bibliografia).

2. *Latas retorcidas*

Rosa de Saron

(Composição: Marcelo Machado / Daniel Colazos)

Correndo em busca de emoções em alta velocidade
Não sabem o que há em suas vidas e nem o que virá.
A vida se esvala dentro de si, consumindo-se em sensações
Como a de tantas outras pessoas, de tantos outros corações.

Em questão de segundos tudo termina.
Um mundo que nem bem começou
E a sede que sentiam pelo viver
De repente se acabou.

Sem pensar naqueles que ainda choram
Por não quererem acreditar
Que a vida que estava aqui mesmo agora
Sem razão nunca mais vai voltar

Vejo latas retorcidas, vejo corpos pelo chão
Frágeis vidas que se foram numa pobre ilusão.
Vejo imagens no espelho, de amigos acabados,
Todos manchados de vermelho, um sonho despedaçado

Dentro de você havia mMuitos outros sentimentos,
Todos eles jogados fora pra viver um só momento.
Será que não dá pra ouvir a voz da sua consciência?
Não esperar pra saber qual vai ser a consequência.
A sua alma vai embora com tudo o que você tem
Mas alguns ainda insistem insistem em morrer também

3. *Sangria*

Rosa de Saron
(Composição: Eraldo Mattos)

Onde Deus está quero sentir e ver
Quero poder tocar para poder crer
Preciso encontrar razão pro meu viver
Alguém em algum lugar vem me socorrer

Muitos anjos bons e maus vão lhe querer
Você vai entrar numa disputa de poder
Mas o sangue do Cordeiro vai vencer

Jesus vai entrar dentro de você
E vai transformar todo o seu viver
Vai lhe libertar do falso prazer
Que na solidão só lhe faz sofrer

Mas felizes são os que podem crer
Sem me tocar e sem me ver
O Santo Espírito vai lhe inundar
E você vai crer, vai crer em Deus

4. *Noite fria*

Rosa de Saron
(Composição: Eduardo Faro)

Na noite fria começo a pensar em quem eu sou
Por que existo pra que sirvo e onde vou
Ninguém ao meu redor, vivia a me enganar
Andava sempre sem nunca chegar

E o meu coração chorava
Minha alma clamava por alguém
Que me pudesse fazer viver

E no dia a dia a rotina pegava-me em suas mãos
Sonhos e lágrimas preenchiam o meu coração
Ninguém pra me escutar, vivia só pra sonhar
Queria minha vida transformar

A minha saída, um homem chagado me mostrou
E disse que o amor numa cruz ele provou
Pude então sentir o seu sangue a me invadir
Minha vida desde então ele mudou
Jesus me fez viver!

5. Anjos das ruas

Rosa de Saron
(Composição: Eduardo Faro)

Andando pelas ruas
Eu vejo algo mais do que arranha-céus
É a fome e a miséria
Dos verdadeiros filhos de Deus
Vejo almas presas, chorando em meio a dor
Dor de espírito clamando por amor.

Anjos das ruas
Anjos que não podem voar
Pra fugir do abandono

E um futuro poder encontrar
Anjos das ruas
Anjos que não podem sonhar
Pois a calçada é um berço
Onde não sabem se vão acordar

Às vezes se esquecem que são seres humanos
Com um coração sedento pra amar
Vendendo seus corpos por poucos trocados
Sem medo da morte o relento é seu lar
Choros, rangidos, almas pra salvar

6. *Summer beats*²

Rosa de Saron
(Composição: Guilherme de Sá)

Batidas de Verão.
Um dia inteiro prá nós dois
Mais uma página a ser escrita
Até de tarde ou depois
Música e muita adrenalina
Mas não venha me dizer que você enjoa

Não tente escapar, não seja à toa
Pode se arrumar, escolhe sua roupa
Meu, na boa, vem à toa que eu te encontro lá

Veja no outdoor que vai ter uma festa

² Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/rosa-de-saron-musicas/566715/traducao.html>>. Acesso 20 dez. 2010.

"A festa que você precisa"

Venha se envolver, curta essa batida

"Junte-se a nós, batidas de verão"

Se o teu problema é gente que te zoa

Pode crer na certa você encontra ajuda

A verdade nua e crua é Deus que cura

Seja rap, dance, rock, hip-hop ou ultra-pop

Você vai gostar!

7. *Igreja é o lugar da mulekada*³

(Composição: Danilo Lopes)

A Igreja é o meu lugar / Não deixo o tempo passar

Quero ter vida de santo! / Tanto em mim que mudou

Tudo que já passou / Quero ter vida de santo!

Eu quero ter o Sinal da Cruz / Traçado em mim

Eu quero ser o Sinal da Cruz / Eu quero ouvir a voz de Deus

Gritando em mim: A Igreja é o teu lugar. / Não deixa o tempo passar!

Igreja é o lugar da mulekada! / Mulekada, o teu lugar é a Igreja!

Igreja é o lugar da mulekada! / Mulekada, o teu lugar é a Igreja!

Só cerveja e fininho / Acendeu um baseado

Depois deu um tirinho / E pôs a escola de lado

Esqueceu a família / Pois se fez uma ilha

Olhando pro próprio umbigo / Coisa do falso amigo

³

CD: **Ceremonya**. Paulinas/Comep, 2010.

Entrou na vida do crime / Não deu um passo firme
Cheio de egoísmo / Foi direto pro abismo

E lá no fundo do poço / Tava só pele e osso
Foi preciso esforço / Pra entender o desgosto

Rolava um som diferente / Numa casa da frente
Uma alegria insistente / Que mexia com a gente

Era um recado de Deus / Procurando os seus:
A Igreja é o teu lugar! / Não deixa o tempo passar

8. *Um milagre*⁴

(Composição: Walmir Alencar)

Sou um milagre, renasci / das sombras da morte ressurgi
Ele me chamou, me resgatou, me restaurou.
Qual refrigerio em meu ser / foi inundando meu viver
Ele me amou, comigo está, com ele eu vou.
Tua presença me envolve e me leva a seguir

Senhor, eu dependo de ti / a quem irei e adorarei?
Na minha vida o tempo passou e eu o perdi
Quem dera eu estar sempre aqui, pra teu louvor
Ó Rei dos reis, selaste em mim pra sempre o teu amor

⁴

CD: **O céu se abre**. Ministério Adoração e vida. Paulinas/Comp, 2006.

9. *Deus não desiste*⁵

(Composição: Pe. Reginaldo Carreira)

Deus me ama como sou / me entrega o seu amor
 Ele no desiste de mim / Deus me ama mesmo assim.
 Tão fraco e pecador / ele não desiste de mim
 Faz aliança, manda profetas / não me desampara.

E mais que isso, manda seu Filho
 Maior prova de amor não há.
 Ainda que eu tente me esquivar / ele me sustenta
 E não desiste de me salvar / maior prova de amor não há.

10. *Eu canto amor*⁶

(Composição: Jonny)

Eu canto *reggae*, eu canto *rock*, eu canto amor.
 Eu só não deixo de louvar o meu Senhor.
 Eu canto samba, baião, xote, afoxé.
 Eu salto, danço, celebro minha fé.

Ah! Eu não deixo de louvar o meu Senhor.
 De norte a sul, de leste a oeste aonde for
 Sou missionário de Jesus libertador.
 Ah! Eu não deixo de louvar o meu Senhor.

⁵ CD: **Deus me ama como sou**. Pe. Reginaldo Carreira. Paulinas/Comep, 2006.

⁶ CD: **Trabalhar e Rezar**. Jonny. Paulinas/Comep, 2000.

11. Santos de calça jeans⁷

(Composição: Jonny)

Uma linda juventude / Consciente e renovada
 Se ergue aqui no meu país
 [...]

São santos de calça jeans / Nos embalos e baladas da vida
 Em pleno século XXI / São santos de calça jeans
 Desafiando o mundo / Mas vivendo a sua fé

12. Nada temas⁸

(Composição: Ademar)

Nada temas, estou aqui, nada temas cuido de ti.
 Não temas, estou contigo. Sou teu Deus, teu melhor amigo.
 Se já não há motivo para sorrir. Não desista; nunca desisti de ti.
 Se estás sofrendo agora. Não fui eu quem quis assim.
 Sofro contigo toda vez que te afastas de mim.
 Te procurei por amor. Não quiseste me deixar entrar.
 Então foi num momento de dor, que eu pude me apresentar.
 Tudo posso fazer por ti. Basta que tu deixes.
 Esta é minha promessa: quero e vou te ajudar.

13. Medley: Vai sacudir, Vai louvar, Quero ver você sair do chão⁹

(Composição: Clayton Motta / Alexandre Faria)

A Igreja vai buscar
 O amor de Deus lá no céu
 E vai trazer aqui pra terra
 Vai sacudir, sacudir, sacudir.

⁷ CD: **A luz de uma nova canção**. Jonny. Paulinas/Comep, 2009.

⁸ CD: **Amor da cor do céu**. Jonny. Paulinas/Comep, 2003.

⁹ CD – **Digo sim à vida**. Aliança de Misericórdia. Paulinas/Comep, 2010

Vou louvar a ti com todo o meu ser
Exaltar teu santo nome
Adorar a tua presença
No meio de nós, meu Jesus.

Por isso ergo os meus braços pro alto
Por isso os meus pés saem do chão
Por isso o meu corpo se agita
Pelo teu imenso amor.

Quero ver você sair do chão (3 x)
Pra tocar o céu é só abrir o coração.

Tem muita gente infeliz por aí
Esperando uma solução
Sem saber que pra ser feliz
É só abrir o coração.

14. Com Cristo, sou feliz¹⁰

(Composição: Eduardo Issa / Antonio Francê Jr.)

Deus me trouxe aqui pra revelar seu plano de amor
E descobrir que eu sou precioso aos seus olhos
Sou importante, a minha vida tem valor.
Agora eu quero mais. Gritar pro mundo ouvir
Com Cristo no meu peito sou feliz!

¹⁰

CD – **Louvores para grupos de oração-2**. Celebrando Pentecostes. Paulinas/Comep, 2006.

Imagens

Cartazes da cristoteca



FIGURA 1 – Cristoteca em Fátima, Portugal [2009]



FIGURA 2 – Cristoteca em Manaus (AM)



FIGURA 3 – Cristoteca em Goiânia (GO)



FIGURA 4 – Cristoteca em Guarapari (ES)



FIGURA 7 – Cristoteca em Franca (SP)



FIGURA 8 –Cristoteca em Campina Grande (PB)



FIGURA 9 – Cristoteca em Florianópolis (SC)



FIGURA 10 – Cristoteca em Paranacity (PR)



FIGURA 11 – Cristoteca em Amambaí (MS)



FIGURA 12 – Cristoteca em Pau dos Ferros (RN)



FIGURA 13 – Cristoteca em Santa Cruz de Cabralia (BA)



FIGURA 14 – Cristoteca em Santa Luzia do Pará (PA)



FIGURA 15 – Cristoteca em Ribeirão (PE), com um toque regional



FIGURA 16 – Cristoteca em Goiana (PE)



FIGURA 17 – Cristoteca em São Luís (MA)



FIGURA 18 – A cristoteca de São Paulo (SP), que se propõe a animar eventos

PROCLAMA A PALAVRA. ANUNCIA A BOA NOTÍCIA
(15 minutos - 1-53)

CRISTOTECA

Em Palhano/CE

10 de julho de 2010 Início às **20:00h** com a **SANTA MISSA**

ANIMAÇÃO

Ministério de Música **MISSIONÁRIO TIALOM** - Fortaleza
Banda **MALUCOS POR JESUS** - RCC de Itaipava
Ministério de Música **EMANUEL** - RCC de Russas

TESTEMUNHO

Do Missionário **MÁRIO TRAMONTINA JÚNIOR**,
membro consagrado da Missão Ide e
apresentador da TV Século 21 - São Paulo

PARTICIPAÇÃO

DE VINDICAÇÃO
Paróquia de Nossa Senhora da Conceição
Diocese de Limoeiro do Norte

Ingressos antecipados R\$ 5,00

Local: Salitrão Clube

ORGANIZAÇÃO:

Grupo de Oração Jesus, Maria e José
Renovação Carismática Católica
RCC de Palhano - CE

IMPULSO:

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição

COMITÊ:
(88) 3370-0000 (Almeida)
(88) 3405-4248 (Vitor Gomes)




FIGURA 19 – Cristoteca em Palhano (CE); destaque para o testemunho de um missionário

Ambiente da cristoteca



FIGURA 20 – Ângulo do salão da cristoteca com os jovens concentrados durante a missa [2009]



FIGURA 21 – Outro ângulo do salão da cristoteca, durante a missa [2009]

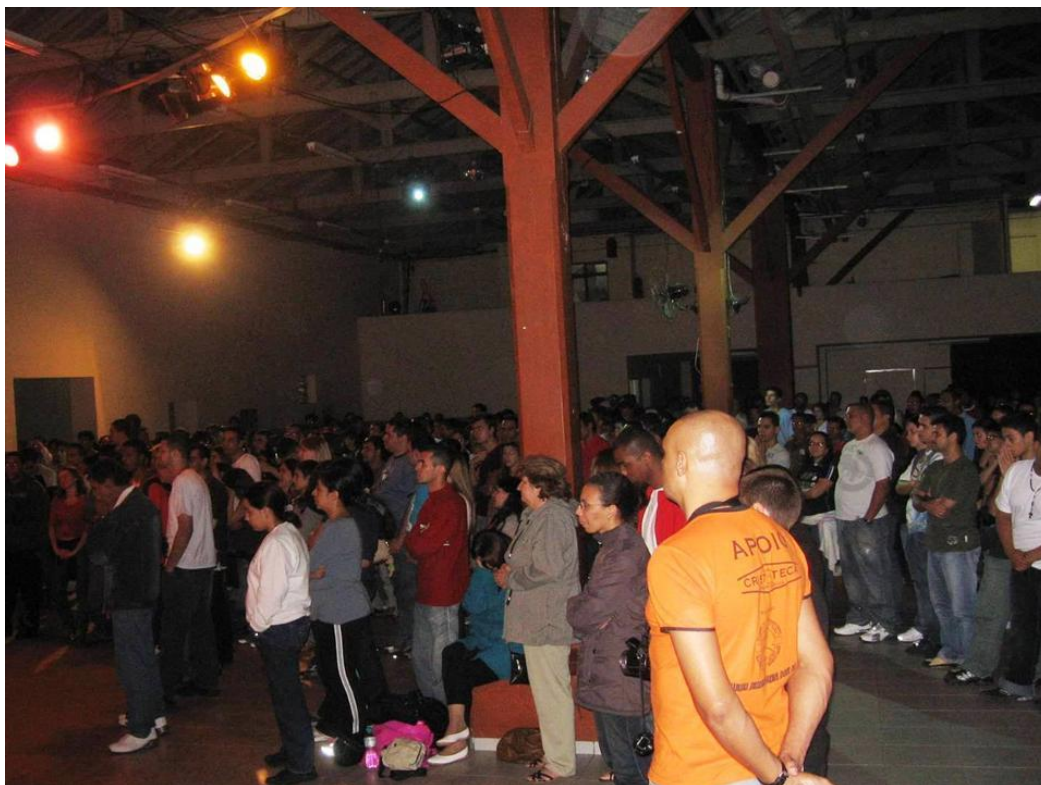


FIGURA 22 – Participantes concentrados no salão da cristoteca [2009]



FIGURA 23 – Altar da celebração eucarística, no palco do salão da Cristoteca



FIGURA 24 – Durante a missa, na cristoteca, sacerdote fala aos jovens [2009]



FIGURA 25 – Durante a homilia, na missa, sacerdote caminha por entre os jovens [2009]



FIGURA 26 – Celebração da missa. Imagem de Jesus Misericordioso projetada na parede [2009]



FIGURA 27 – Palco da cristoteca, com altar e imagem de Nossa Senhora (à direita) [2009]



FIGURA 28— Na cristoteca, jovens rezam diante da imagem de Nossa Senhora [2009]



FIGURA 29 — Jovens animando a cristoteca com suas coreografias [2010]



FIGURA 30 – Jovens animadores da Cristoteca [2010]



FIGURA 31 – Encontro de amigos no saguão da cristoteca [2010]



FIGURA 32– Participantes da Cristoteca brincando no saguão, durante o evento.



FIGURA 33 – Participantes da Cristoteca brincando no saguão, durante o evento



FIGURA 34 – Jovens dançando na cristoteca



FIGURA 35 – Jovens dançando na cristoteca

Hallel e Troféu Louvemos



FIGURA 36 – Cartaz do Hallel de Franca (SP)



FIGURA 36– Cartaz do Hallel de Maringá (PR)

FIGURA 38 – Cartaz de divulgação do *Summer Beats* [2009]FIGURA 39– Cartaz de divulgação do *Summer Beats* [2011]



FIGURA 40 – Faixa no interior do Playcenter [2010]



FIGURA 41 – Show no *Summer Beats* [2010]



FIGURA 42 – Celebração da Missa no início do *Summer Beats* [2010]



FIGURA 43 – Missa no início do *Summer Beats* [2010]



FIGURA 44 – Momento de oração no *Summer Beats* [2010]



FIGURA 45 – Momento de oração no *Summer Beats* [2010]



FIGURA 46 – “Novos Talentos” se apresentam no *Summer Beats* [2011]



FIGURA 47 – “Novos Talentos” animam a galera no *Summer Beats* [2011]



FIGURA 48 – Painéis nas laterais do palco do *Summer Beats* [2011] divulgam o *Summer Night*



FIGURA 49 – Cartaz de divulgação do *Summer Night* [2010]



FIGURA 50 – Troféu Louvemos o Senhor

Questionário da pesquisa

1. Participa das cristotecas: SIM () NÃO ()
2. Há quanto tempo participa?
3. Com que assiduidade você participa da cristoteca?
Semanalmente () Mensalmente () Raramente ()
4. Já participou de baladas e discotecas não religiosas? Sim () Não ()
5. Participas de alguma outra atividade da Aliança de Misericórdia?
Sim () Não (). Qual.....
6. Participa de algum outro grupo ou movimento da Igreja Católica? Sim () Não ()
Qual?.....
7. Como tomou conhecimento da cristoteca?.....
8. O que mais o motiva a participar da cristoteca?.....
9. O que você mais aprecia ou gosta na cristoteca?.....
10. O que você busca na cristoteca?
11. O que mais “toca” você na cristoteca? O que você sente aqui?
12. A cristoteca tem alguma influência na sua vida fora deste ambiente?
13. As músicas tocadas ou cantadas na cristoteca têm alguma influência na sua vida? Em que sentido?
14. Qual o gênero musical ou ritmo você mais aprecia? Por quê?
15. A religião é importante para você? Em que sentido?
16. Qual é o papel dos padres da comunidade Aliança de Misericórdia?
17. Tem alguma coisa que você gostaria que fosse diferente na cristoteca ou no grupo?
18. Seus pais são católicos? Sim () Não () São praticantes? Sim () Não ()
19. Escolaridade dos seus pais: Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior ()

DADOS PESSOAIS:

1. **Idade:** De 15 a 17 anos () De 18 a 20 anos () De 21 a 25 anos () Mais de 25 anos
2. **Sexo:** Masculino () Feminino ()

3. Escolaridade

3.1. Ensino Fundamental: Concluído () Não concluído ()

3.2. Ensino Médio: Concluído () Não concluído ()

3.2. Curso Superior em que área:..... Concluído () Não concluído ()

4. Estado civil: Solteiro () Casado () Outros ()

5. Trabalho

5.1. Exerce trabalho remunerado? Sim () Não ()

Qual.....

6. Com quem mora?

.....

7. Nome da cidade de origem:..... **Estado:**.....

8. Bairro onde reside

atualmente:.....

Cidade.....

9. Se veio de outra cidade, há quanto tempo mora em São Paulo?.....

10. Renda familiar

Salários mínimos: 1 a 3 () 4 a 5 () 6-10 () Mais de 10 ()

De quantas pessoas?

Para os DJs

1. Quais bandas nacionais ou internacionais mais influenciam as bandas que tocam nas cristotecas?
2. O que você sente ou experimenta quando está animando a cristoteca?